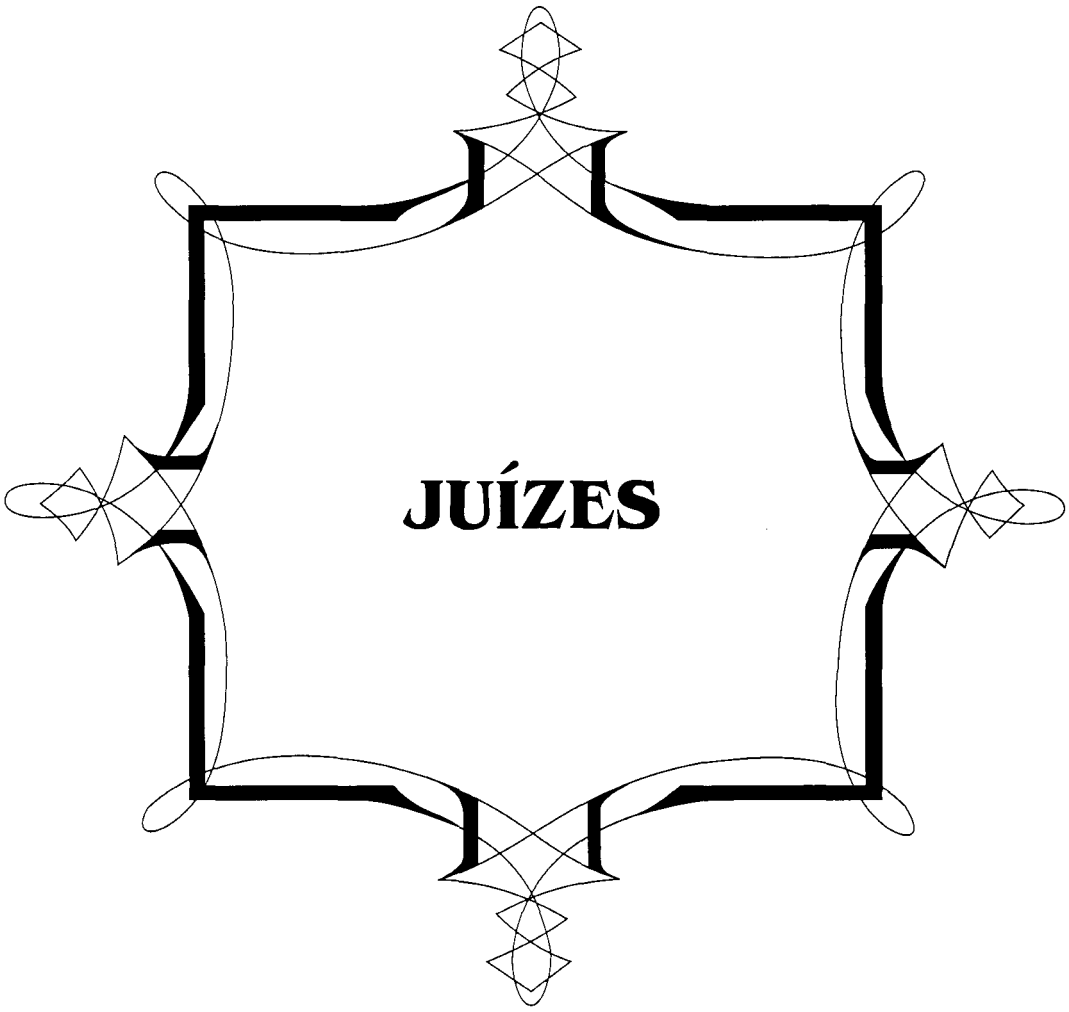
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

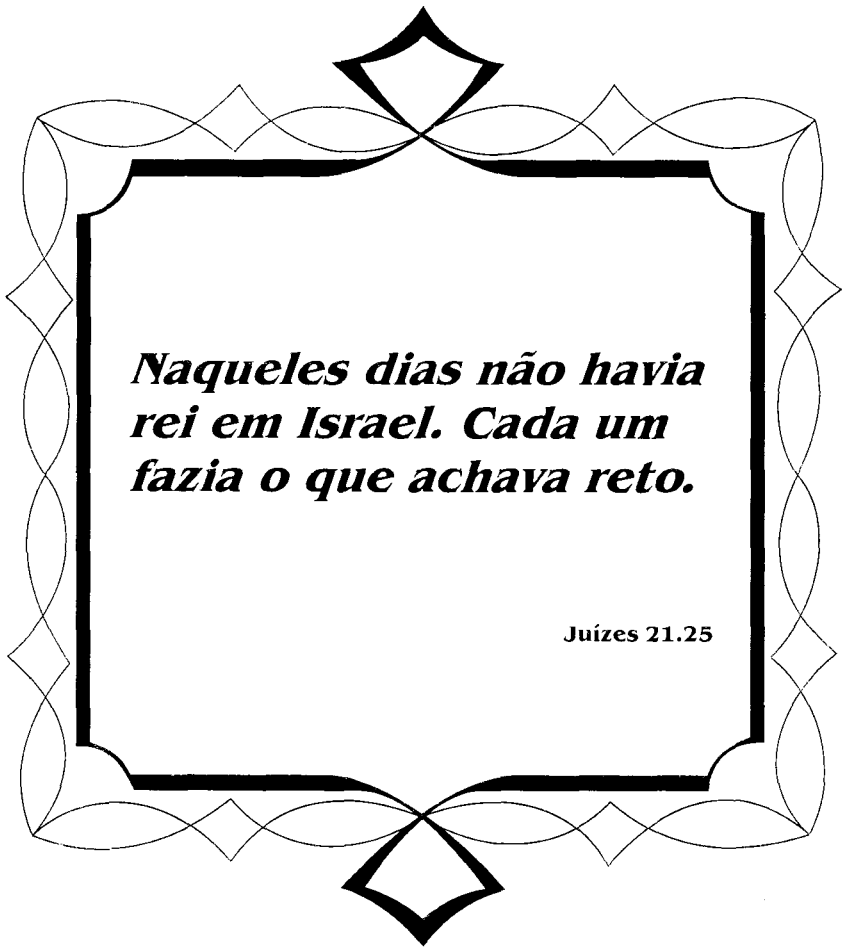
JUÍZES

HAGNOS



JUÍZES

O Livro que Descreve o Tempo Caótico dos Juízes



Juízes

21 Capítulos
619 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço

I. Caracterização Geral
II. Pano de Fundo Histórico
III. Arqueologia
IV. Propósito e Plano do Livro
V. Autoria e Data
VI. Integridade e Unidade
VII. Os Juízes de Israel
VIII. Conteúdo
IX. Principais Idéias Teológicas
X. Bibliografia

I. Caracterização Geral

O título "juízes" é conferido às 15 pessoas que presidiram os israelitas durante um período de 350 anos (ou pouco menos), entre o falecimento de Josué e a subida de Saul ao trono, como primeiro rei de Israel. Há estudiosos que pensam que esse período consistiu em apenas 200 anos. As diferenças nos cálculos devem-se quase totalmente à possibilidade de justaposição entre os períodos em que os juízes governaram Israel. Esses períodos têm deixado perplexos os cronologistas. Juízes é o sétimo livro do Antigo Testamento. Israel havia escapado da servidão no Egito e conquistado, com sucesso, a Terra Prometida, mas muitos adversários permaneceram instalados em derredor, e gostariam de expelir os israelitas dali. Assim, Israel esteve em turbulência constante, e sob ameaça de extinção. Os juízes, pois, foram, entre outras coisas, libertadores de várias opressões estrangeiras. O livro de Juízes foi incluído entre os *Profetas Anteriores*, no cânon hebraico. Esse livro narra um período crítico da história de Israel.

O livro de Juízes consiste em três blocos bem definidos de materiais: a. um breve repasse da ocupação de Canaã pelos israelitas (Juí. 1.1—2.5); b. a história dos juízes (2.6—16.31); c. e, finalmente, um apêndice que fala sobre a migração dos danitas e o conflito interno contra os benjamitas (Juí. 17—21). Este livro está envolvido na controvérsia sobre a teoria *J.E.D.P.(S.)* (ver o artigo com esse título no *Dicionário*), que trata da questão das supostas fontes informativas dos primeiros livros da Bíblia. Aqueles que advogam essa teoria supõem que o bloco principal do livro (Juí. 2.6—16.31) tenha procedido da escola deuteronômica de historiadores, que teriam tido acesso a informes históricos mais antigos, relacionados a um período muito antigo, e que seriam as fontes informativas *J* e *E*. Presumivelmente, os relatos sobre os juízes teriam sido preservados em uma espécie de arcabouço estereotipado. Esse material informativo teria sido manipulado e incluído no relato geral do livro. Em cada um dos casos, temos a história de alguma opressão estrangeira, o clamor dos israelitas a Yahweh pedindo livramento e, então, o próprio livramento. Os autores envolvidos encaram a história de Israel como uma série ou ciclos de apostasias e livramento, devido ao julgamento divino contra a transgressão, seguido pelo arrependimento do povo e sua restauração ao favor divino.

Os eruditos que defendem a teoria *J.E.D.P.(S)* supõem que a introdução do livro de Juízes (1.1—2.5) tenha sido adicionada posteriormente, derivada de material informativo mais antigo, paralelo de certos trechos do livro de Josué, especialmente em seus capítulos 15 a 17. Presumivelmente, o apêndice do livro de Juízes também estaria alicerçado sobre tal material. Além disso, eles crêem que o relato sobre Abimeleque (Juí. 9) e sobre certos juízes menores (Juí. 10.1-5; 12.8-15), que seriam não-deuteronômicos, foram uma adição posterior. Uma porção especial do livro seria o cântico de Débora (cap. 5). Essa é uma obra-prima da poesia hebréia primitiva, que mostra consideráveis habilidades literárias.

Os juízes foram líderes militares e religiosos, usualmente em defesa de tribos (uma ou duas), e nunca da nação inteira. Pois, até então, não havia nenhum governo centralizador em Israel. O livro está permeado pela crença, comum aos livros históricos do Antigo Testamento, de que Israel prosperava quando obedecia à lei de Deus, mas caía em desgraça, decadência e destruição quando não obedecia a essa lei. Muitos historiadores consideram simplista esse ponto de vista *teológico* da história. Seja como for, esse é um conceito fundamental que persiste tanto nos livros canônicos do Antigo Testamento quanto em seus livros apócrifos.

Muitos estudiosos supõem que o livro de Josué dê um relato muito otimista a respeito da conquista da Terra Prometida, sugerindo uma completa conquista daquele território. Na verdade, porém, foram feitos muitos inimigos ferozes, que nunca perderam certos territórios, como também até tentaram apossar-se novamente dos territórios que haviam perdido. O primeiro capítulo do livro de Juízes deixa claro que a conquista militar, por parte de Israel, teve sucesso apenas parcial. Talvez os relatos de como Israel se defendeu dos ataques posteriores desses vários inimigos, antes de se tornar um reino unido sob Saul, tenham sido preservados como tradições das tribos envolvidas nos conflitos. O livro de Juízes, nesse caso, reuniria as histórias de como certos heróis locais derrotaram os vários adversários, tendo de enfrentar grandes dificuldades. Historicamente, é muito difícil determinar até que ponto Israel se sentia como uma única nação, e não um grupo de tribos frouxamente relacionadas, antes que houvesse um governo centralizador representado pelo rei.

O livro de Juízes reveste-se de capital importância para entendermos esse período de transição, dentro da história de Israel. O comentário dos editores finais do livro de Juízes, acerca dos frouxos laços que unificavam o povo de Israel, com suas doze tribos, é o seguinte: "Naqueles dias não havia rei em Israel: cada um fazia o que achava mais reto" (Juí. 21.25). Não tivessem surgido aqueles heróis locais, que se levantaram para defender o que a conquista da Terra Prometida havia ganho, e Israel, como nação, bem poderia ter desaparecido durante aquele período. Para piorar ainda mais a situação, as tribos de Israel com freqüência entraram em conflito interno, umas contras as outras. O livro de Juízes é a história da sobrevivência de um pequeno e ameaçado povo, que gradualmente se solidificou para formar uma nação que deixou uma marca perpétua na história da humanidade.

II. Pano de Fundo Histórico

a. *Os patriarcas hebreus* estiveram jornadeando na terra de Canaã, durante a Idade do Bronze Média (2100-1550 A.C.). Abraão chegou em Siquém e Betei (ver Gên. 12) em cerca de 2000 A. C. Desse tempo em diante, os genitores da nação de Israel viveram na Palestina.

b. Em seguida, ocorreu o incidente no qual *José* foi vendido como escravo e levado para o Egito. Ele chegou ao segundo posto de autoridade naquele país em cerca de 1991-1786 A.C., durante a 12ª dinastia egípcia. Porém, esse ponto é intensamente disputado; e alguns preferem pensar que seu governo foi exercido durante o tempo dos intrusos semitas, os reis hicsos. Nesse caso, seu período foi cerca de 1750 A.C., ou mesmo depois. O rei que não conhecera a Josué pode ter sido o primeiro dos reis hicsos (ver Êxo. 1.8), ou então o monarca egípcio que pôs fim ao domínio dos hicsos. Quanto a maiores informações sobre essas conjecturas, ver no *Dicionário* o artigo sobre o patriarca *José*, quarta seção, *Cronologia*. Se a data posterior para a vida de José é a correta, então ele deve ter falecido em cerca de 1570 A.C.

c. *O Cativeiro Egípcio.* Os descendentes de Jacó acabaram sendo escravizados no Egito, como minoria ameaçadora, porquanto José se tornara nessa época um fator desconhecido. O cativeiro no Egito pode ter durado entre 200 e 300 anos.

d. *O Êxodo.* A data desse evento é muito debatida. Alguns pensam que ocorreu em cerca de 1445 A.C., ou seja, perto de 500 anos antes de Salomão haver construído o templo de Jerusalém. Mas outros estudiosos opinam que o êxodo aconteceu na 19ª dinastia egípcia (1350-1200 A.C.). Seja como for, Moisés foi levantado como profeta do Senhor no fim do grande cativeiro egípcio de Israel.

e. Vieram, então, os quarenta anos de *vagueação pelo deserto*, que atuaram como um período de resfriamento e preparação para a invasão da antiga terra dos patriarcas hebreus, a Palestina. Seja

como for, foi uma espécie de retorno genético e uma renovação da antiga confiança própria dos hebreus. Parece que as doze tribos de Israel eram formadas por unidades distintas umas das outras, mesmo quando estavam no Egito. Sem dúvida, isso foi confirmado quando a invasão da Terra Prometida se iniciou. Josué e seus exércitos encontraram o país dividido em muitas cidades-estados do regime tipo feudal, sempre guerreando umas contras as outras, embora também sempre dispostas a aliar-se para expelir qualquer invasor de fora. As cartas de *Tell el-Amarna* (ver a respeito no *Dicionário*) contam aspectos da história e fornecem pormenores que concordam com o relato do livro de Josué.

f. *Josué* é livro que relata como o povo de Israel invadiu a terra de Canaã. Israel conquistou essencialmente o território, embora tivessem ficado bolsões por conquistar. Certos estudiosos pensam que o relato do livro de Josué é excessivamente otimista. O primeiro capítulo do livro de Juízes deixa claro que parte do território ficou sem ser conquistada. Seja como for, muitos nativos da terra continuaram vivendo ali sem serem molestados. Apesar dessa falha, o território foi dividido entre as doze tribos de Israel. Os eruditos disputam se a terra foi conquistada em uma única e prolongada campanha, ou se aconteceu em ondas sucessivas. O livro de Josué, de fato, pode fornecer-nos a condensação da questão, uma espécie de esboço histórico, e não uma narrativa contínua do que sucedeu. De qualquer modo, podemos confiar na historicidade geral do livro, não nos preocupando com detalhes dessa natureza.

g. *Juízes*. Este livro relata o período que vai da morte de Josué até a unção de Saul como primeiro rei de Israel. Se esse período dos juízes durou 350 anos, conforme alguns dizem, então deve ter começado em cerca de 1350 ou 1375 A.C. Alguns limitam esse período em apenas 200 anos; e, nesse caso, começou em cerca de 1225 ou 1250 A.C. Ver a primeira seção deste artigo, *Caracterização Geral*, quanto a uma declaração sobre a natureza desse período.

III. Arqueologia

A ocupação da Terra Prometida por parte de Israel foi obtida em um período relativamente curto e também foi uma conquista contínua. As explorações arqueológicas não mostram nenhuma interrupção no processo da conquista. As evidências colhidas nessas escavações indicam que os israelitas não eram nômades, que já haviam desenvolvido uma sociedade permanente e bem estruturada, ainda que, no período coberto pelos livros de Josué e de Juízes, eles não formassem uma nação estreitamente solidificada. Todavia, não eram bons arquitetos e construtores. As culturas que eles destruíram eram bem superiores no tocante à arquitetura e às artes. A invasão israelita baixou-lhes o nível de vida e acabou com muitas atividades artísticas. No entanto, os hebreus eram superiores em relação às nações religiosas, como também no registro dos fatos históricos e na produção literária. A arqueologia também tem ilustrado o fato de uma contínua ocupação cananéia, sobretudo das terras baixas (em Megido e Bete-Seã). Os cananeus contavam com exércitos mais bem preparados que os hebreus, incluindo carros de combate. Os israelitas, pois, muito aprenderam deles quanto a esses armamentos. Os trechos de Jos. 11.13; 13.1 ss.; 17.16 e Juí 1.19,27 admitem que muitas áreas da terra de Canaã não foram ocupadas, porquanto os adversários dos israelitas eram simplesmente mais fortes que eles e estavam muito bem entrincheirados em suas fortalezas locais.

A falta de água restringia os cananeus a certas áreas da Palestina. As descobertas arqueológicas mostram que Israel trouxe do Egito ou então, desenvolveu grandemente o conceito de armazenar água potável em *cisternas* (ver a respeito no *Dicionário*). Era usada a forração das paredes das cisternas, tornando-se estanques. Essa invenção possibilitou a ocupação dos israelitas em áreas que, antes disso, haviam sido ocupadas muito esparsamente.

A ausência de santuários antigos, nos lugares ocupados pelos israelitas, é conspícua, segundo as descobertas arqueológicas. Mas isso talvez se deva à falta de durabilidade dos materiais usados ou, então, à proibição divina acerca da construção de santuários. Ver Êxo. 20.24-26; Deu. 12.1-7.

Artefatos pagãos, entretanto, têm sido encontrados pelos arqueólogos com relativa abundância. Figurinhas de argila, representando mulheres despidas, têm sido encontradas em conexão com as deusas cananéias da fertilidade. Talvez essas figurinhas fossem amuletos de boa sorte, pelo que serviriam a um duplo propósito. Nunca foram encontradas figurinhas representando homens despidos.

Megido e Taanaque. As evidências arqueológicas mostram que essas cidades não foram ocupadas ao mesmo tempo. Ficavam cerca de 8 km de distância uma da outra. Quando Débora e Baraque obtiveram a vitória na batalha de Taanaque, Megido já jazia em ruínas. Juí 5.19 talvez reflita isso, porque Megido não é mencionada como uma localidade habitada então.

Pequenos reinos da Transjordânia continuaram a fustigar os israelitas, especialmente Moabe e Amom. A arqueologia tem mostrado que esses lugares eram bem habitados. Além disso, a ocupação do Neguebe (em sua porção mais ocidental) tem sido confirmada e ilustrada por várias descobertas. Outro tanto se pode dizer quanto à *Sefelá* (ver a respeito no *Dicionário*). Figuras representando divindades e peças de cerâmica têm sido ali encontradas, fornecendo diversas informações. Uma das divindades filistéias era Dagan, uma antiga deidade dos amorreus.

Silo. O culto ali existente foi destruído. Esse fato não é mencionado no livro de Juízes, mas a tradição israelita o confirma em Sal. 78.60; Jer. 7.12 e 26.6. O local foi destruído mediante um incêndio, conforme demonstram as evidências, em cerca de 1050 A.C. Sem dúvida, isso resultou da derrota sofrida por Israel, em Afeque (ver I Sam. 4). Nessa mesma época, os filisteus destruíram outras cidades israelitas, o que demonstra como o poder dos filisteus permanecia, apesar de todos os esforços das tropas israelitas. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre *Silo*.

IV. Propósito e Plano do Livro

O autor sagrado, como é óbvio, tinha um plano bem definido ao escrever o livro. Juí. 2.11-23 demonstra isso. Nessa passagem o autor explicita os pontos principais de sua narrativa, segundo se vê a seguir:

1. No primeiro capítulo do livro, ele diz até que ponto progredira a guerra contra os cananeus; quais tribos de Israel tinham obtido êxito e quais haviam falhado, não conseguindo dominar regiões alocados; e também como se conseguiu impor tributo a alguns filisteus. O trecho de Juí. 2.1-10 dá-nos algumas informações nesse sentido.

2. Em seguida, ele afirma a tese de sua teologia histórica, a saber, que o povo de Israel ia bem quando obedecia a Yahweh, mas ia mal quando não obedecia. A apostasia aparece como o principal impedimento ao pleno sucesso de Israel: "Porquanto deixaram o Senhor, e serviram a Baal e a Astarote" (Juí. 2.13). O castigo era imposto, portanto, aos desobedientes: "Por onde quer que saíam, a mão do Senhor era contra eles para seu mal, como o Senhor lhes havia dito e jurado; e estavam em grande aperto" (Juí. 2.15). Mas, quando se arrependiam, novamente as coisas lhes corriam bem (ver Juí. 2.16,23). Presume-se que o desígnio do autor sagrado não era fornecer uma narrativa definitiva sobre o período dos juízes, e, sim, prover uma esboço que ilustrasse a sua tese. Ele não queria apenas ser um cronista, mas desejava explicar por que houve um declínio moral, religioso e político em Israel; e por que finalmente impôs-se o surgimento da monarquia. E ele conclui com a melancólica observação de que, durante aquele período, predominava o caos, pois cada um fazia o que lhe parecia melhor, não havendo um governo central que unificasse as coisas. Ver Juí. 21.25.

V. Autoria e Data

Os eruditos liberais pensam ser inútil tentar descobrir um único autor do livro de Juízes, visto que a principal fonte informativa do livro, segundo eles crêem, é *D* (a escola deuteronômica), e também há

contribuições das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P. (S)* para detalhes. Todavia, o livro não inclui nenhuma menção a seu(s) autor(es), pelo que é uma obra anônima. Segundo alguns teóricos, *D* teria sido uma escola formada por editores ou historiadores que viveram no século seguinte ao da publicação do livro de Deuteronômio, que, segundo eles, teria sido lançado em 621 A.C. Esses homens teriam empregado o mesmo vocabulário e o mesmo estilo usado naquele livro. Presumivelmente, também foram os responsáveis pelas edições dos livros de Josué, I e II Reis, e Jeremias, além do livro de Juízes e possivelmente porções de outros livros. Naturalmente, os eruditos conservadores consideram que essa data é tardia demais. No entanto, o próprio livro não nos fornece nenhuma declaração direta quanto ao tempo em que foi escrito, embora haja alusões que nos ajudam no tocante à questão, embora apenas parcialmente. O cântico de Débora (Juí. 5.2-31) afirma ser uma composição contemporânea. Isso deve ter ocorrido em cerca de 1215 A.C. Mas o livro como um todo não pode ter sido compilado senão aproximadamente dois séculos depois, pois refere-se à captura e destruição de Silo (ver Juí. 18.30,31), que ocorreu durante a juventude de Samuel (I Sam. 4), por volta de 1080 A.C. O último evento registrado no livro de Juízes é a morte de Sansão (ver Juí. 16.30,31), que se deu poucos anos antes da instituição de Samuel como juiz, ou seja, em cerca de 1063 A.C. E a alusão ao fato de que não havia rei em Israel deixa claramente inferido que a monarquia, então, já havia começado, visto que o autor sagrado parece estar comparando um tempo em que não havia rei, com o tempo então presente, em que havia sido instaurada a monarquia. Não parece que o autor sagrado estivesse *predizendo* sobre a monarquia. Ver Juí. 17.6; 18.1 e 26.25.

Saul tornou-se rei em cerca de 1043 A.C., pelo que a compilação do livro de Juízes deve ter sido depois disso, embora tenham sido incorporados materiais mais antigos, orais e escritos. O livro parece ter sido composto antes que Davi capturasse Jerusalém, o que sucedeu em 1003 A.C. (II Sam. 5.6,7), porquanto não há nenhum indício, no livro, de que Israel tenha conquistado aquela cidade. Por todos esses motivos, muitos estudiosos supõem que o autor sagrado tenha escrito durante os anos de reinado de Saul, chegando mesmo a asseverar que *Samuel* foi o mais provável autor do livro. Naturalmente, ao assim precisarem, já estão conjecturando. Não há como negar ou confirmar essa conjectura, contudo, pois o próprio livro nada diz quanto à identidade do autor. É verdade que o Talmude (*Baba Bathra* 14b) assim afirma, mas não há nenhuma comprovação histórica de tal afirmação. A mesma tradição afirma que Samuel também escreveu o livro de Rute e os livros que levam o seu nome; informação que também não se submete a prova ou negação.

Juí. 1.21 declara que os jebuseus residiam em Jerusalém lado a lado com os filhos de Benjamim, até o dia em que o material sobre essa informação foi escrito, ou seja, antes da época de Davi. Todavia, é possível que isso inclua material mais antigo, deixado intacto por um compilador posterior (de depois dos tempos de Davi). Mas, se aceitarmos essa informação como dada pelo autor-compilador do livro de Juízes, torna-se plausível pensarmos em uma data que coincida com os dias de Saul, antes da época de Davi. Se o autor falava do ponto de vista da época de Saul, então é patente que sua obra consiste, na maior parte, em compilações, pois ele registrou coisas que haviam acontecido muito tempo antes. Isto posto, ele pode ter tido acesso a tradições antigas, de natureza oral e escrita, as quais podem ter sido preservadas por certas tribos de Israel, cujos heróis (juízes) eram decantados e cujas narrativas merecem ser preservadas.

VI. Integridade e Unidade

O ponto de vista dos liberais envolve-nos na teoria *J.E.D.P.(S)* (ver a respeito no *Dicionário*), conforme dito na primeira seção, *Caracterização Geral*. Ali dou um esboço das idéias concernentes aos vários materiais que um editor-autor teria reunido para formar o livro de Juízes. Os eruditos conservadores, apesar de defenderem a idéia de um único autor essencial (ou seja, a unidade do livro), admitem que ele deve ter sido mais um compilador do que um autor, conforme comentamos no último parágrafo da seção V, anteriormente. A unidade de propósito do livro é salientada como prova de que houve um único autor, embora não se veja razão pela qual um editor não possa ter reunido e dado unidade ao trabalho de vários autores. Infelizmente, questões dessa natureza têm-se tornado desnessariamente o centro de debates e querelas, embora se revistam de pouca importância comparativa, exceto pelo fato de que é bom que saibamos o máximo possível a respeito dos livros da Bíblia. Pelo menos, nesses debates, nenhuma questão de fé é envolvida, e também não deveriam tais questões tornar-se padrão de julgamento sobre a espiritualidade de quem quer que seja.

Os eruditos têm salientado que o livro de Juízes divide-se em três partes naturais: 1. A natureza incompleta da conquista da Terra Prometida, com descrições sobre como cada tribo se saiu na empreitada. 2. Os repetitivos ciclos de apostasia, perda de liberdade e restauração das tribos de Israel. 3. Um quadro de desorganização no qual Israel caiu antes do estabelecimento da monarquia, uma espécie de idade das trevas de Israel. Alguns estudiosos pensam que um único autor foi o responsável por essas três seções do livro. Outros vêem a terceira dessas seções com a primeira seção. Porém, o que tenho lido a respeito mostra-se muito vago a respeito; e os eruditos conservadores não se sentem impressionados diante desses argumentos. Alguns dizem que os capítulos 9, 16 e 17-21 são destituídos de conteúdo religioso, pelo que não refletiriam um único e constante propósito do autor-editor, que sempre quis lembrar-nos de que Israel passou bem quando seguiu a retidão, mas deu-se mal quando se desviou do Senhor. Esses capítulos, pois, para esses intérpretes, seriam adições posteriores. Alguns deles vêem dois trabalhos editoriais distintos, o primeiro no século VII A.C., que teria envolvidos os capítulos 9, 16 e 17-21; e, então uma segunda edição, presumivelmente no século VI A.C., quando os capítulos que haviam sido omitidos na primeira edição foram desenvolvidos ao livro. Desse modo, os citados capítulos teriam escapado aos comentários editoriais que caracterizam o restante do livro. Supostamente, a forma final do livro teve de esperar pelos primeiros anos do cativeiro babilônico. No entanto, as evidências acerca de todas essas conjecturas são apenas subjetivas, faltando-lhes consubstanciação histórica.

VII. Os Juízes de Israel

O livro de *Juízes* lista catorze juízes diferentes. Os nomes deles e as referências bíblicas atinentes a cada um aparecem na seção VIII, Conteúdo. A essa lista devem-se adicionar os nomes de Eli e Samuel. Débora deve ser contada juntamente com Baraque, em Juí. 4.1 – 5.31. E Gideão e Abimeleque também devem ser associados um ao outro, formando um único juizado. Isso nos daria doze períodos de juizado no livro de Juízes. Mas, se contarmos os juízes individualmente, então acharemos catorze deles. Alguns estudiosos pensam que Abimeleque foi um usurpador, pelo que não deveria ser contado como um dos juízes.

Os nomes dos juízes representam heróis locais que se tornaram lendários na história das tribos de Israel. Os governos deles poderiam ter coberto um período de nada menos de 400 anos. Os eruditos liberais crêem que muitas lendas, ou mesmo mitos, penetraram nessas narrativas, tal como sucede em várias outras obras literárias do mundo, quando se trata de glorificar heróis nacionais. De fato, certos eruditos acreditam que Sansão representa o deus sol, e Débora, Samuel e ainda outros seriam tipos tradicionais de líderes semi-religiosos, semitribais, que talvez tenham mesmo existido, mas cujos relatos chegaram até nós de mistura com muitas lendas. Contra essa opinião pode-se salientar que uma das grandes características do povo de Israel sempre foi a sensibilidade diante da história. Acima de qualquer outro povo, os israelitas sempre trataram a história como uma questão séria, incluindo suas genealogias e seus registros históricos. Por essa razão, apesar de admitirmos que o livro de Juízes pode representar um esboço da história, ainda assim não há razão para duvidarmos da veracidade desse esboço histórico. No *Dicionário*, há artigos separados sobre cada um dos juízes de Israel.

VIII. Conteúdo

A. O Período Antes dos Juízes (1.1—2.5)
   1. Condições sociais e políticas (1.1-36)
   2. Condições religiosas (2.1-5)
B. Descrições de Juízes Específicos (3.7—16.31)
   1. Otniel (3.7-11)
   2. Eúde (3.12-30)
   3. Sangar (3.31)
   4. Débora e Baraque (4.1—5.30)
   5. Gideão e Abimeleque (6.1—9.57)
   6. Tola (10.1,2)
   7. Jair (10.3-5)
   8. Jefté (10.6—12.7)
   9. Ibzã (12.8-10)
   10. Elom (12.11-12)
   11. Abdom (12.13-15)
   12. Sansão (13.1—16.31)
C. Apêndices (17.1—21.25)
   1. A idolatria de Mica e Dã (17.1—18.31)
   2. O crime em Gibeá e seu castigo (19.1—21.25)

IX. Principais Idéias Teológicas

Poucos historiadores, ou mesmo nenhum, escrevem sem preconceitos ou propósitos subjetivos, que deixam transparecer em seus escritos. Toda a história é acompanhada de interpretação. Os historiadores bíblicos não são exceção a essa regra. O autor do livro de Juízes ansiava por destacar idéias espirituais e juízos morais, e tornou-se parte integrante de suas narrativas, mas com o intuito de mostrar-nos que certas coisas sucederam, ou não sucederam, em face das condições espirituais do povo de Israel. Isto posto, o livro de Juízes apresenta-nos uma história teológica, e não apenas um relato sobre condições sociais e políticas.

1. *A ira de Deus volta-se contra o pecador* (Juí. 2.11,14). Israel era abençoado quando obedecia a Yahweh, mas castigado quando se rebelava. A nação de Israel só podia sobreviver, cercada como estava por poderosos adversários, mediante a graça divina. Esforços de cooperação que rendiam resultados positivos tinham de estar alicerçados sobre a lealdade coletiva a Deus (Juí. 5.8,9,16-18). Os juízos corretivos de Deus tocavam tanto sobre cada indivíduo quanto sobre a sociedade israelita como um todo.

2. *O arrependimento produz a misericórdia divina* (Juí. 2.16). As opressões de povos estrangeiros serviam de meios para corrigir as condições de decadência moral, e isso tinha em vista o bem de Israel (Juí. 3.1-4).

3. *O homem é, verdadeiramente, um ser decadente.* Após cada livramento descrito no livro de Juízes, Israel escorregava novamente para a idolatria, o que exigia ainda outro ato de juízo divino e outro libertador. Parece que essa lição nunca foi absorvida, ou, então, que tinha de ser aprendida de novo a cada geração. Ver Juí. 2.19, que diz: "Sucedia, porém, que, falecendo o juiz, reincidiam e se tornavam piores do que seus pais, seguindo após outros deuses, servindo-os e adorando-os; nada deixavam das suas obras, nem da obstinação dos seus caminhos". Uma sociedade individualista por excelência estava repleta de erros, pessoais e coletivos. "Naqueles dias não havia rei em Israel: cada qual fazia o que achava mais reto" (Juí. 17.6 e 21.25).

4. *Os sistemas centralizados no homem fracassam.* Esta é a lição geral ensinada pelo livro de Juízes. Na história de Israel, apreende-se que a única esperança reside na espiritualidade. Os políticos mostram-se corruptos, quando não antes, pelo menos depois que galgam posições de autoridade.

X. Bibliografia

ALB (1936) AM I IB ID KR(2) ND PAY(2) PF UN YO Z.

Ao Leitor

Na *Introdução* abordo certos tópicos: caracterização geral, pano de fundo histórico do livro, pesquisas arqueológicas modernas, proposição e plano do livro, autoria e data, integridade e unidade, os juízes propriamente ditos, esboço do conteúdo e principais idéias teológicas. Qualquer estudo inteligente do livro precisa incluir um exame cuidadoso desses temas.

O Arcabouço do Livro. Este livro recebe seu nome dos treze homens que foram levantados para livrar Israel, por ocasião do declínio e da desunião que se seguiram à morte de Josué. Através daqueles homens, Yahweh continuou governando pessoalmente o povo de Israel. O versículo-chave acerca das condições em Israel, durante a época coberta pelo livro, é Juí. 17.6, que diz: "Cada qual fazia o que achava mais reto". Na escolha dos vários juízes, vemos a ilustração da grande mensagem de Zacarias (4.6): "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos". E também das palavras de Paulo: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento (I Cor. 1.26)".

Continuação da Narrativa de Josué. O autor sacro do livro de Josué tinha-nos informado que havia restado, no território da Terra Prometida, vários bolsões de resistência, pois os hebreus não conquistaram todos os palmos do terreno que lhes cabiam conquistar. Ver Jos. 13.1 ss. E o livro de Juízes mostra-nos que o relato dado por Josué, grosso modo otimista, não contava a história inteira. Somente nos dias de Davi aquele território seria conquistado na íntegra; e o relato do livro de Juízes deve ser considerado uma dentre várias tentativas, derrotas e vitórias, tendo em mira a conquista completa.

Os juízes não foram reis. A autoridade deles não teve alcance nacional, mas na maioria das vezes limitou-se apenas a áreas específicas. Suas narrativas conferem-nos muitas lições morais e espirituais, e nelas os intérpretes têm encontrado subsídios valiosos através dos séculos.

Título

O título deste livro, Juízes, deriva-se diretamente da Vulgata Latina, *Liber Judicum*, que se deriva, por sua vez, do título do livro aplicado pela Septuaginta, *Kritai* (Juízes). E o título hebraico é *shophetim*, que também significa Juízes. Talvez a base do título, no próprio livro, seja a passagem de Juí. 2.16,19, onde são sumariadas as circunstâncias daquele período e são mencionados os libertadores ou salvadores, chamados *shophetim*, no original hebraico. O próprio livro, porém, não designa nenhum dos seus heróis como *shophet*, "juiz". Mas acerca de vários deles é declarado que exerceram as funções próprias do ofício. Ver Juí. 3.10; 4.4; 10.2,3; 12.7-9,11,13,14; 15.20; 16.31. Jefté foi chamado de *qaçin* (líder militar), e não de *shophet*. O próprio Yahweh é chamado de *shophet*, em Juí. 11.27. Quem foram os juízes? Eles não foram reis nem exerceram domínio sobre todo o território de Israel. Antes, foram apenas heróis locais que livraram porções desse território de seus opressores estrangeiros.

Citações de Juízes no Novo Testamento

Atos:

13.26 (Juí. 2.10)

Hebreus 11:32 (não há citações diretas, mas Sansão figura ali como um dos heróis da fé)

Apocalipse:

1.16 (Juí. 5.31)

Como podemos ver, o Novo Testamento ignora, para todos os efeitos práticos, o livro de Juízes, no tocante a citações diretas. Todavia, leva avante as lições baseadas no passado, ilustradas por vários daqueles juízes.

Capítulo Um

O Período Antes dos Juízes (1.1 - 2.5)

Condições Sociais e Políticas (1.1-36)

A *primeira seção* ou narra novamente eventos antigos, ou conta esforços renovados das tribos de Judá e Simeão a fim de levar a conquista a um melhor termo. Ver Josué 13.1 ss., quanto à declaração de que muito território e muita gente não tinham ainda sido subjugados por Israel. Restavam vários bolsões de resistência por parte de populações cananéias. Conforme já dissemos, somente nos dias de Davi o território inteiro da Terra Prometida foi realmente conquistado, e para tanto ainda haveriam de passar-se vários séculos.

O relato dos feitos heróicos dos juízes é antecedido por duas seções introdutórias (Juí. 1.1-2.5 e 2.6-3.6). A segunda dessas seções é uma introdução apropriada ao livro. E a primeira delas apresenta paralelos aos capítulos 10 a 17 do livro de Josué, embora nunca mencione Josué por nome. A afirmativa, "depois da morte de Josué", as primeiras palavras do livro segundo a edição portuguesa, foi acrescentada por editores, mas o material que o autor sagrado então apresenta refere-se a acontecimentos ocorridos no passado (pelo menos de acordo com a maioria dos intérpretes), e não a eventos posteriores à morte de Josué.

Talvez isso represente uma duplicação, ou seja, outra versão dos capítulos 10 a 17 de Josué, e não a descrição de novos acontecimentos. A segunda fonte informativa, de acordo com a estimativa da maioria dos eruditos, foi introduzida de forma anacrônica no texto presente. Alguns intérpretes, contudo, insistem que os eventos referidos em Juí. 1.1-2.5 ocorreram após a morte de Josué, pelo que apareceriam como materiais paralelos ao trecho de Josué 10 a 17, embora fosse isso uma reiteração de circunstâncias similares. A dificuldade nessa explicação é que a seção sem dúvida tem em mira uma ampla campanha militar, por parte de todas as tribos, e não uma espécie de mera operação de "limpeza", de acordo com o jargão militar. O que parece ter realmente sucedido foi que o autor sagrado dispunha de uma fonte informativa separada daquela de Josué, acerca da invasão da Terra Prometida, e empregou essa fonte informativa. Essa outra fonte, que ele usou no começo do livro, ignorou, portanto, a verdadeira cronologia desse material.

Do Que Se Tem Certeza? O fato indubitável é que muitas guerras tribais aconteceram após a invasão geral e a morte de Josué, mesmo que a seção que se segue verdadeiramente diga respeito à invasão original, e não a meras operações de limpeza.

As passagens de Josué 18.3 e 23.5 mostram que a preocupação de Josué com as conquistas militares efetuadas pelas tribos deveriam prosseguir até que cada tribo tivesse dominado completamente o território que lhe coubera por sorte, para que assim não restasse nenhum bolsão de resistência. Isso significa que batalhas menores deveriam seguir-se à grande batalha.

Um leitor livre de idéias preconcebidas, que não se sinta compelido a obter harmonia a qualquer preço (mesmo que seja ao preço da honestidade), e leia o material que se segue, haverá de perceber o paralelo bem próximo com o relato do livro de Josué, notando que aqueles acontecimentos estão aqui em vista.

1.1

Depois da morte de Josué. Com essas palavras, o autor liga seu livro ao capítulo 24 do livro de Josué, onde somos informados sobre a morte de Josué. Portanto, continua neste livro a seqüência histórica. As ordens de Josué, para que fossem eliminados os bolsões de resistência de povos cananeus ainda não conquistados (ver Jos. 13.1 ss.), deveriam ser obedecidas. Ver Jos. 18.3 e 23.5. Os vss. 2 ss., de forma anacrônica, inserem materiais paralelos aos capítulos 10 e 15 de Josué, que falam sobre as conquistas das tribos de Judá e Simeão. Alguns intérpretes supõem que o material que se segue descreva outras batalhas, o que significaria que elas ocorreram, realmente, após a morte de Josué. E os capítulos 10 e 15 de Josué apresentariam materiais relacionados a uma época anterior à morte de Josué. Quanto a uma discussão acerca desse problema, ver a introdução a esta seção.

A mensagem deste primeiro versículo de Juízes é que as ordens de Josué - para os filhos de Israel terminarem a tarefa da conquista - foi cumprida, pelo menos no caso de algumas das tribos. Ocorreram algumas vitórias adicionais; mas o livro como um todo mostra-nos que a tarefa não foi realizada em grande escala. Israel continuou a ser espicaçado por seus vizinhos que não haviam sido conquistados.

Os filhos de Israel consultaram o Senhor. Talvez isso tenha sido feito quando o sumo sacerdote se utilizou do *Urim e do Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*). Ou então podem ter sido usadas *sortes* (ver no *Dicionário*). Ver também o verbete chamado *Adivinhação*. Por esse tempo, Finéias era o sumo sacerdote, o terceiro da série: Arão, Eleazar, Finéias. Ver sobre *Finéias* no *Dicionário*.

1.2

Respondeu o Senhor. Yahweh deu resposta conferindo orientação e ordenando novas batalhas, para que fossem conquistados os inimigos de Israel. O trecho de Josué 13.1 ss. mostra-nos que muita coisa ainda precisava ser feita nesse sentido.

A tradição sobre a invasão efetuada por Judá e a alocação de terras aos homens daquela tribo aparece nos capítulos 14 e 15 de Josué. Esta passagem pode refletir uma fonte informativa distinta, a respeito daqueles mesmos eventos, ou pode representar outras conquistas feitas pelas tribos de Judá e Simeão. Ver a introdução a esta seção, onde a questão é discutida. Judá, por ser a mais numerosa e poderosa das tribos, foi a primeira a propor batalha ao adversário, após as conquistas da parte oriental da Terra Santa, ou seja, a Transjordânia, realizadas pelas tribos de Rúben, Gade e pela meia tribo de Manassés.

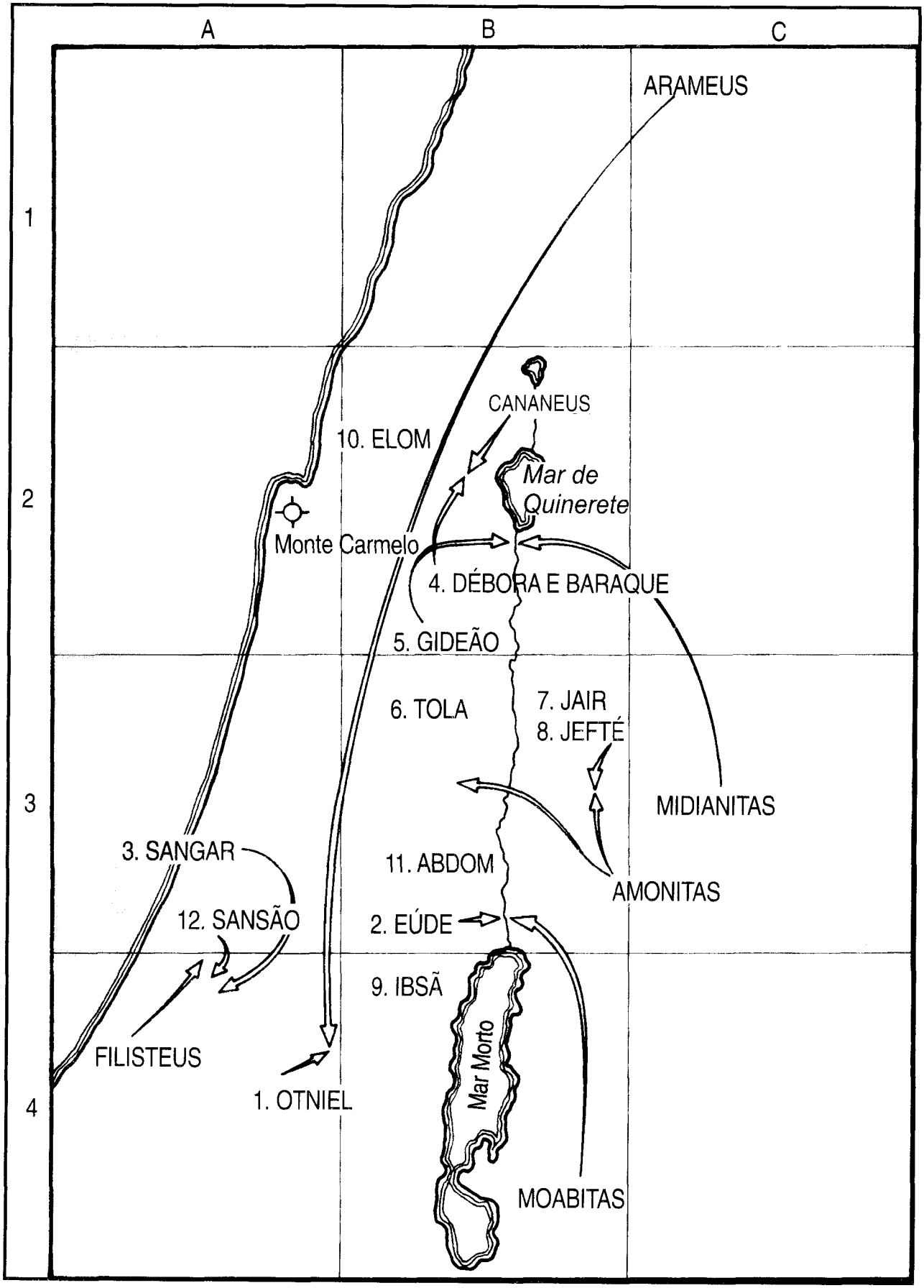
1.3

Disse, pois, Judá a Simeão. Essas duas tribos aliaram-se na tentativa de conquistar os territórios ainda não tomados, indicados como pertencentes a elas quando do lançamento de sortes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sortes*. Ver o último parágrafo de notas de introdução ao capítulo 14 de Josué quanto ao modus operandi das sortes. Elas também são mencionadas em Jos. 13.6; 14.2; 15.1; 17.2; 18.10; 19.10,17,40. Cf. Núm. 26.54,55. Judá e Simeão eram irmãos de pai e de mãe (ver Gên. 29.32-35); as terras conferidas a Simeão, conforme foi dito especificamente, ficavam dentro do território de Judá (ver Jos. 19.1-9; cf. Jos. 15.26-32 e I Crô. 4.28-33).

INFORMAÇÕES SOBRE OS JUÍZES DE ISRAEL

Juízes	Anos de Serviço	Opressores	Anos sob Opressão	Referências
1. Otniel	40	Aramaicos	8	3.7-11
2. Eúde	80	Moabitas	18	3.12-20
3. Sangar	?	Filisteus	?	3.31
4. Débora	40	Cananeus	20	Caps. 4-5
5. Gideão	40	Midianitas	?	Caps. 6-8
6. Tola	23	?	?	10.1-2
7. Jair	22	?	?	10.3-5
8. Jefté	6	Amonitas	18	10.6-12.7
9. Ibzã	7	?	?	12.8-10
10. Elom	10	?	?	12.11-12
11. Abdom	8	?	?	12.13-15
12. Sansão	20	40	40	caps. 13-16

OS JUÍZES E SEUS OPRESSORES



Ver no *Dicionário* os seguintes artigos sobre essas duas tribos: *Judá* e *Simeão*; *Tribo (Tribos de Israel)*; *Tribos, Localização das.*

"A tribo de Simeão não desempenhou um papel mais significativo na história posterior de Israel. Ela nem chegou a ser mencionada no cântico de Débora (ver Juí. 5.2-31), provavelmente por já ter sido absorvida pela tribo de Judá, antes mesmo daquela data remota" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

1.4

Subiu Judá. Quanto às sete nações cananéias expulsas da Terra Prometida, ver as exposições em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Duas dessas nações são aqui mencionadas — os cananeus e os ferezeus — contra as quais combateram as tribos de Judá e Simeão.

Bezeque. Quanto às duas localidades com esse nome, ver o *Dicionário*. A cidade que figura no presente texto tem sido identificada com Khirbet Bezqa, nas vizinhanças de Gezer.

1.5

Adoni-Bezeque. O primeiro passo da conquista efetuada pelas tribos de Judá e Simeão foi a eliminação de *Adoni-Bezeque*, que recebe um artigo detalhado no *Dicionário*. Aqui há repetição de material histórico (talvez proveniente de alguma fonte informativa separada), que já havia sido relatado no trecho de Josué 10.1 ss., e onde nome próprio Adoni-Bezeque também aparece. No livro de Josué, porém, esse nome é usado para indicar o rei de Jerusalém; mas aqui o nome é vinculado à cidade de Bezeque, embora esse homem tenha sido levado dali para Jerusalém (vs. 7). É possível, contudo, que esse homem estivesse associado com ambos os lugares. Em Josué, esse rei é chamado de Adoni-Zedeque; aqui, de Adoni-Bezeque, mas o mais certo é que o mesmo indivíduo esteja em pauta.

1.6,7

... lhe cortaram os polegares das mãos e dos pés. A desumanidade da guerra é evidente para qualquer ser vivo pensante; e, no entanto, a história da humanidade é pouco mais do que uma crônica arrepiante de guerras. Nas guerras antigas, a maior parte dos inimigos era simplesmente morta. Ver sobre a questão da guerra santa, em Deu. 7.1-6 e 20.10-18. Raramente havia prisioneiros de guerra. A perda dos polegares das mãos incapacitava um homem para o uso do arco e da flecha. E a perda dos grandes artelhos incapacitava-o de modo que nunca mais pudesse ocupar-se de atividades guerreiras, pois então não podia nem perseguir nem fugir de um inimigo.

No vs. 7, o mais provável é que aquele homem tenha sido executado, embora, eufemisticamente, seja simplesmente dito que ele morreu. Esse rei cananeu tinha feito a muitos outros homens o que agora ele sofria como castigo. Ele chegara a contar o número de suas vítimas, a saber, setenta reis. Aqueles antes orgulhosos governantes tinham sido reduzidos a servos domésticos, que se ocupavam de pequenas tarefas braçais. Mas Israel não queria Adoni-Bezeque como escravo. Ele foi simplesmente executado, assim que chegou a Jerusalém. A guerra santa de Israel não permitia que se fizessem prisioneiros, ainda que indivíduos que habitassem em regiões fora das fronteiras de Israel pudessem ser reduzidos a escravos, ou tivessem de pagar tributo. Dentro dos limites da Palestina, porém, a matança absoluta era ordenada e efetuada, sempre que possível.

"Como se fossem cães, os cativos reais juntavam migalhas que caíam da mesa de Adoni-Bezeque" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Aélio (*Var Hist.* 1.ii. cap. 9) contou como os atenienses cortaram os polegares de todos os habitantes da ilha de Egina, incapacitando-os assim para a guerra. Suetônio (*Vit. August*, cap. 24) narrou como muitos pais decepavam os polegares dos próprios filhos homens, a fim de que nunca fossem obrigados a ir para a guerra. A quantos atos de desespero a depravação dos homens os força! Lei da Colheita segundo a Semeadura. Em um lampejo de tristeza e consciência, Adoni-Bezeque reconheceu que Deus era a causa de ele ter sido tratado segundo tinha tratado a outros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Adoni-Bezeque foi transportado para Jerusalém a fim de ser exposto como um troféu de guerra. Talvez tenha morrido de ferimentos que já tivesse recebido durante a batalha. Caso contrário, a guerra santa requeria a sua execução.

1.8

Os filhos de Judá pelejaram contra Jerusalém. Este versículo parece ser uma contradição do que diz o vs. 21 deste capítulo, e também do que se lê em Josué 15.63, que nos diz que Jerusalém ainda não havia sido tomada. De fato, somente nos dias de Davi é que aquela área foi subjugada. Entretanto, alguns estudiosos supõem que parte da área de Jerusalém tenha sido tomada, e outra parte não. Outros supõem que estejam em foco duas fontes informativas, uma das quais retratava Jerusalém como conquistada, e outra como não-conquistada. Cf. II Samuel 5.6 ss., que é contra a idéia de que Jerusalém foi tomada naquela data anterior. O capítulo décimo de Josué revela-nos a execução do rei de Jerusalém, juntamente com quatro outros com quem ele tinha feito aliança, além de mostrar a lista das cidades conquistadas; mas Jerusalém não aparece entre elas. Alguns estudiosos supõem que tenham ocorrido duas destruições de Jerusalém. Em outras palavras, depois de haver sido tomada pela primeira vez, a cidade conseguiu recuperar-se e expulsou dali os filhos de Israel, somente para ser reconquistada, séculos mais tarde. O autor do livro de Juízes, pois, fornece-nos afirmações contraditórias, e nunca procura ajudar-nos a resolver o quebra-cabeça, se é que há mesmo alguma discrepância. "É possível que o sucesso inicial de Judá ao destruir Jerusalém refira-se somente à colina sudoeste, não fortificada (o moderno monte Sião). Seja como for, Judá não conseguiu expulsar os jebuseus de forma permanente (cf. Jos. 15.63); e os benjamitas não obtiveram maior sucesso (ver Juí. 1.21)" (F. D. Lindsey, *in loc.*). Contra essa interpretação, entretanto, temos a informação do próprio versículo de que os israelitas incendiaram a cidade, que parece dizer que a própria cidade foi tomada e incendiada, a exemplo do que acontecera com Jericó.

1.9

Depois... desceram a pelejar contra os cananeus. O sucesso inicial encorajou outros assaltos. Esses novos ataques aconteceram na região montanhosa daquilo que veio a tornar-se território de Judá, no Neguebe, e nas terras baixas, ou seja, o território das terras altas centrais da Palestina, ao sul de Jerusalém, que se estende até Hebrom. Aquela porção ao sul e a sudoeste de Hebrom era chamada Sefelá, sobre a qual há notas expositivas em Josué 10.10. Essas áreas são assim mencionadas: 1. A região montanhosa onde se localizavam Hebrom e Debir. 2. O Neguebe (Jos. 15.21), onde estavam situadas as cidades de Arade e Zefate. 3. E o vale, ou terras baixas - a Sefelá.

1.10

Contra os cananeus que habitavam em Hebrom. Este trecho conta a conquista de *Hebrom*. Ver o artigo detalhado, sobre esse lugar, no *Dicionário*. Arba foi o pai de *Anaque* (ver a respeito no *Dicionário*), o ancestral de uma raça de gigantes que ocupava aquela área. Ver Jos. 15.13 e 21.11. As notas dadas ali aplicam-se também aqui.

A Sesai, a Aimã e a Talmai. Eles eram descendentes (filhos?) de Anaque que se tinham tornado príncipes. Algumas versões portuguesas dizem Enaque, em lugar de Anaque (ver Jos. 15.14). Agora, os três foram mortos por Israel. O trecho paralelo do capítulo 15 de Josué oferece-nos notas sobre esses três gigantes. Apresento artigos sobre cada um deles no *Dicionário*. Hebrom ficava localizada a pouco mais de trinta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Ver Gên. 13.18, que tem ligações com esse lugar, que se tornou a capital de Judá durante os sete anos e meio do reinado de Davi (ver II Sam. 5.5). Calebe foi o líder da derrota da cidade de Hebrom (Juí. 1.20 e Jos. 15.14).

1.11

Dali partiu contra. De Hebrom, o ataque foi transferido para dezesseis a dezenove quilômetros a sudoeste de *Debir* (ver as notas a respeito, no *Dicionário*). O nome mais antigo da cidade era *Quiriate-Sefer* (ver as notas a respeito no *Dicionário*). Esse nome significa "cidade do livro". Ver Josué 15.15 quanto ao nome anterior da cidade e comentários adicionais que se aplicam igualmente aqui. Nessa referência, ofereço especulações sobre a razão de Debir ter sido chamada "cidade do livro". Ver também Jos. 10.38 e 12.13.

1.12

Disse Calebe. Este versículo é um paralelo direto de Josué 15.16, onde são dadas notas expositivas sobre a história. E as descrições do texto presente têm como paralelo próximo as descrições do capítulo 15 de Josué, e não deixam muita dúvida de que estão sendo descritos os mesmos acontecimentos, e não batalhas posteriores para consolidar as vitórias de Israel nas localidades mencionadas. Contudo, o primeiro versículo deste capítulo dá a entender que tais acontecimentos ocorreram depois da morte de Josué. Ver a introdução à presente seção quanto a interpretações acerca da questão cronológica. Alguns estudiosos, reconhecendo que estão sendo descritos os mesmos eventos mencionados no capítulo 15 do livro de Josué, supõem que o autor sagrado tenha reiterado a história da conquista inicial, embora sem deixar claro que aquelas coisas "aconteceram antes". Todavia, a simples leitura do texto revela-se contrária a esse tipo de interpretação.

1.13

Tomou-a, pois, Otniel. Este versículo tem paralelo em Josué 15.17, onde são dadas notas expositivas.

Mais novo do que ele. Talvez tenhamos aqui um comentário editorial, porquanto não aparece em Jos. 15.17. De outra sorte, o texto de Juízes 1.11-15 é um paralelo quase exato de Jos. 15.15-19. Explico, em Jos. 15.17, o problema de parentesco envolvido nas palavras "irmão" e "sobrinho".

1.14,15

Estes versículos são paralelos ao trecho de Josué 15.18,19, onde são dadas notas expositivas.

1.16

Os filhos do queneu, sogro de Moisés. Neste ponto, o sogro de Moisés é chamado de "queneu", por motivo de sua origem racial. O manuscrito Vaticanus diz aqui "Jetro", em harmonia com Êxo. 3.1; e o Alexandrino diz "Hobabe", em consonância com Núm. 10.29 e Juí. 4.11. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Jetro*, quanto a uma discussão sobre essa personagem e sua variedade de nomes, bem como seu relacionamento com o povo de Israel. Ele também é chamado de Reuel, em Êxo. 2.18 e Núm. 10.29. Ver também o *Dicionário* quanto a esse nome e quanto ao nome *queneu*. Os queneus formavam um ramo dos amalequitas, mas, diferentemente, viviam em bons termos de amizade com Israel, desde os dias de Moisés. Parece claro que alguns queneus acompanharam os israelitas em sua saída do Egito, ajudando-os na conquista da Terra Prometida. Quanto à ligação deles com os amalequitas, ver I Sam. 15.6, e com os midianitas, ver Êxo. 18.1 (Juí. 1.16). O sogro de Moisés tinha sido um sacerdote midianita (ver Êxo. 18.1).

Da cidade das palmeiras. Em outras palavras, Jericó, assim chamada por causa de suas muitas palmeiras. Ver também Deu. 34.3. Jericó foi destruída para nunca mais ser reconstruída (ver Jos. 6.26). Isso posto, o que talvez esteja aqui sendo dito é que aqueles povos mudaram-se para a região onde antes ficava Jericó. A moderna cidade de Jericó não se situa na mesma localização da cidade antiga do mesmo nome, mas a curta distância dali. O artigo referido fornece-nos amplos detalhes.

Arade. Ver sobre essa cidade, no *Dicionário*.

1.17

Que habitavam em Zefate... lhe chamaram Hormá. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Zefate* e *Hormá*. Isso significa que a conquista se voltou para a direção oeste, para Arade e Zefate. Hormá significa "dedicada à destruição". Ficava cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Hebrom. Desse modo, os filhos de Israel vingaram-se de Hormá (ver Núm. 14.45; 21.1-3). Aquela área acabou fazendo parte do território da tribo de Simeão (ver Jos. 19.4; I Crô. 4.28-32), e ficava próxima das terras pertencentes aos queneus (ver I Sam. 30.29,30).

1.18

Tomou ainda Judá. Ver no *Dicionário* acerca dos três lugares aqui mencionados. Essa região tornou-se parte do território de Judá. Ver Jos. 15.47. Mais tarde, Ecrom veio a pertencer à tribo de Dã (ver Jos. 15.45 e 19.43). Os filisteus, porém, contra-atacaram e retomaram a área, tendo retido essas três localidades por muito tempo. Ver Juí. 3.3 e I Sam. 6.16. A Septuaginta diz aqui "Não tomou Judá", o que, sem dúvida, reflete como a questão, finalmente, chegou a ficar. Ver o versículo 19 quanto a essa conexão. Naquela região, Israel tivera apenas uma vitória inicial. Ver Jos. 13.3. Cinco cidades daquela área não haviam sido conquistadas. Essas cinco cidades formavam uma federação filistéia. Josefo (*Antiq.* v. 2, par. 4) diz-nos que Asquelom e Asdode foram inicialmente tomadas, mas Gaza e Ecrom conseguiram escapar. Na mesma obra (3, par. 1), ele explica que os cananeus reconquistaram Asquelom e Ecrom.

1.19

Esteve o Senhor com Judá. Tal como este versículo, o trecho de Josué 13.11 ss. informa-nos que os fracassos anteriores de Israel referem-se a essa campanha. Ver sobre o nono versículo deste capítulo quanto à tríplice área geográfica da tribo de Judá. As áreas montanhosas foram conquistadas, mas os vales resistiram, por causa de um equipamento militar superior dos adversários, sobretudo os carros de combate puxados a cavalo, com projeções afiadas como facas, que despedaçavam os soldados que combatiam a pé. Ver Jos. 11.6-9; 17.16; Juí. 4.3 e I Sam. 13.6, quanto a esses temíveis instrumentos de guerra, que deixavam os israelitas boquiabertos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Carruagem*. Zenofonte conta que os "carros munidos de citas" foram inventados por Ciro, mas Ciro viveu cinco séculos depois do relato aqui apresentado. O que Ciro fez foi tirar proveito de uma idéia antiga, como fosse ele mesmo o inventor da idéia.

Sabemos, com base em Deuteronômio 7.1, que os adversários de Israel eram mais fortes, militarmente falando. Parte dessa superioridade consistia em instrumentos de guerra mais desenvolvidos. A tecnologia usualmente ganha a guerra. Mas Israel, apesar de não possuir tal tecnologia, conseguiu sair-se muito bem em suas guerras de conquista, embora não sem algumas derrotas significativas. "Israel, em última análise, triunfou porque tinha algo mais poderoso do que carros de combate de ferro. Outros aspectos culturais, outras formas de fé, resistem, quando o metal acaba cedendo. Cada geração precisa indagar de si mesma qual é a base de sua confiança" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

1.20

Expulsou dali os três filhos de Enaque. Este versículo repete a informação que já havia sido dada nos vss. 10 a 13, os quais, por sua vez, são paralelos de Jos. 15.16,17. Três famílias de gigantes (descendentes de Anaque) foram derrotadas, conforme vimos no vs. 10 e seus paralelos. Ver também Jos. 14.12-15. Moisés tinha feito uma promessa relativa a esse incidente. Ver Núm. 14.24; Jos. 14.9; 15.13 e Deu. 1.36.

1.21

Os filhos de Benjamim não expulsaram os jebuseus. O caso de Jerusalém foi um fracasso retumbante. Os jebuseus, que ocupavam aquele lugar, revelaram-se invencíveis até os dias de Davi; e assim, quando o autor sacro escreveu este livro, ele apontou para Jerusalém como um dos lugares que os hebreus não tinham conseguido subjugar. (Jerusalém ficava situada na fronteira entre Judá e Benjamim.) Assim, ali estavam eles, os jebuseus, em sua ilha fortificada, resistindo a todos os ataques, até que Davi, finalmente, terminou com eles (ver II Sam. 5.6-9). Os jebuseus eram os habitantes cananeus daquela cidade. Também eram chamados de jebus (ver Juí. 19.10,11). Ver no *Dicionário* sobre *Jebus* e *Jebuseus*. Cf. Jos. 15.63, que é trecho paralelo deste versículo.

O oitavo versículo deste capítulo parece contradizer este versículo. Ali ofereço explicações possíveis sobre essa questão.

1.22

A casa de José. José não tinha uma tribo chamada pelo seu nome; mas seus dois filhos, Efraim e Manassés, eram cabeças de tribo. Se José tivesse uma tribo com seu nome, e se Levi não fosse uma casta sacerdotal, então teríamos um total de catorze tribos. Porém, eliminando José e Levi, chegamos às doze tribos tradicionais.

No livro de Josué não há nenhum relato sobre a captura de Betel; mas Ai era um lugar bem próximo, e caiu imediatamente depois de Jericó. Ver o capítulo 7 de Josué. Há algumas razões que nos fazem crer que a conquista de Ai foi, na verdade, a conquista de *Betel*, visto que aparentemente Ai deixara de ser habitada muito antes dos dias de Josué. Ver sobre ambos os lugares no *Dicionário*.

Os filhos de José subiram de Gilgal a Betei, e efetuaram ali a sua campanha militar. Yahweh estava com eles, tal como sucedia no caso de todas as tribos de Israel. Isso repete o sentimento expresso no vs. 19 (a respeito de Judá). Sempre foi a fé de Israel que produzira a conquista da Terra Prometida, por meio do poder divino. Os capítulos 16 e 17 do livro de Josué contêm o registro das conquistas feitas das de Manassés e Efraim.

Betei. Essa cidade ficava situada nas terras altas centrais cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Jerusalém, na fronteira entre Efraim e Benjamim. Comumente tem sido identificada com a moderna Beitin, cerca de dezenove quilômetros ao norte de Jerusalém. Mas há algumas evidências que favorecem el-Bireh, cerca de três quilômetros um pouco mais para o sul. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Betel*.

1.23,24

Luz. Esse era o nome mais antigo de Betei. Ver a respeito em Gên. 28.19; 35.6; 48.3 e Jos. 18.13. Ver a respeito no *Dicionário*.

E usaremos de misericórdia para contigo. A conquista de Betei teve elementos que seguiam paralelamente à conquista de Jericó. Foram enviados alguns espias ali, para verificarem como o ataque seria mais bem-sucedido. Um cidadão daquele lugar (um paralelo de Raabe, de Jericó), sob ameaça, ajudou os invasores. Ele lhes mostrou a maneira mais fácil de entrar na cidade. Foi-lhe prometida misericórdia, em troca de seu auxílio. Sua vida seria poupada, embora a guerra santa exigisse a execução de todos os seres vivos, tanto humanos quanto animais. Ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18 quanto às condições que eram impostas em uma guerra santa.

Em uma de suas conquistas, os persas foram ajudados de maneira similar. Eles conquistaram Sardes ao descobrir uma vereda que se ligava à cidade, a qual foi usada por um homem que deixara cair o seu elmo e descera da fortaleza oculta nas colinas, a fim de apanhá-lo (Heródoto, *Hist.* i.84).

As tradições judaicas supunham que a entrada secreta para Betei se dava por meio de uma caverna existente em suas cercanias.

Betel tinha a fama de ser um local sagrado. Ali é que Jacó recebera o seu sonho sobre a escada. Um traidor havia ajudado na queda da cidade; mas, afinal, ele só fizera isso a fim de salvar a própria vida; e poucos não teriam agido da mesma maneira. Ademais, na guerra, onde fica a moralidade?

1.25,26

Mostrando-lhes ele a entrada da cidade. Passando por meio da entrada secreta, os israelitas tomaram a cidade de surpresa, e logo haviam passado a fio da espada a todos os seus habitantes. Mas o traidor e seus familiares foram poupados, à moda de Raabe. John Gill (*in loc.*) supunha que o homem também tivesse sido forçado a adotar o yahwismo. Se ele ficou mesmo com o povo de Israel, sem dúvida isso aconteceu. Porém, o texto informa-nos que ele foi para a terra dos heteus (vs. 26), para lembrar sua terra que não mais existia. Talvez ele tenha ido para o território de seus antepassados. O território heteu ou hitita ficava ao norte da Síria. Cf. Jos. 1.4. Assim sendo, de volta à terra de seus antepassados, lembrando-se de seu lar adotivo e roído pelas saudades, chamou aquele novo lugar de Luz.

1.27

Manassés não expulsou. A tribo de Manassés também teve seus fracassos (o que aconteceu à maior parte das tribos de Israel; ver Jos. 13.1 ss.). "Efraim e Manassés viviam premidos, tanto pelo norte quanto pelo sul, por poderosas cadeias de fortalezas cananéias, que formavam quase uma linha reta desde o vale do Jordão até as costas do mar Mediterrâneo. A lista de fortalezas que aparece aqui corresponde ao que se lê em Jos. 17.11-13, onde a lista é levemente expandida, e não exatamente na mesma ordem que vemos aqui. Todavia, a mesma ordem é preservada em I Crônicas 7.29, onde, entretanto, Ibleã é deixada de fora" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Ver as notas expositivas dadas no trecho paralelo de Josué 17.11-13. Todos os nomes próprios do presente versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver os mapas que aparecem na introdução ao capítulo 13 de Josué, quanto às localizações.

1.28

Quando, porém, Israel se tornou mais forte. Os filhos de Israel conseguiram sujeitar ao pagamento de tributo alguns dos povos não conquistados. Foi uma espécie de acordo de cavalheiros: "Vocês param de atacar-nos e dão-nos autonomia; e nós pagaremos tributos regulares por nos deixarem viver em paz". O trecho de Josué 17.13 menciona "trabalhos forçados". Alguns daqueles povos cananeus foram reduzidos à posição de escravos virtuais.

1.29

Efraim não expulsou. A tribo de Efraim também teve seus fracassos.

Gezer. Ver a respeito no *Dicionário*. Essa cidade resistiu aos ataques dos filhos de Israel. Era uma cidade estrategicamente localizada na fronteira sudoeste de Efraim, na entrada do vale de Aijalom. Ficava na encruzilhada do ramo oriental da estrada costeira, sendo a principal entrada ocidental que passava pelo vale de Aijalom, ligando Jerusalém com Betei. Havia cananeus que habitavam "entre" os efraimitas, alguns deles, mui provavelmente, obrigados a pagar tributo e a prestar trabalhos forçados. Ver Jos. 16.10, onde encontramos a informação de que as populações dali foram forçadas a trabalhos forçados, embora isso pareça referir-se a um período histórico posterior.

1.30

Zebulom não expulsou. A tribo de Zebulom também não conquistou todo o território que lhe coubera por sorte. Os dois lugares aqui mencionados, *Quitrom* e *Naaiol* (que recebem artigos separados no *Dicionário*), resistiram a todos os esforços de conquista militar por parte da tribo de Zebulom. É verdade que tiveram de pagar tributo, mas continuaram cidades essencialmente autônomas. Ver Jos. 19.10-16 quanto ao território de Zebulom. Ver os mapas na introdução ao capítulo 13 de Josué, quanto às localizações. As duas localidades mencionadas neste versículo, entretanto, ainda não foram identificadas de maneira positiva. Talvez ficassem nos limites nordestinos do vale de Jezreel.

1.31

Aser não expulsou. A tribo de Aser também não conquistou todo o território que lhe fora alocado. O autor sagrado não se importa em dizer quais lugares específicos os aseritas não conquistaram; mas tão-somente deixa entendido que muita coisa ficara por ser feita. Ver Jos. 19.24-31 quanto ao território que coube à tribo de Aser. No livro de Juízes, as listas são condensadas e, talvez, estejam baseadas em uma fonte informativa diferente da que foi usada por Josué.

Os capítulos 18 e 19 de Josué narram as conquistas das tribos que se estabeleceram na Galiléia. Sidom não foi conquistada. Era a capital da Fenícia, embora posta em eclipse por sua vizinha, Tiro (ver II Sam. 4.11; Isa. 21; Jer. 27; Mat. 11.22). Todos os nomes próprios que figuram neste versículo (lugares não conquistados pela tribo de Aser) recebem artigos separados no *Dicionário*, pelo que essa informação não é repetida aqui. As cidades listadas faziam parte da *Fenícia* (ver a respeito no *Dicionário*).

1.32

Os aseritas continuaram no meio dos cananeus. Tal como em outros casos, as populações que não tinham sido expulsas passaram a habitar entre os recém-chegados hebreus. Ao que tudo indica, os homens da tribo de Aser não puderam forçar os cananeus da região a pagar tributos ou a prestar trabalhos forçados, o que também sucedeu no caso de outras tribos (ver o vs. 30).

1.33

Naftali não expulsou. A tribo de Naftali também não conseguiu expulsar todos os cananeus de seu território, conforme se vê em Josué 19.32-39, ou seja, de dezenove cidades. Todos esses lugares recebem artigos separados no *Dicionário*, incluindo as duas localidades aqui mencionadas, que não foram conquistadas. Todavia, essas populações tiveram de pagar tributo, embora lhe tivessem sido concedido um bom grau de autonomia. Cf. os vss. 28 e 30 quanto às questões de tributos e de labores forçados. As notas dadas ali também se aplicam aqui.

1.34

Os amorreus arredaram os filhos de Dã. A tribo dos danitas também falhou, não expulsando todos os cananeus de seu território. Na verdade, os danitas tiveram mais fracassos do que sucessos, pelo que, do ponto de vista da conquista, mostrou ser a mais fraca de todas as tribos. Os amorreus (ocidentais, usados aqui como sinônimo dos cananeus) expulsaram os filhos de Dã para as montanhas e permaneceram totalmente livres no vale. O território que coube a Dã aparece em Jos. 19.41-46, mas ali temos um alvo apenas idealista, que nunca foi realmente conquistado pelos danitas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amorreus*. "Os danitas encontravam-se em uma posição precária, conforme demonstram suas migrações subseqüentes (cf. Juí. 18.27,28; Jos. 19.47)" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Os montes mais proeminentes onde os danitas habitaram eram o Seir e o Baalá, que ficavam na fronteira com o território de Judá (ver Jos. 15.10,11).

1.35

Montanhas de Heres. Esse é o nome tanto de um indivíduo quanto de vários pontos geográficos da Palestina. As montanhas aqui referidas são discutidas no segundo ponto do artigo chamado *Heres*, no *Dicionário*, pelo que essas notas não são repetidas aqui. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Saalbim*. Esse é um lugar totalmente desconhecido. Mas sabe-se que essas cidades estavam estrategicamente localizadas, ajudando os amorreus a manter os danitas humilhados. Aijalom ficava pouco mais de dezessete quilômetros a nordeste de Jerusalém.

Casa de José. A menção de "José", neste ponto (dando a entender as tribos de Efraim e Manassés), é duvidosa no texto hebraico original. Poderia significar que José temia pesadamente os amorreus, e, no mínimo, sujeitou-os ao pagamento de tributos. Ou então poderia significar que a mão de José pesava muito porque os amorreus, ou seja, aquelas tribos, tinham sido incapacitados por seus inimigos. Nesse caso, José não conseguiu fazer muito mais, no tocante a seus oponentes cananeus, do que Dã tinha feito. Ou então, os amorreus, ao saírem em socorro de seus irmãos, acabaram sendo obrigados a prestar trabalhos forçados. Seja como for, Dã fracassou essencialmente, o que provocou sua migração mais para o norte, onde eles estabeleceram uma colônia em um lugar mais fácil, ou seja, Laís, ao norte do mar da Galiléia (ver o capítulo 18 de Juízes, quanto a essa narrativa).

1.36

O termo dos amorreus foi. Este versículo apresenta algumas dificuldades, a despeito de sua simplicidade nas traduções. Alguns manuscritos da Septuaginta dizem aqui edomitas, em lugar de amorreus. Muitos eruditos acreditam que isso reflete o texto correto, apesar do que diz o texto hebraico.

Subida de Acrabim. Sem dúvida, esse caminho estava associado aos amorreus. Ver sobre a Subida de Acrabim, em Núm. 34.4. Mas algumas

traduções dizem aqui "da rocha" ou "para cima". Outras traduções dão a entender que este é um nome próprio, *Sela*. Vários lugares tinham esse nome; e ofereci um artigo assim denominado, no *Dicionário*. No tocante ao versículo presente, o lugar ainda não foi identificado. O termo significa "rocha", "pico". No grego, temos a palavra petra. Alguns estudiosos pensam que esse termo se refere à cidade de *Petra*, que recebe um artigo no *Dicionário*.

As Instruções Divinas. O povo de Israel teve a oportunidade de aprender com base em muitas adversidades e fracassos. "Poucos podem ser persuadidos de que a adversidade é uma bênção; mas, sem ela, quão pouco poderíamos aprender! O homem tem a sua mente voltada na direção de Deus na escola da aflição.

O homem acha línguas em árvores;
E livros em ribeiros correntes.
Ele acha sermões em pedras, e
Encontra o bem em tudo.

(Adam Clarke, com algumas adaptações)

Capítulo Dois

Condições Religiosas (2.1-5)

Os vss. 1-5 deste capítulo fornecem a primeira indicação sobre a perspectiva religiosa do autor sagrado. O Anjo do Senhor poderia ser aqui um eufemismo para Yahweh, cuja presença havia seguido Israel desde o começo, e que sempre muito requeria da parte deles. Este livro, tal como os de Êxodo e de Josué, não faz a separação entre a guerra brutal, neles descrita, e a natureza espiritual do povo de Israel. De fato, a guerra santa (ver as notas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) foi instigada pelo próprio Yahweh, com o propósito de fomentar o desdobramento do Pacto Abraâmico. Por meio da guerra santa, a Terra Prometida viria a tornar-se possessão de Israel, como uma das principais promessas daquele pacto. Ver as notas a respeito em Gên. 15.18.

Dessa maneira, o derramamento de sangue e a brutalidade promoveram a causa espiritual. Para a nossa maneira de pensar moderna, isso é difícil de engolir; mas a verdade é que guerras continuam a ocorrer, sempre que algum tirano se ergue em posição de mando. Continuamos dizendo que a violência, em certas ocasiões, oferece a solução melhor e mais rápida, porquanto alguns "grandes" líderes não passam de psicopatas, incapazes de reagir favoravelmente diante da diplomacia e das negociações. Serve de triste comentário sobre a condição da humanidade, que vive em estado de selvageria tribal, o fato de que, até hoje, a violência faz parte marcante da existência humana.

Os versículos primeiro a quinto deste capítulo formam uma amarga queixa contra Israel, no sentido de que eles não cumpriram à risca as exigências da guerra santa. A infecção do paganismo ainda estava na Terra Prometida, infectando os israelitas e transformando-os, lentamente, em pagãos idólatras. Somente nos dias de Davi é que aquelas populações foram expulsas de todo o território da Terra Prometida, permitindo que os hebreus se apossassem integralmente de sua herança territorial. Mas esse fato não conseguiu impedir os israelitas de cair na apostasia, que, finaimente, resultou nos cativeiros, quando os filhos de Israel acabaram sendo expulsos de sua própria terra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*.

2.1

Subiu o anjo do Senhor. Está aqui em pauta ou um mensageiro angelical enviado por Yahweh, ou então, como um eufemismo, o próprio Yahweh. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Anjo*; *Yahweh* e *Deus, Nomes Bíblicos de*.

A presença divina havia acompanhado o povo de Israel desde o princípio, por todo o exílio egípcio, durante o êxodo e, finalmente, durante a conquista da Terra Prometida. Ver Deu. 4.20 quanto ao fato de que Israel foi "tirado do Egito", um tema reiterado por cerca de vinte vezes no livro de Deuteronômio.

De Gilgal a Boquim. Foi ali que o povo de Israel acampou pela primeira vez, após ter cruzado o rio Jordão, em preparação para a invasão da parte ocidental da Terra Prometida. A parte oriental (a Transjordânia) já havia sido tomada pelas tribos de Rúben, Gade e pela meia tribo de Manassés.

Em Gilgal, o povo de Deus consagrou-se de novo, e todos os homens daquela geração foram circuncidados (ver Jos. 5.2-12). Gilgal ficava perto de Jericó, a cena da primeira vitória de vulto no ocidente. A presença divina, pois, viera de *Gilgal* até *Boquim* (ver a respeito no *Dicionário*). A Septuaginta diz aqui: "... a Boquim, a Betei e à casa de Israel". O texto, pois, enfatiza o conceito de que a presença de Yahweh estava sempre com o povo de Israel, ajudando-o e orientando-o, ou então, repreendendo-o, quando isso se fazia necessário.

O *carvalho Alom-Bacute* (carvalho da lamentação), perto de Betei (ver Gên. 35.8), tem sido sugerido como o local possível de Boquim, embora sua localização permaneça inexata até hoje. Mas o "choro" sem dúvida devia-se ao fato de que Israel não tinha conseguido tomar posse de toda a Terra Prometida, que a ele pertencia em decorrência do Pacto Abraâmico. Contudo, é provável que o pacto aqui se refira ao que é aludido em Êxodo 34.10 ss., os pactos mosaico e palestínico, comentados, respectivamente, na introdução ao capítulo 19 de Êxodo e na introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio. Esses eram elementos naturais pertinentes ao Pacto Abraâmico, por serem acordos que fomentavam a causa divina iniciada com Abraão. O propósito divino era inflexível, não se deixando desanimar por coisa alguma. A presença divina, pois, garantia o cumprimento desse propósito.

O Pacto Divino Não Pode Falhar. Essa era a promessa feita por Yahweh. E isso significa que, embora possa haver retrocessos, como também desastres preliminares (tais como os cativeiros), o Pacto Abraâmico, finalmente, haverá de prevalecer, porquanto foi universalizado em Jesus Cristo (ver Efé. 2.11 ss. e Gál. 3.28,29).

2.2

Não fareis aliança com os moradores desta terra. Este versículo repete várias provisões próprias da guerra santa. Ver Deu. 7.2,5, um paralelo direto do texto presente, pelo que as notas expositivas ali existentes também se aplicam aqui. Assim determinava a ordem divina. A pergunta era por qual motivo Israel tinha fracassado. O texto dá a entender que houve uma dependência total a Deus, porquanto Ele era a "força" que lutava por Israel. Ver Êxo. 14.4; Deu. 1.30; 3.22; 20.13; Jos. 10.8; 14.42; 23.3. O fato de que os inimigos de Israei na realidade eram mais fortes do que ele, além de serem sete nações, ao passo que Israel era apenas uma (Deu. 7.1), não serviu, diante dos olhos de Deus, de desculpa legítima, porquanto aquelas nações pagãs não contavam com Yahweh como seu Comandante. Israel, entretanto, não conquistou todo o território que lhe cabia por direito. E, além disso, permitiu que a deplorável infecção da idolatria o contaminasse. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

2.3

... vos serão por adversários. O povo de Israel não se esforçou como devia para fazer um trabalho completo e bem-feito, e por esse motivo foi castigado: seus adversários permaneceriam entre eles para vexá-los, servindo-lhes de laços e espinhos. Este versículo, pois, é um paralelo direto do trecho de Josué 23.13. As notas expositivas dadas ali se aplicam também aqui. Não obstante, o versículo presente contém em si mesmo um conjunto mais complexo de metáforas. Cf. Núm. 33.55.

Yahweh perguntou: "Que é isso que fizestes?". Mas Israei não pôde fornecer resposta, senão derramar lágrimas (ver o versículo seguinte). O que havia sido antecipado em Êxodo 23.31 não teve cumprimento, conforme a descrição tão gráfica de Josué 13.1 ss. A idolatria estava agindo como um laço de apanhar passarinhos, ou como uma armadilha que incapacita animais terrestres. Assim, Israel acabaria servindo de presa, na terra onde deveria ter sido autêntico conquistador.

2.4

Levantou o povo a sua voz e chorou. Essa foi a resposta de lágrimas. Algumas vezes, as palavras não conseguem aliviar o remorso dos fracassos evidentes. De outras vezes, nada há para ser dito. As pessoas apelam para as lágrimas, sob tais circunstâncias, e conseguem atrair a simpatia, ainda que não uma reversão das condições adversas. "Simplesmente não existe maneira pela qual um homem possa explicar a Deus por que agiu como agiu. Seus atos passados são mais misteriosos para ele mesmo do que para o seu Criador. Mas o que realmente importa não é se esses atos podem ser explicados, e, sim, se o homem é capaz de condená-los, repudiá-los e nunca mais repeti-los. O arrependimento é a única resposta apropriada diante dos pecados do homem" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

2.5

Daí chamarem a esse lugar Boquim. "O pranto dos israelitas pouco mais deixou do que o nome do lugar, Boquim, 'pranto'. Mas, ao que parece, o choro não expressou um verdadeiro arrependimento, visto que os israelitas não abandonaram definitivamente a sua desobediência. Os sacrifícios oferecidos ao Senhor, em Boquim, parecem ter sido mais ritos externos do que expressão de fé autêntica" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Mas talvez seja mais acertado dizer que as intenções deles foram sinceras, porém Israel era muito fraco, espiritual e moralmente, para poder cumprir uma boa resolução.

Vários intérpretes identificam Boquim com Silo, onde estavam centrados o tabernáculo e o seu culto. Ver Jos. 18.1. Podemos ter certeza, contudo, de que os sacrifícios foram efetuados no lugar aprovado, por parte de ministros aprovados.

Esses foram sacrifícios pelo pecado, porquanto Israel tinha falhado. Alguns outros estudiosos identificam Boquim com Betel, supondo que esse teria sido um lugar apropriado para oferecer aqueles sacrifícios.

Descrição de Juízes Específicos (2.6 – 16.31)

A descrição real de juízes individuais só começa em Juí. 3.7, onde Otniel é citado. Por conseguinte, a apresentação desse material é precedida pela descrição da morte de Josué e do surgimento de uma nova geração (Juí. 2.6-10), a apostasia, o castigo e o livramento de Israel (2.11-19), os resultados da infidelidade (2.20-23), e a descrição do povo de Israel em meio a nações pagãs (3.1-6).

A Morte de Josué e o Surgimento de uma Nova Geração (2.6-10)

2.6

Havendo Josué despedido o povo. Após a solene queixa e a acusação feita pelo Anjo do Senhor, o povo de Israel foi despedido. O pacto foi confirmado, e novas promessas e compromissos foram feitos. Cada indivíduo regressou à sua própria herança. O próprio fato de que havia uma herança servia de lembrete da bondade e do poder de Yahweh.

A passagem de Juízes 2.6,7 (a despedida de Josué ao povo) é paralela a Josué 24.25-28. Portanto, Siquém foi o local dessa despedida. Ver as notas sobre Jos. 24.28, que também se aplicam aqui.

2.7

Todos os dias de Josué. Enquanto continuaram vivos os anciãos que tinham servido juntamente com Josué, Israel serviu o Senhor de maneira razoável, participando do culto no tabernáculo de Silo e evitando a contaminação do paganismo que continuava existente em seu meio, por causa da presença de povos pagãos que não haviam sido expulsos dentre eles (ver Jos. 13.1 ss. e o primeiro capítulo do livro de Juízes). Os israelitas daquela geração foram testemunhas oculares das maravilhas realizadas por Yahweh, e isso, sem dúvida, fazia parte dos notáveis prodígios do Senhor. Ver Jos. 24.24 quanto à intenção dos israelitas de servir e obedecer, que agora, segundo nos é dito, fora cumprida. Ver Jos. 24.31 quanto a um paralelo exato. Ver Deu. 10.12 quanto às palavras-chaves da espiritualidade: temer, andar, amar, servir e guardar os mandamentos. Josué talvez tenha vivido até trinta anos depois da conquista militar, pelo que Israel continuou avançando corretamente por cerca de uma geração. O restante do livro de Juízes registra uma tremenda oscilação entre a apostasia e a restauração, mas, de modo geral, prevaleceu a desintegração.

"A tendência gradual para a deterioração, após a remoção de um bom governante, é perfeitamente comum. Cf. Atos 20.29 e Filipenses 2.12" (Ellicott, *in loc.*).

2.8,9

Faleceu Josué, filho de Num. Estes dois versículos formam um paralelo exato com Josué 24.29,30. As notas expositivas dadas ali se aplicam também aqui. Em contraste com o que fizera Moisés, Josué não nomeou seu sucessor (ver Jos. 1.1-9 e Núm. 27.12-23 quanto à nomeação de Josué). Josué, o servo de Yahweh, desempenhou a contento o seu ofício de servo-governante teocrático. Ver Jos. 1.1; II Sam. 3.18; II Crô. 32.16; Isa. 52.13-15; 53.11 (os últimos dois versículos referem-se ao Messias).

2.10

Outra geração... que não conhecia ao Senhor. A espiritualidade morreu juntamente com a geração mais antiga. Todas as testemunhas oculares já haviam morrido. Não havia restado ninguém que pudesse dizer "eu vi". À nova geração restava ler livros e ouvir histórias. A lei do amor também não havia sido implantada no coração deles. As populações pagãs ao redor tinham-nos infectado com a doença da idolatria. Não conheciam, pois, a Yahweh; nem tinham contemplado Suas obras admiráveis. Eles eram espiritualmente estéreis. O fato de não conhecerem a Yahweh significava que também "não O reconheciam" (ver Pro. 3.6). No coração deles predominava a incredulidade acerca de todos os relatos sobre o passado glorioso de Israel. Não demoraria nada para que a idolatria substituísse a Yahweh, e o monoteísmo yahwista estava prestes a sofrer tremenda derrota. A geração antiga estava morta e sepultada; a espiritualidade da nova geração estava morta e sepultada.

"A experiência religiosa vital da antiga geração não pode ser facilmente comunicada à nova geração. Cada geração precisa encontrar Deus por si mesma. A fé de nossos pais é valiosa não quando é reverenciada por seus próprios méritos, mas quando se torna o estímulo para que cheguemos a uma fé semelhante. Muitos homens que se mostram sentimentais quando relembram a piedade de seus pais não sentem nenhuma necessidade ou obrigação de exibir devoção idêntica" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

A fé de nossos pais amaremos
...
E também pregaremos, o amor sabe como,
Em palavras bondosas e vida virtuosa.
(Frederick W. Faber)

A Apostasia, a Punição e o Livramento de Israel (2.11-19)

"Esta seção declara, de forma sucinta, o conceito deuteronômico da história de Israel. Os quatro princípios básicos em torno dos quais o autor do Deuteronômio teceu a sua história são estes: 1. desvio; 2. opressão; 3. oração; 4. livramento. Estes nove versículos, como se fossem a introdução de um livro que mostra os princípios a serem seguidos em seus diversos capítulos, fornecem a chave para a visão do editor sobre a religião e a história, a qual se aplica aos materiais que ele está prestes a apresentar. A fórmula padrão de introdução é: 'E o povo de Israel fez o que era mau aos olhos do Senhor' (ver 3.7,12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1; Deu. 4.25; 9.18; 17.2; 31.29). O termo 'mau' refere-se às ofensas de cunho religioso" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

A história de cerca de três séculos foi assim sumariada, do ponto de vista religioso. O que temos aqui é mais do que uma série de ciclos de eventos. De fato, o que encontramos no livro de Juízes é, essencialmente, uma espiral descendente. Ver Juí. 2.19 quanto ao amargo comentário do autor sagrado sobre as condições então vigentes.

Treze Mensageiros. Esses mensageiros foram os juízes, incumbidos de tentar preservar alguma coisa em meio ao caos reinante. Houve sete apostasias, sete servidões a potências estrangeiras e sete livramentos da parte do Senhor. Mas nunca mais houve a restauração às glórias antigas.

2.11

Então fizeram os filhos de Israel o que era mau. Temos aí a expressão introdutória padrão, uma espécie de fórmula-chave para introduzir algum fracasso lamentável. Ver o primeiro parágrafo da introdução anteriormente, quanto a uma lista de referências onde essa expressão foi usada. A apostasia sob a forma de idolatria também foi a principal queixa do autor sagrado, sempre que iniciou uma seção com essa fórmula. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria.*

"Eles caíram precisamente na idolatria contra a qual tinham sido tão enfaticamente advertidos (Deu. 4.19)" (Eliicott, *in loc.*).

Serviram aos Baalins. Baal e Astarote (vs. 13) eram os deuses masculino e feminino dos cananeus. A forma plural, bálanos, aqui usada, evidentemente refere-se aos muitos cultos locais da adoração ao deus Baal. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Baal (Baalismo).* Usualmente, Baal era apresentado como uma deidade cósmica. O versículo 13 deste capítulo dá a forma singular do nome. O baalismo original, ao que tudo indica, teve origem fenícia, embora possam ser encontrados traços por todo o mundo cananeu, até mesmo em nomes próprios cartagineses, como Hasdrubal, Haníbal, Haherbal, Aderbal etc.

2.12

Deixaram ao Senhor Deus de seus pais. Yahweh tinha efetuado um tremendo livramento de Israel do Egito (um tema reiterado por cerca de vinte vezes no Deuteronômio; ver as notas expositivas a respeito em Deu. 4.20). O autor sacro mencionou aqui uma evidência conspícua do poder e do socorro prestado por Yahweh, embora esperasse que lembrássemos a história inteira de Israel em seu relacionamento com Yahweh. Porém, a despeito de tudo quanto tinha sido feito, os hebreus acabaram por cair na temível idolatria contra a qual haviam sido advertidos.

Os filhos de Israel caíram vítimas da idolatria estando já na Terra Prometida, a qual tinham recebido como herança da parte de Yahweh, graças ao Pacto Abraâmico (ver os comentários a respeito em Gên. 15.18). Esse desvio ocorreu apesar de sua história ilustre. Foi uma queda que laborava contra a própria história. Baal e Astarote nada tinham feito em favor deles; no entanto, eles preferiram formas religiosas vazias. Todo pecado rema contra a história, pois o homem espiritual tem consciência de que não deve agir dessa forma, em vista do registro histórico tanto universal quanto pessoal. Israel esqueceu-se de Yahweh, e isso por escolha deliberada. Ver Jos. 24.15, onde os hebreus foram convidados a "escolher", e onde responderam que escolheriam o certo, Yahweh. Israel, pois, quebrou todos os seus votos.

Ensinou Jesus: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mat. 6.24). O yahwismo não chegou a morrer totalmente em Israel; mas ficou poluído mediante elementos e corrupções estrangeiras. Alguns evangélicos continuam tendo dificuldades com os ídolos. A maioria daqueles que rejeitaram a idolatria crassa ainda assim mantêm ídolos no coração e na mente, tais como o dinheiro, o poder, o reconhecimen-

to, os prazeres etc. Outros deixam-se envolver em uma franca idolatria, como se fossem meros pagãos. Todos somos cercados por formas sutis de idolatria, que nos vexam e furtam a sua espiritualidade.

Yahweh, pois, foi provocado ao zelo e à ira, o que, inevitavelmente, resultou em um severo julgamento. Ver Núm. 12.9 quanto à ira do Senhor; ver acerca de Yahweh como um Deus zeloso, em Deu. 4.24; 5.9; 6.15 e 32.16,21.

2.13

Porquanto deixaram o Senhor. Tentações de toda sorte avassalaram o povo de Israel; eles perderam de vista a sua própria história; Yahweh tornou-se apenas outro nome para outro deus. Dadas essas condições, foi fácil iniciar uma participação ativa nos cultos de divindades masculinas e femininas dos pagãos que viviam próximo ou mesmo entre eles. Provi no *Dicionário* artigos detalhados chamados *Baal (Baalismo)* e *Astarote*. Ver sobre a forma plural desse nome, Baalins, nas notas sobre o vs. 11. Havia muitos cultos diferentes dentre os quais os hebreus poderiam escolher, pelo que qualquer imaginação desviada poderia ter atraído a atenção deles. Entre os cananeus, a deusa Astarote era a consorte de Baal. Entre os assírios, ela era conhecida como 'Athtart, e entre os babilônios como Istar. Isso posto, o culto a ela era uma espécie de religião mundial. Astarote era a deusa da fertilidade. A adoração a Baal era acompanhada pela violência e pela imoralidade mais aviltantes.

Astarote. Esta palavra, no original hebraico, está na forma plural. Assim como havia muitas formas de baalismo (o que é indicado pela forma plural do nome, bálanos, no vs. 11 deste capítulo), também havia muitas variações da adoração à deusa Astarote, a deusa cananéia da fertilidade e da guerra. No trecho de Jeremias 7.10 e 44.17, ela aparece como a "rainha dos céus". E, entre os fenícios, com freqüência era chamada Baalti, ou seja, "minha senhora". Quanto a detalhes completos a respeito, ver os vários artigos referidos anteriormente.

2.14

Pelo que a ira do Senhor se acendeu. Tinham sido provocados o zelo e a ira de Yahweh, e o resultado inevitável foi o juízo divino. Ver as notas sobre o versículo anterior, acerca da ira e do zelo de Yahweh.

E os deu na mão dos espoliadores. Populações que moravam nas cercanias de Israel, ouvindo falar da prosperidade dos hebreus, estavam sempre prontas para atacar, matar e roubar. Enquanto Israel mostrou-se obediente, tais inimigos, embora sempre presentes e vigilantes, foram mantidos à distância. Mas uma nação desobediente de Israel tornou-se presa fácil daqueles selvagens. Assim sendo, no livro dos Juízes, temos a história de sete apostasias e de sete servidões de Israel a poderes estrangeiros. O castigo imposto por Yahweh, a Seu povo desobediente e desviado, era simplesmente entregá-lo nas mãos dos inimigos que os haviam contaminado mediante a idolatria. A história dos muitos assaltos e pilhagens do povo de Israel, por parte de várias populações, ilustra o fato de que Israel estava cercado por inimigos. A Terra Prometida supostamente lhes pertencia, mas na realidade aquele foi um lugar de constante hostilidade e de muitos perigos. A derrota dos israelitas, às mãos de seus adversários (ver o vs. 15; Lev. 26.17; Deu. 28.25,48), resultava da intervenção da mão de Yahweh, para castigar os filhos de Israel devido à sua idolatria. Cf. Sal. 78.59; 106.34-45; Deu. 32; II Reis 17; 24.2-4; II Crô. 36.11-21 e Jer. 11.2-10.

2.15

Por onde quer que saíam, a mão do Senhor era contra eles. Persistentemente, os juízos de Yahweh contra Israel provocavam uma agitação constante. Isso sumaria o período dos Juízes, quando Israel se achava em uma radical espiral descendente. Os treze juízes (ver o versículo seguinte) que foram levantados por Yahweh conferiram-lhes um alívio meramente temporário; mas o problema, na verdade, nunca foi resolvido de forma definitiva.

"Eles não prosperavam em nenhum empreendimento em que se metessem ou em que pusessem a mão, em nenhuma expedição que fizessem, ou quando saíam à guerra, conforme Kimchi, Ben Melech e Abarbinel explicaram a questão. A batalha sempre lhes era desfavorável, pois Deus era contra eles" (John Gill, *in loc.*). Yahweh, porém, tinha avisado sobre os temíveis resultados da queda na idolatria (ver Deu. 29.12-29; ver também Deu. 28.25 e Lev. 26.17-46).

"O mesmo poder que, anteriormente, os havia protegido, quando se mostravam obedientes, agora se voltava contra eles, porque se tinham tornado desobedientes. Não somente eles não dispunham da presença de Deus, mas também O tinham contra eles" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.16

Suscitou o Senhor juízes. Isso reflete certa medida da misericórdia divina. Israel estava em um período de desgraça, mas finalmente haveria uma restauração. Davi haveria de reverter muita coisa errada. Ele seria outro instrumento especial de Yahweh. Porém, isso ainda distava cerca de cinco séculos adiante. Entrementes, aos juízes foi concedido fazer alguma coisa, periodicamente, para aliviar os sofrimentos de Israel, que, afinal de contas, eram auto-infligidos. Este versículo funciona como uma espécie de sumário, uma breve declaração, acerca do que significavam e do que faziam os juízes.

Yahweh não realizava intervenções miraculosas e grandiosas, conforme tinha ocorrido nos casos de Moisés e de Josué. Pelo contrário, Ele realizava pequenas intervenções, mediante instrumentos cuidadosamente escolhidos, esperando pelo dia em que poderia fazer algo mais poderoso.

Ver os treze juízes de Israel, ilustrados na seção imediatamente anterior a Juízes 1.1, onde apresentei um gráfico.

É significativo que a palavra final, neste caso, não é punição, e, sim, salvação. E isso se mostra em harmonia com as operações gerais e habituais de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Restauração*. Ver também as notas expositivas sobre I Pedro 4.6, no *Novo Testamento Interpretado*.

2.17

Contudo não obedeceram. A medida divina misericordiosa (vs. 16) não se mostrou eficaz naqueles tempos de desobediência. Israel, por repetidas vezes, recaía na idolatria, tendo de pagar caro por sua insensatez. Nenhuma chance de melhoria que lhes fosse oferecida parecia ser suficiente. Toda oportunidade era anulada. A lei fora dada a fim de ser obedecida, mas Israel tinha habilidade para desobedecer. O autor sagrado, usando de uma linguagem que descreve em grandes pinceladas, sumariou a espiral descendente que houve entre os dias de Josué e os dias de Davi, quando, finalmente, a situação deu uma guinada definitiva e duradoura.

Antes se prostituíram após outros deuses. Consideremos estes dois pontos: 1. a idolatria era considerada uma prostituição moral e espiritual; 2. os cultos cananeus envolviam muita prostituição literal, como parte de sua religião. Ver Êxo. 34.15; Isa. 54.5; Jer. 3.8; Eze. 23.37; Osé. 2.7; II Cor. 11.2 quanto à idolatria como adultério e prostituição espirituais.

2.18

Porquanto o Senhor se compadecia deles. Em meio ao caos, Yahweh mostrava-se compassivo e enviava a Israel algum juiz. Na verdade, o aparecimento de um juiz era apenas um paliativo, pois nada curava de fato, mas apenas concedia a Israel um breve período de alívio. O autor sacro repete aqui idéias que já haviam sido expressas nos dois versículos anteriores. A mão de Yahweh pesava sobre Israel, por causa de suas maldades. Mas eis que então o Senhor se compadecia deles e se "arrependia". Quanto a notas expositivas completas sobre o arrependimento divino, ver Êxo. 32.14.

A morte de um juiz, entretanto, significava reversão instantânea das boas circunstâncias temporárias, e o ciclo horrendo começava de novo. Um povo de Israel deteriorado caía em corrupções periódicas com tremenda facilidade. Nenhum juiz foi capaz de curar a enfermidade crônica dos israelitas. Os juízes eram "líderes carismáticos provenientes de quase todos os níveis sociais e profissões. Eram chamados para livrar seus irmãos em ocasiões específicas, em virtude de sua reputação como pessoas sobre quem repousava o favor divino, tornando-se possuidores de dons especiais. Eles eram líderes ou indivíduos para quem a comunidade olhava com respeito. Não eram advogados. Mas, depois que o perigo de alguma situação específica passava, o povo recusava-se a dar ouvidos... e desertava para outros deuses" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Quanto aos juízes e às localidades onde puderam aliviar as pressões exercidas pelos diversos adversários, ver o mapa ilustrativo que figura imediatamente antes da exposição sobre Juízes 1.1.

2.19

Reincidiam, e se tornavam piores do que seus pais. Os juízes eram uma força instrutiva e constrangedora. Porém, uma vez libertos da boa influência de algum juiz, o povo de Israel ansiosamente deslizava de volta a seus habituais caminhos idólatras. Não havia cura definitiva. Na verdade, a situação ia piorando gradativamente.

Nada deixavam... da obstinação dos seus caminhos. Essa atitude é descrita como "dura cerviz" (pescoço endurecido) em Êxo. 32.9; Deu. 10.16 e Atos 7.51. "Deve-se observar que, na Bíblia, não há nada de satisfação nacional extravagante, que macula tanto o Talmude" (Ellicott, *in loc.*). Na realidade, a Bíblia sempre retrata o povo de Israel como ele se mostrou frequentemente, ou seja, um filho rebelde, que participava ansiosamente dos vícios dos povos pagãos.

"... prosseguiam no caminho tortuoso que eles mesmos tinham escolhido de todo o coração, e no qual persistiam de forma obstinada, revelando-se esclerosados e de dura cerviz; e assim mostravam ser duros, perturbadores, causadores de aflições" (John Gill, *in loc.*).

Resultado de Sua Infidelidade Constante (2.20-23)

A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura (ver a respeito no *Dicionário*) não permitia que Israel pusesse em prática a sua infidelidade insensata sem uma devida retribuição. Essas coisas, porém, aconteceram para o nosso aprendizado. O apóstolo Paulo conhecia bem a lei da semeadura e sua colheita (ver Gál. 6.7,8). Ver também Romanos 15.4.

O autor sagrado fornece-nos quatro razões teológicas em razão das quais os cananeus não foram completamente expulsos da Terra Prometida:

1. Eles eram um dos meios usados por Yahweh para punir ao desobediente povo de Israel (Juí. 2.2,20,21; cf. Jos. 23.1-13).
2. Eles foram usados como um dos meios para provar se Israel já teria chegado ao ponto de uma fidelidade genuína (Juí. 2.22; 3.4). A lei precisava ser obedecida.
3. Eles proviam a Israel experiência nas artes militares, condição fundamental para sobrevivência de um povo naqueles dias antigos (Juí. 3.2).
4. Eles foram deixados ali para cuidarem da terra, não permitindo a sua desertificação enquanto Israel não fosse capaz de cuidar de todo o território. Essa razão é apresentada em Deuteronômio 7.20-24.

2.20

A ira do Senhor se acendeu contra Israel. Era imperioso que a ira divina se manifestasse contra um povo desobediente, em consonância com a lei da colheita segundo a semeadura. Ver a introdução a esta seção (anteriormente), quanto a como essa lei funciona. Nas notas sobre o versículo anterior, são dadas quatro razões pelas quais os cananeus não foram inteiramente expulsos da Terra Prometida.

Este povo transgrediu a minha aliança. Está em pauta, particularmente, o Pacto Mosaico, cujas notas expositivas aparecem no capítulo 19 de Êxodo. Ver também sobre o Pacto Palestínico, nas notas de introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*. Todos esses pactos, entretanto, eram apenas desdobramentos do Pacto Abraâmico (anotado em Gên. 15.18). Os pactos estabeleciam as condições, havendo papéis a serem desempenhados tanto por Deus quanto pelos israelitas. As violações, como é óbvio, resultavam em acontecimentos horríveis, enviados sob a forma de punições. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus*.

"A aliança, neste caso, praticamente aponta para os mandamentos que foram dados pelo Senhor no monte Sinai. O lado humano dessa aliança era a obediência e a fidelidade. Visto que Israel não obedeceu, o escritor acreditava que os elementos estrangeiros, deixados na Palestina após a morte de Josué, ali permaneceram para submeter Israel a teste, ou seja, para descobrir se o povo apegar-se-ia ou não à fé de seus antepassados" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

2.21

Não expulsarei mais de diante dele a nenhuma das nações. A teimosia de Israel levou o Senhor a resolver deixar porções das sete nações cananéias (ver Deu. 7.1 e Êxo. 33.2) na Terra Prometida; e isso pelas quatro razões que dei na introdução à seção, antes das notas sobre o versículo anterior. Cf. Jos. 23.16, quanto à transgressão da aliança; e ver as notas sobre o versículo anterior quanto a uma explicação do que se deve entender com a palavra "aliança", neste texto.

2.22

Para por elas provar a Israel. Temos aqui e em Juí. 3.4 a segunda das quatro razões pelas quais Yahweh deixou alguns adversários de Israel no interior da Terra Prometida (ver a introdução ao vs. 20). Aquelas populações tornaram-se um meio para testar se aquela geração do povo de Israel se mostraria melhor do que as gerações passadas.

Cada geração precisava ser submetida a teste. Israel não seria considerado bom hoje, por ter sido considerado bom no dia de ontem; nem seria considerado mau, por ter sido considerado mau no dia de ontem. Cada geração precisava provar que vivia à altura das condições da aliança com Deus, ou seja, de forma obediente (ver Juí. 2.17). Essa obediência manifestava-se sobretudo na rejeição à idolatria pagã, com uma consequente lealdade a Yahweh.

Naturalmente, em todos os testes a que Deus submete os homens, há um positivo elemento de misericórdia, o que transforma esses testes em meios de aprimoramento. De fato, até o próprio julgamento tem essa finalidade (ver I Pedro 4.6). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos* quanto à ilustração desse princípio mesmo no caso dos perdidos.

2.23

Assim o Senhor deixou ficar aquelas nações. O autor sagrado torna a referir-se às quatro razões pelas quais Yahweh não expulsou de todo as populações cananéias da Terra Prometida. Por conseguinte, um decreto divino garantiu a permanência daqueles remanescentes de cananeus na Palestina, até os dias de Davi, quando, finalmente, Yahweh reverteu para melhor o curso dos acontecimentos. Por assim dizer, Deus criou precipícios e obstáculos. Os homens precisam ser submetidos a testes e disciplinas. Podemos olhar para o passado e constatar como crescemos através desses testes.

"Muitos, ao olharem para trás, reconhecem a sua dívida diante de lugares ingremes ao longo do seu caminho; diante dos obstáculos que impediram o seu avanço; diante das competições das tarefas recebidas; diante das cargas que tiveram de suportar. Assim também o povo de Israel, ao olhar para o seu passado, podia ver a mão de um Deus compassivo no fato de que o Senhor deixara aquelas nações, sem expulsá-las de uma vez por todas" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Capítulo Três

Israel entre as Sete Nações (3.1-6)

Antes de iniciar a longa seção que descreve cada um dos treze juízes e seus atos, separadamente, o autor sacro forneceu-nos uma breve descrição da situação de Israel na Terra Prometida; e isso nos deixa com um relatório deveras lamentável. Em face dessa triste situação, foi mister que Yahweh levantasse juízes que trouxessem breves períodos de alívio e de melhoramentos na conduta dos hebreus. De outra sorte, Israel teria sido completamente esmagado dentro do seu próprio território pátrio, por cuja possessão tanto havia lutado. A época dos juízes, portanto, foi uma espécie de período de "marcar passo", até que algo mais definitivo pudesse ser feito, o que se realizou através de Davi e Salomão, quando os filhos de Israel puderam descansar de seus inimigos internos. Porém, lá fora continuavam palpitando os inimigos externos, ou seja, os assírios e os babilônios, que acabariam produzindo os cativeiros e esvaziando a Terra Prometida dos israelitas, da mesma maneira que as sete nações cananéias tinham sido, finalmente, eliminadas.

Na introdução às notas sobre o vs. 20 do capítulo anterior, apresentei as quatro razões pelas quais nem todos os membros das sete nações cananéias, que antes tinham ocupado a Terra Prometida, foram expulsos. A seção diante de nós dá prosseguimento a essas razões. A lista das nações remanescentes foi prefaciada por duas das razões, que são paralelas ao que se lê em Juízes 2.22. São dadas a segunda e a terceira dessas razões, a saber: para servirem de teste e para outorgarem experiência nas lides da guerra, que qualquer povo precisava ter naquele hostil mundo antigo. Para Israel, uma guerra bem-sucedida significava estar andando sob o poder e a orientação de Yahweh, e não apenas saber como matar.

3.1

As nações, que o Senhor deixou. Este versículo repete a segunda das quatro razões pelas quais os cananeus não foram totalmente expulsos da Terra Prometida. Ver os vss. 20-22 do segundo capítulo, onde explico a questão. Uma guerra santa (ver as notas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) era, literalmente, uma luta até a morte. Não podia haver sobreviventes. Yahweh usou a severidade da vida antiga para submeter Israel a teste, a fim de que cada geração aprendesse a obediência, e assim pudesse obter uma grande recompensa. "Como poderíamos pensar em ganhar uma grande recompensa, se nos recusamos a lutar?", assim pergunta um antigo hino. A lei tinha de ser obedecida.

As guerras de Canaã. Estão aqui em mira as guerras daquela geração de israelitas que conquistou a Terra Prometida, ou seja, as guerras de conquista. As gerações subsequentes tiveram de enfrentar as suas próprias guerras, a fim de aprenderem as suas próprias lições. A experiência é uma aquisição pessoal. As gerações posteriores não podiam tomar por empréstimo as experiências da geração de Josué, tornando-as propriedades suas.

3.2

Para lhes ensinar a guerra. Este versículo enumera a terceira das quatro razões pelas quais remanescentes das sete nações cananéias foram deixados na Terra Prometida, a fim de vexarem a Israel. Era necessário que os filhos de Israel aprendessem a guerrear, em um mundo hostil, pois, caso contrário, certamente

CRONOLOGIA DO TEMPO DOS JUÍZES

Datas*	Eventos de Destaque	Juízes	Referências Bíblicas
1230	Conquista de Canaã por Israel		
1220	O início do estabelecimento dos filisteus na Palestina		
1205	O massacre da concubina de um levita e os resultados desastrosos		19.1 - 21.25
1200	Início do período dos Juízes		2.7
1190	Vitória militar sobre Cusã-Risataim	Otniel	3.7-11
1170	Vitória sobre os moabitas	Eúde	3.12-30
1150	Derrota dos filisteus	Sangar	3.31
1125	Derrota de Jabim	Débora e Baraque	4.1 - 5.31
1110	Midianitas vencidos	Gideão	6.1 - 8.35
1085	Poder usurpador em Siquém	Abimeleque	9.1 - 56
1070	Amonitas vencidos	Jefté	10.9 - 12.7
	Filisteus vencidos	Sansão	13.1 - 16.31
1060	Migração dos danitas		18.1- 31
1050	Os filisteus vencem Israel duas vezes; capturam a arca da aliança; morte de Eli e destruição de Silo		I Sam. 4.1-22; Sal. 78.59-64; Jer.7.14
1040	Um juiz quase nacional	Samuel	I Sam. cap. 3 ss.
1020	Saul ungido rei sobre Israel; termina o período dos juízes		I Sam. 10.1,24; 11.15

* As datas (A.C.) são aproximadas e algumas delas, disputadas.

JUÍZES LOCAIS

Os juízes foram provinciais, exercendo poder sobre áreas restritas, não sobre Israel inteiro. A monarquia unifcou o país.

Juízes e Localidades de Poder

Otniel	Sul
Eúde	Sudeste
Sangar	Sudoeste
Débora e Baraque	Central-norte
Abimeleque	Central
Jefté	Central-sudeste
Sansão	Sudoeste
Samuel	Oeste-central-leste

não conseguiriam sobreviver. Para o autor sagrado, porém, aprender a guerrear era fazê-lo sob a direção de Yahweh e em dependência a Ele, e não apenas aprender a matar o inimigo. Portanto, guerrear, no sentido verdadeiro, de acordo com o autor sacro, era um ato de fé e obediência. Israel precisava ter essa experiência, em cada uma de suas gerações.

"Os israelitas não podiam olvidar a disciplina militar. Eles precisavam estar habituados com o uso das armas, a fim de que fossem capazes de defender-se dos ataques de seus adversários. Se fossem fiéis a Deus, então não careceriam aprender a arte de guerrear; mas agora as armas eram uma espécie de substituto necessário para que recuperassem as forças espirituais que tinham perdido. Assim sendo, Deus, em Seus julgamentos, permite que uma nação iníqua ataque e atormente a outra. Se todos se voltassem para Deus, os homens não mais precisariam aprender a guerrear" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.3

Cinco príncipes dos filisteus. Aqui o autor sagrado revela-nos exatamente quais povos tinham vexado a nação de Israel.

Os príncipes filisteus eram os governantes das principais cidades-estados da Filístia: *Gaza*, *Asdode*, *Asquelom*, *Gate* e *Ecrom*, todas as quais recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver Jos. 13.3 quanto a essa lista. Três desses lugares haviam sido conquistados por Judá: Gaza, Asquelom e Ecrom (ver Juí. 1.18). Mas acabaram sendo reconquistadas pelos filisteus (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteus*).

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver sobre os sidônios em Jos. 14.4. Estão em pauta os fenícios. A grande metrópole de *Sidom* (ver a respeito no *Dicionário*) deu seu nome a todo aquele território, mesmo depois que a cidade próxima, Tiro, tornou-se mais poderosa e mais próspera, transformando-se assim na capital política e comercial daquele país.

O território dos heveus é aqui esboçado. Eles dominavam o monte Líbano (ver Jos. 13.5,6), e também desde o monte Baal-Hermon até Hamate. Baal-Hermon era a parte mais oriental do Líbano; e Hamate era a parte do extremo norte, que levava ao vale que havia entre o Líbano e o Antilíbano. Ver Núm. 34.8; Jos. 11.3 e 13.5. "Os horeus que se tornaram mais conhecidos, nos tempos de Josué, foram os gibeonitas, que ocupavam uma confederação de cidades-estados que incluía Gibeom (ver Jos. 9.7)... Os heveus, ao que parece, eram horeus que antes tinham estado associados ao reino mesopotâmico superior de Mitani" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Quanto a maiores detalhes, ver os artigos acerca de cada nome próprio no *Dicionário*.

O autor sagrado fornece uma lista mais completa de nações opositoras a Israel no quinto versículo, isto é, seis dentre as sete nações que tiveram de ser expulsas da Terra Prometida.

3.4

Estes ficaram, para... provar a Israel. Temos aí a segunda das quatro razões pelas quais Yahweh permitiu que ficassem remanescentes das sete nações cananéias na Terra Prometida. Ver a exposição sobre Juí. 2.20,22 e 3.1, quanto a essa questão, pois aquelas notas também têm aplicação aqui. Esse teste estava essencialmente vinculado a quão bem Israel obedeceria às provisões do Pacto Mosaico, cujo sumário era a obediência à lei. Cada geração precisava ser ensinada a obedecer à lei; daí fluía toda a vida e a prosperidade material. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 quanto a esse ensino.

3.5

Habitando, pois, os filhos de Israel. Temos aqui a lista de seis dentre as sete nações que Israel deveria ter expulsado da Terra Prometida. Ver as listas em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, cujos comentários também se aplicam aqui. Ver sobre cada uma dessas sete nações separadamente, no *Dicionário*.

Os *girgaseus* (ver a respeito no *Dicionário*) foram deixados de fora da lista. Ver Jos. 24.11. Em nove das dez listas das nações cananéias, os girgaseus são omitidos. Ao que parece, os poucos membros dos girgaseus que sobreviveram à invasão de Israel fugiram para a África, pelo que deixaram de ser habitantes da Palestina. Mui provavelmente, alguns poucos dentre eles que ficaram na Palestina acabaram sendo absorvidos por outros povos cananeus.

3.6

Tomaram de suas filhas para si por mulheres. A guerra santa (ver as notas em Deu. 7.1-5; 20.10-18) proibia casamentos mistos com povos pagãos. Ver Deu. 7.3,4. Essa regra foi rigidamente observada nos dias de Josué. Os violadores desse princípio eram executados. O anjo-mensageiro, em Boquim (ver Juí. 2.1), não denunciara especificamente esse pecado, pelo que, ao que parece, naquele tempo, isso não constituía um dos fatores que precisavam ser levados em conta. Porém, uma vez que faleceram Josué e os anciãos que tinham servido juntamente com ele, então as coisas começaram a ruir por terra, e os casamentos mistos (e, juntamente, a idolatria) tornaram-se coisa comum em Israel. Ver o trecho de Juízes 2.7 quanto à conduta relativamente boa do povo de Israel enquanto ainda viviam Josué e aquela geração de anciãos do povo.

"Os israelitas misturaram-se por casamento com os habitantes da terra, de modo contrário ao mandamento expresso de Deus (ver Deu. 7.3). Desse modo eles confundiram suas famílias, aviltaram o seu sangue, e foram apanhados nas redes da idolatria... Puseram-se a servir a outros deuses, o que era uma conseqüência natural daqueles casamentos mistos, conforme o Senhor tinha previsto e avisado (ver Êxo. 34.15,16; Deu. 7.3,4)" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

Otniel (3.7-11)

Imediatamente antes do começo da exposição, em Juízes 1.1, apresentei dois materiais ilustrativos: 1. uma lista dos treze juízes de Israel, com algumas informações básicas sobre eles; 2. um mapa que ilustra onde, dentro de Israel, eles atuaram e quais oponentes específicos tiveram de enfrentar. A cada um dos juízes foi dado um artigo em separado no *Dicionário*.

Os Treze Juízes. Eles não eram advogados, mas líderes carismáticos vindos de todos os níveis da sociedade. Foram levantados por Yahweh, em tempos de perigo especial e de retrocesso, sobretudo em casos de queda na idolatria. Eles viveram em tempos de desunião e apostasia e serviram de instrumentos mediante os quais Yahweh tratou com Israel, até que algo mais poderoso foi efetuado, por intermédio de Davi e Salomão, o que, finalmente, libertou Israel de seus inimigos internos. O declínio subseqüente de Israel atraiu adversários externos, a saber, os assírios e os babilônios, por meio dos quais os próprios hebreus foram expulsos da Terra Prometida, no que consistiu os dois primeiros cativeiros. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*.

O livro de Juízes registra sete apostasias, sete servidões a potências estrangeiras e sete livramentos de Israel.

Tipologia. O paralelo espiritual do livro de Juízes é a história da Igreja professa fragmentada, desde os dias dos apóstolos até hoje. Todo senso de unidade perdeu-se. Ver o segundo capítulo de I Coríntios.

3.7

Os filhos de Israel fizeram o que era mau. Essa primeira apostasia foi apresentada mediante a expressão que se tornou comum, uma fórmula padronizada que introduz períodos de maldade e apostasia especiais, dos quais o povo de Israel carecia ser libertado. O adjetivo "mau", neste caso, indica especialmente crimes religiosos, sobretudo o pecado da idolatria. Ver essa mesma expressão em Juí. 2.11; 3.7,12; 4.1; 6.l; 10.6 e 13.1. Ver também Deu. 4.25; 9.18; 17.2 e 31.29.

Renderam culto aos Baalins. Ou seja, formas variegadas da adoração a Baal. Já apresentei notas expositivas sobre isso em Juí. 2.11, pelo que não repito aqui a questão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Baal (Baalismo)*.

Poste-ídolo. A Revised Standard Version, em inglês, diz *Asheroth*, mas a Septuaginta e a versão siríaca dizem *Astartes*, no que concordam com Juí. 2.13 (ver ali as notas expositivas). A King James Version, em inglês, diz "bosques", ou seja, áreas florestadas onde eram efetuadas cerimônias idólatras, como os lugares altos, que usualmente também eram áreas cobertas de florestas. O termo hebraico correspondente, asherah, pode significar também um santuário com um ídolo em tais lugares (ver Deu. 16.21). Essa talvez seja a origem do termo "poste-ídolo", na versão portuguesa. Esse tipo de ídolo parece ter sido alguma espécie de árvore sagrada, ou então um ídolo feito da madeira de tal árvore. Há monumentos assírios que mostram essas obras idólatras. Em Israel, toda forma de idolatria era associada aos bosques (ver II Reis 17.16,17). Ver sobre Astarote, em Juízes 2.13. Há um artigo no *Dicionário* intitulado *Poste-ídolo*. Esse artigo fornece todas as informações de que dispomos sobre o assunto. Ver também, no *Dicionário*, o verbete denominado *Lugares Altos*.

3.8

Então a ira do Senhor se acendeu. Temos aí a primeira punição contra Israel. A primeira apostasia não conseguiu passar sem o devido castigo. O povo de Israel, que usou seu livre-arbítrio para abandonar a Yahweh, logo teve esse livre-arbítrio arrebatado por parte de um povo estrangeiro.

Cusã-Risataim. Ver o artigo no *Dicionário* sobre esse rei. A referência é obscura. Não há outra referência bíblica sobre esse homem e seu povo. Em *Habacuque* 3.7, a palavra *Cusã* ali mencionada (ver a respeito no *Dicionário*) parece referir-se a uma região de Midiã. A lista do Faraó Ramsés III fala de um distrito sírio chamado Qusana-Ruma, na região de Aram-Naaraim, sendo possível tratar-se do mesmo lugar aqui referido. Mas há outras opiniões a respeito, e tudo quanto se sabe

aparece naquele artigo do *Dicionário*. Sem importar qual seja a identificação exata, o que sabemos é que houve uma servidão de oito anos, e que foi tarefa do primeiro juiz de Israel, Otniel (vs. 9), livrar Israel dessa primeira opressão.

O nome Cusã-Risataim significa "dupla iniqüidade". Isso parece indicar que uma grande iniqüidade castigou Israel por causa de sua grande iniqüidade.

Rei da Mesopotâmia. No hebraico temos aqui Aram-naharian, "terra alta dos dois rios", sem dúvida, uma referência à Mesopotâmia (com seus dois famosos rios, o Tigre e o Eufrates). Alguns dizem que Aram é uma alteração do nome Edom; e, nesse caso, o opressor vinha do nordeste, onde hoje fica a Síria.

3.9

Otniel. Ver o artigo sobre esse homem no *Dicionário*, quanto ao que se sabe ou se supõe sobre ele. Seu nome significa "Deus (El) é poderoso", ou então, "leão de Deus". Ver, imediatamente antes de Juízes 1.1, um mapa das áreas das opressões com seus respectivos juízes, bem como um gráfico dos treze juízes de Israel, que nos fornecem informações básicas.

Parece que Otniel era cabeça da tribo de Judá, o qual, na ocasião referida aqui, adquiriu autoridade de âmbito nacional. Nenhum dos juízes, contudo, foi um verdadeiro rei, nem governou sobre um povo de Israel unificado. Pelo contrário, os juízes foram chefes locais, líderes carismáticos que governavam localmente e adquiriam uma autoridade mais do que meramente local, em tempos de crise.

Por Que Essa Crise? O castigo divino que Otniel foi convocado a aliviar ocorreu por causa do surto de idolatria descrito no sétimo versículo deste capítulo. Apostasia, mediante a idolatria, era uma violação dos vários pactos que Yahweh havia firmado com o povo de Israel. Essa idéia é expandida no vs. 12 deste capítulo.

Israel começou a servir a deuses estrangeiros; e, assim sendo, acabou também servindo a potências estrangeiras. O trecho de Juízes 2.14 informa-nos que isso aconteceu por repetidas vezes. Este livro registra sete apostasias, sete servidões e sete libertações. Os juízes foram instrumentos divinos de redenção. Ver Juí. 1.13 quanto a uma menção prévia a Otniel. Ele já nos havia sido apresentado como filho do irmão mais novo de Calebe, Quenaz (cf. Jos. 15.13-19).

Quanto ao *clamor ao Senhor*, ver Nee. 9.27; Sal. 107.13. Cf. Sal. 26.5; 78.34 e 106.44.

3.10

Veio sobre ele o Espírito do Senhor. Otniel recebeu poder para realizar uma tarefa especial. Sem a unção especial do Espírito de Deus, Otniel não poderia ter feito o que fez. Para isso tornar-se realidade é que ele foi ungido por Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Unção* e *Espírito de Deus*. O Espírito Santo iluminou, inspirou e impulsionou o homem, para que ele tivesse o necessário para desempenhar a sua missão especial.

Variedade de Tarefas de Otniel:

1. Reuniu capacidade militar para reverter uma opressão estrangeira.
2. Decidiu disputas e baixou julgamentos, trabalho próprio de um líder entre o povo.
3. Foi um líder espiritual conhecido como agente do Espírito de Deus.
4. Exerceu a obra geral de supervisão, pelo menos sobre uma boa parcela do povo de Israel, embora sua autoridade não fosse universal em Israel. Mas pelo menos a sua influência foi sentida para além das fronteiras da tribo de Judá, onde, provavelmente, ele foi o líder principal.

Os Targuns afirmam que Otniel era dotado do espírito de profecia. Cf. Isa. 61.1 e Núm. 11.25. As tradições judaicas exaltam a Otniel, fazendo dele o mais elevado e espiritual dos juízes, aplicando-lhe as palavras de Cantares 4.7: "Tu és toda formosa, querida minha, e em ti não há defeito". Eles o consideravam homem erudito na lei mosaica.

3.11

A terra ficou em paz durante quarenta anos. Enquanto Otniel viveu, a Terra Prometida ficou livre de opressões, por nada menos de quarenta anos. Na Bíblia, o número quarenta é importante. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Quarenta* e *Número (Numeral, Numerologia)*. Esse fato pode ser comparado com a informação de que, enquanto Josué e os anciãos de seus dias viveram, Israel teve uma boa conduta e gozou de paz (Juí. 2.7). Mas depois que aqueles líderes morreram, Israel caiu em pedaços.

Para o rabino Tanchum essas palavras dizem que a paz em Israel continuou imperando até quarenta anos depois da morte de Otniel. Devemos pensar assim ou somente que durante os quarenta anos de juizado de Otniel imperou a paz? Uma cronologia precisa do período dos juízes de Israel é praticamente impossível. Eusébio afirmou que Otniel julgou a Israel pelo espaço de cinqüenta anos; mas não sabemos dizer até onde essa informação está certa. Meu gráfico, que aparece em Juízes 1.1, fornece dados cronológicos gerais acerca dos juízes. Cerca de trezentos e cinco anos foi o período coberto pelos treze juízes.

O número dos juízes varia, dependendo de várias considerações. Quanto a informações a respeito, ver a introdução ao livro de Juízes, seção VII. O artigo chamado *Cronologia do Antigo Testamento*, sec. V e.4, aborda a questão da cronologia do livro de Juízes. Ali se observa que restam muitas incertezas cronológicas.

Eúde (3.12-30)

Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Eúde*, a respeito do que se sabe ou se tem especulado sobre ele. Ele foi um herói dos benjamitas. Ver Gên. 46.21. A tribo de Benjamim, e talvez outras também, foi dominada durante dezoito anos por Eglom, o moabita (vs. 14). Seu nome, em hebraico, significa "forte". Mediante a força que Deus lhe deu, ele foi capaz de livrar uma parte de Israel que havia caído sob o domínio dos moabitas. Ele viveu em torno de 1340 A. C.

3.12

Tornaram, então, os filhos de Israel a fazer o que era mau. Talvez a palavra mais triste de todas essas seja a primeira, "tornaram". Quanto a essa expressão, que indica os períodos históricos em que o povo de Israel se mostrou rebelde, uma fórmula que introduz lapsos especiais, ver as notas expositivas e as referências em Juí. 2.11 e 3.7. Alguma forma agravada de apostasia, por meio da idolatria, geralmente está aqui em pauta. Temos aí uma violação ao Pacto Mosaico e do Pacto Palestínico. Ver as notas sobre o primeiro, no capítulo 19 de Êxodo; e sobre o segundo, na introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio. As apostasias eram violações das alianças, sobretudo do Pacto Abraâmico, que incluía, em seu escopo, todos os demais pactos. Ver sobre esse pacto em Gên. 15.18.

Eglom, rei dos moabitas. Ver sobre esse homem no *Dicionário*. Ele se tornou o instrumento divino para castigar o povo de Israel. Durante longos dezoito anos (ou boa parte desse período), os hebreus estiveram sujeitos a esse homem e à sua turba. Quanto a detalhes sobre ele, ver o artigo referido anteriormente. Ver também o artigo do *Dicionário* intitulado *Moabe*.

3.13

Ajuntou consigo os filhos de Amom, e os amalequitas. Eglom, rei dos moabitas, entrou em aliança com outros dois povos vizinhos para oprimir Israel. Temendo forte resistência da parte dos benjamitas, e dispondo-se a dividir os despojos com outros, Eglom fez acordo com os povos mencionados, sobre os quais há artigos no *Dicionário*. Os amonitas e os amalequitas eram tribos do deserto, vizinhos dos moabitas. Eles feriram a tribo de Benjamim e toda aquela área, e também levaram as suas sortidas até Jericó, a cidade das palmeiras. Aquela cidade tinha sido amaldiçoada, e nunca mais deveria ser reconstruída. Este versículo talvez indique que alguém havia ousado desafiar a maldição, somente para nela perecer. Ver Deu. 34.3; Jos. 1.16 e 6.26. A cidade de Jericó foi reconstruída nos dias de Acabe, apenas para ser novamente arruinada. A moderna cidade de Jericó não ocupa o mesmo local antigo, mas fica a alguma distância dali, posto que na mesma área geral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jericó*, onde essa questão é esclarecida.

3.14

Os filhos de Israel serviram a Eglom. A campanha encabeçada por Eglom logrou êxito (ele atacou a tribo de Benjamim e ainda ocupou mais algum espaço), pelo que parte do povo de Israel acabou tendo de servir aos moabitas. O livro de Juízes registra sete apostasias, sete servidões e sete livramentos. A prática do que "era mau" (vs. 12) nunca deixou de redundar em castigo, sob a forma de alguma opressão por parte de algum poder estrangeiro. Esse segundo lapso de Israel mereceu um castigo ainda mais severo do que o primeiro: dezoito anos de servidão, em contraste com oito anos (vss. 8 e 14). Um "jugo de ferro" foi um castigo apropriado por causa da apostasia. Ver Deu. 28.47,48. "A narrativa, entretanto, mostra-nos que o domínio exercido pelos moabitas não se estendeu para além das fronteiras de Efraim (vs. 13)" (Ellicott, *in loc.*).

3.15

Eúde, homem canhoto. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele, quanto a completas informações. Ele enfrentou a violência com a violência. Na antiguidade, ser alguém canhoto era considerado tanto uma bênção quanto uma maldição, uma marca incomum de distinção para o bem ou para o mal. Ver Juízes 20.16 quanto à habilidade especial dos benjamitas canhotos quanto ao uso da funda. Alguns estudiosos interpretam este versículo como se quisesse dizer que Eúde tinha algum defeito na mão direita, pelo que seria forçado a usar a mão esquerda. A Septuaginta traduz o hebraico original como "ambi-

destro", mas na verdade essa palavra hebraica significa "fechado" em sua mão direita. Isso poderia ter ocorrido mediante algum acidente, ou meramente por nascimento. Sua mão direita era mais fraca e inferior, em comparação com a mão esquerda. Nesse caso, provavelmente ele era mesmo canhoto. Josefo escreveu sobre ele: "Ele podia usar melhor a sua mão esquerda" (*Antiq.* 1.5, sec. 2).

Tributo. Algumas traduções dizem aqui "um presente". Porém o mais provável é que estivesse em vista um tributo regular. Tinha ocorrido grande matança entre os israelitas; mas havia sobrado um número suficiente deles para manter o dinheiro fluindo até os cofres de Eglom.

3.16

Um punhal de dois gumes. Eúde, pois, preparou-se para o ato de traição. A ordem era matar ou ser morto. Os moabitas tinham matado muitos israelitas, e agora estavam roubando o dinheiro deles. Eúde estava cansado de seguir esse programa. Isso posto, levou consigo uma adaga, debaixo das dobras de sua veste. Esse seria o instrumento que tiraria a vida do gordíssimo Eglom; e logo a ira de Israel voltar-se-ia contra todos os moabitas e seus aliados, deixando inúmeros cadáveres por toda a planície. Josefo chamou a adaga de "pequena espada de dois gumes". Tinha cerca de quarenta e seis centímetros de comprimento, e era uma arma mortífera (ver *Antiq.* 1.5, cap. 2). As espadas usualmente eram usadas sobre a coxa esquerda, mas aquela foi usada sobre a coxa direita, porquanto Eúde era homem canhoto. O comprimento do braço de um homem torna-lhe difícil puxar uma espada pendurada do mesmo lado daquele braço. Pessoas sob servidão deveriam andar desarmadas, mas ninguém obedeceria a uma regra dessas. As adagas eram usadas no lado direito do corpo, porque seu pequeno comprimento permitia mais fácil manipulação. Cf. a traição de Joabe contra Amasa, em II Samuel 20.9,10.

3.17

Levou o tributo a Eglom. Eúde pôde assim aproximar-se bem de perto de Eglom, na qualidade de mensageiro de Israel. A traição foi facilitada por causa do ato oficial que ele estava prestes a efetuar. Eglom era homem muito gordo, e foi facilmente enganado. Possuía guarda-costas e soldados; e parecia-lhe que nada tinha por temer. Mas Eúde usou um momento de honraria e pagamento de tributo como momento fatal. Josefo ajuntou que Eúde se fez acompanhar de dois servos, que transportavam os metais preciosos e outros artigos de grande valor, que serviriam como tributo (ver *Antiq.* 1.5, cap. 4, sec. 2); e adicionou que Eúde era ainda jovem, que tinha vivido em íntimo contato com Eglom, tendo ganhado suas simpatias através de presentes oferecidos em ocasiões anteriores. Tais detalhes, entretanto, parecem fruto de fantasia.

3.18,19

Tenho uma palavra secreta a dizer-te, ó rei. O astucioso plano traçado por Eúde apanhou Eglom e sua guarda pessoal em um momento de desatenção. Uma delegação tinha ido fazer a entrega do tributo a Eglom. Como já vimos, Josefo diz que Eúde se fez acompanhar de dois servos, para ajudá-lo a transportar as peças valiosas que faziam parte do "presente". A natureza comum da missão não deixava transparecer nenhuma anormalidade. O tributo foi apresentado, e Eúde e seus servos começaram a voltar. A guarda pessoal de Eglom foi despedida. Mas, quando Eúde chegou a um local onde havia "imagens de escultura", ele voltou, sem ser acompanhado por ninguém. Essa alusão às imagens é bastante vaga. Alguns estudiosos pensam que estejam em vista as pedras que Josué tinha retirado do leito do rio Jordão, para com elas fazer uma coluna memorial (ver Jos. 4.20). Mas tais pedras dificilmente seriam chamadas de "imagens de escultura". O mais provável, pois, é que fossem imagens idólatras de alguma espécie, que Eglom teria levantado para desafiar a Israel e sua fé religiosa. Seja como for, de onde estavam essas imagens, dali Eúde voltou para a presença de Eglom. Eúde não voltara na companhia de ninguém, e encontrou Eglom sozinho. Foi uma oportunidade sem igual. Aquele lapso na proteção ao rei custou a vida de Eglom.

As imagens de escultura. No hebraico, *pesîlîm*. Ver Deu. 7.5 quanto a essa palavra, aplicada aos ídolos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*.

3.20,21

Sala de verão, que o rei tinha só para si. Eglom dispunha de uma sala mais fresca, para seu conforto exclusivo. Está em vista um compartimento de um único quarto, sobre o andar superior da casa. Era um lugar dotado de boa ventilação, que oferecia boa visão para o lado de fora da casa. Também era protegido dos raios do sol. Ver Amós 3.15. Eúde encontrou Eglom sozinho, naquela sala. E fingiu que tinha um recado especial da parte de "Elohim", o Deus dos hebreus. Eglom ergueu-se cortesmente, a fim de receber a misteriosa comunicação. Quando ele assim fez, o canhoto Eúde puxou a adaga de debaixo de suas vestes. E antes que Eglom compreendesse o que o havia atingido, a adaga estava enfiada até o cabo em seu ventre volumoso, desaparecendo entre as dobras de gordura. Eglom, que havia tirado a vida de muita gente, agora caía debaixo da mesma sorte. E Eúde, que sem dúvida também já havia tirado a vida de muitos, pois todos eles eram guerreiros selvagens, calmamente se retirou, depois que a sua "mensagem" tinha sido entregue de forma tão dramática. A mensagem foi um ferimento fatal "no coração", conforme disse Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 4, sec. 2).

3.22

A gordura se fechou sobre ela [a lâmina]. O acúmulo de gordura era muito grande, e a adaga de Eúde perdeu-se dentro do corpo de Eglom. Eúde não conseguiu retirá-la do corpo do rei, a fim de defender-se, caso fosse surpreendido na saída, e nem pôde mostrá-**la** como um memorial aos seus amigos, mais tarde.

Nossa versão portuguesa oculta um detalhe arrepiante. O original hebraico diz que a lâmina saiu do corpo de Eglom por detrás, ou seja, pelo ânus de Eglom. O termo hebraico usado é *parshedon*, "ânus". Mas, visto que se trata de uma *hapax legomenon* (palavra usada somente por uma vez), a referência é um tanto obscura, o que talvez tenha levado os revisores da Bíblia portuguesa a ignorá-la. O mais provável é que Eglom, ferido de súbito de maneira tão sanguinária, perdeu o controle de seus movimentos intestinais e assim expeliu excremento pelo ânus. Nem sempre o Antigo Testamento importa-se em dizer as coisas da maneira mais elegante. De uma maneira gráfica, sim; de uma maneira elegante, não. Não é de surpreender, pois, que as traduções procurem evitar essas declarações mais bruscas com algum tipo de eufemismo. Os Targuns dizem aqui que "o alimento saiu", mas isso também representa um eufemismo. O siríaco diz: "ele [Eúde] saiu rapidamente", como se ele, e não os excrementos é que tivessem escapado do corpo do rei. A Septuaginta simplesmente deixa de fora essas palavras. A nossa versão de Almeida fala em "postigo", ou seja, uma "portinhola", seguindo assim de perto a versão siríaca, em que a palavra se refere à retirada de Eúde.

3.23

Vestíbulo. No original hebraico, este também é um hapax legomenon, isto é, vocábulo que aparece somente por uma vez; e as traduções esforçam-se para traduzi-lo. Kimchi dizia que se tratava de uma antecâmara; mas outros pensam que se trata de uma passagem entre colunas.

Depois de cerrar sobre ele as portas. A fim de ganhar tempo, Eúde trancou as portas. Quando o cadáver foi descoberto, afinal, Eúde já estava seguro, muito longe dali. Eúde, à semelhança de Jacó (ver Gên. 30 e 31), foi tido como um homem esperto, por ter conseguido iludir Eglom e seus servos. Dessa maneira, enganadores e assassinos foram eles mesmos enganados e mortos, e a justiça foi feita, ainda que de forma crua e repelente.

3.24

Está ele aliviando o ventre na privada. Não foi nenhuma piada! Este versículo tem sido submetido a algumas piadas de mau gosto. Quando os atendentes de Eglom viram que ele tinha trancado as portas, imaginaram que tinha feito isso como um ato de cortesia, porquanto Eglom havia "coberto os seus pés". Mas essa expressão é um eufemismo, no hebraico, para "aliviar o ventre". "... visto que os povos orientais usavam vestes longas e frouxas, quando se sentavam para aliviar o ventre, seus pés eram cobertos com as vestes" (John Gill, *in loc.*). E, conforme John Gill prosseguiu, foi dessa circunstância que surgiu a expressão "cobrir os pés" para indicar servir-se da privada. Alguns comentaristas judeus procuram evitar a questão, dizendo: "Ele se deitou para descansar", mas não há que duvidar de que essa é uma interpretação errada.

3.25

Aborreceram-se de esperar. Os servos de Eglom, julgando que ele estivesse se aliviando o ventre, ficaram esperando que ele saísse. Mas como ele se demorasse em demasia, envergonharam-se diante de sua espera tola. Finalmente, destrancaram as portas e ali, em meio a uma grande poça de sangue e de excremento humano, encontraram o seu grande líder, Eglom!

Chave. Temos aqui o primeiro uso da palavra hebraica que significa "chave", embora não devamos imaginar uma chave como as que conhecemos em nossos dias. Esses instrumentos, nos dias antigos, eram parecidos com foices tortas, e a sua função era fazer as trancas mover-se de seu lugar, permitindo que as portas

se abrissem. As chaves antigas eram feitas de madeira ou de metal. Dispunham de um gancho na extremidade, que passava através de uma perfuração e apanhava a tranca, pelo lado de dentro, e a levantava.

3.26

Eúde escapou... foi para Seirá. Enquanto o drama se desenrolava lentamente no palácio de Eglom, Eúde, rápida e seguramente, passava pelas imagens de escultura (vs. 19) e fugia para Seirá. Essa palavra, nome de uma localidade, significa no hebraico "de pau", "agreste". Sua localização é hoje muito incerta, embora se saiba que ficava nas montanhas de Efraim, fronteira com o território de Benjamim. Talvez estejam em foco apenas as florestas de Efraim, que ficavam na região montanhosa dessa tribo.

3.27

Tocou a trombeta. Dessa maneira, Eúde fez soar a convocação para a batalha. Em seu entusiasmo por haver matado a Eglom, e supondo ter desmoralizado os moabitas, Eúde convocou seus compatriotas para a guerra. Tocou sua trombeta e convocou o povo para contar as boas-novas, e para que eles tirassem proveito do momento a fim de se libertarem dos opressores moabitas. Uma grande multidão atendeu prontamente ao seu chamamento, e assim Eúde ficou dispondo de um improvisado mas entusiasmado exército, posto sob o seu comando.

3.28

E lhes disse: Segui-me. Os israelitas reuniram-se imediatamente em torno de Eúde, na certeza de que os inesperados acontecimentos tinham sido outorgados por Yahweh, e que o domínio dos moabitas havia chegado ao fim. Os baixios do rio Jordão foram ocupados, impedindo assim a fuga dos moabitas.

"Os vaus do Jordão eram poucos e bem distanciados uns dos outros (ver Jos. 2.7). A inclinada ravina, que o rio atravessa em sua passagem, forma uma barreira natural para a Palestina ocidental. E assim, ocupando esses vaus, os israelitas cortaram qualquer chance de os moabitas receberem ajuda de fora... Os movimentos rápidos de Eúde tornaram impossível o escape" (Eliicott, *in loc.*).

"Isso os israelitas fizeram para impedir que os moabitas, que se encontravam em território de Israel, fugissem para o território de Moabe, e para que aqueles que estavam em Moabe viessem ajudar aos primeiros" (John Gill, *in loc.*).

3.29

Feriram dos moabitas uns dez mil homens. Eúde tinha razão. O tempo de domínio de Moabe sobre os israelitas havia chegado ao fim. Todo invasor moabita foi morto; e o autor sagrado deixou bem claro que todos eles eram homens fortes, soldados capazes. Contudo, isso não foi o suficiente para salvar a nação de Israel daquele terrível círculo vicioso de apostasia-servidão-livramento. Pois tudo haveria de repetir-se com o tempo.

Aquela foi a segunda vez, nos dias dos juízes, que o círculo vicioso ocorrera. Tudo haveria de repetir-se por mais cinco vezes. Parece que o povo de Israel não conseguia aprender a sua lição, ainda que os hebreus nunca tivessem sido abandonados por Yahweh. Os moabitas que estavam do lado oposto do rio Jordão não demorariam a receber notícias sobre a má sorte que caíra sobre os moabitas que tinham invadido o território de Israel. Tão cedo não haveriam de tentar outra invasão. Por isso mesmo, houve oitenta anos contínuos de paz, conforme aprendemos no versículo seguinte.

Todos robustos e valentes. O original hebraico diz, literalmente, "gordos", talvez uma referência escarninha ao nédio rei Eglom. Ele era muito gordo, e os moabitas que tinham invadido Israel, explorando os hebreus como estavam explorando, também tinham engordado. É possível que o autor sagrado tencionasse apresentar aqui outra piada. No dizer de Eliicott (*in loc.*): "... parece que essas palavras foram ditadas por um negro senso de humor". Ben Gerson, entretanto, afirma que a palavra aqui traduzida por "robustos" significa "ricos", porquanto se tinham enriquecido às custas dos israelitas. No entanto, toda aquela exploração chegara ao fim de um dia para outro.

3.30

E a terra ficou em paz oitenta anos. Todos os moabitas que tinham invadido o território de Israel foram eliminados; e os que viviam do outro lado da fronteira não mais tentaram outra conquista militar. Por isso mesmo, houve o prolongado período de oitenta anos em que os filhos de Israel não sofreram nenhuma opressão estrangeira. Uma vez mais, portanto, tinha-se completado o ciclo horrendo de apostasia, subjugação e libertação.

Alguns estudiosos crêem que esses oitenta anos começaram a partir do domínio imposto pelos moabitas; mas outros pensam nos anos que se seguiram ao livramento conferido por Eúde. Ver o meu gráfico imediatamente antes de Juízes 1.1, onde são dados os nomes dos juízes de Israel e alguns poucos detalhes. Conforme já dissemos, uma cronologia exata do período dos juízes é algo quase impossível. O arcebispo Ussher calculou que esse período se prolongou por cerca de trezentos e cinco anos.

Sangar (3.31)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sangar*, quanto a informações sobre o que se sabe ou se tem conjecturado sobre ele. Neste ponto, o autor sagrado fornece um único versículo sobre esse juiz de Israel. Conforme sempre aconteceu com os juízes, o que o distinguiu foi que ele conseguiu livrar Israel da servidão por meio de sua força militar, pois era capaz de matar o inimigo com grande maestria.

No trecho de Juízes 5.6 temos um breve comentário sobre as estradas não ocupadas, nos dias desse homem. A situação local ficara bastante desorganizada, abandonada e causara um desespero tal que as estradas acabaram caindo em total desuso. Os viajantes eram forçados a apelar para meros atalhos, por causa dos assaltos e dos assassinatos. Em outras palavras, um baixíssimo ponto de degradação chegara a dominar nos dias de Sangar. Talvez parte do trabalho dele consistisse em limpar as estradas de estrangeiros criminosos e assaltantes. Esse homem vivia na cidade filistéia de Anate, na Galiléia. Para alguns estudiosos, entretanto, Anate parece ser o nome do pai de Sangar. O fato foi que, desse tempo em diante, os filisteus vieram a tornar-se os principais opressores dos filhos de Israel.

3.31

Uma aguilhada de bois. Embora esse instrumento fosse usado na agricultura, também servia muito bem para matar seres humanos. Sangar tornou-se muito habilidoso nesse propósito. Uma aguilhada de bois era, essencialmente, uma vara forte e pontiaguda. A ponta era, algumas vezes, recoberta com metal, que então precisava ser afiado de vez em quando. Sangar mantinha sua aguilhada aguçada, e sempre matava com ela. Podemos supor que o número de homens que ele matou — seiscentos - tenha sido o número acumulado, e não que ele tenha matado os seiscentos homens de um golpe só, ou em um único ataque. Sansão, mais tarde, foi capaz de matar mil homens de uma só assentada, usando uma queixada de jumento (ver Juízes 15.14 ss.). Sangar não foi nenhum Sansão, mas revelou-se um matador selvagem e muito habilidoso.

Uso Figurado. Ver Atos 26.14: "Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões". Essas palavras, ditas pelo Senhor Jesus a Saulo, na estrada para Damasco, indicam alguma rebeldia estúpida contra a autoridade. Tal rebeldia serve somente para maltratar o indivíduo rebelde.

Tal como no caso dos outros juízes antes dele (Otniel, Juí. 3.7-11; e Eúde, Juí. 3.15-30), Sangar usou a sua capacidade de matar como meio de livrar Israel dos opressores filisteus, talvez a primeira das opressões desfechadas pelos filisteus contra Israel. Assim foi novamente posto em movimento o antigo círculo vicioso de apostasia, servidão e livramento.

Em Que Época Atuou Sangar? Todos os informes cronológicos fazem-se ausentes no caso de Sangar. E é curioso que lemos que Débora e Baraque seguiram-se a Eúde. É provável, portanto, que o autor sagrado não dispusesse de cronologias precisas, pelo que nos deixou com muitas dúvidas a respeito.

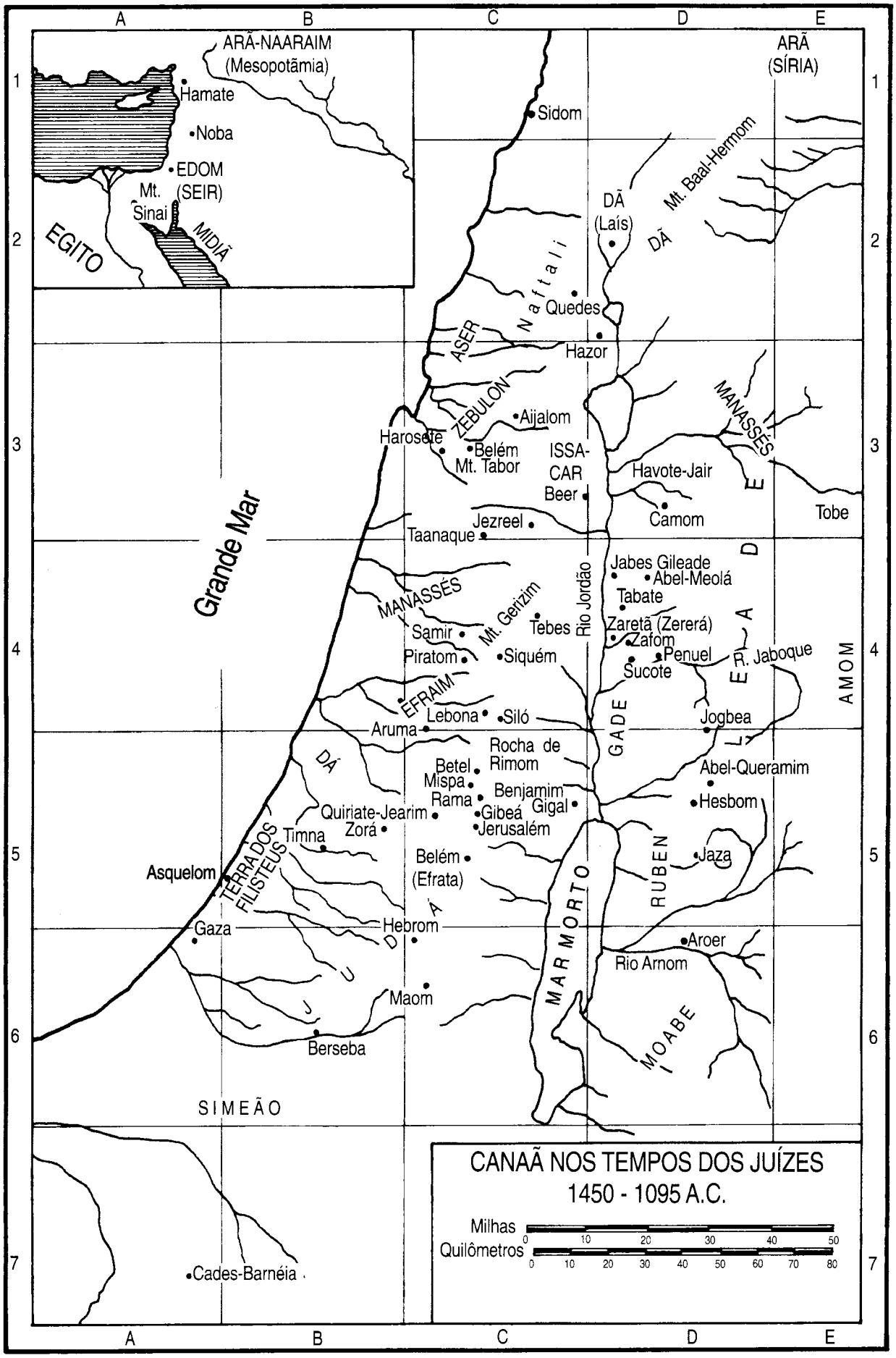
Capítulo Quatro

Débora e Baraque (4.1 - 5.30)

Tradicionalmente, falamos em treze juízes (ver o gráfico antes de Juí. 1.1); mas o número deles também pode ser calculado de outras maneiras. Ver um mapa, antes de Juí. 1.1, que mostra a localização dos atos dos juízes. Quanto a questões de cronologia, ver no *Dicionário, Cronologia do Antigo Testamento*, V.4.

Os juízes eram heróis locais que, de alguma maneira governavam partes distintas do território de Israel. Eram líderes tribais militares, carismáticos. Houve sete apostasias, sete servidões e sete livramentos. Eles foram instrumentos dos atos de redenção que eram seguidos por alguns anos de paz.

A Derrota da Confederação Cananéia. Quanto a isso, há dois relatos. O primeiro, sob a forma de prosa, é encontrado no capítulo quarto; e o outro, sob forma de poesia, aparece no quinto capítulo. Os instrumentos usados por Deus para tanto foram Débora e Baraque, que podem ser considerados individualmente ou como um par que ocupava uma única liderança. Essa liderança ocorreu após a morte de Eúde (vs. 1). A Terra Prometida desfrutou oitenta anos de descanso.


A
B
C
D
E
1
2
3
4
5
6
7
ARÃ-NAARAIM
(Mesopotâmia)
Hamate
Noba
EDOM
Mt. (SEIR)
Sinai
EGITO
MIDIÃ
ARÃ
(SÍRIA)
Sidom
Mt. Baal-Hermom
DÃ
(Laís)
DÃ
Naftali
Quedes
ASER
Hazor
ZEBULON
Aijalom
MANASSÉS
Harosete
Belém
Mt. Tabor
ISSA-
CAR
Havote-Jair
Beer
Camom
Tobe
Jezreel
Taanaque
Grande Mar
Jabes Gileade
Abel-Meolá
Tabate
MANASSÉS
Mt. Gerizim
Rio Jordão
Tebes
Zaretã (Zererá)
Samir
Zafom
Piratom
Siquém
Penuel
R. Jaboque
Sucote
AMOM
EFRAIM
Lebona
Siló
Aruma
Jogbea
GADE
Rocha de
Rimom
DÁ
Betel
Abel-Queramim
Mispa
Benjamim
Rama
Gigal
Hesbom
Quiriate-Jearim
Gibeá
Zorá
Timna
Jerusalém
Belém
(Efrata)
Jaza
Asquelom
TERRA DOS
FILISTEUS
RUBEN
Gaza
Hebrom
DÁ
Aroer
Rio Arnom
MAR MORTO
Maom
MOABE
Berseba
SIMEÃO
Cades-Barnéia
CANAÃ NOS TEMPOS DOS JUÍZES
1450 - 1095 A.C.
Milhas
0 10 20 30 40 50
Quilômetros
0 10 20 30 40 50 60 70 80

CHAVE

Abel-Meolá D4
Abel-Queramim D5
Aijalom C3
Amom E4
Arã (Síria) C1
Ara-Naarim
(Mesopotâmia) B1
Arnom, rio D6
Aroer D6
Aruma C4
Aser C2,3
Asqueiom B5
Baal-Hermom, mt. D2
Beer C3
Belém
(Efrata) C5
Benjamim C5
Berseba B6
Betel C5
Cades-Barnéia A7
Camom D3
Dã D2
Dã B5; D2
Edom A1
Efraim C4
Egito A2
Estaol B5
Filístia B5
Gade D4,5
Gaza A6
Gerizim, mt. C4
Gibeá C5
Gileade D3,4,5
Gilgal C5
Hamate A1
Harosete C3
Havote-Jair D3
Hazor D2
Hebrom C6
Hesbom D5
Issacar CD3
Jaboque, rio D4
Jaza D5
Jerusalém C5
Jezreel C3
Jogbea D4
Judá B6; C5
Karkor B2
Lebona C4
Manassés C4; D3
Maom C6
Mar Mediterrâneo
A1,2,3,4,5,6
Mar Morto CD5,6
Megido C3
Midiã A2
Mispa C5
Moabe D6
Naftali C2,3
Noba A2
Penuel D4
Piratom C4
Quedes C2
Quinate-Jearim C5
Rama 5C
Rocha de
Rimom C5
Rúben D5
Samir C4
Sidom C1
Siló C4
Simeão AB6
Sinai, mt. A2
Siquém C4
Sucote D4
Taanaque C3
Tabate D4
Tabor, mt. C3
Tebes C4
Timna B5
Tobe E3
Zaretã (Zererá) D4
Zebulom C3
Zorá B5

Sangar foi injetado entre esses dois períodos de juizado. Mas não se sabe dizer por quantos anos ele governou, e como seu período se intercala dentro da cronologia dos oitenta anos de paz.

Uma profetisa, que também se revelou uma corajosa mulher, foi imprescindível para que Yahweh operasse naquele tempo. Mas é mister dizer aqui que se tratou uma circunstância incomum, que não encoraja a liderança feminina sobre homens, pelo menos do ponto de vista das Escrituras. Todavia, permanece o fato de que o trabalho desempenhado pelas mulheres na igreja cristã tem sido estupendo, sob modo algum fora de lugar ou incomum.

Os capítulos 4 e 5 deste livro de Juízes desviam a nossa mente do centro das ações, que estava passando para as tribos do norte (ver Juí. 4.6; 5.14,15,18). As tribos nortistas começaram a ser oprimidas por Jabim, que reinava em Hazor. Parece que esse Jabim era descendente de cananeus que tinham sido deixados em vida desde os tempos de Josué. Ver Jos. 11.1-13. O trecho de Juí. 13.1 ss. mostra-nos que muitos opressores potenciais tinham sido deixados sem serem dominados, quando Israel tomou a Terra Prometida somente em suas dimensões essenciais.

Os Cananeus. Doravante, os cananeus aparecerão como os principais oponentes de Israel. Muitos deles tinham sido deixados na Terra Prometida (ver Juí. 1.30-33). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Canaã, Cananeus.*

Se Sangar não foi quem efetuou um terceiro livramento da servidão (porquanto isso não é dito de modo específico), então o terceiro ciclo de apostasia, servidão e livramento ocorreu nos dias de Débora e Baraque.

4.1

Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau. Temos aqui a fórmula comum, usada no livro de Juízes, para introduzir apostasias de Israel e seus inevitáveis resultados. Quanto a essa fórmula comum, ver Juí. 2.11; 3.7, e outros. Isso armou o palco para ainda mais um livramento, o qual requeria a missão especial e o trabalho de outro juiz. Quanto a essa fórmula comum, ver Juí. 2.11; 3.7 e outros. Os quatros princípios que governam a exposição deste livro são: 1. desvio; 2. opressão; 3. oração; 4. livramento. Dessa maneira, o autor sumaria como aqueles três séculos passaram-se sob os juízes, e sempre nos fornece a interpretação espiritual dos eventos históricos.

A violência bem-sucedida continua a ser um dos temas proeminentes do livro.

Depois de falecer Eúde. Essa declaração alerta-nos para o fato de que nenhum informe cronológico foi dado no tocante a Sangar. Não nos é dito como ele se ajusta aos oitenta anos que se passaram entre Eúde e Débora. Talvez o próprio autor sagrado não soubesse como fazer esse ajuste. Seja como for, o autor sacro vinculou Débora e Baraque a Eúde, e não a Sangar. A Septuaginta, reconhecendo o problema, simplesmente deixou de fora do texto sagrado a nota sobre a morte de Eúde. Ver as notas de introdução a este capítulo.

4.2

Apostasia. O desvio de Israel (vs. 1) resultou em outra fase de servidão. Assim sendo, o antigo ciclo de apostasia, servidão e livramento ocorreu novamente.

Todos os nomes próprios deste versículo recebem artigos no *Dicionário.* O capítulo 11 do livro de Josué afirma que Josué efetuou uma campanha contra Jabim, rei de Hazor. A maioria dos eruditos modernos supõe que este texto e aquele do capítulo 11 de Josué representam uma duplicação. Isso significa que haveria duas versões da mesma história, o que, como é claro, cria um problema histórico e cronológico. Parte da teoria da duplicação é que Sísera não era o capitão do exército de Jabim, mas era, ele mesmo, rei em Harosete-Hagoim. Alguns eruditos conservadores, objetando à teoria da duplicação, afirmam que simplesmente houve dois homens diferentes com o mesmo nome. E dizem que é provável que Jabim fosse um título hereditário, e não um nome pessoal. Peço que o leitor examine o *Dicionário* quanto a outros detalhes sobre as pessoas e os lugares mencionados neste livro.

4.3

Jabim tinha novecentos carros de ferro. Durante a conquista e no tempo coberto por este capítulo, o exército de Israel consistia essencialmente em infantaria. Faltavam-lhes cavalos e carros de combate, pelo que, em termos humanos, eles não eram páreo para os cananeus. Alguns carros de combate eram armados com pontas afiadas, e eram chamados carros-segadeiras. Avançando contra tropas de infantaria, despedaçavam muitos dentre os que lutavam a pé. A menção ao "ferro" pode significar que havia carros de combate feitos de ferro, ou então que havia carros fortalecidos com peças de ferro. Visto que Israel incendiou essas carruagens em Misrefote-Maim (Jos. 11.9), não é possível que elas fossem feitas inteiramente de ferro. Antes, dispunham de algumas peças de ferro, entre as quais as terríveis foices de ferro que se projetavam dos eixos. Cf. Juí. 1.19 e Jos. 17.16. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Carruagem.*

Lemos que Tutmés III tomou novecentos e vinte e quatro carruagens, quando da batalha de Megido, contra o príncipe de Cades e sua confederação de tropas asiáticas, pelo que não há razão para duvidarmos dos novecentos carros de ferro de Jabim. Entretanto, Josefo exagerou, ao aumentar o número das carruagens de Jabim para três mil (*Antiq.* 1.5; cap. 5, sec. 1).

Sujeitados por um Poder Superior. Israel tinha sido sujeitado por vinte anos. E novamente Israel clamou a Yahweh, rogando livramento. Assim, o ciclo prosseguiu. Os quatro elementos estavam presentes: apostasia, opressão, oração e livramento. O livramento dava-se por meio de juízes.

4.4

Débora. Quanto a um detalhado artigo sobre essa heroína da fé, ver no *Dicionário* os artigos chamados *Débora* e *Profetisa.*

Lapidote. No hebraico, "tochas", nome do marido da profetisa Débora, que viveu em cerca de 1120 A. C. Aparentemente, o casal morava nas vizinhanças de Ramá e Betel. Nada se sabe sobre esse homem exceto o que pode ser inferido do presente texto. Os comentadores, naturalmente, põem-se a refletir sobre a circunstância de uma mulher ter encabeçado uma revolta. Ela era profetisa e também foi uma figura militar que obteve decisiva vitória ao libertar Israel da opressão. Os artigos anteriormente mencionados mergulham nessa circunstância incomum. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mulher,* que relata algumas atitudes surpreendentes que os hebreus mantinham acerca da mulher.

Débora foi uma líder carismática, instrumento apropriado de Deus para efetuar aquele livramento particular. Ela era "eminentemente dotada de dons e de graça divina" (John Gill, *in loc.*). Jarchi ajunta a isso que ela tinha por ocupação preparar pavios para as lâmpadas do tabernáculo. Mas não sabemos dizer quão exata (ou fantasiosa) é essa idéia.

"É extraordinário que, em uma época como aquela uma mulher tivesse assumido a liderança na campanha de libertação. Mesmo nos tempos modernos, não são muitas as mulheres que ocupam lugares de liderança nos campos da política, dos negócios ou das atividades profissionais. Isso não se deve a alguma falha em seu sexo; mas deve-se ao fato simples que este mundo tem sido, principalmente, um mundo masculino" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Não há certeza se Débora pertencia à tribo de Efraim ou à tribo de Issacar (ver Juí. 5.15). Também não sabemos dizer até onde se estendia a sua autoridade; mas parece que essa autoridade ultrapassava as fronteiras de sua própria tribo.

4.5

Ela atendia debaixo da palmeira de Débora. Débora havia estabelecido uma espécie de corte ou lugar onde as pessoas podiam procurá-la a fim de se aconselharem. Alguns estudiosos supõem que, como profetisa que era, ela tinha estabelecido alguma forma de oráculo. Seja como for, era conhecida como mulher sábia e dotada de discernimento, que podia ajudar as pessoas com problemas. É provável que os conselhos dela cobrissem todas as facetas da existência humana; mas sem dúvida ela não competia com o tabernáculo, com o sumo sacerdote e com o culto ali efetuado. Alguns eruditos pensam que outros juízes também agiam desse modo, embora nada seja dito acerca dos demais juízes. Isso posto, ser alguém um juiz envolvia mais do que ser um líder carismático, capaz de convocar o povo para revoltar-se contra seus opressores, pois consistia também em ser alguém a quem o povo trazia os seus problemas.

Debaixo da palmeira. Essas palavras parecem indicar que ela atendia o povo ao ar livre. É uma tolice transformar a palmeira em um carvalho sagrado, dizendo que a árvore servia de sinal de que ali era um oráculo. Débora, a ama de Rebeca, foi sepultada debaixo de um carvalho chamado Alom-Bacute, "carvalho do pranto", próximo de Betei (ver Gên. 35.8), e alguns estudiosos confundem os dois lugares. O "lugar" usado por Débora, a juíza, ficava cerca de treze quilômetros ao norte de Jerusalém.

Aquela palmeira acabou sendo conhecida como "palmeira de Débora"; e qualquer dos moradores da área seria capaz de dizer onde ficava o lugar. Sem dúvida, ela se tinha tornado mulher renomada por sua sabedoria e espiritualidade.

4.6

Mandou ela chamar a Baraque. Ver no *Dicionário* todos os nomes próprios que figuram neste versículo. O nome Baraque significa "relâmpago". Alguns estudiosos ligam esse nome a Lapidote (vs. 4), marido de Débora, porque esse nome significa "tochas". Mas essa ligação é ridícula. Baraque era homem conhecido de Débora, mas certamente não era seu marido.

Yahweh-Elohim Tinha Falado. O Eterno Todo-poderoso tinha dado ordens para que Israel fosse libertado. Não somos informados como essa ordem foi transmitida, mas o mais provável é que Débora, como profetisa que era, recebera alguma espécie de revelação. Não se deve inferir que foi Baraque quem recebeu o recado divino. Débora presumiu que a declaração dela, de que o Senhor Deus havia falado, seria aceita por Baraque sem indagação de dúvida, por causa de sua reputação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Baraque convocaria um exército de libertação, mas as idéias todas partiram de Débora. O caso dela poderia ser comparado ao de Joana d'Arc. À semelhança de Joana, Débora não comandou diretamente um exército. Ambas as mulheres tiveram de depender da força física masculina superior para realizar seus planos. Todos os grandes projetos são esforços cooperativos, e a glória cabe à equipe, e não a um indivíduo isolado.

Vai, e leva gente. Baraque precisou dirigir o curso das ações. Ele precisou fazer isso dependendo da iluminação dada a outrem, a Débora. Porém, uma vez traçado o seu plano, sem dúvida outros fatores cairiam nos seus respectivos trilhos. As forças aumentariam como uma bola-de-neve, e em breve o exército de libertação estaria em marcha.

Dez mil homens. Um grupo relativamente pequeno, mas suficiente para a tarefa.

O deão Stanley chamou graficamente a nossa atenção para a diferença entre a vitoriosa Débora, sentada debaixo de sua palmeira, e a Judaea Captiva, gravada nas moedas de Tito: a imagem de uma mulher em prantos, sentada debaixo de uma palmeira, olhar voltado para o chão e cabeça pendida.

4.7

E farei ir a ti... e o darei nas tuas mãos. Quem falava aqui era Yahweh, embora através da profetisa. Sísera e suas hostes, com suas poderosas carruagens de ferro, seriam atraídos para o lugar demarcado, somente para ter de enfrentar derrota certeira, apesar de seu poderio militar superior. A batalha teria lugar no monte Tabor, cerca de dezenove quilômetros a nordeste de Megido, no fim do braço norte da planície, no lado oposto do vale de Jezreel. O exército que derrotaria a Sísera deveria ser convocado dentre as tribos de Naftali e Zebulom (ver o versículo anterior). Portanto, seria um exército libertador limitado, apenas representativo, e não nacional. Um exército local seria suficiente para cumprir a tarefa.

O ribeiro Quisom. Era um wadi, que algumas vezes se tornava uma torrente caudalosa, e de outras vezes secava. "O rio é sempre mencionado de modo proeminente, em conexão com essa grande vitória (ver Salmo 83.9), porque a derrota contundente dos cananeus deveu-se, em grande parte, ao fato miraculoso de que as águas do ribeiro transbordaram, transformando suas margens em um lamaçal que eliminou a utilidade dos carros de ferro. Em abril de 1799, esse mesmo ribeiro contribuiu para a derrota dos turcos, na chamada batalha do monte Tabor. Esse ribeiro é atualmente chamado 'ribeiro da matança'. Um de seus braços formadores tem início no monte Tabor e flui para a baía de Acre, ao pé do monte Carmelo (ver I Reis 18.40). A planície de Jezreel (Esdrelom), através da qual o ribeiro corre, em todas as eras tem sido um dos campos de batalha da Palestina" (Ellicott, *in loc.*).

4.8

Se fores comigo, irei. Baraque indicou a condição imperiosa. Débora precisava estar presente durante a refrega. A idéia tinha sido dela; ela havia recebido a revelação; e o poder espiritual dela era necessário para que houvesse êxito. Algumas pessoas levam o sucesso em sua companhia. Sua presença pessoal é poderosa. Mas há quem arraste atrás de si a má sorte. São unidades de derrota, forças negativas que sempre arrastam as coisas e as pessoas para baixo. Durante a Segunda Guerra Mundial, o general americano George Patton organizou um contra-ataque de forças americanas de infantaria, e atacou e derrotou uma unidade alemã de mais de duzentos tanques de guerra!

"O acompanhamento da profetisa teve por desígnio assegurar a presença de Yahweh, emprestando coragem ao líder e às tropas. Ela consentiu em ir com Baraque, mas predisse que a glória pelo vitorioso empreendimento seria atribuída a uma mulher, e não a Baraque" (Jacob B. Myers, *in loc.*).

Encontramos aqui um "atrativo estudo de um homem desafiado a fazer o melhor possível pela coragem de uma mulher" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Devemos observar que Baraque é mencionado no Novo Testamento como um dos heróis da fé (ver Heb. 11.32). Ele foi sábio o bastante para reconhecer que precisava de ajuda, e não procurou glória para si mesmo. Foi assim que a vitória lhe foi dada. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

4.9

Ela respondeu. Débora ralhou com Baraque, por precisar ele da ajuda de uma mulher. Por outro lado, algumas vezes a presença de uma mulher pode fazer uma tremenda diferença. Ademais, em nada prejudica a causa cristã se uma mulher receber o crédito por um feito. Ademais, Baraque estava mais interessado em obter a vitória do que em cobrir-se de glória pessoal; e bastaria isso para ser um ponto positivo em favor dele. Os ministros não devem competir para ver quem obtém a glória maior. E, no entanto, na vida diária das igrejas, há muita competição atrás da glória pessoal. Baraque precisou de Débora. Se interpretarmos isso como um sinal de fraqueza da parte dele, então que a fraqueza traga a vitória, enquanto a força arrogante só poderá fracassar. Outra mulher, Jael (ver o vs. 21 deste capítulo), entrou no incidente, e obteve muito crédito por causa de seu ato audacioso. Portanto, definidamente, aquele foi um dia das mulheres.

4.10

Baraque... dez mil homens... Débora. A estranha equipe seguiu para a batalha. Os dez mil homens de Israel formavam um exército modesto, mas com o poder de Yahweh (manifestado no transbordamento do ribeiro Quisom; vs. 7) revelou-se suficiente. No dizer de John Gill (*in loc.*): "Eles seguiram-no ao monte Tabor, animada e voluntariamente, e obtiveram a vitória sobre o exército de Sísera, o qual, de acordo com Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 5, sec. 1), tinha dez mil cavalos".

Sísera avançou contra aquela ridícula infantaria de Israel, com seu poderoso exército, dez mil cavaleiros e novecentos carros de combate. Um pequeno ribeiro, que de repente transbordaria para fora de seu leito, anularia todo aquele poder de fogo dos cananeus, conferindo a vitória ao exército comandado por Baraque, sob a proteção espiritual de Débora.

4.11

Héber, queneu, se tinha apartado dos queneus. Como uma lembrança parentética, o autor sacro fornece-nos algumas informações sobre o lugar que se tornou o palco da batalha. Héber, o queneu (vs. 17), era descendente de Hobabe, tinha deixado o seu clã, que habitava no sul do território de Judá (cf. Juí. 1.16), e armou a sua tenda perto de Cades.

Hobabe era um dos nomes de Jetro, sogro de Moisés. Héber era um nome de clã da tribo de Aser (ver Gên. 46.17; Núm. 26.45) e da tribo de Judá (I Crô. 4.18). Um ramo dos queneus nômades tinha-se mudado para a área em questão. Cf. Jos. 19.33. Essa área veio a representar a extensão mais nortista das perambulações de uma das famílias daquela tribo. Foi ali que a peleja teve lugar. Ver no *Dicionário* acerca de *Jetro*, onde são abordados os vários nomes aplicados a ele. Ver também sobre Reuel (Raguel) e Hobabe; e ver as notas expositivas adicionais em Núm. 10.29. Essa adição, segundo parece, teve a intenção de dizer-nos como podiam ser encontrados queneus (incluindo Héber) naquela região, quando deveríamos esperar que a grande maioria deles se achasse no deserto de Judá. Este versículo, pois, atua como uma espécie de introdução ao vs. 17 deste capítulo.

4.12

Anunciaram. Quem anunciou? Essa questão fica ambígua aqui. Poderiam estar em pauta: 1. espiões que Sísera teria enviado para ajudá-lo em seu plano de batalha; 2. alguns cananeus que habitavam naquela área; alguns queneus que estivessem vagueando por toda aquela área e que talvez fossem favoráveis a Sísera, ou então que estivessem sendo forçados por ele a prestar-lhe informações. Seja como for, a informação dada foi realmente boa para Israel, porquanto enviou Sísera o seu exército ao lugar certo para serem derrotados (ver o versículo seguinte). Estava em operação a providência de Deus (ver a respeito no *Dicionário*).

4.13

Sísera convocou todos. Sem saber que Yahweh estava contra ele, Sísera tolamente posicionou sua imensa força de carros de combate perto do ribeiro Quisom (ver o sétimo versículo deste capítulo), onde eles ficariam imprestáveis, atolados no meio da lama. O homem maligno foi apanhado na armadilha da providência divina. Josefo, provavelmente com algum exagero, disse que o exército de Sísera consistia em trezentos mil homens, dez mil cavalos e três mil carros de combate (*Antiq.* 1.5, cap. 5, sec. 1).

O trecho de Juízes 5.21 presta-nos informações sobre a enchente e a lama, que esta passagem não menciona. Josefo deixou escrito que houve uma terrível tempestade elétrica e chuvas torrenciais, juntamente com vendavais e muito granizo. Suas informações também falam sobre o frio, que dificultou o inimigo de manipular suas espadas com alguma agilidade.

4.14

Então disse Débora a Baraque. A profetisa baixou a ordem de atacar no momento mais exato. Nada nos é dito, nesta passagem, acerca do vendaval, das chuvas, do granizo e do frio (ver o versículo anterior), mas podemos imaginar que isso tenha servido de sinal, dado por Yahweh, de que era hora de lançar o ataque. Yahweh estava controlando tanto as condições atmosféricas quanto os homens, tendo em vista a vitória de Israel. Algumas vezes, precisamos de forças para além de nós mesmos. A vitória pertence ao Senhor (ver Sal. 98.1). Ver também Deu. 9.3 e Zac. 14.3. Quanto à poderosa mão de Yahweh, ver Deu. 9.26. Quanto ao fato de que Yahweh lutava em favor de Israel, ver Êxo. 14.14; Deu. 1.30; 3.22; 20.4; Jos. 10.8,14,42 e 23.3.

4.15

O Senhor derrotou a Sísera. A Revised Standard Version usa aqui o verbo "desbaratar", mais fiel ao sentido do original hebraico do que simplesmente "derrotou". A descrição poética do que sucedeu é mais vívida, tendo sido seguida por Josué para relatar o que sucedeu (ver Juí. 5.20-22). Foi uma cena de completo caos e desespero. A natureza e os filhos de Israel varreram do mapa Sísera e o seu poderoso exército.

Josefo, em seus escritos, aludiu à grande tempestade de chuva e granizo, como o vento gelado fazia doer o rosto dos adversários, e como o frio lhes paralisava os braços e as pernas. Aqueles que estavam usando armaduras ficaram em tão grande torpor que caíram no chão, e as armas de guerra jazeram espalhadas inutilmente no solo. O ribeiro extravasou e inundou toda aquela área; os carros de combate se atolaram na lama. Israel desceu sobre um exército relativamente incapaz de defender-se e efetuou uma terrível carnificina. O próprio Sísera conseguiu escapar da cena do combate, mas somente para enfrentar uma morte vergonhosa às mãos de uma mulher (ver o vs. 21). O triunfo deveu-se ao fato de que o Senhor seguiu à frente de Seu povo (vs. 14; Deu. 20.4).

Uns confiam em carros, outros em cavalos;
nós, porém, nos gloriaremos
no nome do Senhor, nosso Deus.

(Salmo 20.7)

4.16

Baraque perseguiu os carros e os exércitos. Alguns carros de combate e tropas de infantaria do inimigo conseguiram escapar da turba. Mas Baraque pôs-se a acossá-los, em uma perseguição que se estendeu até *Harosete-Hagoim*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar. Os fugitivos continuaram debandando quase na direção oeste, por cerca de trinta quilômetros. Foi nesse percurso que todos os soldados de Sísera foram mortos. Não houve sobreviventes, exceto o próprio Sísera, pois não foram feitos prisioneiros. E assim, atenderam-se os requisitos próprios de uma guerra santa. Ver Deu. 7.1-5; 20.10-18 quanto à guerra santa. Filo Bíblios afirmou que pereceram novecentos e noventa e sete mil homens; mas sem dúvida isso é um exagero.

4.17

Sísera fugiu a pé. Ele fugiu para a tenda de Héber, onde acabou encontrando a morte, às mãos de Jael, mulher de Héber. A tenda de Héber é introduzida no vs. 11 deste capítulo (cujas notas também se aplicam aqui). Todos os nomes próprios deste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*, pelo que esse material não é repetido aqui.

Os nômades queneus não estavam sujeitos à opressão exercida pelos cananeus, pelo que, como grupo, os queneus estavam em paz com os cananeus. Por outra parte, muitos queneus favoreciam Israel e alegraram-se em ver o grande exército de Sísera ser destruído. Entre esses queneus estavam Héber e sua esposa, Jael. Sísera procurou asilo onde pensava que estaria em segurança, mas não contou com a hostilidade daquela família particular. Jael fingiu ter amizade por Sísera, porém já estava resolvida a tirar-lhe a vida.

"O evento assemelhou-se ao logro e assassinato de Eglom, por parte de Eúde (Juízes 3). Eram aqueles tempos difíceis... quando 'a carne humana era barata' (G. A. Studdert-Kennedy)" (Phillips P. Elliott, *in loc.*). Estremecemos diante de tanta violência, mas são os heróis violentos que continuam lembrados por muito tempo (o capítulo 11 de Hebreus lista alguns juízes, como Gideão, Baraque e Sansão, cuja grande marca distintiva era a tremenda capacidade de matar).

4.18

Saindo Jael ao encontro de Sísera, disse-lhe. Jael fingiu hospitalidade, como uma aranha viúva-negra. Desse modo, bastou-lhe esperar o momento azado para matar o matador. E Sísera, de nada suspeitando, entrou na tenda de Jael, somente para ali ter o seu triste e vergonhoso fim. Cansado, suado e com medo, ele se deitou no leito provido por Jael, sem saber que jamais mais se levantaria vivo.

Jael cobriu Sísera com uma manta, a qual, de acordo com Kimchi, era uma espécie de veste que tinha mechas de lã nas beiradas esquerda e direita, uma espécie de tapete. Ellicott (*in loc.*) chamou a peça de "tapete de tenda", e provavelmente isso descreve com exatidão a peça. Em minha juventude, em Salt Lake City, estado de Utah, Estados Unidos, durante o auge do inverno, as pessoas que não dispunham de aquecimento central em seus lares usavam os tapetes dos assoalhos como cobertas de cama, durante a noite.

4.19,20

Então ele lhe disse. O homem estava muito cansado e sedento, e pediu água. Mas Jael tinha leite, e serviu a Sísera. A bebida, provavelmente, era leite azedado. Ver os comentários sobre Juí. 5.25. Ali estava ele, procurando esquecer o dia mau pelo que havia passado, aquecido pelo tapete e satisfeito após ter tomado o leite. E logo caiu em sono profundo, confiando a sua sorte às mãos de Jael. O beijo da mulher-aranha seria a estaca com a qual ela atravessaria a fronte do general! Mas antes de adormecer, Sísera pediu que Jael fosse uma boa sentinela e uma boa mentirosa, mandando embora qualquer um que perguntasse por ele. E o pedido dele foi atendido com falsas promessas. A mentira e depois o homicídio foram considerados coisas de somenos. Uma mentira tendo em vista a autopreservação (mesmo nos tempos do cristianismo) tem sido reputada pecado venial, que o poder divino não castiga de modo severo.

Neste exato momento, tenho comentários diversos que criticam Jael por ter dito mentiras, mas a louvam por ter matado a Sísera! isso parece significar que mentir é um pecado, mas matar é uma virtude! Disse Dario: "Quando for necessário mentir, mente!" (Heródoto, iii.72). E é precisamente isso que faz a maioria das pessoas.

"Visto que nenhum homem entraria na tenda de uma mulher sem a permissão dela, o simples fato de ela declarar que não havia nenhum homem em sua tenda excluiria toda a tentativa de busca" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.21

E lhe cravou a estaca na fonte. Jael tinha coberto Sísera com um tapete, em uma típica demonstração de hospitalidade oriental. Mas depois que ele adormeceu profundamente, ela tomou uma das estacas da tenda e, com a ajuda de um martelo, atravessou a testa do homem. Sem dúvida, isso foi uma quebra da hospitalidade oriental! Sísera nunca soube o que o atingiu, e sua alma se foi para algum lugar, antes que ele pudesse mover um músculo. O trabalho foi rápido, limpo e fatal, e tem atraído louvores para Jael desde então.

"Visto que as mulheres beduínas tinham a tarefa de armar as tendas, Jael era habilidosa no uso daquele instrumento " (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Estaca. A Septuaginta diz aqui "estaca de madeira". Mas Josefo afirmou que a estaca era feita de metal. Naqueles dias já se conhecia bem o uso dos metais, sendo perfeitamente possível que as estacas das tendas fossem feitas de metais diversos.

Martelo. Novamente, esse instrumento tanto podia ser feito de madeira como de metal. A arqueologia tem descoberto antigos e pesados malhos de madeira, guardados em todas as tendas, para enterrar as estacas que emprestavam estabilidade às tendas. A palavra hebraica aqui usada é *makkebeth*, de onde se deriva o nome próprio Macabeus, pois eram sacerdotes-guerreiros que atingiam os seus adversários como se fossem martelos. A palavra inglesa moderna correspondente, Hammer, é usada como se fosse um sobrenome de família. Assim, o texto do Antigo Testamento descreve esse feito atroz de Jael sem uma única palavra de desaprovação, da mesma maneira que Homero, sem nenhum estremecimento no corpo, descreveu as coisas mais horrendas, sem transmitir nenhum julgamento moral reprovador.

John Gill (*in loc.*) referiu-se, neste ponto, ao fato de Jael ter recebido o impulso de matar "... da parte de Deus, que não a encheu de sentimentos de malícia e vingança, e, sim, de interesse pela glória de Deus, a bem da religião e de Israel". Jael bateu na estaca com tanta força que esta atravessou a cabeça de Sísera e ficou espetada no chão. O trecho de Juí. 5.26 mostra-nos que então ela decepou a cabeça de Sísera — sem nenhuma maldade, naturalmente.

4.22

Mostrar-te-ei o homem que procuras. Jael, ansiando mostrar o grande feito que tinha realizado, não esperou que Baraque parasse diante de sua tenda para fazer indagações sobre o fugitivo. Antes, saiu ao encontro dele, ao ouvir o ruído feito pela sua passagem. Ela estava ansiosa para mostrar o seu troféu, e assim guiou Baraque até o interior de sua tenda, e eis! ali estava ele, com os dias de luta

encerrados! Um bom toque na história teria sido a surpresa de Baraque e os elogios dele à mulher-aranha. Mas o autor sagrado não se deu ao trabalho de dizer-nos o que, mui naturalmente, podemos imaginar. "Ela não tentou arrancar a estaca da cabeça dele, mas deixou-a ali, para que todos vissem como o havia despachado!" (John Gill, *in loc.*). Foi assim que esse comentador batista de dois séculos atrás descreveu a cena gloriosa. A cena que devemos imaginar, daquela mulher olhando tão orgulhosamente para a sua presa e mostrando-a a Baraque, é simplesmente chocante. A história não teria sido registrada a menos que os homens a encarassem com admiração.

4.23

Deus naquele dia humilhou a Jabim. Temos aqui um sumário. Elohim estava por trás do incidente inteiro. Outro livramento de Israel tinha sido realizado. O presente livramento, tal como os outros seis, pôs fim ao temível ciclo da apostasia e servidão. Mas isso somente para abrir espaço ainda para outro ciclo.

Esta passagem enfatiza novamente o conceito religioso que o autor sagrado tinha acerca dos acontecimentos historiados. Cf. Jos. 11.18. Josefo diz-nos que a vitória foi completada quando Baraque matou o próprio rei Jabim (*Antiq.* 1.5, cap. 5, sec. 4).

"O trabalho de Jael foi apresentado pelo autor sacro como uma obra de Deus" (Bispo Wordsworth).

"A conduta de Eúde e de Jael está diante do tribunal de Deus: não quero justificá-los; também não ouso, em absoluto, condená-los; deixo-os como estão" (Adam Clarke, *in loc.*). É evidente que esse autor se debateu diante da moralidade de passagens como essas, especialmente quando tais atos de barbaridade são atribuídos a Deus.

4.24

Até que o exterminaram. Este versículo reforça e completa a mensagem do versículo anterior. Enfatiza quão cabal foi a destruição de Jabim e de suas forças. Disso originou-se a independência e a prosperidade de Israel, uma nova chance para os hebreus viverem livres na Terra Prometida. Cumpre-nos compreender que a batalha às margens do ribeiro de Quisom foi apenas o início de uma série de batalhas que acabou eliminando totalmente os invasores cananeus. Dessarte, partiu-se temporariamente o jugo dos cananeus sobre o povo de Israel. Uma monarquia perversa foi assim varrida para longe. A guerra santa (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) novamente tinha-se mostrado eficaz.

Capítulo Cinco

Este capítulo dá prosseguimento à seção iniciada em Juízes 4.1. Ver a introdução naquele ponto. O quarto capítulo ofereceu-nos um relato, em forma de prosa, da vitória de Débora e Baraque sobre Jabim e seu reino cananeu. Mas este capítulo quinto fornece-nos uma versão poética do mesmo acontecimento. Todavia, as diferenças entre as duas narrativas são suficientes para fazer-nos supor que o autor sagrado reuniu dois relatos derivados de fontes informativas separadas, e que não temos aqui apenas uma versão poética de uma única fonte.

A versão poética, de forma surpreendente, nem ao menos menciona Jabim, rei de Hazor, embora Sísera apareça com proeminência em ambos os relatos. De acordo com o quarto capítulo, a campanha foi realização das tribos de Zebulom e Naftali; mas no capítulo 5 pelo menos seis tribos fizeram contribuição. Ver Juí. 4.10 em contraste com Juí. 5.16 ss. Na versão poética não há nenhuma menção ao monte Tabor. Seu lugar é tomado por Taanaque e pelas águas de Megido. O ribeiro de Quisom, entretanto, figura em ambos os capítulos. A versão poética enfatiza uma tremenda tempestade, que ajudou Israel a derrotar um exército adversário muitas vezes superior (vss. 20 e 21); mas nada é dito quanto a isso na versão prosaica. Na versão poética, menciona-se rapidamente o sono de Sísera e, além do golpe com a estaca que lhe atravessou o crânio, relata-se que sua cabeça foi decepada, um detalhe totalmente ausente na versão prosaica.

Uma Antiga Peça Poética do Antigo Testamento. Há evidências de que o cântico de Débora (versão poética) é uma das mais antigas peças poéticas de todo o Antigo Testamento. Os tradutores da Septuaginta e da Vulgata tiveram imensas dificuldades para traduzir certas frases ou palavras, pois o sentido delas se tinha perdido desde a antiguidade. Formas e grafias antigas fazem-se presentes ali, confirmando sua grande antiguidade. O vigor e a vitalidade da versão poética são notáveis; e a maioria dos eruditos supõe, com base nisso, que o relato deva ter sido contemporâneo aos acontecimentos, quando estes continuavam deixando admirada a mente dos homens.

"Esse antigo hino de vitória (Juí. 5.1-31a) pode ter sido inicialmente preservado em uma coletânea como "o Livro das Guerras do Senhor" (Núm. 21.14) ou como "o Livro dos Justos" (Jos. 10.13). Trata-se de um hino de vitória (um estilo bem conhecido por meio de exemplos provenientes dos séculos XV a XII A. C., no Egito e na Assíria... Divide-se em cinco partes: 1. o cabeçalho do hino (vs. 1); 2. o louvor proferido por Débora (vss. 2-11); 3. a convocação das tribos (vss. 12-18); 4. a derrota dos cananeus (vss. 19-30); e 5. a oração final de maldição e de bênção" (vs. 31,32) (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

A Forma Poética. O poema emprega o típico paralelismo poético dos hebreus. Esse paralelismo emprega as formações bícola e tricola, ou seja, de duas linhas, onde o mesmo pensamento é expresso; ou de três linhas, que repetem uma mesma idéia de três formas diferentes.

Exemplos:

Bícola: "Desperta, Débora, desperta, desperta, acorda, entoa um cântico".

(vs. 12)

Tricola: "Para Sísera estofos de várias cores,
estofos de várias cores de bordados;
um ou dois estofos bordados para o pescoço da esposa?.

(vs. 30)

Primeira Seção: Cabeçalho do Hino (5.1)

5.1

Naquele dia cantaram Débora, e Baraque. O poema foi composto a respeito de Débora, e não por ela, conforme vemos no sétimo versículo, a menos que ela tenha referido a si mesma na terceira pessoa do singular. Débora e Baraque faziam parte da equipe que trouxe a vitória, razão pela qual, logo na introdução, ambos são chamados por nome. Este versículo é a introdução simples do poema, um hino de vitória.

"Débora foi mencionada em primeiro lugar, porquanto, conforme escreveu Kimchi, ela foi a raiz ou alicerce da realização" (John Gill, *in loc.*). Ela era profetisa (4.4) e, em seu oráculo, recebeu recado, da parte de Yahweh, para dar início à batalha. O trecho de Juízes 4.6 mostra que Baraque deveria reconhecer de pronto a veracidade da mensagem transmitida por ela no oráculo (debaixo da palmeira, vs. 5), da parte de Yahweh.

Segunda Seção: Louvor Proferido por Débora (5.2-11)

5.2

Desde que os chefes se puseram à frente de Israel. A segunda seção (logo depois da introdução; vs. 1) compõe-se dos vss. 2 a 11. Esse trecho exalta a Yahweh por Sua graça e poder, que tiveram como resultado o livramento de Israel e seu descanso. O livro de Juízes registra sete apostasias, sete servidões e sete livramentos. O autor sagrado vê em tudo isso razões espirituais do mais elevado naipe. Ele nada deixou para o secularismo explorar; nada deixou ao mero acaso.

Fonte Tu de toda a bênção,
Vem o canto me inspirar
Dons de Deus que nunca cessam
Quero em alta voz louvar.

(Robert Robinson)

A vingança de Deus contra os cananeus ocupa, de imediato, a primeira palavra de louvor. Os dois líderes apresentaram-se para dirigir a empreitada, e as tropas concentraram-se voluntariamente como instrumentos de guerra. Tanto os chefes quanto os seguidores cumpriram o seu dever; e Deus foi louvado por esse motivo.

A versão em prosa fala sobre as tribos de Zebulom e Naftali como esses instrumentos (ver Juí. 4.10), mas a versão poética menciona pelo menos seis das doze tribos de Israel (Juí. 5.16 ss.).

5.3

Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes. A mensagem era tão excelente que reis e príncipes foram convocados para ouvi-la. Yahweh é o objeto dos louvores, o Rei dos Reis, e o seu nome é Yahweh Elohim de Israel. Ele é o Eterno e Todopoderoso Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

"Que os reis e governantes em derredor de Israel tomem nota! Observemos a fé do poeta no Senhor, de quem fora a vitória e a quem o cântico foi dedicado" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Visto que, nessa altura da história, ainda não havia

reis em Israel, o apelo, por conseguinte, foi dirigido aos mandantes da terra (ver Sal. 2.10). A versão caldaica refere-se aos reis como aqueles que eram aliados de Jabim, ou seja, os que governavam na Palestina. Os Targuns concordam com a versão caldaica. Mas alguns Intérpretes fazem de Israel o objeto cuja atenção foi atraída, onde a palavra "reis" teria sido usada frouxamente para indicar "governantes".

5.4,5

Saindo tu, ó Senhor, de Seir. Muitos intérpretes supõem que a referência, nesse caso, é ao Senhor, que teria saído do monte Seir para o monte Sinai, a fim de outorgar a lei. A lei mosaica é que fazia de Israel uma nação distintiva, um alvo escolhido do poder e das bênçãos de Yahweh. Ver Deu. 4.4-8 no tocante ao caráter distintivo do povo de Israel. Cf. Sal. 68.7-9 e Hab. 3.3-12. Ver Êxo. 19.16-18 e Deu. 7.6 quanto à outorga da lei, no monte Sinai. Porém, a referência é, realmente, ao monte Seir e a Edom, o que significa que somos aqui relembrados acerca das primeiras vitórias de Israel, na Transjordânia (onde se estabeleceram Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés). Desde o início, pois, Yahweh esteve com o Seu povo. Mas tudo começou no monte Sinai, nos limiares da Terra Prometida, quando Ele os transformou em um povo distintivo. É isso que está em foco no quinto versículo. A presença de Deus estava ali, realizando coisas em favor de Israel. Tempestades incomuns assustaram o povo, e os tremores de terra, debaixo de seus pés, deixaram-no aterrorizados. Os propósitos cósmicos de Deus tiveram como paralelo perturbações cósmicas. Seus propósitos terrestres foram enfatizados pelos abalos sísmicos.

"De Seir... Edom. Yahweh é retratado como quem viera da região sudoeste do mar Morto, a fim de ajudar o Seu povo" (Oxford Annotated Bible, comentando sobre o quarto versículo deste capítulo).

5.6

Nos dias de Sangar. Ver sobre o juiz Sangar em Juí. 3.31. A ele foram dedicados somente aquele e este versículo, mas não há informes cronológicos sobre ele. Parece que este versículo está dizendo que Israel, na Terra Prometida, achava-se em uma condição tão caótica (carente, portanto, do socorro de Yahweh), que as estradas tiveram de ser abandonadas. Assaltantes, ladrões e guerreiros estavam por toda parte, vexando e matando os que por ali passassem. Para que pudessem viajar, pois, eles tinham de tomar atalhos e caminhos secundários. Mas também pode estar em pauta o fato de que as estradas foram negligenciadas, conforme se lê em Isaías 33.8 e Zacarias 7.14. Ver também II Crô. 15.5 e Lam. 1.4 e 4.18. As descrições refletem um estado de anarquia, criado tanto pela violência quanto pelo estado de abandono. A Terra Prometida não era mais a terra que manava leite e mel (ver Êxo. 3.8; Núm. 13.27; Deu. 6.6), tendo sido reduzida a uma terra de caos, ruína e violência.

A menção a Jael (ver Juí. 4.17 ss.) não parece querer torná-la contemporânea de Sangar, e, sim, dizer: "Vede por quanto tempo perdurou toda essa confusão. Já estava presente nos dias de Sangar, e continuava presente nos dias de Jael, tão intimamente ligada à vitória sobre Sísera, por parte de Débora e Baraque". Jael ajudou aos dois líderes carismáticos, por haver matado a Sísera, razão pela qual mereceu ser mencionada especialmente no cântico de Débora.

5.7

Ficaram desertas as aldeias em Israel. Os assaltantes cananeus, os assassinos e os saqueadores fizeram as estradas cair em desuso (vs. 6). Mas, não estando aqueles bandidos satisfeitos, atacaram as aldeias e praticamente esvaziaram-nas de seus habitantes. Eles arrebatavam quaiquer coisa que tivesse valor, e não havia oposição contra eles para aliviar tanta dor, até que Débora surgiu em cena.

Levantei-me por mãe em Israel. Como se fosse uma "mãe", ela criou novos filhos, uma nova família de Israel, que passou a habitar nas aldeias e tomou conta das estradas novamente. Como mãe, Débora fez o povo de Israel reviver por toda a Terra Prometida, e não apenas nas cidades fortificadas onde residia apenas uma elite relativa. Ver sobre a metáfora da mãe, em II Sam. 20.19; Jó 39.16 e Gên. 45.8.

5.8

Escolheram-se deuses novos. A causa de toda a miséria pela qual o povo de Israel tinha passado era uma razão religiosa: a idolatria. Yahweh tinha rejeitado uma população idólatra, entregando-a à conseqüência natural de servir a deuses de potências estrangeiras. A guerra chegara aos portões de suas cidades e aldeias. Os Targuns dizem que seus inimigos "assediavam seus portões". Embora Israel talvez contasse com um exército relativamente grande de quarenta mil homens, eles não dispunham de equipamento, nem mesmo espadas e lanças, para nada dizermos sobre cavalos e carros de combate. Anos de provações e saques tinham essencialmente desarmado os filhos de Israel. Por isso mesmo, foi ainda mais fenomenal a vitória alcançada sobre Sísera. Josefo, provavelmente exagerando, afirmou que Sísera contava com trezentos mil homens, dez mil cavalos e três mil carros de guerra (*Antiq.* 1.5, cap. 5, sec. 1). Mas o fato inequívoco é que as tropas armadas de Israel eram minúsculas, em comparação com isso.

Já Tinha Havido Tempos Melhores. Quando Israel invadiu a parte ocidental da Terra Prometida, somente as tribos da Transjordânia tinham conseguido destacar quarenta mil homens para ajudarem a Josué. Ver Jos. 4.13. Mas agora, quarenta mil homens formariam um exército ideal para todo o Israel; e mesmo assim esses homens não dispunham de equipamento militar. O trecho de Núm. 1.46 mostra-nos que, pouco antes de Israel ter invadido a terra de Canaã, o povo de Deus contava com mais de seiscentos mil jovens capazes de ir à guerra. Verdadeiramente, Israel tinha caído muito e estava atravessando tempos difíceis. E assim continuariam, até que surgisse Davi, muitos séculos mais tarde.

5.9

Meu coração se inclina. Este versículo tem sido interpretado de várias maneiras, conforme se vê nos três pontos seguintes:

1. Débora teria dito aqui que havia um lugar especial em seu coração, um interesse e um agradecimento especial pelos governantes. E isso poderia apontar para os sábios e os escribas, os quais, apesar das dificuldades da época, não tinham negligenciado seu ensino, instruindo o povo quanto à lei. Assim interpretam quase todos os Targuns.
2. Mas Kimchi e Ben Melech compreendiam que esses governadores eram os que executam a lei. Isso eles faziam com justiça, em favor do povo.
3. Ou então os líderes, como pessoas investidas de autoridade e poder, que poderiam ter preservado suas circunstâncias prósperas e pacíficas, apesar das dificuldades, resolveram sacrificar isso a fim de liderarem soldados comuns à batalha contra os cananeus opressores. Essa interpretação militar é a que faz mais justiça ao contexto.

O fato de que tais pessoas fizeram o que fizeram em favor de todo o povo de Israel serviu de boa razão para que agora se agradecesse a Yahweh, o inspirador de tais atos.

À testa de tais homens achava-se Baraque, o principal auxiliador de Débora. O versículo informa-nos que houve outras figuras como ele, que se dispuseram a arriscar o pescoço em benefício de Israel.

5.10

Vós os que. Débora convocou aqui três classes de pessoas, em Israel, para que "narrassem" as grandes vitórias obtidas sobre os cananeus: 1. os que cavalgavam em jumentas brancas, ou seja, os ricos; 2. os que se sentavam nos tribunais, ou seja, os principais governantes; 3. os que andavam a pé pelo caminho, ou seja, os pobres. Em outras palavras, de acordo com um estilo perfeitamente poético, ela convocou a todo o povo de Israel para que contasse tudo quanto Yahweh tinha feito, exaltando-O por esse motivo. Cf. Juí. 10.4 e 12.14.

Somos informados que não existem jumentos brancos, pelo que, se o original hebraico pode ser traduzido como tal, talvez devamos pensar em jumentos de cores vivas, ou em jumentos "malhados", conforme traduziu a Vulgata Latina. Podemos lembrar que Jesus, em sua entrada triunfal em Jerusalém, chegou montado em um jumentinho, mas nesse caso, provavelmente estava em pauta a atitude de humildade. Jesus não dispunha de um cavalo, animal dos orgulhosos e usado nas guerras. Ver Mat. 21.5.

5.11

À música dos distribuidores de água. O significado dessa primeira cláusula do versículo é incerto. Alguns dizem que as três classes de cidadãos de Israel deveriam fazer conhecido aquilo que Yahweh tinha feito. Ou mediante "o ruído feito pelos arqueiros" (King James Version), ou através do "som dos músicos" (Revised Standard Version), ou por meio do "estrondo dos flecheiros" (antiga versão de Almeida). Esses ruídos, sem dúvida, seriam feitos pelo povo reunido em torno de fontes, ou seja, lugares públicos onde as pessoas podiam ocupar-se em conversações comunais. Os triunfos de Yahweh seriam repetidos com deleite, até mesmo por parte dos humildes, que desciam aos "canais dos rebanhos", ou seja, os "aldeões" (no dizer da Revised Standard Version).

Falai dos atos de justiça do Senhor. Isso porque a guerra santa (ver as notas expositivas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) tinha sido inspirada e ajudada pelo próprio Yahweh, e visto que a destruição daquela gente idólatra tinha sido um ato justo. Yahweh havia "combatido" em prol de Seu povo (ver Êxo. 14.14; Deu. 1.30; 3.22; 20.4; Jos. 10.8,14,42). A derrota dos cananeus tinha significado vitória e bem-estar para Israel.

Terceira Seção: Convocação das Tribos (5.12-18)

Quanto às cinco seções do hino de vitória de Débora, ver a introdução a este capítulo.

Por ordem de Débora, Baraque convocou as tribos de Israel. Na versão prosaica (capítulo 4), somente as tribos de Zebulom e Naftali aparecem envolvidas (Juí. 4.10). Mas na versão poética (capítulo 5), pelo menos seis das doze tribos são mencionadas (Juí. 5.14 ss.).

5.12

Desperta, Débora, desperta. O cântico de vitória tinha mesmo de começar pela própria Débora; e então Baraque a secundou no cântico de louvor, sendo ele o seu principal auxiliador. Ato contínuo, o restante do povo juntar-se-ia aos louvores a Deus. E cada tribo que tinha participado ativamente ergueria a voz nos louvores ao Senhor, louvando e sendo louvada.

"Desperta! Todo o tema desse antigo cântico destaca a noção de alerta, de reação imediata diante do desafio da situação em que Israel estava envolvido, diante da convocação feita por Yahweh. Esses versículos vibram com um poder que parece perfeitamente autêntico e contemporâneo" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

E leva presos. A guerra santa requeria aniquilamento absoluto, pelo que se Baraque deveria tomar prisioneiros, isso visava tão-somente executá-los e então pendurar os seus cadáveres em árvores, como se fossem troféus de vitória. O capítulo 4 de Juízes dá-nos a impressão de que os filhos de Israel não fizeram prisioneiros. Os hebreus obtiveram vitória absoluta sobre os cananeus. Esse fato intensificou o tom de louvor do cântico de Débora.

5.13

Então desceu o restante dos nobres. O sentido deste versículo é incerto. As versões, inteiramente confusas, traduzem o trecho de maneiras diversas. A Septuaginta refere-se ao remanescente de Israel (um número lamentavelmente pequeno) que descera do monte Tabor para lutar contra os poderosos (as temíveis tropas de Sísera). Nesse caso, os "nobres" parecem ser as tropas orgulhosas de Sísera. Ou então esses nobres são o remanescente, provenientes somente de um segmento de Israel, mas formando um pequeno grupo. A Revised Standard Version faz do remanescente e dos nobres um mesmo grupo, traduzindo, como a nossa versão portuguesa, "o restante dos nobres". Eram nobres os soldados de Israel que tinham desafiado Sísera e suas forças inundantes. Aqueles poucos homens nobres desbarataram os poderosos (o exército de Sísera).

5.14

De Efraim... Benjamim... Maquir... Zebulom. Este versículo menciona, sob forma poética, quatro tribos que responderam ao apelo de Baraque por tropas armadas. Maquir era o único filho de Manassés, pelo que representa essa tribo. A referência a Zebulom, contudo, é incerta. A King James Version diz aqui: "que manuseiam a pena de escritor". A Revised Standard Version diz: "aqueles que brandem o bastão de marechal". As versões portuguesas refletem uma ou outra dessas versões inglesas. Zebulom formava uma tribo que morava à beira-mar, e sem dúvida contava com muitos despachantes e escribas que mantinham ativa escrituração comercial. Ou então daquela tribo tinham vindo os que eram capazes de brandir o bastão do comando, conferindo a vitória ao povo de Israel através de sua liderança. Outros estudiosos, contudo, pensam que a referência à pena aplica-se a homens de produção literária ou estadistas.

Efraim foi aqui lembrado por suas vitórias sobre os amalequitas, pouco tempo depois de Israel ter saído do Egito (ver Êxo. 17.10). Eúde pertencia à tribo de Benjamim. E ele havia obtido notáveis vitórias em Israel, sobre os pagãos (sobre Eglom e sua turba; terceiro capítulo). Os príncipes de Efraim (Maquir) haviam subjugado os povos da Transjordânia, antes mesmo da conquista da parte ocidental da Terra Prometida. Isso posto, cada tribo recebeu o seu aplauso acerca de feitos passados, bem como pelo triunfo presente, sob as ordens de Débora e Baraque.

5.15

Issacar... Rúben. Este versículo menciona mais duas tribos de Israel, elevando o total delas, até este ponto, a seis. A versão em prosa alude a somente duas tribos convocadas, Naftali e Zebulom (ver Juí. 4.10). Às quatro tribos mencionadas no versículo anterior, agora o autor sacro acrescentou Issacar e Rúben. Issacar contava somente com uma humilde infantaria, mas precisou enfrentar os novecentos carros de ferro de Sísera, seus dez mil cavaleiros e seus trezentos mil infantes (Josefo, *Antiq.* 1.5, cap. 5, sec. 1). Ver Juí. 4.13 e suas notas expositivas. Os homens de Issacar precipitaram-se pelo vale fatal, nas pegadas de Baraque, ansiosos por entrar no combate. Os manuscritos alexandrinos da Septuaginta referem-se aqui à "infantaria".

Rúben tinha grandes pensamentos de vitória em seu coração. A Revised Standard Version diz: "grande sondagem de coração", ou seja, muita ansiedade. A versão Almeida Atualizada diz "houve grande discussão". Portanto, uma vez mais estamos vendo quão precária é a compreensão do texto hebraico original, quanto a muitos lugares deste cântico. A Oxford Annotated Bible queixa-se sobre quão "ininteligível" é, com freqüência, o texto desse cântico.

"O vs. 15, conforme encontrado, é completamente obscuro" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Alguns estudiosos supõem que a referência à tribo de Rúben é negativa. Em lugar de correrem para lutar, eles ficaram em casa "querelando sobre a questão". O versículo 16 parece confirmar essa avaliação negativa. Se Rúben não ajudou, afinal, até este ponto, então temos de considerar a ajuda de somente cinco tribos.

5.16

Entre as facções de Rúben. Ao que parece, a tribo de Rúben não atendeu à convocação feita por Baraque, pois preferiu ficar discutindo sobre a questão, mas continuou a cuidar de suas ovelhas e de seus interesses comuns, enquanto Israel agonizava no campo de batalha. Por outra parte, podemos interpretar positivamente este versículo, como se envolvesse uma indagação: "Por que ficamos aqui, ouvindo o balido de nossas ovelhas? Nossos irmãos precisam de nossa ajuda". E assim acabaram indo. Nossa versão portuguesa parece dar isso a entender. A versão da Imprensa Bíblica Brasileira diz aqui "resoluções do coração", ou seja, decisões apropriadas. Mas o versículo que se segue é definidamente negativo, e assim parece que os vss. 16 e 17 repreendem a indiferença demonstrada por algumas das tribos convocadas, no tocante ao conflito que as outras estavam enfrentando.

"Rúben ocupou-se em debates e em promessas magnânimas, mas acabou deixando-se vencer pela preguiça e pela vacilação. Eles resolveram ir — mas em seguida ficaram em casa" (Ellicott, *in loc.*). Esse comentador, pois, pensava que os debates eram favoráveis, que as intenções eram boas, mas percebia que os rubenitas tinham-se acomodado à inanição, julgando que não valia a pena intrometer-se.

> *Preferiram cuidar de seus rebanhos a cuidar do povo de Deus.*
>
> (John Gill, *in loc.*)

5.17

Gileade. Devemos pensar aqui na tribo de Gade.

Dã. Dã e Gileade também deixaram de corresponder ao apelo de Baraque. As palavras "dalém do Jordão" querem dizer a *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). As três tribos que conquistaram a região, e então ali permaneceram, prometeram a Moisés que ajudariam na conquista da parte ocidental da Terra Prometida, e assim fizeram, com muita coragem (ver o capítulo 22 de Josué). Dessa vez, porém, estavam desencorajados e não quiseram mais combater. Baraque não conseguiu impulsioná-los, conforme tinham feito Moisés e Josué.

Se compararmos este versículo com o vs. 14, parece que a meia tribo de Manassés, que foi para a parte ocidental do país, ajudou Baraque. Mas o mesmo não aconteceu com a meia tribo de Manassés da Transjordânia. Todavia, visto que este versículo menciona somente Gade (e o vs. 16, Rúben), é possível que Manassés, do Oriente e do Ocidente, tenha ajudado na batalha contra Sísera.

Dã continuou ocupado em seu comércio de navios, não lhe restando tempo para as lides da guerra, nessa oportunidade. Para eles, o dinheiro foi mais importante do que o patriotismo. Os danitas habitavam em Jope, à beira-mar e em outros lugares às margens do mar Mediterrâneo.

Aser também morava perto do litoral. Eles preferiram ficar nadando no oceano e recolhendo dinheiro do seu comércio marítimo. O exame de um mapa bíblico da Palestina antiga mostra até onde essa tribo se estendia ao longo da praia, ou seja, cerca de oitenta quilômetros. "A possessão de Jope, um dos poucos portos de mar da Palestina, naturalmente influenciou as atividades daquela tribo (ver Jos. 19.46; II Crô. 2.16 e Esd. 3.7). Mas é incerto se eles eram merecedores de reprimenda por se terem ocupado do seu comércio ou por causa de covardia, refugiando-se em seus navios" (Ellicott, *in loc.*).

5.18

Povo, que expôs a sua vida à morte. Fazendo contraste com aquelas tribos acomodadas, as de Zebulom e de Naftali arriscaram a vida respondendo à convocação de Baraque à guerra. Essas foram as duas únicas tribos a serem mencionadas na versão prosaica como tendo-se engajado na guerra (ver Juí. 4.10). Adicionando essas duas tribos às cinco que já haviam sido citadas como participantes, encontramos um total de sete tribos. "Essas duas tribos estavam supremamente preocupadas com a guerra; dentre elas saíram os dez mil homens que seguiram Baraque, tendo-se oferecido voluntariamente, mostrando-se os soldados mais ativos e vigorosos, e expondo-se aos maiores perigos" (John Gill, *in loc.*).

Nas alturas do campo. Em outras palavras, os homens de Naftali desceram do monte Tabor e atacaram o inimigo, que se achava no vale (ver Juí. 4.14,15).

"Está aqui um poderoso retrato da reação favorável ou da indiferença do povo diante do perigo, distante ou próximo" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

"A coragem de Zebulom e de Naftali foi contrastada com os vazios debates de Rúben, com a preguiça de Gade e com o egoísmo covarde de Dã e de Aser" (Ellicott, *in loc.*).

Quarta Seção: Derrota dos Cananeus (5.19-30)

Tendo "passado em revista as tropas", o autor sagrado agora diz quão eficientes elas se mostraram em batalha. A cena da batalha (de acordo com a versão poética) ficava perto das águas de Megido, mas a versão prosaica fala no monte Tabor e suas circunvizinhanças, cerca de trinta e dois quilômetros para o leste. Ver Juí. 4.14. É provável que a batalha se tenha estendido por toda aquela área, o que justifica certa variedade de referências. Ver também, no *Dicionário*, todos os nomes próprios que aparecem aqui, quanto a detalhes que não são reiterados neste ponto.

5.19

Vieram reis e pelejaram. Jabim não é mencionado na versão poética. Como temos aqui a palavra "reis", no plural, podemos entender estarem em foco Jabim (Juí. 4.2) como um desses reis. Israel também tinha os seus "reis", com o que devemos entender seus príncipes e demais líderes. Isso posto, houve uma batalha de reis, uma batalha real em Taanaque. Jabim e sua turba já tinham reduzido o povo de Israel à servidão; mas mesmo assim, naquela guerra, esperavam conseguir mais despojos ainda. Porém, visto que os cananeus foram derrotados, suas expectações estavam inteiramente fora de propósito.

Junto às águas de Megido. Estão em pauta o ribeiro de Quisom (ver Juí. 4.7) e seus afluentes, os quais inundaram toda aquela região e ajudaram Israel a vencer a batalha (ver o vs. 21 deste capítulo). Além daquele ribeiro e de seus afluentes, havia várias fontes na região, especialmente em Lejum. A estação chuvosa tinha transformado aquela planície em um charco.

5.20,21

Desde os céus pelejaram as estrelas. O poeta, contemplando a Yahweh celestial, falou sobre a ajuda prestada pelo firmamento, tendo em mente, provavelmente, a tremenda chuva e as tempestades de granizo que fizeram o ribeiro do Quisom transbordar e atolar os carros de ferro de Sísera.

Tu, em todo o Teu poder, estás tão longe,
Mas em Teu amor, tão próximo;
Para lá do alcance do sol e das estrelas,
E, no entanto, aqui ao nosso lado.

(Frederick L. Hosmer)

Sísera contava com novecentos carros de combate, armados de projeções tipo espada, que saíam dos eixos. Tais veículos em pouco tempo podiam despedaçar um batalhão de infantaria. Mas os carros de combate ficaram imobilizados pelo lamaçal produzido na inundação do Quisom. Josefo disse que, além da chuva e do granizo, houve um tremendo vento frio que deixou os soldados inimigos enregelados. Ésquilo falou daquele tempo quando "a água e o fogo, para causarem ruína, se reconciliaram", na luta contra a flotilha grega. Quanto ao ribeiro de Quisom, ver Juízes 4.7.

... os arrastou. É proverbial que os inimigos de Israel eram mais fortes do que ele (ver Deu. 7.1). Por isso, todas as vitórias obtidas sobre carros de combate, cavalaria, cidades fortificadas etc., por uma mera infantaria, tinham de ser sempre atribuídas ao poder de Deus. Se tivesse de vencer, Israel precisava depender de uma força superior, e não somente tirar proveito de um possível ponto fraco do inimigo. Essas palavras falam, metaforicamente, de como as uvas são pisadas no lagar. Cf. Apo. 14.20.

5.22

As unhas dos cavalos socavam. A cena chega a ser dantesca, plena de confusão e consternação. A força das águas, arrastando tudo, os frenéticos esforços por extrair dos cavalos, de patas atoladas na lama, o poder para puxar as pesadas carruagens de guerra. Mas foi tudo em vão. Todo esforço servia somente para destruir mais ainda os implementos de guerra e imobilizar os cavalos que puxavam as carruagens.

"Ao atravessar o ribeiro de Quisom, após chuvas apenas moderadas, eu mesmo tive oportunidade (mediante experiência pessoal) de ver quão facilmente um cavalo pode ficar totalmente incapacitado no lamaçal formado por aquele ribeiro" (Ellicott, *in loc.*).

Seus guerreiros. Eles espicaçavam inutilmente os cavalos, mas isso servia somente para aumentar a confusão. Como outras versões dizem aqui, em lugar de "guerreiros", alguns intérpretes pensam estar em foco os cavalos.

5.23

Amaldiçoai a Meroz. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Não se sabe o que ele significa. Refere-se a um lugar no vale de Esdrelom, ou nas proximidades, que tem sido identificado com a moderna Khirbet Marus, cerca de doze quilômetros ao sul de onde morava Baraque, em Cades-Naftali. Mas essa identificação é duvidosa. "Meroz, provavelmente, era uma aldeia israelita próxima, que se recusou a participar da batalha" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo). Ela talvez ficasse localizada na rota de retirada do exército de Sísera. A culpa dos habitantes de Meroz foi pior do que a culpa das tribos que preferiram manter-se neutras, pois, sem importar qual tenha sido o seu sítio exato, evidentemente ficava no coração mesmo da região. Eles poderiam ter desfechado um poderoso golpe em favor da liberdade; mas falharam no momento de maior crise.

Uma maldição foi imposta à cidade, o que era uma questão muito séria, porquanto esperava-se que Yahweh, finalmente, traria alguma espécie de castigo, como um terremoto, um incêndio, tempestades, ataque por parte de inimigos etc. A cidade foi sujeitada, por assim dizer, à maldição da guerra santa (ver Deu. 7.1-4), mas a Yahweh foi entregue a tarefa de aniquilar o lugar.

O Anjo do Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Anjo*. A batalha foi acompanhada por poderes sobrenaturais, que controlaram o seu resultado, conforme tão freqüentemente lemos na literatura grega, especialmente nos escritos de Homero. Esse poder sobrenatural proferira a maldição; e isso significava que, mais cedo ou mais tarde, ela entraria em vigor.

5.24

Bendita seja... Jael. Em contraste com o lugarejo de Meroz, Jael foi abençoada pelo mesmo poder sobrenatural, em face do audacioso e brutal assassinato de Sísera (ver Juí. 4.18-22). Ela haveria de prosperar, teria uma longa vida, muitas provisões materiais e espirituais e também muitas vantagens. Seus filhos seriam protegidos em caso de guerra. Seu marido faria feitos notáveis. Ela mesma ocuparia um lugar especial entre as mulheres. Todos haveriam de admirá-la por causa de seu ato horrendo, e ela continuaria sendo elogiada até morrer, e por todas as gerações dali por diante. "Jael seria relembrada como uma heroína patriota, cuja coragem tinha garantido para Israel os frutos da vitória... Comparar essa explosão de aprovação patriótica de tal feito com a saudação de 'bendita és tu entre as mulheres', dirigida pelo anjo à bendita Virgem Maria" (Eilicott, *in loc.*). Ver Lucas 1.28.

Os comentadores têm debatido a moralidade de elogiar atos bárbaros e traiçoeiros; porém a guerra santa não somente louva isso, mas até requer tal coisa. O homem selvagem, tribal, ainda não tinha atingido um ponto em que tais ações recebessem condenação. Naturalmente, não se pode negociar com a maioria dos tiranos. A única coisa que eles compreendem é a violência, e a violência é a única coisa capaz de fazê-los parar. Sísera, o matador bárbaro, foi barbaramente morto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

5.25

Água pediu ele. O cansado e suado Sísera pediu água. Mas Jael não tinha água e ofereceu-lhe leite, talvez leite azedo ou iogurte, conforme indica a palavra que aparece no original hebraico. Cf. Juí. 4.19. O vaso em que Jael serviu o leite talvez fosse ornado o bastante para corresponder à elevada posição social de Sísera, que era general do exército. Jael, porém, já estava desenvolvendo seu ato de traição, ao tratar Sísera como um herói. Mas o coitado estava prestes a morrer por meio do beijo da mulher-aranha. Primeiramente ela lhe serviu leite no sephel, uma taça esplêndida, reservada para ocasiões especiais, o que fez o homem pensar que estava em segurança. Mas a estaca que lhe foi enfiada no crânio haveria de mandá-lo para o seu descanso eterno.

"Os árabes preparam o iogurte agitando o leite em um odre de couro, e é bebida altamente apreciada por causa de suas qualidades refrescantes." O iogurte é vendido nos Estados Unidos nos supermercados, juntamente com leite, e é, realmente, uma bebida deliciosa e refrescante. O nobre Sísera bebeu a nobre bebida em um vaso especial; mas a sua vida estava praticamente no fim.

5.26

À estaca estendeu a mão. Com uma das mãos ela serviu o leite azedado; e com a outra mão ela apanhou a estaca de tenda. Esse ato traiçoeiro jamais será esquecido, porquanto redundou em grande bem para o povo de Israel. Competenos supor que tal ato foi uma reafirmação pessoal de lealdade de Jael ao Pacto

Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), visto que envolveu a preservação do território de Israel, uma das principais provisões daquele pacto. Ver Juí. 4.21 quanto a uma explicação sobre a estaca e o martelo.

Rachou-lhe a cabeça. O golpe, desfechado com a estaca da tenda, com a ajuda do martelo, não fez uma perfuração redonda no crânio de Sísera. Antes, foi um golpe esmigalhador, que precisou de mais de uma martelada. A palavra hebraica em questão imita o som de um golpe, "... relembrando a pancada esmagadora dada com um martelo. E a estaca esmagou, despedaçou, arrombou, transfixou... a imaginação da profetisa parece ter-se deliciado na descrição do golpe, no deleite da vingança" (Ellicott, *in loc.*).

A King James Version, em inglês, transmite a idéia de que Jael decepou a cabeça de Sísera, ou que a mutilou tão completamente que a cabeça foi separada do corpo. "Depois de ter-lhe atravessado a têmpora com a estaca, ela tomou a espada dele, e lhe decepou a cabeça, conforme Davi fez com Golias, após ter-lhe enterrado uma pedra na testa, com a ajuda de uma funda" (John Gill, *in loc.*).

5.27

Aos pés dela se encurvou. A palavra "dela" chega a ser insultuosa. O grande general cananeu caiu diante dos golpes de uma mulher. Agora ele estava caído aos seus pés. Foi assim que Jael se tornou heroína nacional em Israel. Até hoje o feito dela é narrado nas escolas dominicais em redor do mundo. "Tendo-o estonteado com um poderoso golpe do martelo, ela, muito provavelmente, sentou-se para poder atravessar-lhe o crânio com a estaca, com maior comodidade, após a pancada inicial na cabeça. Ele se encurvou e caiu, provavelmente lutando para pôr-se de pé após receber a primeira pancada, mas não conseguiu. Ésquilo representou Agamenom como quem se levantou, cambaleou e, finalmente, caiu, debaixo dos golpes desfechados por Citenestra (Agam. v.1384)" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Ele ficou caído, sem fazer nenhum movimento, depois de algum movimento convulsivo" (Elliicott, *in loc.*).

John Gill (*in loc.*) escreveu que o ato dela foi justificado, por ter sido inspirado pelo Espírito de Deus; mas ajuntou que se assim não tivesse sido, teria sido uma "quebra da hospitalidade!"

5.28

A mãe de Sísera. O poema mencionou a tristeza da mãe do general cananeu. Os guerreiros antigos eram considerados heróis, tal como acontece com os militares modernos. Não era uma desgraça quando uma mãe tinha um filho que matava o maior número possível de seres humanos. Não obstante, em meio a tanta violência, ainda assim havia a considerar o amor de uma mãe. "As mães cujos filhos estão na guerra continuarão sendo iguais, geração após geração: 'Quando ele voltará?'. E por baixo disso há a pergunta que ninguém ousa perguntar: 'Ele voltará?'. A mãe daquele capitão cananeu era igual a todas as mães, de capitães ou de cabos, cujos filhos deixam para trás filhos pequenos, e cuja perda as mesmas lamentam com uma tristeza que se recusa a deixar-se consolar... E os pais também não deveriam ser excluídos dos círculos dos lamentadores. Nenhuma outra passagem do Antigo Testamento é mais carregada de sentimento do que quando o rei Davi lamentou por causa de seu filho: 'Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu tivesse morrido por ti, Absalão, meu filho, meu filho!' (II Sam. 18.33)" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

5.29,30

Estes dois versículos exprimem o que a mãe de Sísera e suas damas de companhia teriam dito, na tentativa de explicar a demora do comandante. Elas deixaram a imaginação correr solta. Sem dúvida alguma grande vitória teria detido a Sísera e suas tropas. Estariam dividindo os despojos; e os despojos eram da melhor qualidade — coisas dignas de serem valorizadas e queridas. Por essa razão é que Sísera e seus homens estariam demorando. Mas em breve elas ouviriam o ruído do carro de combate dele, que se aproximava. Logo as ansiedades delas chegariam ao fim.

A mente feminina, naturalmente, pensava nos tipos de despojos que poderiam interessá-la: vestes tingidas e outros tecidos; peças cuidadosamente bordadas; panos tecidos com cuidado, que qualquer mulher gostaria de usar, ou que poderia presentear a outrem.

As capas bordadas eram muito procuradas tanto por mulheres quanto por homens, até mesmo por duros e calejados guerreiros. Descobrir uma dessas vestes entre os cadáveres era um acontecimento saudado efusivamente. A mãe de Sísera, pois, esperava que os atos galantes e heróicos de seu filho fossem recompensados por despojos proporcionais à importância dele.

Quinta Seção: Oração Final de Maldição e Bênção (5.31 - 32)

5.31-32

Uma Maldição e Uma Bênção. O cântico de Débora se encerra, mui tipicamente, com uma maldição e com uma bênção. Maldição contra todos os adversários de Israel, pedindo que Yahweh os derrotasse da mesma maneira que tinha derrotado Sísera e suas tropas; e bênção sobre todos os amigos de Israel, como as tribos de Israel que atenderam à convocação de Débora e Baraque, para virem à guerra contra o opressor cananeu.

Brilham como o sol. Nos países onde o sol brilha intensamente, esse astro-rei é associado à idéia de força suprema. Os raios solares podem fazer animar os homens vigorosos; podem fazer crescer as plantas; podem ressecar tijolos para serem usados nas construções. O sol é a fonte originária daquelas coisas associadas à energia física. Que Israel e seus aliados fossem como o sol, que se levanta no horizonte com todo o seu poder.

"... que os verdadeiros amigos de Deus fossem tão resplendentes e gloriosos, e que aumentassem em sua luz, lustre e esplendor, como aquela gloriosa luminária em pleno meio-dia" (John Gill, *in loc.*).

"... como o sol nascente, que espanta as sombras da noite e produz luz e prosperidade à terra" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Ver a metáfora associada ao sol, em Salmos 19.4,5; 68.1-3; Daniel 12.3 e Mateus 13.43.

Capítulo Seis

Gideão e Abimeleque (6.1 - 9.57)

Israel sofreu sete apostasias, sete servidões, e obteve sete livramentos, mediante a agência de doze a catorze juízes, dependendo de como quisermos contá-los. Ver na introdução ao livro, em sua seção VII. O livro de Juízes consiste, essencialmente, em uma crônica de guerras, contra o pano de fundo da fé religiosa que afirma que a degradação espiritual, naturalmente, provoca reversões e dificuldades. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

A história de Gideão é narrada com muitos detalhes. Essa narrativa, bem como a referente a Sansão, são os dois relatos mais longos do livro de Juízes. Gideão, com a ajuda e orientação de Yahweh, foi capaz de derrotar os midianitas, embora contasse com um minúsculo exército de apenas trezentos homens. Midiã era uma região indefinida no deserto da Arábia, a leste e a sudeste do mar Morto, para além dos limites de Moabe e Edom. Os midianitas formavam uma tribo nômade, tradicionalmente relacionada a Israel (ver Gên. 25.1-6). Costumavam fazer ataques periódicos contra Israel, razão pela qual, vez por outra, os israelitas eram forçados a envolver-se em alguma guerra de defesa. Somente nos dias de Davi Israel firmou-se internamente e então pôde gozar de segurança dentro de suas próprias fronteiras. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Midiã, Midianitas.*

Gideão (ver a respeito dele no *Dicionário*) foi um juiz-herói, um líder carismático, pertencente à tribo de Manassés. Sua história é contada por meio de cem versículos, o mais longo relato recebido por qualquer dos juízes de Israel. Esses versículos ocupam três capítulos. E a história de Sansão consiste em noventa e seis versículos, ocupando quatro capítulos do livro de Juízes.

6.1

Fizeram os filhos de Israel o que era mau. Essa fórmula padronizada descreve um novo período de apostasia de Israel, seguido pela servidão a algum povo estrangeiro. Ofereci completas notas expositivas sobre isso, em Juí. 2.11 e 3.7, com uma lista de referências de sua ocorrência.

Esta apostasia resultou na servidão aos midianitas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Midiã, Midianitas*, quanto a comentários adicionais.

"Uma vez mais houve o ciclo de desvio, castigo e restauração. Esse período de humilhação de Israel não foi muito longo, mas de somente sete anos, embora extremamente doloroso. Os midianitas destruíam a produção agrícola de Israel... Era um truque cruel permitir que outros trabalhassem e suassem, até terem conseguido uma colheita, para então privá-los do fruto de seu trabalho" (Phillips P. Ellicott, *in loc.*).

6.2

Prevalecendo o domínio dos midianitas. A servidão dos israelitas tornou-se tão amarga, e os ataques tornaram-se tão virulentos e persistentes, que os hebreus tiveram de abandonar seus lares para escapar dos atacantes, escondendo-se nas "minas e cavernas" (Josefo, *Antiq.* v. 6, par. 1). Talvez por isso mesmo, leiamos no trecho de Hebreus 11.38: "... errantes... pelas covas, pelos antros da terra". "Vendo, pois, os homens de Israel que estavam em apuros (porque o povo

estava apertado), esconderam-se pelas cavernas, e pelos buracos, e pelos penhascos, e pelas cisternas" (i Sam. 13.6).

"Cavernas de pedra calcária são aqui mencionadas pela primeira vez, e foram usadas posteriormente também, como as cavernas coricianas da Grécia, durante a invasão dos persas, ou as cavernas das Astúrias, na Espanha, durante a ocupação efetuada pelos mouros. Era como retornar ao período dos trogloditas, entre os horeus e os fenícios" (Stanley, i.340).

6.3,4

Cada vez que Israel semeava. O alimento é um bem vital, e requer muito trabalho. Os midianitas conseguiram levar os israelitas ao desespero, com seus ataques aos campos plantados, quando estes estavam maduros para a sega. Somente depois de muitos meses de trabalho nos campos podia ser revertido o efeito desses ataques, pelo que a fome se tornou generalizada em Israel. Os midianitas eram guerrilheiros montados. Eles não ocupavam um território, mas lançavam ataques periódicos contra os campos, deixando um rastro de destruição e fome. Sem dúvida, eles tomavam despojos, mas parece que o propósito principal deles era obter prazer na destruição e na aflição que causavam. Agiam como se estivessem em uma competição esportiva de equipe. Levavam todos os animais que quisessem, bem como a produção agrícola de Israel; mas grande parte daquilo que destruíam, faziam-no apenas por diversão.

"Os midianitas e seus aliados locomoviam-se com a ajuda de muitos camelos (cf. Juí. 7.12), cujo alcance e velocidade (nada menos de cento e sessenta quilômetros por dia) faziam deles uma ameaça militar formidável e de longo alcance. Temos aqui a primeira referência a sortidas militares que usavam camelos (cf. Gên. 24.10,11)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Os amalequitas. Ver a respeito deles no *Dicionário*. Os midianitas dispunham de aliados, pelo que a tribulação de Israel era multiplicada de várias formas.

Como também os povos do Oriente. Ou seja, o oriente da Terra Prometida, os beni Kedem (ver Gên. 25.6; Jó 1.3), um termo geral para as tribos árabes que ocupavam aquela região. "Com base em Juízes 8.26, podemos obter um bom quadro de seus chefes, com suas vestes coloridas e seus brincos de ouro, montados em dromedários e cavalos, cujos pescoços traziam muitos ornamentos de ouro, em forma de meia-lua" (Ellicott, *in loc.*).

6.5

Vinham como gafanhotos... seus camelos. O *camelo* (ver a respeito no *Dicionário*) era o novo instrumento de guerra. Esses animais permitiam ataques que partiam de muito longe, como se fossem uma "blitz-krieg", após o que eles se retiravam rapidamente. E Israel não estava preparado para enfrentar tais ataques. por causa das imensas hordas que deles participavam; nem dispunha de meios para perseguir os atacantes, uma vez que eles se decidissem pela retirada. O versículo enfatiza o imenso número de assaltantes. Somente para alimentá-los, eram necessários vários ataques súbitos! Eles se pareciam com o inimigo tradicional, os gafanhotos, e eram tão destruidores quanto estes.

"Midiã era um lugar famoso por seus camelos e dromedários (ver Isa. 60.6), e os árabes aliavam-se a eles. Leão Africano (*Descriptio Africae*, 1.9, par. 745) informa-nos que eles calculavam suas riquezas pelo número de camelos que possuíam" (John Gill, *in loc.*). Os nômades do deserto ocupavam uma região somente enquanto não haviam consumido tudo; e então mudavam-se para um novo território. E as terras de israel tornavam-se uma espécie de armazém de renovação de alimentos. Os nômades nem plantavam nem colhiam. Antes, como parasitas, sobreviviam do trabalho alheio.

6.6

Israel ficou muito debilitado. Juntamente com a pobreza vinha a fome; e com a fome, a morte. Ninguém podia ter certeza de quando essa situação haveria de mudar. Ademais, os hebreus teriam de derrotar aqueles milhares e milhares de camelos, algo que jamais haviam feito antes. Invocar a Yahweh, rogando uma intervenção divina, era a única esperança. Deus teria de levantar um juiz que resolvesse o problema dos camelos.

6.7,8

Tendo os filhos de Israel clamado ao Senhor. Yahweh ouviu os gritos de desespero dos israelitas. A resposta do Senhor, que apontava para a intervenção divina que viria, chegou primeiramente sob a forma das palavras de encorajamento através de um profeta cujo nome não nos é dado (ver Juí. 6.8-10). Ele se referiu à falha de Israel. Uma vez mais, eles tinham caído na idolatria. Essa sempre foi a origem de todos os problemas dos hebreus. Mas a mera presença divina, e a memória das intervenções passadas do Senhor em favor de Israel, renovava as esperanças. A visita daquele profeta foi seguida pela visita do Anjo do Senhor (ver os vss. 11 ss. deste capítulo). O Anjo do Senhor aproximou-se do herói da narrativa, Gideão, que recebeu poder para libertar Israel. Algumas vezes chegamos a um ponto em que precisamos da intervenção divina, pois perdemos toda a capacidade de defesa própria, e não podemos depender de nossos próprios recursos. Portanto, Senhor, concede-nos tal graça!

Um profeta. Seu nome não nos é fornecido. Ele e Débora foram as únicas duas pessoas chamadas de "profetas", em todo o livro de Juízes. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Profecia, Profetas e Dom da Profecia*. Um profeta enuncia alguma mensagem inspirada pelo Espírito de Deus, que vai além das antecipações da mente humana. Essa mensagem envolveu reprimenda, mas também anunciou orientação e encorajamento. As lendas judaicas dizem que esse profeta foi Finéias, filho de Eleazar, o sumo sacerdote; mas, se o referido profeta tivesse sido uma figura tão bem conhecida, o mais provável é que o autor sagrado teria informado seu nome. Ademais, para que esse profeta fosse Finéias, ele precisaria ter vivido duzentos anos!

... vos fiz subir do Egito. O profeta primeiro relembrou o povo de Israel das glórias dos livramentos divinos passados. Sem dúvida, os midianitas e seus camelos não seriam mais difíceis de derrotar do que o Faraó e seu mais poderoso exército da terra. Yahweh tinha livrado Israel "do Egito". Essa é uma declaração comum que nos faz lembrar do poder e da graça de Yahweh, idéia que figura no livro de Deuteronômio por cerca de vinte vezes. Ver as notas expositivas a respeito em Deuteronômio 4.20.

... vos tirei da casa da servidão. Agora, sob os ataques-relâmpagos dos midianitas, embora não escravizados, tinham sido reduzidos a grande dependência econômica. Mas sem dúvida a condição atual não era pior que aquela que tinha sucedido aos filhos de Israel no Egito; e, não obstante, Yahweh tinha-se mostrado poderoso o bastante para pôr fim à situação. Por conseguinte, o Senhor continuava dotado de poder para livrar os israelitas de qualquer modalidade de servidão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo, Escravidão*. Ver também Êxodo 20.2.

6.9

E vos livrei. Dois grandes livramentos históricos tinham assegurado aos filhos de Israel o poder de Yahweh intervir na atual situação em que se encontravam. O livramento da servidão aos egípcios (algo que já havia sido mencionado no versículo anterior) e o sucesso na conquista da Terra Prometida aparecem como ilustrações de que nenhuma situação poderia ser considerada insolúvel. Sem dúvida alguma, os inimigos que Israel teve de enfrentar, aqueles na Transjordânia e então as sete nações cananéias expulsas da Terra Prometida (ver Êxo. 33.2; Deu. 7.1), eram tão poderosos como os midianitas com os seus camelos. O argumento foi: se Yahweh pôde derrotar os cavalos e os carros de combate do Faraó, e também as sete nações cananéias com suas cidades-fortalezas, então também poderia derrotar os midianitas e seus camelos.

Até aqui teu poder me tem abençoado,
E sem dúvida continuará a guiar-me
...
Até que a noite passe...

(John H. Newman)

E vos dei a sua terra. A possessão da Terra Prometida era uma das maiores provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Se houve poder para expulsar as sete nações cananéias, então haveria poder para acabar com os ataques repentinos dos midianitas.

6.10

Não destes ouvidos à minha voz. Essa era a causa real do retrocesso que os filhos de Israel estavam sofrendo. Um período de descanso na Terra Prometida, após alguma restauração, era inevitavelmente seguido por alguma nova apostasia; e assim começava de novo aquele ciclo horrendo. O atual período de aflição, com todos aqueles camelos galopando rapidamente, montados por midianitas que levavam todos os víveres que encontravam, tinha resultado na apostasia de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*.

Yahweh era o Deus do pacto com Israel. Esse pacto dependia da obediência por parte do povo de Israel. A idolatria importava em uma crassa desobediência, pelo que debilitava ou mesmo anulava os efeitos do pacto com o Senhor Deus.

Se o povo de Israel quisesse compreender a razão pela qual estava sendo oprimido, era mister que olhasse para dentro, e não para causas externas. A corrupção interior tinha armado o palco para a dificuldade externa. Cf. a mensagem dada em Boquim (ver Juí. 2.1,2). As notas dadas ali se aplicam igualmente aqui.

Amorreus. Ver sobre isso no *Dicionário*. Esse nome algumas vezes é usado para representar todas as sete nações cananéias que residiam antes na Terra Prometida (ver Gên. 15.16), e provavelmente é isso que está em pauta neste versículo. Ver o mesmo uso em Jos. 24.15. Mas nenhuma libertação poderia ocorrer enquanto os filhos de Israel não se arrependessem. Era necessário que primeiramente a idolatria fosse abandonada, e que o pacto com Yahweh fosse renovado.

O Chamado de Gideão (6.11-32)

A intervenção divina em favor de Israel começou com o aparecimento de um profeta anônimo (ver Juí. 6.8 ss.). E prosseguiu mediante o ministério do Anjo cuja tarefa foi equipar Gideão para o livramento real dos midianitas e seus incontáveis camelos. Houve duas fases na chamada de Gideão: 1. Nos vss. 11-24, a visita e a mensagem do Anjo; 2. nos vss. 25-32, a ordem de derrubar os altares de Baal. Alguns eruditos opinam que esses dois relatos representam fontes diferentes da história do chamado de Gideão, mais tarde combinadas como uma unidade, pelo autor-editor do livro de Juízes. Mas também poderíamos afirmar que esse chamado, comissionamento e concessão de poder ocorreram por meio de dois estágios distintos.

6.11

Veio o Anjo do Senhor. Talvez o próprio Yahweh, embora mais provavelmente um agente do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo*. Esta passagem ensina-nos o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), e não o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus é aqui retratado como Alguém que pode intervir e realmente intervém nos negócios humanos. Ele Se faz presente, baixa ordens, castiga e faz prosperar (teísmo). Ele não é algum mero poder (pessoal ou impessoal) que abandonou a sua criação, deixando-a entregue às leis naturais (conforme diz o deísmo). O teísmo supõe que, ocasionalmente, as intervenções divinas se tornam necessárias; e também que os homens devem sempre buscar a presença divina, que é a garantia da espiritualidade e do sucesso.

Assentou-se debaixo do carvalho. Existe algo de majestático no carvalho, uma árvore de madeira dura. Com freqüência, os carvalhos tornavam-se lugar de oráculos. O carvalho do presente versículo ficava perto de *Ofra* (ver a respeito no *Dicionário*). A área fazia parte das possessões da família de Gideão e de seu pai, *Joás* (ver a respeito dele no *Dicionário*). Ofra ainda não foi identificada com certeza absoluta. As qualificações dadas distinguem-se da Ofra de Benjamim (ver Jos. 18.23; I Sam. 13.17). W. F. Albright sugeriu que Ofra se situava no começo da extremidade norte da planície de Sarom. F. M. Abel pensava que Ofra ficava entre o monte Tabor e Bete-Seã. Um carvalho geralmente era um lugar onde eram dados oráculos (ver Juí. 4.5; Gên. 12.6).

Abiezrita. Os abiezritas eram um dos clãs de Manassés (ver o vs. 15; Núm. 26.29,30; Jos. 17.2). Gideão, pois, achava-se ali, malhando o trigo em um lagar, para que não pudesse ser visto pelos assaltantes midianitas. E essa circunstância, por si mesma, ilustrava quão atribulada estava a Terra Prometida.

Lugares regulares e comuns de padejar o grão eram alvos naturais das multidões de saqueadores midianitas. Gideão precisou esconder o lugar onde malhava o cereal. Aquilo constituía uma grande inconveniência, embora fosse uma medida necessária para a sobrevivência.

6.12

O Anjo do Senhor lhe apareceu. Gideão recebeu uma visita pessoal do Anjo do Senhor, tão importante era a missão que estava prestes a realizar. Ele necessitava de informações por meio de iluminação, e precisava receber poder para efetuar a tarefa. Gideão era homem de valor suficiente para ser chamado de "valente", da parte do Senhor. Dentro do contexto do livro de Juízes, isso indica um homem dotado de habilidade militar e um homem corajoso. Essas eram as qualidades necessárias para pôr fim aos ataques midianitas com camelos, para que a vida em Israel voltasse à normalidade. Aquilo que, porventura, faltasse seria abundantemente suprido por Yahweh, que estava "com ele", a promessa mais imediata do Anjo.

"A figura de Gideão destaca-se em claro contraste contra a confusão que prevalecia na época... Algumas vezes, podemos sentir a magnitude de sua pessoa por meio dos modernos equivalentes, 'os gideões'" (Phillips P. Elliott, *in loc.*, que se referia à organização internacional que tem distribuído Bíblias gratuitas, por diversas gerações, em hotéis, escolas, hospitais etc.). Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Gideão*.

6.13

Se o Senhor é conosco, por que nos sobreveio tudo isto? O que estava faltando a Israel era precisamente o que o Anjo disse que não estava faltando (de acordo com a perspectiva de Gideão), a saber, a presença de Yahweh. Gideão tinha ouvido as narrativas de todos os "milagres" ocorridos nos tempos antigos, incluindo o poderoso livramento de Israel do Egito, que era uma tarefa impossível para o homem, exigindo a presença divina. Ver sobre o tema desse livramento nas notas em Deuteronômio 4.20. No livro de Deuteronômio, esse assunto é ventilado por cerca de vinte vezes.

Isto é a minha aflição:
Mudou-se a destra do Altíssimo

(Salmo 77.10)

Aquilo que os "pais" haviam dito precisava ser revivido por seus descendentes, pois, caso contrário, as coisas continuariam em sua condição de caos e de miséria.

"Não nos alcançaram estes males por não estar o nosso Deus no meio de nós?" (Deu. 31.17).

O Senhor nos desamparou. Ver Sal. 13.1; II Crô. 15.2. A idolatria dos filhos de Israel tinha feito Yahweh afastar-se deles. Decisões erradas tinham sido tomadas. Ver Jos. 24.15.

6.14

Então se virou o Senhor para ele. A presença de Deus garantia a vitória final por intermédio de Gideão, e foi-lhe dada uma generosa certeza de que a vitória seria alcançada, embora não houvesse, por enquanto, nenhuma orientação ou capacitação imediata. Mas em breve Gideão receberia aquilo de que necessitava. Yahweh olhou para ele com bondade, fazendo emanar poder até a sua mente e conferindo-lhe muitas e grandes promessas. Aquele olhar bondoso era, em si mesmo, uma garantia, e em breve seriam adicionados atos divinos ao olhar divino; assim ficaria eliminada toda aquela aflição e miséria dentre o povo de Israel.

O Espírito de Deus significa alguma coisa na vida? Podemos provar que existe em Deus um poder à nossa disposição que nos pode dar mais do que qualquer ser humano seria capaz de oferecer? Essa proposição tem sido comprovada por vezes sem conta na experiência humana. No entanto, cada vez em que assim acontece, ficamos de novo surpresos.

"O olhar inspirou-o com uma nova força" (Elliicott, *in loc.*).

Vai nessa tua força. O poder estava presente; o olhar de bondade e encorajamento também estava presente. O que faltava agora era Gideão "ir", cumprindo a parte que cabe ao homem, porquanto já lhe havia sido dado poder para cumprir essa parte. "Ele tinha autoridade suficiente para ir e realizar aquele serviço" (John Gill, *in loc.*).

6.15

Minha família é a mais pobre. Gideão era um homem pobre de uma família pobre, em uma tribo relativamente pobre. Ele nada via, em si mesmo ou em suas circunstâncias, que pudesse justificar a confiança e o chamamento de Yahweh. Ele não era o general de algum exército. Ali estava Gideão, escondido no lagar que havia adaptado para servir de eira. Ele estava escondido com receio dos midianitas. Quanto ele valia? Não obstante, conforme tem sido dito: "O limite do homem é a oportunidade de Deus".

Aquele que tira proveito do momento certo
É o homem certo.

(Goethe)

Um homem sábio faz mais oportunidades,
Do que as encontra.

(Francis Bacon)

A humildade de Gideão ocultava a sua grandeza interior. Cf. isso com a experiência de Moisés, em Êxodo 3.12; ou com a de Josué, em Josué 1.5.

6.16

Já que eu estou contigo. Aquilo que Yahweh tinha feito Moisés ser o que foi, e o que tinha feito Josué ser o que foi, assim também estava fazendo em relação a Gideão. O fator divino estava presente, estabelecendo toda a diferença. Esse fator divino se faz presente sempre que é necessário. Algumas vezes, temos de buscá-lo com diligência. De outras vezes, precisamos ser testados. A idéia de que Yahweh poderia libertar Israel por meio dele parecia fantástica para Gideão. Ele era um homem humilde e modesto, prestes a ser encarregado de uma imensa tarefa. Olhar para trás, para a história, e ver por quantas vezes isso já aconteceu, nem sempre nos ajuda. E então indagamos: "Poderá isso acontecer

de novo?". E é sobre essas palavras, de novo, que lançamos todas as nossas dúvidas e ansiedades.

"Dizem os Targuns: 'Minha Palavra será tua ajuda', suficiente para responder a todas as objeções que se derivavam de sua ruindade, indignidade e fraqueza" (John Gill, *in loc.*).

Um Só Homem. Um único homem, dotado de forças pela presença de Yahweh, seria suficiente para destruir todas as hordas de Midiã. Cf. Juí. 19.1,8; Núm. 14.15. A história ilustra repetidamente o princípio daquilo que um único homem pode fazer, quando se dedica à sua tarefa de maneira absoluta. Por assim dizer, havia um só povo midianita, coletivamente considerado. Gideão, embora um só homem, eliminaria Midiã, considerando coletivamente esse povo. Essa era a matemática divina sobre a situação.

6.17

Dá-me um sinal. A experiência de Gideão foi típica da experiência humana. Ele "creu" que a presença divina lhe tinha dirigido a palavra; e, no entanto, conforme alguém disse: "A primeira coisa que o verdadeiro místico faz é questionar a validade de sua experiência". Naturalmente, um misticismo fácil e barato não busca autenticação. Mas um místico genuíno não aceita as suas experiências como automaticamente válidas. Antes, ele as submete a teste. (Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*) Foi por essa razão que Gideão desejou submeter a teste a sua experiência mística. Yahweh realmente falara com ele? Ele queria contar com algum meio prático de testar essa proposição. Poderíamos considerar a atitude de Gideão como falta de fé; por outra parte, porém, submeter a teste é uma medida óbvia de sabedoria. Quando lidamos com experiências místicas, sabedoria é o ingrediente de que mais carecemos. Por conseguinte, devemos fazer conforme somos aconselhados em I João 4.1: "Provai os espíritos, se procedem de Deus".

Um sinal. Jesus nos advertiu a respeito daquelas pessoas que, sendo inerentemente malignas, ainda assim buscam sinais que as excitem, presumivelmente conferindo-lhes orientação para a vida religiosa e as atividades cotidianas. Ver Mat. 12.39. A maior parte dos sinais que buscamos e obtemos são frívolos e frutos de nossa própria imaginação. Vez por outra, entretanto, pedimos um sinal importante para compreender a vontade de Deus quanto a determinada situação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la.* Gideão obteve o que desejava (vs. 21). Algumas vezes, precisamos ser favorecidos do mesmo modo que o foi Gideão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Até hoje pedimos: "Senhor, mostra-nos o sinal da lã!". Em algumas poucas ocasiões, o Senhor nos confere um sinal genuíno, em geral de forma surpreendente; mas usualmente dizemos: "Bem, isso não funcionou!". Que tenhamos mais daquelas raras ocasiões!

"Dá-me alguma prova clara de que isto não é uma mera visão, e que a mensagem realmente veio da parte de Deus, anunciando-me um favor divino (ver Sal. 86.17; Isa. 7.11)" (Ellicott, *in loc.*).

"Opera um milagre, para que eu saiba que tens sabedoria e poder suficientes para autorizar-me e qualificar-me para o trabalho" (Adam Clarke, *in loc.*).

6.18

Rogo-te que daqui não te apartes. Os israelitas esperavam receber visitas angelicais; mas os homens sempre se sentem incertos quanto à natureza exata do visitante. Por isso mesmo, essas personagens eram tratadas com toda a hospitalidade oriental, na esperança que não se sentiriam ofendidas.

> *Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns,*
> *praticando-a, sem o saber acolheram anjos.*
>
> (Hebreus 13.2)

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Anjo* e *Hospitalidade.*

E traga a minha oferta. No hebraico é usada a palavra minchah, que pode indicar uma oferta de manjares (ver Lev. 2.1-16 e 6.14-18). A palavra hebraica também significa "tributo". No atual contexto, porém, está em vista uma refeição, que Gideão providenciou para o visitante celeste. Gideão não era um sacerdote; ele não deve ter oferecido um sacrifício; e, por isso, não deve ter imitado o culto no tabernáculo. Gideão tinha a esperança de que o visitante celeste esperaria tempo bastante para aceitar seu ato de hospitalidade. Os visitantes celestes têm um modo súbito de aparecer e desaparecer.

6.19

Preparou um cabrito e bolos asmos. Essa foi a refeição oferecida por Gideão. Foram providas coisas comuns. O cabrito servia como carne; e os bolos asmos, servidos com caldo, completavam a oferta. Era uma refeição comum e típica, que qualquer homem humilde de Israel poderia ter preparado. O que sobrasse, Gideão levaria de volta para casa, por razões econômicas, especialmente naqueles dias em que os midianitas atacavam com seus milhares de camelos e deixavam os filhos de Israel empobrecidos.

Bolos asmos. Eram preparados com grande facilidade. Esse tipo de alimento foi oferecido por Ló aos anjos, e pela feiticeira de En-Dor a Saul (ver Gên. 19.3 e I Sam. 28.24).

Dum efa de farinha. Cerca de dez quilogramas. Quantidade exagerada para uma única refeição. Um ômer (cerca de um quilograma) teria sido suficiente para a ocasião; mas lembremo-nos de que Gideão levaria para casa o que sobrasse.

Debaixo do carvalho. Provavelmente está em pauta um lugar sagrado, um oráculo, até onde o Anjo tinha vindo (ver o vs. 11 deste capítulo).

6.20

Porém o Anjo de Deus lhe disse. O Anjo transformou uma refeição comum em uma refeição sagrada. Há uma grande lição espiritual nessa circunstância. Apresentamos nossas coisas comuns, nossas capacidades e recursos, e Deus toma essas coisas e as transforma em algo incomum, algo dotado de valor espiritual. E também temos aqui outra lição: aquilo que tencionamos usar de forma comum, Deus pode transformar em algo inteiramente diferente, conferindo-nos um propósito e uma missão quanto ao que fazemos. Cf. este versículo com Gên. 35.14; Êxo. 30.9; I Reis 18.34. Assim, o caldo tornou-se uma libação (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação*). Assim, em II Macabeus 1.20-36, Neemias derramou a água espessa do sacrifício e, quando o sol brilhou, tudo foi consumido, e todos os homens maravilharam-se diante da cena.

6.21

Estendeu... a ponta do cajado. O Anjo do Senhor agiu de maneira curiosa. Ele estendeu o Seu cajado. Teríamos esperado que dali saísse fogo que consumisse a oferenda improvisada. Em lugar disso, abriu-se a rocha onde a oferenda fora colocada, calor e chamas emanaram da rocha. Portanto, temos aí um milagre admirável, que ocorreu de forma totalmente inesperada; e assim Gideão, de um momento para outro, recebeu o sinal que tinha pedido (ver o vs. 17 deste capítulo). E enquanto Gideão contemplava a cena terrível, de súbito, como os anjos costumam fazer, o convidado desapareceu em um instante.

A refeição comum que Gideão tinha oferecido transformou-se em uma oferenda a Yahweh, uma indicação segura de que a experiência mística de Gideão fora mesmo genuína. O Anjo de Yahweh realmente o havia visitado. Isso pode ser comparado com o milagre de Elias no monte Carmelo (ver I Reis 18.33-38).

Dessa maneira, Gideão, um homem comum, estava sendo transformado em Gideão, o homem especial de Yahweh, devidamente preparado para a sua missão. O que havia acontecido com a refeição aconteceria com o próprio Gideão. Ali manifestou-se o poder transformador de Deus.

"Água esguichou da rocha, para abençoar o homem, e fogo procedeu da presença de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

O Anjo do Senhor desapareceu, mas a presença do Senhor continuava ali, e haveria de intensificar-se conforme o drama se fosse desenrolando.

6.22-23

Vi o Anjo do Senhor face a face. O milagre com o fogo consumidor convenceu Gideão de que, verdadeiramente, ele tinha sido visitado pelo Anjo do Senhor, o que equivalia a ver o próprio Yahweh. Tal evento seria fatal, e, no entanto, ali continuava ele, perfeitamente vivo, embora aterrorizado. Gideão proferiu os nomes divinos, Yahweh-Elohim, ou seja, o Eterno Todo-poderoso, os dois nomes de Deus mais comuns em Israel, naqueles dias. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Acerca de como tal experiência pressagiava a morte de quem recebesse a visão de Deus, ver Gên. 16.13; 32.30; Êxo. 20.19; 33.20; Juí. 13.22; Isa. 6.5. Notemos que no vs. 23 foi o próprio Yahweh quem consolou a Gideão, naquele momento de terror: ele tinha visto o Anjo do Senhor, mas não morreria. Pelo contrário, ele tinha agora uma importante missão a ser cumprida, e ainda lhe restavam muitos anos de vida para realizar aquela e outras missões.

Ficou registrado acerca de Moisés que Yahweh falava com ele "face a face" (ver Êxo. 33.11). Embora ninguém seja digno disso, esse é o profundo anelo de todo coração regenerado: ver o Pai. As experiências místicas fornecem-nos muitas e grandiosas experiências com o Ser divino, e deveriam ser um aspecto importante de nossa experiência espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Paz seja contigo! Cf. Dan. 10.7-9,19; Eze. 1.29-2.1; Mar. 16.8; Luc. 1.13; 2.10; Apo. 1.17.

O hino de Calímaco (vs. 100) tem algo semelhante ao texto presente: "As leis de Saturno requerem que, se algum homem vir a algum dos deuses imortais, a menos que assim o próprio Deus o queira, pagará muito caro por essa visão".

Assim sendo, os homens acham-se dentro do dilema de serem indignos de aspirar à visão do Ser Supremo, embora tal visão seja a mais abençoada de todas as experiências místicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Visão Beatífica.*

6.24

Gideão edificou ali um altar ao Senhor. O altar foi erigido no local onde ele tivera a visão do Anjo do Senhor, e foi chamado de Yahweh-Shalom, ou seja, Yahweh é a (minha) Paz. Sim, é o Eterno que nos confere a verdadeira paz, porquanto Gideão teve permissão de contemplar o Anjo do Senhor, e, no entanto, Yahweh proferiu sobre ele a paz, permitindo-lhe continuar vivo. Quando o livro de Juízes foi escrito, o altar ainda podia ser visto naquele lugar, permanecendo um testemunho da experiência incomum e divina de Gideão, durante muito tempo, e servindo de encorajamento a muitos israelitas piedosos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz.*

Yahweh e Outros Nomes Divinos Combinados. O artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de,* existente no *Dicionário,* ilustra como o nome divino, Yahweh, é combinado nas Escrituras com outros títulos divinos para indicar aspectos específicos e especiais do caráter de Deus. Ver também os artigos separados sobre esse nome, Yahweh, onde aparecem as várias combinações com esse nome, como: Yahweh-Jiré; Yahweh-Nissi; Yahweh-Shalom e Ha Yahweh-Tsidkenu.

6.25

Naquela mesma noite lhe disse o Senhor. Começava agora a terceira fase da chamada de Gideão (após o aparecimento do profeta, referido em Juí. 6.8 ss. e o aparecimento do Anjo do Senhor em Juí. 6.11 ss.). Agora Yahweh baixava a ordem para Gideão iniciar a destruição da idolatria, em seu próprio lar, que tinha produzido, em conseqüência, todas aquelas dificuldades para o povo de Israel. Gideão não precisava ir muito longe. De fato, seu próprio pai tinha edificado um altar em honra a Baal; e, assim sendo, aquele foi o primeiro alvo de sua destruição do paganismo em Israel.

Teria sido impossível livrar os filhos de Israel da opressão dos midianitas se Gideão, o líder desse livramento, não tivesse efetuado uma libertação simbólica de Israel da idolatria. E logo haveria de espalhar-se por toda parte que Gideão, o homem de visões, havia iniciado um programa de purificação em Israel. Outros israelitas seriam encorajados a praticar o mesmo. Alguém tinha de começar a fazer o povo de Israel voltar-se novamente para Yahweh.

O segundo boi de sete anos. Isso nos apresenta uma mensagem um tanto ininteligível. Naturalmente, pensamos que a Gideão foi ordenado sacrificar dois bois no novo altar edificado no lugar do altar destruído de seu pai. Mas o próprio texto não presta informações mais claras. Talvez o significado da ordem fosse que Gideão deveria tomar um boi pertencente a seu pai, e também um segundo boi, pertencente a ele mesmo, e presumivelmente esse boi é que deveria ser sacrificado. Nesse caso, porém, para que levar dois bois? O segundo desses animais é descrito como animal de sete anos, bem engordado e apropriado para ser oferecido em sacrifício. Esses sete anos de idade do boi talvez sejam uma referência aos sete anos de opressão que Israel já vinha sofrendo por parte dos midianitas. A lei não prescrevia uma idade fixa dos animais oferecidos em holocausto, pelo que temos aí um toque novo, para aquela ocasião em particular.

E corta o poste-ídolo. Esses santuários pagãos, mui caracteristicamente, eram levantados em bosques. Ver Juí. 3.7 e as notas ali existentes, e cf. Êxo. 34.13; Deu. 7.5; 12.3; I Reis 14.15; II Reis 17.10. Ver também, *no Dicionário,* o artigo denominado *Lugares Altos.*

6.26

Edifica ao Senhor teu Deus um altar. No lugar exato onde tinha sido levantado o ídolo pagão de seu pai, Gideão deveria erigir um altar, representação das mudanças que estavam ocorrendo. Yahweh estava prestes a recuperar poder entre o povo de Israel. Sobre esse altar, deveria ser sacrificado o segundo boi, como um holocausto. Ver sobre isso em Lev. 1.3-17 e 6.9-13. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Holocausto.* Uma vez mais, deparamo-nos com a confusão criada pelos dois bois, conforme discuti nas notas sobre o versículo anterior. A madeira para a fogueira foi extraída do bosque (dedicado a Baal), que Gideão acabara de derrubar. Temos aí um toque muito apropriado. Baal fora dali; *seu bosque fora derrubado; ou, alternativamente, o poste-ídolo fora derrubado e* cortado em pedaços, sendo usado na fogueira para o holocausto. Esse ato simbolizou o fim do antigo período e o começo de uma nova era na história de Israel.

Embora Gideão não fosse levita nem sacerdote, por ordem de Yahweh, efetuou aquele sacrifício. E na ordem de Deus repousava a sua autoridade. Foi um caso especial. Geralmente, todos os sacrifícios eram efetuados no tabernáculo, e por parte de sacerdotes autorizados, descendentes diretos de Arão. Mas aquele sacrifício foi levado a efeito à noite (ver o versículo seguinte), o que também não seguiu a ordem regular dos sacrifícios.

6.27

Então Gideão tomou dez homens. Esses dez homens ajudaram Gideão quanto a questão toda, em parte porque ele precisava desse número para que se completasse a missão de destruição do poste-ídolo e do sacrifício do boi de sete anos, e, também em parte, porque ele precisava de proteção. Muita gente haveria de objetar ao que estava sendo feito, e ele facilmente poderia ter sido atacado. Uma proteção adicional foi conferida pelo fato de eles terem feito tudo durante a noite. O culto a Baal tinha-se infiltrado de tal modo na cultura dos israelitas que muitos davam a seus filhos nomes próprios que incluíam referência àquela divindade, da mesma forma que o nome divino, Yahweh, era incorporado em nomes próprios.

Embora temendo pela sua vida, Gideão passou imediatamente a realizar seu "teste de obediência". Ele precisava começar em algum ponto, em seu movimento de libertação. A destruição do poste-ídolo levantado por seu pai seria um bom ponto de partida. Cumpre-nos compreender que muitos, se não mesmo a maioria dos abiezritas, tinham-se envolvido na adoração a Baal, ou seja, praticava idolatria todo o clã a que Gideão pertencia, e não meramente a sua família imediata, da qual seu pai fazia parte e da qual, mui provavelmente, era o patriarca.

6.28

Eis que estava o altar de Baal derribado. O trabalho tinha sido bem-feito por Gideão e seus homens. Haviam sido obliterados todos os vestígios da adoração a Baal naquele lugar. O altar havia sido derrubado; o bosque ou poste-ídolo já não existia mais; o ídolo que representava Baal estava queimado; e agora, em lugar desse ídolo havia um novo altar que, obviamente, tinha recebido um sacrifício "novo", a saber, um holocausto em honra a Yahweh, o qual antes era um Deus estranho para muitos filhos de Israel. Aos hebreus, portanto, fora dada uma lição objetiva sobre coisas vindouras, e eles estavam consternados diante dos acontecimentos recentes. É possível que duas oferendas tenham sido feitas (uma oferta pacífica, com o boi mais novo; e um holocausto, com o boi de sete anos); mas, na verdade, não temos certeza sobre o que se deve entender por segundo boi (referido no vs. 25). Ver as notas expositivas, em Lev. 7.11-33, sobre as ofertas pacíficas; e em Lev. 6.9-13, sobre os holocaustos, também conhecidos como ofertas queimadas.

6.29

Quem fez isto? A consternação entre os seguidores de Baal foi geral. Aqueles filhos de Israel, que tinham caído em tão desgraçada idolatria, exibiam agora uma desgraçada consternação, porque seu culto falso havia sofrido um golpe tão rijo. Eles todos tinham chegado a confiar naquela imensa tolice, a saber, a idolatria que venerava a Baal. Isso mostra quão fundo Israel tinha chegado em sua degradação, depois de ter tomado posse da Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria.*

Alguém pode observar que, apesar de Gideão ter-se mostrado cuidadoso, acabou sendo considerado "culpado". Mas também é possível que o próprio Gideão tenha espalhado ser ele o autor daquele ato de ousadia. Ele tinha posto em ação o movimento de volta a Yahweh, e precisava assumir a responsabilidade pelo que fizera. Gideão, pois, demonstrou que o discipulado não é nada fácil; requer que um alto preço seja pago. Jesus denunciou que o discipulado fácil "não é digno" Dele (ver Mat. 10.37). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Discípulo, Discipulado.*

6.30

Leva para fora o teu filho, para que morra. Indignados, os seguidores de Baal, que já suspeitavam que Gideão fosse o "culpado" de derrubar o ídolo que representava aquela divindade pagã, dirigiram-se diretamente à casa de Joás, pai de Gideão. Eles cultivavam intenções homicidas e queriam mostrar o quão apostatados de Deus estavam, matando aquele que havia defendido o Deus de Israel. Não existe ódio que se compare ao ódio religioso; nem há cegueira como a cegueira religiosa; nem existe preconceito como o preconceito religioso; nem há estagnação que se compare à estagnação religiosa; e, finalmente, não há nada tão impensado como a fé religiosa impensada. Não obstante, o mundo está repleto de deficiências de natureza religiosa. Aqueles rebeldes tinham dado início a uma falsa cruzada, e o zelo mal orientado deles *não conhecia limites.*

"Baal e Astarote contavam com um maior número de adoradores do que aqueles que adoravam ao verdadeiro Deus, porque seus ritos eram mais atrativos para a natureza humana decaída" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Pecado Capital. Os filhos de Israel tinham caído tão fundo a ponto de exigir que aquele que se opusera à idolatria fosse executado, ao passo que a regra

original era que a execução fosse determinada para os que promovessem a idolatria. Ver Êxodo 22.20. A família de um homem que caísse na idolatria era obrigada a denunciá-lo, garantindo assim a sua execução (ver Deu. 13.2-10). Esse homem era então executado por apedrejamento (ver Deu. 17.2-6). Um israelita que tentasse outros a práticas idólatras tornava-se culpado de um crime enorme (ver Deu. 13.6-10). Uma nação idólatra estava sob a maldição de Yahweh. Não obstante, no presente texto, foram os indivíduos idólatras de Israel que buscaram tirar a vida daquele que tinha destruído um símbolo do culto deles. O segundo mandamento proíbe terminantemente a idolatria; mas fazia tempo, nos dias de Gideão, que o povo de Israel havia abandonado os preceitos da lei de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dez Mandamentos*.

6.31

Porém Joás disse. O pai de Gideão conseguiu desviar a fúria daqueles israelitas rebeldes, que tinham pensado (e com razão) que Gideão era o "culpado" de haver destruído o ídolo de Baal, por meio de uma observação bem colocada: "Se Baal é assim tão grande, que ele se defenda. Ele não precisa da ajuda de vocês. Deixem que Baal tire a vida de Gideão, mediante alguma praga, enfermidade, ataque do coração etc.".

Gideão tinha outorgado a Baal uma boa oportunidade de consolidar o seu culto, fazendo-o arraigar-se em Israel. Um Gideão morto pelo poder de Baal seria uma poderosa lição objetiva, mais do que qualquer outra coisa.

"A visão de um ato de franco desprezo por um ídolo qualquer com freqüência abala a reverência supersticiosa que os idólatras manifestam. Aristófanes, Pérsio e Luciano zombaram da incapacidade de Júpiter de defender seu próprio templo, suas madeixas douradas e sua barba dourada. Quando Olaf destruiu a gigantesca imagem de Odim, e quando o sumo sacerdote Coifi, em Saxmundham, vestido de armadura e montado em um cavalo (duas coisas proibidas para um "padre"), cavalgou até os ídolos dos saxões e os derrubou, o povo, vendo que não ocorria nenhum trovão, mas que tudo continuava normalmente, dispôs-se a abraçar o cristianismo" (Ellicott, *in loc.*).

Joás, apesar de ter sido um dos iniciadores do culto falso a Baal, por amor a seu filho, converteu-se repentinamente. Sua mente foi abalada de modo suficiente para poder perceber o quanto tinha errado.

Tácito (lib. 1, cap. 73) tem uma passagem similar à que se vê no livro de Juízes, invocando as divindades ofendidas (seus ídolos tinham sido postos à venda), para punirem, aberta e publicamente, os ofensores. Porém, nenhuma punição seguiu-se à venda daqueles ídolos, embora esse comércio tivesse sido considerado um ato de impiedade.

6.32

Gideão passou a ser chamado Jerubaal. Esse nome, no hebraico, significa "que Baal contenda", ou então, "que Baal aumente". Essa foi a alcunha dada a Gideão quando ele destruiu o altar de seu pai, dedicado a Baal, que fora levantado em Ofra. A idéia por trás do apelido era que, se Baal fosse alguma coisa, então que ele contendesse contra Gideão, por haver derrubado o seu altar. Outros estudiosos supõem que esse nome não era apenas uma alcunha, mas um verdadeiro nome pessoal de Gideão, refletindo a cultura sincretista em que ele vivia; e também foi esse que se tornou o seu nome mais proeminente, após o seu ato de iconoclasmo. E então quando, finalmente, o nome Baal se tornou quase pejorativo em Israel, o nome de Gideão foi alterado para Jerubesete (ver II Sam. 11.21). Ver no *Dicionário* quanto aos nomes *Jerubaal* e *Jerubesete*.

Em apoio à noção de que Jerubaal era o nome original de Gideão, a Oxford Annotated Bible, ao comentar sobre este versículo, afirma: "O portador de tal nome certamente era um adorador de Baal, e não um antagonista".

Uma Invasão dos Midianitas (6.33-35)

"Os saqueadores vindos do deserto atravessaram o rio Jordão e acamparam no vale de Jezreel, ou seja, na extremidade oriental da planície de Esdrelom, assim chamado por causa da cidade de Jezreel. Naquele lugar estava a mais frutífera região para ser saqueada, em toda a Palestina" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Gideão, tendo tomado a defesa da causa de Yahweh, haveria de passar por uma série de testes, antes que pudesse obter a vitória. Seu discipuiado seria severamente testado. Somente depois ele lograria a vitória. Apenas Yahweh poderia fazê-lo ser aprovado em seus testes, e então usá-lo na inauguração de um Novo Dia.

6.33

E todos os midianitas e amalequitas, e povos do oriente. Não fazia muito, tivera Gideão a coragem de derrubar o altar erigido por seu pai, e por pouco escapou de ser executado pelos israelitas idólatras. Um novo teste começou logo em seguida. Gideão viu-se na "frente da batalha". É conforme diz um antigo hino evangélico: "Na frente da batalha me acharás". Todos os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver também as notas de introdução à presente seção.

"A comissão entregue a Gideão, pelo Senhor, parece ter antecipado a anual (e final) invasão dos midianitas e seus aliados. Eles atravessaram o rio Jordão, não muito ao sul do mar de Quinerete, e acamparam, conforme os costumes típicos dos beduínos, na rica área agrícola do vale de Jezreel" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

6.34,35

Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão. Temos aí a intervenção divina. O profeta tinha chegado (ver Juí. 6.5 ss.); o Anjo do Senhor tinha vindo (ver Juí. 6.11 ss.); o próprio Yahweh tinha falado (ver Juí. 6.14 ss.). Palavras houve em abundância. Tinham sido palavras promissoras. Agora, eram necessários os atos que escudassem aquelas palavras. A palavra divina teria de resultar em atos divinos. E é exatamente isso o que o texto à nossa frente começa a narrar.

A Batalha Era do Senhor. Foi por isso que o Espírito de Deus movimentou-se, iluminando e fortalecendo a Gideão, cuja tarefa era produzir uma mudança radical nas condições de vida em Israel.

O qual tocou a rebate. Isso fez reunir-se os homens fiéis a Gideão. Seu clã e seu povo responderam, a saber, os abiezritas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Abiezer*, quanto a esse clã e ao progenitor. Os abiezritas eram um dos clãs da tribo de Manassés. Ao que parece, eles se convenceram de que a causa de Gideão estava certa e abandonaram suas práticas idólatras. O restante da tribo de Manassés também aliou-se a eles, porquanto houve uma súbita conversão dos manassitas a Yahweh. E mensageiros foram buscar ajudantes provenientes das tribos de Aser, Zebulom e Naftali, conforme lemos no vs. 35. Dessa forma foi reunido um grande exército, maior do que Yahweh quis usar, para que a grande multidão não se vangloriasse de ter sido ela a causa da vitória, mas, sim, o poder de Yahweh. Esse ponto particular era crítico para a reversão da idolatria em Israel, e para que ali fosse restabelecido o yahwismo.

Declarou Jesus: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros..." (João 15.16). Por conseguinte, a chamada externa vem e encontra uma corda responsiva no coração dos chamados. Esses indivíduos deixam-se atrair e põem-se a seguir o Senhor. O chamado cria uma nova dimensão à vida e um novo propósito àquelas pessoas. Sem essa chamada divina, os homens continuam a tatear em trevas.

A convocação à guerra foi lançada às tribos que residiam mais perto do lugar invadido pelos midianitas. Israel, é óbvio, tinha um interesse coletivo pela questão. Mas as tribos mais diretamente envolvidas na miséria promovida pelos midianitas eram as mais ansiosas por unir-se à batalha.

6.36

Se hás de livrar a Israel por meu intermédio. Encontramos aqui o grande "se". Gideão já havia questionado a validade de sua visão e comissão (ver Juí. 6.17 ss.). O Anjo do Senhor havia feito um notável milagre (Juí. 6.21), e isso tinha convencido a Gideão. Porém, sendo ele apenas um ser humano, precisava de mais provas. Algumas vezes, é difícil acertarmos com o caminho que devemos seguir, especialmente quando ele promete muitas dificuldades.

6.37,38

Uma porção de lã. Qualquer criança de escola dominical conhece a história do tosão de lã. Isso se tornou proverbial para "submeter as águas a teste", para "submeter qualquer situação a teste" ou para "buscar um sinal". E dizemos: "Se Gideão pôde pedir uma prova, por que não posso?". E calculamos que se ele, um grande e poderoso homem, um dos juízes de Israel, ocasionalmente precisou de um sinal, então nós outros também precisamos de sinais. E, afinal, isso é correto. Buscamos a vontade de Deus de várias maneiras, nada havendo de errado quando pedimos um sinal, se fizermos isso quando procuramos saber o que nos convém fazer, em lugar de obtermos tão-somente um meio de facilitar as coisas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vontade de Deus, como Descobri-la*.

A Lã Úmida. O tosão de lã tinha de reter bastante água, enquanto o solo em redor permanecesse seco. Somente Deus tinha condições de controlar as condições atmosféricas; assim sendo, tal fenômeno seria considerado divino. O tosão de lã foi posto sobre o chão da eira, o lugar onde Gideão costumava trabalhar. O vs. 38 enfatiza quão realmente molhado ficou o tosão de lã. Não havia como enganar-se quanto à questão. Algo incomum havia acontecido.

6.39,40

Que só a lã esteja seca. *A Lã Seca.* Gideão, com o coração tomado pela ansiedade, continuou buscando sinais. Ele já tinha visto o milagre do Anjo quanto à questão do sacrifício (Juí. 6.21); já havia recebido o sinal do tosão molhado. E agora queria receber o sinal do tosão seco. Mas temia que Yahweh ficasse cansado dele e de suas ansiedades. Todavia, o Senhor mostrou-se gracioso e

tolerou Gideão e suas esquisitices. A graça divina concedeu ainda outro sinal; e, após este, Gideão não pediu mais nenhum sinal. Isso ensina que Deus continua a tolerar nossas ansiedades desnecessárias, nossa falta de fé e nossas buscas, e continua a guiar-nos e fazer alguma coisa por nosso intermédio.

Ele me guia, ó bendito pensamento,
Oh, palavras cheias de consolo celeste!
O que quer que eu faça, onde quer que eu esteja,
A mão de Deus é que me guia.

(Joseph H. Gilmore)

Elohim, o Deus Todo-poderoso, agiu em favor de Gideão e concedeu-lhe o tolo sinal que ele pediu. A graça de Deus sempre funciona; ela nos dá alguma coisa que simplesmente não merecemos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Só esta vez. Por muitas vezes proferimos palavras como essas. "Ajuda-me, Senhor, somente mais esta vez", quando pedimos por algum brinquedo, como as crianças costumam fazer. Não obstante, nosso Pai nos tolera em nossa insensatez e faz surgir alguma coisa de valor da nossa vida.

Tipologia. Consideremos os cinco pontos seguintes:

1. A umidade no tosão de lã representa a graça divina, conferida com abundância, embora, algumas vezes, em situações desnecessárias. O orvalho no chão é a graça de Deus, que é abundante, outorgada em consonância com o pedido humano.
2. O orvalho no tosão de lã e no solo é a orientação divina: "Ele me guia, ó bendito pensamento".
3. O orvalho no tosão de lã e no solo é também a presença de Deus, sem a qual nada conseguimos fazer.
4. O orvalho no tosão de lã e no solo é, igualmente, a provisão de Deus.
5. O orvalho no tosão de lã e no solo, finalmente, é a resposta divina às nossas orações, pois sem essa resposta não podemos viver com êxito a vida espiritual, nem cumprir a nossa missão.

Capítulo Sete

A seção iniciada em Juízes 6.1 prossegue aqui, pelo que as notas introdutórias ao sexto capítulo também devem ser lidas aqui. O autor sacro devotou a sua mais longa descrição (quanto a todos os juízes de Israel) à carreira de Gideão, a qual é narrada em cem versículos, em nossas traduções.

O trecho de Juízes 7.1-8 conta a respeito da preparação para combater a invasão anual dos midianitas, que chegavam com seus camelos e levavam toda a produção agrícola de Israel. Os vss. 9-15 contam como o acampamento dos midianitas foi espionado. Os vss. 16-22 fornecem descrições do ataque de Gideão contra os midianitas, e de como ele os derrotou completamente. E os vss. 23-25 descrevem como Gideão e seus homens perseguiram os midianitas.

7.1

Então Jerubaal. Ver notas completas a respeito em Juí. 6.32.

Gideão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele.

Fonte de Harode. No hebraico, esse nome significa "tremor" ou "terror". No Antigo Testamento, esse locativo é usado para indicar um ribeiro e uma localidade. No caso do riacho, é possível que esse nome esteja relacionado à maneira rápida em que ele fluía. Gideão e seus homens acamparam às margens do riacho, quando se preparavam para lutar contra os midianitas. Alguns estudiosos sugerem que o terror da guerra foi que deu nome a esse ribeiro, mas tal sugestão não é tão provável quanto a outra. O teste da maneira de beber água ocorreu às margens desse ribeiro. Alguns eruditos também supõem que Saul acampou perto desse riacho, pouco antes da batalha fatal contra os filisteus, durante a qual morreu (ver I Sam. 31.1 ss.).

Outeiro de Moré. No hebraico, moreh significa "mestre". Os midianitas acamparam ali, quando foram atacados por Gideão e seus trezentos homens. Desconhece-se a atual localização exata desse outeiro, mas não há que duvidar que ficava nas vizinhanças de Siquém, podendo ser a colina atualmente conhecida como Jebel Nabi Dahi, que alguns intérpretes, erroneamente, chamam de Pequeno Hermom. Mas o Pequeno Hermom fica quase treze quilômetros a noroeste o monte Gilboa, e um quilômetro e meio ao sul de Naim. Ficava do outro lado do vale do monte Gilboa, no território da tribo de Issacar.

7.2

Disse o Senhor a Gideão. Yahweh estava guiando Gideão. Na verdade, o Senhor era o verdadeiro General do exército de Israel. Ele baixou ordens específicas a fim de que Gideão não cometesse nenhum erro. Temos aí o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Em outras palavras, Deus não somente nos criou, mas também faz-se presente conosco. Ele recompensa e castiga; Ele guia; Ele assume um papel ativo na vida dos homens. Isso contrasta com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), que afirma que talvez tenha havido um poder criativo, pessoal ou impessoal, mas este acabou abandonando a sua criação, deixando-a aos caprichos da lei natural.

O Exército de Israel Era Numeroso Demais. Gideão havia convocado o exército com base na tribo de Manassés (talvez as duas metades, que ocupavam os lados leste e oeste do rio Jordão) e com reforços das tribos de Aser, Zebulom e Naftali (Juí. 6.35). O exército assim recolhido era grande demais para o gosto de Yahweh. Ele queria uma pequena força, para que se tornasse evidente que Ele é que havia dado a vitória, e não o grande número de homens que Gideão tivesse sido capaz de reunir. A força não depende do número (ver Salmo 33.16). Duas reduções drásticas acabaram diminuindo a força original de cerca de trinta e dois mil homens para meros trezentos. O terceiro versículo deste capítulo comenta sobre o que significava trinta e dois mil homens.

7.3

Apregoa, pois, aos ouvidos do povo. Trinta e dois mil homens constituíam uma grande força de combate naqueles dias; a vitória que porventura conseguissem seria atribuída a eles, por causa de seu número e poder. Era precisamente isso que Yahweh queria evitar. Israel precisava desesperadamente ver o poder do Senhor em ação, para que abandonasse a idolatria e voltasse ao yahwismo. Por isso, Gideão mostrou-se tão liberal, desobrigando todos os que estivessem temerosos. Desse modo, foram dispensados com honras, e ninguém fez pergunta alguma. Esse gesto extremamente generoso permitiu que vinte e dois mil homens voltassem para casa, respirando aliviados por não terem tido de enfrentar a morte possível em uma guerra acerca da qual estavam bastante desencorajados.

Desse modo, o exército de Israel fortaleceu-se mediante a subtração, o que contraria nossa maneira usual de pensar. Era preciso mostrar que Israel não era assim tão poderoso quanto eles imaginavam. Eles já vinham tolerando aquela situação de miséria, criada pelos midianitas, durante sete longos anos, e nada tinham feito a respeito da questão. Se houvesse uma solução para a situação, seria dada por Yahweh.

Cf. Deuteronômio 20.8 quanto a uma situação similar. Os homens, acovardados no campo de batalha, podem servir mais de empecilho que de ajuda. "A covardia é extremamente contagiosa" (Ellicott, *in loc.*). A mesma regra foi aplicada, muitos séculos depois, por Judas Macabeu (ver I Macabeus 3.56). "Os antigos já tinham podido observar que mesmo quando há muitas legiões, são sempre alguns poucos que vencem a batalha" (Tácito, *Anais* xiv.36).

7.4

Ainda há povo demais. Essa foi a segunda redução drástica. Dez mil homens tinham permanecido com Gideão, mas Deus achou que ainda era um número muito grande. É possível que dez mil homens, inspirados pelo calor da batalha, pudessem combater contra uma força armada muito maior. Nesse caso, entretanto, Yahweh não obteria o crédito pela vitória, e os israelitas, cheios de si devido à sua própria potência, continuariam em sua apostasia. Eles diriam: "Minha própria mão me salvou" (vs. 2).

Israel ainda seria submetido a outro teste, a saber, o "teste da lambida", ou o "teste do espírito atento" (conforme se vê no versículo seguinte). Somente os homens realmente atentos teriam permissão de participar da batalha prestes a ferir-se.

Faze-os descer às águas. Está em foco o ribeiro de Harode, referido no primeiro versículo deste capítulo.

Baraque tinha comandado dez mil homens contra Sísera e havia obtido triunfo. No entanto, Yahweh recebera o crédito por aquela vitória. Ver os capítulos 4 e 5 do livro de Juízes quanto a essa narrativa. Dessa vez, porém, em Sua sabedoria, Deus percebeu que isso não se repetiria, mas que Israel se orgulharia de sua vitória, perdendo assim todo o benefício espiritual.

7.5,6

Todo que lamber as águas. Os que assim fizeram foram eliminados. Esses eram os menos atentos. Tinham agido como cães sedentos. Tinham-se prostrado como fariam diante de Baal. Não eram aptos para ser soldados do exército de Deus. Devemos compreender que Yahweh estava por trás dos atos de todos os homens, impulsionando-os à desqualificação, porquanto, de fato, em si mesmos

(e por diversas razões) eles já estavam desqualificados. Em contraste com isso, os homens que se mostraram vigilantes não se prostraram nem baixaram o rosto até o nível da água para lambê-la. Antes, trouxeram a água até a boca, provavelmente com as mãos, ao mesmo tempo que olhavam ao redor, para ver se havia algum perigo. Tomavam a água com uma das mãos e a levavam aos lábios, "com a outra mão segurando a arma", conforme alguém disse, ornando a história. Esses formaram o exíguo exército de trezentos homens de Gideão.

Lamberam. O termo hebraico correspondente é *yalok*, que imita o som que um cão faz quando bebe água: *yalok, yalok, yalok*. Algumas palavras básicas, em todos os idiomas, são chamadas onomatopéias: elas tentam descrever algum ruído que acontece na natureza. No grego, até mesmo o verbo *baptizo* parece imitar o espadanar da água quando uma pessoa é imersa, o que corresponde ao termo inglês onomatopéico splash.

7.7

Com estes trezentos homens. Deve-se entender aqui que os trezentos homens foram aqueles que não lamberam a água como se fossem cães, mas antes trouxeram a água até a boca, com a ajuda das mãos (ver o versículo anterior). Os comentadores, porém, queixam-se da confusão do texto, conforme se encontra hoje. Várias interpretações são oferecidas para explicar a discrepância, e a respeito de qual teria sido a exigência exata. Outros explicam que aqueles que levaram a água à boca, com a ajuda de uma única mão, ainda assim a lamberam — *yalok, yalok, yalok* — de dentro da mão, em lugar de sorverem-na das duas mãos em concha.

7.8

Tomou o povo provisões nas mãos, e as trombetas. Eles tomaram consigo somente o equipamento realmente básico: algum alimento e as trombetas. Nunca são mencionadas armas, as quais teriam sido as peças vitais para serem levadas a uma batalha. Porém, Yahweh não obteria a vitória da maneira que os homens costumam fazer. Os demais, quase todos muito felizes em não ter de entrar na batalha, haviam desistido da luta, e, por isso mesmo, não teriam parte na vitória.

No vale. Ou seja, o vale de Jezreel. O grupo tinha voltado à colina, do alto da qual se via bem o vale, lá embaixo. Os midianitas estavam embaixo, e os trezentos israelitas estavam em cima. E era assim que as coisas ficariam, afinal.

7.9

Levanta-te, e desce contra o arraial. O Senhor fez isso ou mediante algum *sonho* ou por meio de alguma *visão* (ver sobre ambas as experiências místicas no *Dicionário*). O fato foi que Yahweh deu ordens para que se iniciasse a operação que levaria à completa vitória contra os midianitas. O poder de poucos estava prestes a manifestar-se. A mão poderosa de Yahweh seria tão óbvia em toda a operação que ninguém poria em dúvida a intervenção divina (ver o segundo versículo deste capítulo). Cf. Juízes 4.14.

7.10

Teu moço Pura. No hebraico, esse nome próprio significa "ornamentação", "folhagem". Era nome de um servo (escudeiro) de Gideão. Por ordem de Yahweh, Gideão e Pura foram-se arrastando até perto do acampamento dos midianitas e amalequitas, e conseguiram ouvir um midianita contar um sonho, que falava sobre a destruição de Midiã, nação inimiga de Israel. Alguns sonhos, sem sombra de dúvida, são psíquicos e de conhecimento prévio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos*.

O breve episódio que envolveu Pura serviu para encorajar ainda mais a Gideão. Israel, com apenas trezentos homens, estava prestes a atacar um grande exército inimigo, que dispunha de equipamento militar superior. Homero (*Ilíada* 10, ver. 222) historiou um incidente parecido. Diomedes e Odisseu fizeram uma invasão noturna no acampamento dos trácios, em Tróia, passando por sustos comparáveis aos de Gideão; e, no entanto, também obtiveram a vitória.

7.11

E ouvirás o que dizem. Uma mensagem ouvida por acaso serviria de meio de encorajamento. Tudo estaria alicerçado sobre um sonho de conhecimento anterior (ver o vs. 13), engastado em meio a símbolos óbvios, que é o *modus operandi* dos sonhos. Havia uma sentinela que vigiava homens armados dentre as hordas de midianitas, os quais estavam estacionados fora do acampamento e se revezavam. Esse homem era uma daquelas sentinelas que poderiam ser enviadas para entregar alguma mensagem. Visto que era noite, é possível que Gideão e Pura tenham conseguido aproximar-se do acampamento dos midianitas sem serem detectados. Portanto, tudo foi um arranjo providencial de Deus.

7.12

Cobriam o vale como gafanhotos. A grande razão pela qual os israelitas precisavam de encorajamento era que, por determinação divina, eles não tinham forças físicas para resistir às ordens dos midianitas e seus aliados, todos eles dotados de velozes camelos, que os capacitavam a lançar ataques devastadores, súbitos e velocíssimos. Cf. Deu. 7.1 quanto à superioridade numérica e em forças dos inimigos de Israel. Em nenhuma outra ocasião, Israel esteve tão "inferiorizado" como naquela oportunidade. Quanto à metáfora dos gafanhotos, ver também Juízes 6.5.

Como a areia que há na praia do mar. Quanto a essa metáfora, ver Gên. 22.17; 32.12; 41.4; Jos. 11.4; I Sam. 13.5; I Reis 4.20; Osé. 1.10. O exército aliado dos midianitas, conforme se depreende de Juízes 8.10, consistia em, pelo menos, cento e trinta e cinco mil homens.

7.13

Tive um sonho. O artigo do *Dicionário* intitulado *Sonhos* apresenta um sumário daquilo que se conhece sobre o processo dos sonhos. Embora a maior parte dos sonhos seja aquilo que Freud disse, "cumprimento de desejos", há sonhos definidamente psíquicos, precognitivos e espirituais. Um artigo recente, lançado pelo Instituto Smithsoniano, informou-nos que temos entre trinta e cinqüenta sonhos a cada noite. As pesquisas comprovam que sonhamos, com antecedência, tudo quanto nos tem de acontecer, incluindo as coisas mais banais. Apesar de o cumprimento de desejos também explicar as projeções no futuro (que acabam não ocorrendo), contudo, há muitos sonhos que, com ou sem símbolos, informam o que haverá de acontecer. Isso significa que, nesse sentido secundário, todos nós somos profetas, e o conhecimento prévio é uma capacidade natural da mente humana. É errôneo atribuir essa função apenas ao sobrenatural, a Deus ou aos demônios; trata-se de um mau hábito da Igreja, que as pessoas cultivam tolamente, quando não estão devidamente informadas sobre a capacidade da mente humana (natural). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Parapsicologia*, que explica várias capacidades psíquicas humanas.

Os Sonhos na Bíblia. Nas Escrituras, os sonhos referidos são sempre apresentados como modos de informação e orientação divina. De fato, os sonhos algumas vezes podem ser e realmente são dados e inspirados pelo Espírito de Deus. Os muçulmanos também fazem dos sonhos um dos ofícios proféticos, tal como a Bíblia. Contudo, alguns sonhos que antecipam o futuro são apenas funções humanas naturais. Não obstante, essa função natural nos foi dada pelo Criador, como tudo quanto temos e desfrutamos. Portanto, temos nos sonhos uma forma de orientação natural, embora outorgada por Deus.

Há quatro modos de orientação divina, reconhecidos pela cultura hebréia e refletidos no Talmude e em outros escritos: 1. os profetas; 2. os sonhos; 3. o Urim e o Tumim; e 4. o Bath Kol, a voz que vem do céu e ocasionalmente é ouvida por um homem, geralmente de forma inesperada. Dentre o primeiro dos modos, o dos profetas, precisamos incluir as visões, porquanto geralmente os profetas recebiam suas mensagens através de visões. Como é óbvio, a Palavra escrita, a Bíblia Sagrada, é o nosso guia principal. Todavia, não convém desprezar outras formas místicas de orientação divina. Poderíamos mesmo dizer que, de acordo com certo ponto de vista, a Bíblia é uma revelação geral, dirigida a todos os interessados, ao passo que os dons espirituais servem de diretriz dirigida a indivíduos ou pequenos grupos de indivíduos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo e Vontade de Deus, como Descobri-la.*

Qual Foi o Simbolismo? O sonho do soldado midianita apresentou um pão de cevada, um item totalmente não-militar, o qual, tendo caído no acampamento dos midianitas, derrubou uma tenda, emborcou-a e deixou-a ali, caída no solo. Tal como em muitos sonhos, o simbolismo parece bizarro, mas isso tem por função atrair a atenção da pessoa. Usualmente, porém, podemos perceber o que tais bizarrias simbolizam. O fato de o outro soldado, que conversava com o primeiro, ser capaz de interpretar o sonho (vs. 14), mostra que a interpretação de sonhos era algo praticado entre os midianitas. E o fato de ele "perceber" o sentido, em meio a esse bizarro simbolismo, mostra também que o intérprete havia obtido alguma habilidade nesse campo.

Um pão de cevada. Qual a razão desse símbolo? O objeto não era uma espada, mas foi interpretado como tal (vs. 14). Um pão nada tem que ver com a vida militar, mas é um item doméstico. Ora, lembremos que Gideão estaria presente com suas trombetas e cântaros; mas não espadas. Israel havia sido reduzido à extrema pobreza, e quase não havia alimentos para os pobres. Assim sendo, o pobre Israel e seu poder reduzido é simbolizado pelo pão de cevada. Na passagem de I Reis 4.28, a cevada é retratada como alimento apropriado para os animais, e não para os seres humanos. Talvez os midianitas chamassem os filhos de Israel de "comedores de cevada", em tom de zombaria. Josefo afirmou que os soldados midianitas podem ter dito que Israel, à semelhança da cevada, era o mais vil de todos os povos.

Qual o Simbolismo da Tenda? Conforme disse Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 6, sec. 4), era uma "tenda de rei", que simbolizava todas as tropas midianitas. A derrubada de uma tenda representava a derrubada de todos eles, o que significava que a habitação de Midiã seria devastada.

7.14

Não é isto outra cousa, senão a espada de Gideão. O intérprete percebeu, sem tardança, o sentido dos bizarros símbolos do sonho. Isso subentende um interesse pela interpretação de sonhos, bem como alguma habilidade nessa capacidade, por parte dos midianitas. Com a ajuda de Yahweh, Israel era formidável, apesar de seu estado debilitado, sendo capaz de obter grande vitória militar sem o emprego de armas de guerra. Isso posto, o pão de cevada simbolizava a espada de Gideão. Um dos comentadores cuja obra tenho à minha frente sugere que a interpretação dada pelo homem foi conferida como se fosse uma zombaria; mas não parece ser isso que o relato bíblico quer dizer.

A menção imediata a Gideão mostra-nos que ele já se tornara uma figura conhecida, mesmo entre os midianitas. Eles o temiam porque Israel era sempre imprevisível, quando Yahweh resolvia fazer algo em favor deles.

Sem dúvida alguma, os intérpretes bíblicos têm atribuído esse sonho a Yahweh, e isso acrescenta o elemento de temor à história toda, bem como a certeza quanto à interpretação do sonho. Para os midianitas, porém, o sonho parecia apenas um mau presságio bem definido.

7.15

Tendo ouvido Gideão contar este sonho... adorou. O impacto causado pelo episódio foi profundo sobre a mente de Gideão. Ele ficou absolutamente convencido de que Yahweh tinha dado outro sinal de encorajamento. Primeiramente, ele adorou ao Senhor; e então falou com autoridade: "A vitória é nossa!". A mensagem espalhou-se rapidamente, e o coração dos trezentos homens de Israel encheu-se de coragem. Os preparativos tinham terminado.

Adoração, Primeira Reação do Homem Espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adoração.* A primeira reação de um indivíduo espiritual, diante de uma vitória ou encorajamento inesperado, consiste em louvor e adoração. Isso infunde grande alegria ao coração. Aquele momento de adoração de Gideão aliviou-o de todas as suas ansiedades. Gideão ficou plenamente convicto da validade de todos os outros sinais que lhe tinham sido dados. É uma grande coisa quando Deus alivia todas as nossas ansiedades desnecessárias, pois há grande poder na paz. Quanto ao fato de que Deus entregou os midianitas nas mãos de Gideão, cf. Juí. 7.7,9,14.

7.16

Trombetas, e cântaros vazios, com tochas. O equipamento "de guerra" dos trezentos homens de Gideão era extremamente parco e humilde. Gideão dividiu seus homens em três grupos de cem homens cada. Era uma maneira ridícula (aos olhos humanos) de um general de exército agir; mas a verdade é que o verdadeiro General era Yahweh, e Ele não precisava do poder do homem para obter vitória. As trombetas fariam um barulho infernal; os cântaros eram de barro, e também fariam tremendo ruído quando fossem chocados uns contra os outros; as tochas, que então apareceriam de súbito, dariam a idéia de que uma imensa multidão de soldados, por trás dos trezentos homens, estava pronta para atacar. Assim, mediante um artifício determinado por Deus, a batalha seria ganha.

As três companhias distribuíram-se de tal maneira que pareceria que grande multidão tinha cercado o acampamento dos midianitas.

7.17

Olhai para mim, e fazei como eu fizer. Encontramos aí a força do exemplo. Os "soldados" israelitas talvez tenham olhado para Gideão e suas "armas" tão ineficazes. "Que poderemos fazer com essas coisas?", devem ter perguntado em seu coração. As instruções recebidas, porém, eram perfeitamente simples: "Fazei o que eu fizer", dissera Gideão.

Algumas vezes, o que parece um absurdo divino faz muito sentido, ao passo que o que faz sentido para os homens é um absurdo. A vitória de Israel sobre os midianitas foi uma dessas ocasiões paradoxais. Cf. I Cor. 1.18. A pregação do evangelho descarrega tremendo poder divino, embora para os homens pareça loucura.

7.18

Quando eu tocar a trombeta. O primeiro ato seria fazer soar as trezentas trombetas, o que aterrorizaria os midianitas e seus aliados. E isso seria acompanhado pela quebra dos cântaros, com o surgimento das tochas que iluminariam a cena inteira (vs. 19). O primeiro ato seria acompanhado por um tremendo berro, que anunciaria que a mortífera espada de Gideão estava prestes a aniquilar os mais de cento e trinta mil midianitas (ver Juí. 8.10). O artifício divino daria certo. Não encontramos a palavra "espada" neste versículo; mas o vigésimo versículo dá a entender que o brado de guerra dos israelitas incluiu esse vocábulo. A Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa dizem, corretamente, no vs. 20: "Espada pelo Senhor e por Gideão!". Isso significa que os midianitas pensariam que haveria muitas espadas postas ao serviço de Yahweh. Isso pode ser comparado com a senha e o grito de ataque dado por Ciro aos seus soldados: "Zeus, nosso aliado e líder!" (Cyrop. iii.28).

7.19

Ao princípio da vigília média. Ou seja, a segunda vigília (entre a primeira e a terceira). Naquele tempo, a noite era dividida em três vigílias de quatro horas cada uma. Ver Êxo. 14.24; I Sam. 11.11; Berkoth 3b. Nos dias do Senhor Jesus, porém, seguia-se o costume romano de quatro vigílias, de três horas cada uma. (Ver Mat. 14.25; Mar. 6.48.) Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vigílias*, quanto a informações detalhadas.

O ataque ocorreu no começo da segunda vigília, quando as sentinelas estavam sendo trocadas, ou seja, por volta das 22 horas. Nos tempos antigos, quando ainda não havia iluminação elétrica, o acampamento inteiro dos midianitas estaria dormindo, excetuando as sentinelas, que se revezavam. O ataque de surpresa lançaria os midianitas em confusão e terror.

As três vigílias dos hebreus iam das 18 às 22 horas (primeira vigília); das 22 às 2 horas (segunda vigília); e das 2 às 6 horas (terceira vigília). Todavia, as estações do ano e a dificuldade de marcar com exatidão a passagem do tempo tornavam essas vigílias apenas aproximadas.

7.20

Assim tocaram as três companhias as trombetas. A seqüência dos atos é dada aqui em sua devida ordem: as trombetas, os cântaros e o brado de guerra. No silêncio e na escuridão da noite, o ruído deve ter sido tremendo, despertando os midianitas e lançando-os no terror. E as tochas ao redor do acampamento deram a impressão de que os midianitas estavam cercados por um exército imenso, pronto a aniquilar o inimigo. Nenhum midianita parou para contar as tochas, e elas eram apenas trezentas. Mas a impressão dada é que por trás do fogo havia um número muito maior de soldados israelitas. Quando houve o grito de guerra: "Espada pelo Senhor e por Gideão!", os midianitas perderam totalmente a cabeça, e entraram em debandada, defendendo-se de inimigos imaginários e apenas golpeando-se uns aos outros, conforme também se lê, declaradamente, no vs. 22.

> *As apreensões intensificam-se à proporção que as coisas são desconhecidas.*
>
> (Lívio, Anais)

Tipologia. A Palavra do Senhor, através do evangelho, uma força incomum e conquistadora, que liberta os homens do mal, por toda a eternidade. As armas de nossa milícia não são materiais, e, no entanto, são poderosíssimas. Ver II Cor. 4.7 e 10.4,5. E os poucos (os trezentos homens de Gideão) são os pregadores do evangelho.

7.21

Permaneceu cada um no seu lugar. Os trezentos homens de Gideão permaneceram estáticos, sem se moverem de seus lugares, observando a reação dos midianitas, que puseram a correr em debandada e a gritar de terror. "O pânico deles foi resultado natural de um terror e de uma confusão da pior categoria" (Ellicott, *in loc.*). "Eles foram lançados no maior tumulto, gritando de terror, temendo perder a vida; e se precipitaram em busca de segurança. Ver Isa. 27.13; Heb. 6.18" (John Gill, *in loc.*).

7.22

O Senhor tornou a espada de um contra o outro. O pânico e a confusão reinantes resultaram no morticínio causado pelos próprios midianitas, desvairados de medo. Era noite, e devemos lembrar que era difícil distinguir uns dos outros. Os midianitas, naturalmente, pensaram que os israelitas se tinham infiltrado entre eles, atacando qualquer figura humana que se movesse. É claro que o poder de Deus contribuiu decisivamente para toda aquela ilusão.

Todo o arraial, que fugiu. "Os midianitas fugiram precipitadamente pela descida que seguia na direção leste, rumo a Beth-hash-Shittah, pela estrada para Zererá (Zaretã?), como quem ia para Abel-Meolá, defronte de Tabbath" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Ver no *Dicionário* artigos sobre todos os nomes próprios que aparecem neste versículo.

"As hostes midianitas fugiram para sudoeste, até Bete-Sita (um local próximo, onde havia um campo), e até Abel-Meolá, como quem queria ir para o rio Jordão! Talvez Abel-Meolá tenha atualmente o nome de Tell Abu Sus, cerca de trinta e nove quilômetros ao sul do mar da Galiléia. Era ali que vivia Eliseu, quando Elias chamou-o para ser seu treinador (ver I Reis 19.16). Os midianitas, ao que parece, fugiram naquela direção a fim de atravessarem o rio Jordão e, finalmente, chegarem a Zererá (talvez Zaretã ou o Tell es-Saidiya) e a Tabate (Raw Abu Talbat)" (F. Duane Lindsey).

"A tremenda tragédia daquela fuga só pode ser devidamente apreciada contra o pano de fundo da vívida impressão que ela causou na imaginação nacional (*ver* Isa. 9.4; 10.26). No Salmo 83.13,14, essa fuga é comparada a "folhas impelidas por um redemoinho, como a palha ao léu no vento" (Elliicott, *in loc.*).

Dessarte, os midianitas fugiram para as terras altas existentes a leste do rio Jordão, ou seja, na direção de onde eles tinham vindo.

7.23

Foram convocados, e perseguiram os midianitas. Este versículo alerta-nos para o fato de que os trezentos homens de Gideão pertenciam a várias das tribos de Israel. Contudo, o versículo também pode dar a entender que a perseguição aos midianitas foi ajudada por membros de outras tribos, que antes se tinham retirado da cena da batalha. Ver Juí. 6.35 quanto às tribos dentre as quais Gideão extraiu soldados. As tribos mencionadas eram aquelas cujos territórios ficavam mais próximos dos lugares que os midianitas estavam assediando, e de onde a batalha ocorreu. A batalha, ganha por Israel graças ao estratagema de Yahweh, foi ajudada por muitos mediante a perseguição ao inimigo, que procurou retroceder na direção de onde tinha vindo (ver o vs. 22 e suas notas expositivas).

7.24

Gideão enviou mensageiros. Este versículo dá-nos conta de uma segunda convocação. Gideão quis assim cortar a fuga do inimigo, a fim de que realmente ocorresse o aniquilamento total. Isso permitiu que não houvesse sobreviventes. Quaisquer prisioneiros feitos seriam executados em seguida. Ver as notas sobre Deu. 7.1-5 e 20.10-18, no tocante à guerra santa. Este versículo menciona, especificamente, a tribo de Efraim, em cujo território a ação militar se deu.

Bete-Bara. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Esse era um dos principais vaus do rio Jordão, o local que os midianitas tentariam cruzar a fim de escapar para o Oriente. Mas, se os vaus fossem cortados, então o próprio rio Jordão impediria a continuação da fuga. Esse lugar tem sido identificado com *Bete-Arabá* (ver no *Dicionário*), embora sua localização seja incerta. Bete-Bara significa "casa do vau", pelo que era um lugar bem conhecido, usado para vadear o Jordão.

O Rio Jordão. Soldados israelitas espalharam-se ao longo do rio Jordão, concentrando-se mais nas áreas pelas quais os midianitas haveriam de querer fugir, apesar de haver vaus óbvios e preferidos para fazer a travessia. Os que estivessem fugindo seriam apanhados e executados, conforme ditava a guerra santa.

7.25

A Orebe e a Zeebe. Há um artigo detalhado, no *Dicionário*, sobre esses dois príncipes midianitas, intitulado *Orebe e Zeebe*. Por isso, não reitero aqui esse material. Seus nomes significam, respectivamente, "corvo" e "lobo". Foram prisioneiros notáveis, apanhados somente para serem executados em seguida. Ver Isaías 10.26 quanto à terrível matança que aconteceu em conexão com esse evento. Além desses dois príncipes, vários outros cabeças, ou seja, oficiais militares e chefes dos midianitas, também foram executados. A guerra santa nunca permitia que se fizessem prisioneiros de guerra permanentes (ver Deu. 7.1-4).

Dalém do Jordão. Em outras palavras, Gideão não se contentou em ganhar a batalha na parte ocidental do país. Ele cruzou o rio Jordão e efetuou uma operação de "limpeza", fazendo chegar ao fim aqueles importunos ataques-relâmpagos dos midianitas. Gideão foi à *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*), e assim levou a batalha até a terra natal dos fustigadores.

Um Costume Oriental. A brutalidade na guerra, no Oriente, incluía o ato de reunir os chefes, tanto militares quanto civis, humilhá-los e executá-los, como ato final das hostilidades, para dar à vitória maior permanência.

O relato que aparece aqui antecipa o que será dito mais claramente em Juízes 8.4, onde é mencionada a travessia do rio Jordão.

Nomes de Animais Usados para Pessoas. Entre os antigos, isso constituía um costume. E até mesmo nas nações modernas, nomes de animais são dados como sobrenomes ou alcunhas. Assim, em português temos nomes como Leão, Carneiro, Lobo, Coelho etc.

Capítulo Oito

Este capítulo dá prosseguimento à seção iniciada em Juízes 6.1, cujas notas expositivas devem ser examinadas, pelo que não são repetidas aqui. As subseções que podem ser distinguidas neste oitavo capítulo, são: 1. Efraim e Gideão (8.1-3); 2. Gideão solicita suprimentos (8.4-9); 3. a captura dos príncipes midianitas (8.10-12); 4. punição das cidades de Sucote e Penuel (8.13-17); 5. execução de Zeba e Zalmuna (8.18-21); 6. Gideão recusa-se a governar os filhos de Israel (8.22,23). 7. Gideão e a estola sacerdotal (8.24-28); 8. a casa de Gideão (8.29-32); 9. outra apostasia de Israel (8.33-35).

Efraim e Gideão (8.1-3)

8.1

Então os homens de Efraim disseram a Gideão. Nem mesmo Gideão conseguiu escapar de seus críticos. A tribo de Efraim era especialmente proeminente entre as tribos israelitas das terras altas centrais. O mais importante santuário da época, Silo, ficava dentro de suas fronteiras. Esse era um ponto estratégico de liderança, e os efraimitas zelavam por ele. Isso posto, os efraimitas não se sentiram felizes diante da vitória de Gideão com seus meros trezentos homens. Eles queriam participar da glória da vitória, e de muitos despojos.

Gideão Consegue Pacificar os Efraimitas. Mas Gideão conseguiu apaziguar os homens de Efraim ao convencê-los de que o fato de terem sido convocados mais tarde, dando-lhes oportunidade de apossar-se de despojos na parte final e significativa das ações militares, era mais importante do que eles terem participado das ações desde o começo. Gideão, em sua resposta aos efraimitas, não deixou de fazer Yahweh entrar no quadro, embora tenha usado o nome divino Elohim (ver o terceiro versículo deste capítulo). Foi por ordem de Deus que todas as coisas aconteceram daquele modo.

O texto sagrado não deixa claro por qual motivo aqueles indignados efraimitas não tinham ouvido nem participado da primeira convocação (ver Juí. 6.35). Talvez os mensageiros enviados não tivessem conseguido atingir todos os lugares ocupados pelos homens daquela tribo, pelo que somente alguns a tenham ouvido. A segunda convocação é mencionada em Juízes 7.23, e essa convocação deve ter-se mostrado mais eficaz e abrangente.

8.2

Que mais fiz eu agora do que vós? Temos neste versículo um pouco de lisonja da parte de Gideão. Todo ser humano gosta de elogios, naturalmente esperando sinceridade. Todo homem gosta de crer que os cumprimentos lisonjeiros que recebe são todos genuínos, a fim de que seja confirmada a boa opinião que ele tem de si mesmo. Gideão já tinha tido dificuldades suficientes com os midianitas, pelo que resolveu os seus "problemas domésticos" usando a metáfora das duas respigas de uvas. A primeira teria sido a sua vitória inicial sobre os midianitas, com a ajuda dos trezentos homens selecionados. E a segunda respiga tinha sido a operação de "limpeza", quando da fuga e total destruição do inimigo. A tribo de Efraim não colaborou significativamente na primeira parte das ações, mas teve uma participação pesada na segunda. Portanto, de acordo com o argumento lisonjeiro de Gideão, os efraimitas tinham realizado um feito maior do que o dele, por terem desempenhado um papel proeminente na segunda e maior fase das operações de guerra. A "vindima de Abiezer" (o clã original de Gideão e seus primeiros ajudantes) foi menor do que os "rabiscos de Efraim". Ver as notas expositivas sobre o clã de Efraim, em Juízes 6.11.

Os Targuns dizem a respeito deste trecho, dizem: "Os fracos da casa de Efraim não são mais fortes do que a casa de Abiezer?".

Gideão, pois, estabelecia um exemplo do espírito que se contenta em sofrer uma injustiça e não requerer uma justiça precisa mas desnecessária. Ademais, não há que duvidar que os efraimitas realmente tinham obtido uma brilhante vitória e mereciam os elogios de Gideão (ver Isaías 10.26).

8.3

Deus vos entregou na vossa mão. Gideão salientou algumas das realizações especiais dos efraimitas, em todo o incidente. Eles tinham efetuado uma poderosa guerra santa, ccroando tudo com a captura de dois dos mais importantes príncipes midianitas, a saber, Orebe e Zeebe, conforme comentado em Juízes 7.25. Isso posto, Efraim tinha sido capaz de realizar feitos militares importantíssimos, como nem Gideão fora capaz de fazer. E o resultado final disso fora que Israel havia sido libertado definitivamente dos midianitas, que tinham chegado

com inúmeros e velozes camelos para tomar à força, pela sétima vez seguida, em sete anos, os frutos do trabalho dos filhos de Israel. Por conseguinte, Gideão como que reconheceu: "Vossa participação nas ações foi maior que a minha. Não posso comparar-me convosco". Essa lisonja, pois, aplacou os efraimitas indignados. Ademais, os efraimitas tinham conseguido tomar muitos despojos; e um pouco de riquezas materiais e prosperidade sempre ajuda as pessoas a sentir-se mais felizes.

Lemos em Provérbios 15.1: "A resposta branda desvia o furor". "As palavras de Gideão mostraram-se tão vitoriosas quanto a sua espada" (Bispo Hall).

Gideão Solicita Suprimentos (8.4-9)

Os midianitas foram perseguidos até dentro da *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). Ocorrera uma tremenda matança; mas alguns tinham conseguido escapar, incluindo dois notáveis príncipes. Tendo saído em perseguição a eles, Gideão e seus homens precisavam de alimentos e de outros suprimentos. Esta pequena seção aborda exatamente essa questão.

8.4

Cansados, mas ainda perseguindo. Muita matança, muito perigo, muita correria — tudo isso tinha deixado Gideão e seus homens exaustos. Eles precisavam da ajuda de outros israelitas da área. Embora cansados, Gideão e seus homens continuaram perseguindo o inimigo. Sentiam-se inspirados por toda a situação vitoriosa. Yahweh tinha cumprido a Sua promessa, ainda que, a princípio, ela parecesse impossível.

Este versículo reinicia a narrativa que tinha sido interrompida em Juízes 7.23.

8.5

Disse aos homens de Sucote. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Sucote*. Ficava imediatamente ao norte do ribeiro do Jaboque, no ponto em que atravessa as terras altas orientais do vale do Jordão. Situava-se no território da tribo de Gade, na Transjordânia. As tribos que ocupavam aquela área eram Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés.

Dai, peço-vos, alguns pães. A solicitação feita por Gideão foi muito humilde e básica. Eles queriam apenas um pouco de alimento, da parte de seus compatriotas. Não se apossaram de seus pertences, ao convocá-los a ajudar na perseguição, nem os sobrecarregaram em nenhum outro sentido. Eles estavam atarefados em uma atividade crucial, perseguindo dois importantes (e hostis) príncipes midianitas, a saber, *Zeba* e *Zaimuna*. Há um bem detalhado artigo sobre os dois e sobre as circunstâncias que envolveram a questão, no *Dicionário*, pelo que não repito aqui a informação. Orebe e Zeebe (ver o segundo versículo) eram importantes príncipes ou comandantes militares, chamados no hebraico de sarim, "capitães"; mas Zeba e Zaimuna eram melekim, "reis", o que significa que tinham ainda maior autoridade e importância que os dois primeiros. Para que houvesse a devida consolidação da vitória de Israel, era mister que esses dois homens fossem mortos. Assim, o pedido de ajuda por parte de Gideão revestia-se de grande senso de urgência.

8.6

Porém, os príncipes de Sucote disseram. A resposta deles foi insolente. É como se tivessem dito: "Se és tão grande que pudeste derrotar os reis de Midiã, que necessidade tens de nós, homens humildes?". Eles falaram de modo cortante e sarcástico, movidos por grande egoísmo. Talvez também temessem que Gideão não alcançasse sucesso; e então os reis de Midiã haveriam de vingar-se deles. Parece, portanto, que as tribos orientais (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés) tinham ficado indiferentes para com os interesses "nacionais". Estavam vivendo em meio ao conforto e à prosperidade, na Transjordânia, e apreciavam seu relativo isolamento do restante da nação.

"Obtiveste uma vitória tão segura que poderás evitar a vingança daqueles reis contra nós?" (Ellicott, *in loc.*). O tom da réplica dos chefes de Sucote provavelmente misturava covardia com derrisão. Neles não havia patriotismo algum, como é claro.

Os trezentos homens de Gideão, mui provavelmente, estavam perseguindo cerca de quinze mil homens (ver o décimo versículo). Os israelitas da Transjordânia não lhes deram nenhuma oportunidade de cumprir o seu propósito, porquanto não queriam ter de enfrentar a ira dos midianitas, quando eles contra-atacassem.

8.7

Trilharei a vossa carne. Gideão fez uma promessa ameaçadora, para depois que levasse a bom termo a sua tarefa. Ele voltaria e tiraria vingança daqueles chefes locais, afirmando que arrancaria a carne de seus ossos com os espinhos do deserto. Arrastados por cima de plantas espinhosas, os espinhos fariam o papel de debulhadores, deixando aqueles chefes meros esqueletos. Em comparação, Zeba e Zaimuna eram apenas professores de escola dominical. Gideão era o homem que eles deveriam temer. Ele era o homem de Yahweh para aquela hora; e todo indivíduo que a ele se opusesse seria esmigalhado inteiramente.

"Kimchi interpretou este versículo como se Gideão tivesse dito que lançaria os corpos nus daqueles homens sobre espinhos e abrolhos, para então pisá-los aos pés ou passar sobre eles com uma carruagem, deixando-os como se fossem o trigo submetido à debulha" (John Gill, *in loc.*).

O trecho de Juízes 8.16 mostra que Gideão realmente cumpriu suas ameaças.

8.8

Estes de Penuel lhe responderam como os de Sucote. A palavra Penuel significa "face de Deus". Esse era o nome de um lugar onde Jacó lutou com o Anjo do Senhor (ver Gên. 32.24-32). Não ficava distante de Sucote, conforme este texto sugere, a leste do rio Jordão e ao norte do ribeiro do Jaboque, embora o local exato seja atualmente desconhecido. Uma forma alternativa de soletrar o nome é "Peniel". No *Dicionário* apresentei o artigo chamado *Peniel (Penuel)*, o qual é bastante detalhado. Esse é o nome de um lugar e de dois homens, nas páginas do Antigo Testamento.

Gideão fez aos homens de Penuel o mesmo pedido que tinha feito aos homens de Sucote, e recebeu o mesmo tipo de resposta, e nenhuma ajuda. Sem dúvida, aqueles homens tinham os mesmos motivos que os homens de Sucote. Penuel também pertencia à tribo de Gade. O lugar é mencionado em I Reis 12.25 como cidade fortificada; mas os arqueólogos ainda não encontraram o sítio correspondente.

8.9

Derribarei esta torre. Essa foi a ameaça de Gideão contra os miseráveis chefes de Penuel. Isso era como dizer que eles ficariam sem defesa, sujeitos aos ataques de inimigos. As fortificações dali incluíam uma torre de vigia; mas esta e quaisquer outras fortificações ali existentes seriam deixadas em ruínas. Podemos comparar com isso a pacífica reação do Senhor Jesus contra a hostilidade de certas pessoas, em Lucas 9.54. Ele aconselhava a paz, e não a violência, pois veio ensinar a graça e a misericórdia.

A torre estava ali como parte das defesas da cidade contra aqueles mesmos midianitas. O desaparecimento da torre haveria de encorajar a hostilidade dos midianitas restantes, e também de outros povos. Em outras palavras, os homens de Penuel haveriam de ser devidamente castigados. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Lex Talionis* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

O vs. 17 deste capítulo mostra-nos que Gideão cumpriu sua ameaça contra Penuel.

A Captura dos Reis Midianitas (8.10-12)

Do começo ao fim, Gideão precisou lutar contra forças contrárias impossíveis de vencer. Contudo, o poder de Yahweh conferiu-lhe estrondoso sucesso em cada estágio de sua luta. Os reis Zeba e Zalmuna (ver o quinto versículo deste capítulo) tinham de cair, para que a vitória fosse consolidada e assim os ataques dos midianitas chegassem ao fim. Ver a introdução ao sexto capítulo, quanto ao ambiente geral e à essência da história. Os reis midianitas tinham chegado em segurança até Carcor, no vale de Sirhan, a leste do mar Morto; mas não haveria segurança permanente enquanto Gideão e seus trezentos homens os estivessem perseguindo. Somente um miserável remanescente de quinze mil homens, dentre um total de cento e trinta e cinco mil, ainda estava com vida; mas quinze mil homens ainda eram uma força muito poderosa para que Gideão pudesse derrotar com meros trezentos homens. Por conseguinte, era mister que ocorressem novos milagres, pois, de outra sorte, todo o empreendimento haveria de fracassar. O fato de que cento e vinte mil homens de Midiã já haviam sido aniquilados era admirável, ilustrando que tinha sido desfechado um poder a que nenhum homem era capaz de oferecer resistência.

8.10

Carcor. No árabe, essa palavra significa "terreno nivelado e mole", um lugar a leste do rio Jordão, onde os trezentos homens de Gideão, embora cansados e abandonados por seus compatriotas israelitas da área, capturaram os dois reis midianitas, Zeba e Zaimuna, o que lhes conferiu vitória completa. O local ainda não foi determinado com certeza. Mas parece que ficava perto do wadi Sirhan, a leste do mar Morto.

8.11

Subiu Gideão. Ele seguiu uma rota de caravanas que ficava a leste de Noba e Jogbeá, e destruiu boa parte do exército midianita, tendo-os apanhado descuidados. Aqueles homens não esperavam que Gideão viesse combatê-los em seu próprio território, e, por isso, tinham afrouxado a vigilância. O hebraico diz: "As

hostes estavam confiantes". Estavam por demais confiantes, despreparados. Eles tinham subestimado a determinação e a energia de Gideão, que levou a questão até sua conclusão final.

Noba. Ver no *Dicionário* sobre esse lugar, em seu segundo ponto. Ficava à margem de uma rota de caravanas que passava a leste de Sucote e perto de Jogbeá. Todavia, ainda não se conseguiu determinar sua localização exata. Pertencia à meia tribo de Manassés.

Jogbeá. Ver a respeito desse lugar no *Dicionário*. E ver Núm. 32.35 quanto a notas adicionais. Essa localidade tem sido identificada com Jubeihat, cerca de vinte e quatro quilômetros a sudoeste de Penuel. Pertencia à tribo de Gade e tinha sido fortificada pelos gaditas.

8.12

Prendeu os dois reis dos midianitas, a Zeba e a Zalmuna. O autor sagrado nos poupou os detalhes sangrentos. Somos informados somente que Gideão logrou êxito. Ele capturou aqueles dois reis midianitas e os executou. Além disso, tirou a vida de virtualmente todos os quinze mil midianitas restantes, cumprindo assim um importante requisito da guerra santa (ver Deu. 7.1-5). Yahweh lançara a todos eles no pânico, e isso facilitou a horrenda campanha de morticínio. A batalha tinha começado em meio a grande pânico, e terminou com a ajuda de outro daqueles ataques de pânico. Ver Juí. 7.21,22.

Punição das Cidades de Sucote e Penuel (8.13-17)

Chegara o tempo de colher o resultado de más ações. Os moradores israelitas de Sucote e Penuel haviam tratado muito mal a seus compatriotas guerreiros. Agora chegara o tempo de colher o que haviam semeado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Gideão havia solicitado somente algum alimento para o seu exército de homens exaustos, a fim de continuar sua operação de "limpeza" contra os midianitas. Mas até mesmo esse simples pedido lhe havia sido negado. Ver os vss. 5 a 9 deste capítulo, quanto ao relato a respeito.

Agora as ameaças de Gideão contra aquelas duas cidades estavam prestes a ser cumpridas. E, em sua vingança, ele não demonstrou nem um pouco de misericórdia.

8.13

Voltando, pois, Gideão. A vitória dos israelitas tinha sido ganha contra possibilidades impossíveis. Audey Murphy foi um menino comum, criado em uma fazenda dos Estados Unidos. Ele nunca havia cometido qualquer ato de violência, exceto matar um coelho, para preparar o seu jantar. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi convocado pelo exército americano. Audey Murphy tornou-se então uma incrível máquina de matar. Certa feita, completamente sozinho, atacou uma divisão de tanques alemães. Matou mais de duzentos alemães e deixou danificado grande número de tanques. Feitos dessa ordem eram comuns para ele. O que ele fazia era simplesmente inacreditável. Terminada a guerra, tornou-se um astro do cinema, sempre prevalecendo sobre os bandidos, em situações impossíveis. Hollywood preparou um filme sobre seus feitos de guerra, mas nessa tentativa não conseguiu realmente repetir o que ele fizera, porque isso era por demais incrível para ser mostrado de maneira realista. Talvez houvesse algo de divino em seus poderes. Mas finalmente ele sofreu um acidente de automóvel, que lhe tirou a vida de forma violenta!

Gideão, pois, foi o Audey Murphy de Israel. O que ele fez, com tão pouca ajuda, não pode ser explicado em termos naturais. Mas a Bíblia esclarece que Yahweh estava com ele.

Pela subida de Heres. Esse era um lugar a leste do rio Jordão, de onde Gideão voltou, após ter derrotado os reis Zeba e Zalmuna. Esse texto, contudo, envolve alguns problemas. Algumas versões dizem aqui "antes de o sol surgir", como se houvesse um modificador adverbial, e não um nome geográfico. Mas a própria questão topográfica também envolve dúvidas.

8.14

Deteve a um moço de Sucote. Imediatamente antes de entrar na cidade, Gideão agarrou um jovem e exigiu informações. Queria saber onde estavam os chefes e os anciãos que tinham negado pão para o seu exército faminto e cansado (ver Juí. 8.5-7). E ficou sabendo que eles perfaziam um grupo de setenta e sete homens, de alguma importância na cidade. Gideão haveria de acertar as contas com aqueles homens sovinas e miseráveis. O jovem anotou por escrito todos os nomes deles, pelo que Gideão dispunha agora de um documento para seguir em sua nova inquirição. Parece, pois, que Sucote contava com uma espécie de Sinédrio local (ver Núm. 11.16). O número dos anciãos mostra que o lugar deve ter sido de considerável tamanho e importância.

8.15,16

Veio Gideão aos homens de Sucote, e disse. Gideão confrontou os chefes de Sucote usando as próprias palavras deles e suas más ações (ver Juí. 8.5,6). Em seguida, submeteu-os ao tratamento brutal que lhes tinha prometido, por causa de sua covardia e egoísmo (ver Juí. 8.7). Não há certeza sobre o que Gideão fez contra eles; mas não há que duvidar de que executou torturas, talvez arrastando-os pelo deserto pedregoso e cheio de espinhos. Amarrados com cordas, foram puxados por cavalos.

Deu severa lição. A lição severa consistiu em arrastá-los por cima de espinhos, tratando-os como se fossem grãos que precisam ser trilhados. Gideão não demonstrou a mínima misericórdia. Ele estava disposto a semear o morticínio, e não descansaria enquanto sua tarefa sanguinária não estivesse terminada.

A Lição Objetiva. Gideão mostrou àqueles homens como ele e Yahweh deveriam ser respeitados, mesmo quando as ordens divinas exigissem guerra santa (ver Deu. 7.1-5).

8.17

Matou os homens da cidade. A violência não havia terminado. Gideão ainda tinha de resolver a questão com os líderes de Penuel. Eles tinham tratado de forma muito desrespeitosa a ele e ao seu pequeno exército (ver Juí. 8.8,9). E então Gideão os ameaçara de que retornaria e destruiria sua torre defensiva, deixando-os sujeitos aos ataques hostis dos vizinhos estrangeiros (ver Juí. 8.9). Gideão era homem que cumpria suas palavras, e fez exatamente o que disse que faria. Além disso, também passou ao fio da espada grande número de cidadãos, provavelmente todos os anciãos e mais alguns, como medida de segurança. E, conforme alguns intérpretes supõem, talvez todos os homens tenham sido executados.

"A importância do lugar fez com que Jeroboão tornasse a fortificá-lo (ver I Reis 12.25)" (Ellicott, *in loc.*).

Execução de Zeba e Zalmuna (8.18-21)

Ver o trecho de Juízes 8.5 ss. quanto à história da perseguição daqueles dois homens, por parte de Gideão. O vs. 12 descreve a captura deles. Gideão aprisionou-os, mas isso apenas como uma medida temporária. A guerra santa (ver as notas sobre Deu. 7.1-5 e 20.10-18) requeria a matança total do adversário, e não permitia que houvesse prisioneiros de guerra nem sobreviventes. Gideão, além de efetuar a guerra santa, no caso dos dois reis mencionados, também estava tirando vingança pessoal, porquanto eles haviam matado a seus irmãos (ver o vs. 19), ato que significava que nenhuma misericórdia seria demonstrada para com os executores. Não sabemos quando os irmãos de Gideão haviam sido mortos; mas é bem possível que isso tenha acontecido em resultado de um dos ataques-relâmpagos que os midianitas perpetraram contra o povo de Israel.

8.18

Que homens eram os que matastes em Tabor? A execução dos irmãos de Gideão tinha ocorrido em *Tabor* (ver a respeito no *Dicionário*). Tratava-se este de um pequeno monte de forma cônica, imediatamente ao norte da colina de *Moré* (ver também a respeito, no *Dicionário*). Gideão tinha quase certeza de ter capturado os próprios indivíduos que haviam executado seus irmãos, mas fez indagações a fim de que não restasse nenhuma dúvida. A informação que obteve foi que os homens mortos se pareciam com Gideão, cujo porte era imponente, forte e poderoso, como alguém esperaria da parte de um rei. A descrição dada eliminou qualquer dúvida de que Gideão havia apanhado os assassinos, porquanto eles tinham acabado de descrever os seus irmãos.

"Um homem alto, de presença dominante, sempre atraía a atenção naqueles dias antigos (ver I Sam. 10.23,24; 16.6,7). Na *Ilíada* (iii.170), disse Príamo: 'Nunca antes eu tinha visto alguém com aspecto tão simpático e tão imponente, pois ele era como um rei'" (Ellicott, *in loc.*). Cf. a declaração similar em Virgílio (*Aen.*, livro xii. vs. 938). A *Mishnah* (*Sabbat*, cap. 14) comentou aqui que todos os israelitas se assemelham a filhos de reis, mas isso é apenas uma patriotada, um exagero.

8.19

Eram meus irmãos, filhos de minha mãe. "Estes dois versículos (18 e 19) indicam que os motivos de Gideão não eram meramente religiosos e patriotas, mas também pessoais. O início original da história deve ter registrado a morte dos irmãos de Gideão às mãos dos midianitas, bem como a decisão dele, como parente próximo, de tirar vingança contra eles (cf. Jos. 20.3)" (*Oxford Annotated*

Bible, comentando sobre o vs. 18). Ver também Deu. 19.6,12. "Provavelmente os seus irmãos foram mortos em sua própria casa, e não em campo de batalha" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado com o título de *Vingador do Sangue*, quanto a maiores informações.

Se os tivésseis deixado com vida. Infelizmente, eles não tinham feito isso. Oxalá eles tivessem matado outros, e não os irmãos de Gideão. Então teriam escapado à morte naquele momento. Mas eles haviam executado pessoas erradas, e agora deveriam morrer. A guerra santa requeria a morte deles, fosse como fosse, e por isso seriam executados a despeito da natureza exata de seus crimes passados. Gideão, pois, usou esse "se" apenas para mostrar quão insensata tinha sido a ação deles, e quão justa seria a execução dos dois reis midianitas.

A morte era inevitável, tão certamente quanto Yahweh (o Senhor) é vivo, ou seja, havia certeza absoluta quanto à execução dos reis, embora as palavras de Gideão dessem a entender que eles poderiam ter escapado à execução. Cf. Rute 3.13 e I Sam. 14.41. Algo similar aparece em Aen. xii.949. Se Gideão pudesse ter de volta os seus irmãos, naquele instante, pouparia a vida daquele dois reis midianitas.

8.20

E disse a Jeter, seu primogênito. *Jeter* era o filho mais velho de Gideão. Ver sobre ele no *Dicionário*. Gideão, pois, ofereceu-lhe o privilégio de matar os homens que tinham matado os tios dele. Cumprir a lei da vingança de sangue era considerado tanto justo quanto necessário, como um meio de salvar a honra da família. Jeter, porém, ainda era muito jovem, sendo provável que nunca antes tivesse matado a um homem. Não tinha estômago para derramar sangue, e, por isso, ficou ali, sem fala, e não conseguiu puxar sua espada. Mais tarde, contudo, haveria de acostumar-se ao jogo da matança. É possível que Jeter fosse o único sobrevivente da família de Gideão, dando assim continuidade à sua linhagem e à sua herança. Ele era um homem importante, e, de acordo com a jus talionis, estava qualificado a tirar vingança pessoalmente. E bem cedo Jeter haveria de herdar o dever do goel (ver Núm. 35.12; II Sam. 2.22). É provável que Gideão quisesse treinar o jovem Jeter para ser violento, brutal e destemido, como ele mesmo era; mas o tempo para isso ainda não havia chegado, e Jeter declinou da honra.

8.21

Levanta-te, e arremete contra nós. Aqueles brutais reis midianitas não demonstraram paciência alguma com a idéia de Gideão de serem mortos por um garoto, e, assim sendo, exortaram Gideão que os executasse pessoalmente. Não queriam que as pessoas ouvissem que tinham sido mortos por um simples garoto. Se um homem tivesse de ser morto, bom seria que fosse por um homem forte. Desse modo, a reputação dos executados era fomentada. De outra sorte, tal indivíduo morreria em opróbrio e desgraça. Era importante, pois, que aqueles assassinos morressem com uma morte "honrosa". A força de Gideão também significava que eles seriam despachados prontamente. Talvez o menino tivesse de golpeá-los muito antes que morressem; e isso, como é claro, não era desejável.

Qual o homem, tal a sua valentia. Não se sabe com certeza o que essas palavras significam. Alguns estudiosos comparam-nas com o trecho de Deuteronômio 33.25: "... como os teus dias durará a tua paz". Se aqueles midianitas estavam dizendo algo parecido com isso, então estavam sendo fatalistas acerca da questão inteira, como se declarassem: "Chegou a nossa hora. Até o homem forte tem seu dia para morrer. Suas forças duram tanto tempo, e então só lhe resta morrer". Ou então estavam dizendo algo como: ""Tu, Gideão, és um homem dotado de poder; usa esse poder para pôr fim à vida destes dois homens poderosos". Ou mesmo: "Tu és o homem forte que está qualificado a terminar nossa vida de maneira limpa e rápida. Realiza, tu mesmo, a tarefa. Não entrega essa tarefa a esse teu garoto".

Gideão atendeu ao pedido deles e despachou-os sem demora.

Ornamentos em forma de meia lua. Cf. Juí. 8.26 e Isa. 3.18. Crescentes (meias-luas) eram ornamentos usados tanto por homens quanto por mulheres. Originalmente, eram usados como sinal de adoração à lua, uma forma muito antiga de idolatria. Os ismaelitas (ou árabes) desde tempos remotos adoravam a lua. Em tempos posteriores, Maomé destruiu todas as formas de idolatria; mas o crescente continuou sendo um símbolo importante entre os seguidores maometanos. Até hoje vemos a meia-lua ou crescente no alto das mesquitas, e muitos ornamentos continuam a ser fabricados com esse formato.

A palavra hebraica aqui usada é saharonim, ou seja, "pequenas luas". Usualmente, esses ornamentos eram feitos de ouro ou de prata. Há uma história de que, em uma de suas batalhas, Maomé encontrou um camelo morto adornado com essas lunalae, acompanhadas por uma fieira de esmeraldas. Os senadores romanos (por razões diferentes) usavam crescentes de prata em seus calçados. Os midianitas, sem dúvida, entre outras formas de idolatria, adoravam à lua. Gideão, pois, tomou aqueles crescentes como troféus de guerra, sem nenhum intuito de usá-los como objetos de culto.

Gideão Recusa-se a Governar os Filhos de Israel (8.22-23)

É natural que os homens imaginem que grandes figuras militares podem tornar-se bons políticos; mas isso só acontece muito raramente. Gideão, pois, teve o bom senso de não querer imiscuir-se na política, e certamente não tinha entranhas para tornar-se rei em Israel. Sua missão era eminentemente militar; e ele preferia deixar as coisas como estavam. Sua idéia era reafirmar o ideal da teocracia.

8.22

Domina sobre nós. Os israelitas, mui naturalmente, imaginaram que, com todo o favor divino de que dispunha, Gideão facilmente poderia ser rei em Israel. Gideão era o homem mais poderoso que havia nas redondezas, pelo que também seria o melhor rei que eles poderiam ter. Uma notável vitória sobre vizinhos hostis tinha sido lavrada. E agora os filhos de Israel esperavam que aquela realização se tornasse permanente, perpetuando a dinastia de Gideão, em que o governo passaria de pai para filho, na esperança de que Yahweh continuaria abençoando a "família real". Temos pois, nesse incidente, a primeira tentativa de estabelecer uma monarquia hereditária em Israel. Nos dias de Samuel e Saul, isso acabou acontecendo; mas essa primeira tentativa não deu certo. Coisa alguma funcionava direito em Israel por muito tempo. A rebeldia sempre estraga todos os empreendimentos.

"O poder tende por corromper-se, e o poder absoluto corrompe de maneira absoluta" (Lord Acton, em um ensaio seu). Todos os dias encontramos evidências dessa realidade, enquanto seguimos a história da corrupção entre os políticos. Na realidade, qual é a classe que se torna tão corrupta como a política? Parece que a corrupção é uma característica natural ou atributo da grande maioria dos políticos.

Os homens dotados de autoridade mandam a moralidade às nuvens, e corrompem-se em seus pensamentos e em seus atos.

"A memória de Gideão aprofundou o desejo que a Samuel, mais tarde, foi ordenado satisfizer (I Sam. 8.5; 12.12,17)" (Ellicott, *in loc.*).

8.23

O Senhor vos dominará. O povo de Israel já tinha seu governante, a saber, Yahweh. Mas apostasias periódicas anulavam o governo divino, a "teocracia". E isso atraía a hostilidade de adversários vizinhos, o que era um julgamento divino. "A rejeição de Gideão quanto ao oferecimento de tornar-se o governante de Israel acentuou o princípio fundamental da teocracia de Israel, antes do desenvolvimento representado pelos reinados de Saul e de Davi" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Gideão e a Estola Sacerdotal (8.24-28)

Não sabemos dizer qual a natureza exata da estola sacerdotal (vs. 27) que Gideão fez, usando todo aquele ouro que ele havia solicitado e lhe havia sido entregue. Mas sabemos que o objeto logo se tornou um objeto de culto. Gideão, pouco depois de ter obtido uma tremenda vitória, desejava uma espécie de memorial do triunfo. Suas boas intenções, entretanto, não demoraram muito a serem pervertidas. Foi assim que o objeto se tornou uma armadilha, tanto para Gideão quanto para seus familiares, bem como para todo o povo de Israel. Essa narrativa adverte-nos de que até mesmo grandes vitórias podem levar a erros graves. A mente de homens embriagados com o sucesso fica sujeita a erros crassos. Uma de minhas fontes informativas queixa-se de que o primeiro erro de Gideão foi submeter o povo a certa forma de taxação, embora não fosse rei e não tivesse razão para requerer "contribuições" da parte do povo. Um erro levou a outro, até que tudo ficou inteiramente azedo.

Assim sendo, se Gideão exibiu poder em batalha, bem como sabedoria por não querer tornar-se rei em Israel, acabou caindo em erro, provavelmente devido ao pecado de orgulho por causa daquilo que tinha sido capaz de fazer. Ele queria dispor de um memorial permanente de seus feitos, embora, o tempo todo, Yahweh é quem obtivera aquelas vitórias todas.

8.24

Um pedido vos farei. Em demonstração de sabedoria, Gideão repeliu a idéia de tornar-se rei (ver o versículo anterior); mas então cometeu o ato estúpido de querer fazer um memorial muito caro de sua vitória sobre os midianitas. Para tanto, precisou de muito ouro; e a fonte principal desse metal foram os brincos dos ismaelitas, muitos deles, sem dúvida, com a forma de meia-lua (ver o vs. 21). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Brincos*. Os midianitas e os ismaelitas eram povos congêneres, misturados por casamentos, e assim o autor sagrado refere-se a eles como se fossem um único povo. Os Targuns chamam-nos de árabes. Na verdade, eles foram um dos troncos formadores do atual povo árabe. Entre eles, tanto homens quanto mulheres usavam brincos, pelo que havia muito ouro a ser recolhido desses objetos. Ver Juí. 35.5; Êxo. 32.2,3.

Plínio fala sobre os brincos de ouro usados pelos homens árabes (ver *História Natural* 1.11, cap. 37).

Os ismaelitas eram descendentes de *Hagar* (ver Gên. 25.12-16), e os midianitas eram descendentes de *Quetura* (Gên. 25.2). Ver sobre ambos esses povos no *Dicionário*. Esses nomes tornaram-se intercambiáveis (ver Gên. 37.28).

8.25

Disseram eles: De bom grado as daremos. Os filhos de Israel não fizeram objeção ao pedido de Gideão. E ainda sentiram muita gratidão, por causa da maneira como ele os havia livrado dos ataques-relâmpagos dos midianitas. Foi por isso que atenderam com generosidade à petição de Gideão. Fizeram uma oferta coletiva, dentro de um grande pano para receber as doações, em sua maioria sob a forma de brincos de ouro, e entregaram o recolhido a Gideão.

Estenderam uma capa. Talvez fosse uma veste mais externa, uma espécie de sobretudo. Alguns estudiosos chegam a imaginar que a capa pertencesse ao próprio Gideão, embora o detalhe não se revista de maior conseqüência.

8.26

Mil e setecentos siclos de ouro. Esse foi o peso do ouro recolhido. Calcula-se isso em cerca de quase vinte quilogramas de ouro. A fortuna não chegou a ser imensa, mas apontava para uma estola sacerdotal extremamente cara (ver o versículo seguinte). Era uma das maiores peças de ouro que havia no país e acabou tornando-se a base de certa forma de idolatria. Todo esse ouro dá a entender que houve um número extraordinário de argolas de nariz e brincos (ver Gên. 24.22), o que, por sua vez, implica a matança de um número muito grande de midianitas, de cujos cadáveres todo esse ouro foi tirado.

Encontramos uma crônica um tanto similar na história do triunfo de Mago sobre os romanos. Ele derramou sobre o soalho do senado cartaginês, depois de haver massacrado os romanos em Canae, três alqueires (cerca de cento e dez litros) de anéis de cavaleiros romanos (Lívio xxiii.12). Quanto a informações sobre o siclo, ver sobre *Dinheiro II* no artigo *Pesos e Medidas*, no *Dicionário*, bem como as notas expositivas em Êxo. 30.13 e Lev. 27.25.

Outros despojos também aumentaram o volume das riquezas que foram trazidas a Gideão. Havia muitas variedades de peças de joalheria (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jóias e Pedras Preciosas*), excelentes tecidos de púrpura que tinham sido possessões dos reis midianitas, e também cadeias de ouro que eram usadas penduradas no pescoço dos camelos, como ornamentação. Estrabão referiu-se aos excelentes tecidos de púrpura usados pelos ricos (*Geog.* 1.16, par. 539). O autor sacro, pois, enfatizou os excelentes despojos que Israel foi capaz de recolher, um aspecto sempre importante nas guerras antigas, e que era o "salário" dos soldados. Talvez muito desses despojos se tenham tornado propriedade particular de Gideão, o que significa que ele foi enriquecido pela guerra. E parte de todo aquele material pode ter sido incorporada na estola sacerdotal.

8.27

Uma estola sacerdotal. Na verdade, essa é a interpretação do termo hebraico que aparece na versão portuguesa da Bíblia Almeida Atualizada, refletindo idéias antigas dos intérpretes judeus. Não sabemos dizer a natureza exata do item. Porém, sem importar exatamente o que tenha sido, o fato é que não demorou a tornar-se objeto de peregrinações, de todas as partes do território de Israel, com o objetivo de veneração. Que a idolatria acabou misturada com a questão, transparece nas palavras usadas pelo autor sacro, "se prostituiu", uma metáfora comumente usada para indicar a idolatria. Assim sendo, aquilo que tivera o propósito de tornar-se um mero memorial (embora muito caro e ostentoso, mas nada mais do que isso) logo tornou-se um objeto adorado. Alguns estudiosos sugerem que era uma espécie de imagem, como uma bolsa, uma vestimenta, uma túnica ou a imitação de uma estola do sumo sacerdote.

"A natureza dessa estola sacerdotal não fica clara. Pode ter sido moldada de acordo com a veste externa dos sumos sacerdotes de Israel (ver Êxo. 28.6-20; Lev. 8.7,8). Entretanto, em lugar de ter sido usada como peça do vestuário de alguém, a estola sacerdotal de ouro de Gideão parece ter sido erigida em Ofra, a fim de tornar-se um objeto idolatrado. Em algum sentido, ele pode ter usurpado a função de um sacerdote, e/ou ter estabelecido um centro de adoração rival ao tabernáculo. No fim, parece que Gideão retornou à sociedade sincretista para fora da qual Deus o tinha convocado a libertar a nação de Israel" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

John Gill (*in loc.*) sugeriu que uma espécie de oráculo foi estabelecido em Ofra, onde a estola sacerdotal era objeto de destaque, tal como o Urim e o Tumim eram itens importantes do tabernáculo de Silo. Seja como for, isso lançou Gideão e sua família no descrédito, servindo-lhes de armadilha, que os apanhou e os tornou ridículos aos olhos de Yahweh. Silo ficava dentro das fronteiras do território de Efraim, e o oráculo de Gideão, ao que tudo indica, era uma extensão do poder dessa tribo em Israel. O orgulho e o patriotismo provinciano pareciam ter vindo fazer parte integrante da situação. Atos como esse acabaram por encorajar o estabelecimento do santuário central da nação em Jerusalém, eliminando-se todos os demais santuários. E isso, por sua vez, redundou em unidade para Israel, pelo menos durante algum tempo.

Esse episódio mostra que o poder pode facilmente corromper, conforme sucedeu no caso de Gideão, embora antes ele tivesse tomado a boa decisão de não aceitar ser rei em Israel.

8.28

Foram abatidos os midianitas... e nunca mais levantaram a cabeça. Pelo lado positivo, a vitória de Gideão sobre os midianitas conferiu aos filhos de Israel nada menos de quarenta anos de descanso. Durante todo esse dilatado período, eles descansaram e desfrutaram uma vida tranqüila. E essa vida mansa e próspera contribuiu para que, passado esse tempo, eles caíssem em outro período de apostasia, com uma conseqüente nova servidão, reiniciando assim todo aquele cansativo círculo vicioso. Ver no *Dicionário* os artigos *Quarenta e Número* (*Numeral, Numerologia*).

Em Gideão vemos como se cumpre um antigo adágio que estipula: "Grandes homens, grandes vícios". Temos, naqueles quarenta anos, o último período de paz registrado no livro de Juízes. Não se lê que Jefté e Sansão tenham trazido a Israel algum período de paz, nem conseguiram eles, em um sentido real, adiar o declínio espiritual e moral da nação. Ver sobre os juízes e os seus lugares de atividade, no gráfico que aparece imediatamente antes de Juí. 1.1.

A Casa de Gideão (8.29-32)

Informações Gerais. Sua casa ou família consistia em setenta filhos legítimos, que ele gerou por meio de suas muitas esposas. Mas Gideão também teve concubinas e filhos por meio delas, conforme é fácil de presumir. Na realidade, é mencionada somente uma concubina e somente um filho de Gideão através dessa concubina. O homem encher-se-ia de orgulho e faria de si mesmo um homem importante (o relato fica no capítulo 9 de Juízes). O vs. 31 deste capítulo, ao mencionar Abimeleque, introduz a narrativa do nono capítulo. Talvez sua mãe (a concubina) fosse uma mulher cananéia, visto que lemos que Abimeleque passou a residir em Siquém, onde estavam os irmãos de sua mãe. Embora não fosse rei, Gideão vivia como tal, em sua esfera limitada. Nisso, sem a menor dúvida, houve certo declínio espiritual e moral. Algumas vezes, grandes homens desintegram-se muito no fim de suas carreiras.

8.29

Retirou-se Jerubaal. Ver no *Dicionário* esse nome de *Gideão* (que talvez fosse o seu nome original) e consultar também as notas expositivas sobre Juí. 6.32 e 7.1. Quando a guerra terminou, Gideão retirou-se para sua vida doméstica. Reuniu em torno dele grande número de mulheres e começou a atividade da reprodução, além de talvez ter começado a criar gado. A guerra tinha-lhe rendido muitas riquezas materiais, e assim ele deu início a uma boa vida, como se fosse um pequeno rei, embora nunca tivesse usado tal título. É possível que tenha passado a viver em *Ofra* (ver a respeito dessa cidade no *Dicionário*, bem como nas notas expositivas de Juí. 9.5). Ele dispunha de seu próprio oráculo (ver Juí. 8.27) e pode ter agido como uma espécie de sumo sacerdote em sua própria área. Era visitado por um número muito grande de pessoas, que o honravam e ficavam indevidamente impressionados com a sua estola sacerdotal (ver Juí. 8.27).

8.30

Teve Gideão setenta filhos... muitas mulheres. A boa vida de Gideão incluía muitas mulheres e, naturalmente, muitos filhos; a Gideão não faltava dinheiro para sustentar todos eles. Os intérpretes cristãos olham de soslaio para toda aquela atividade sexual com todas aquelas mulheres; mas devemos lembrar que os reis e os reis vassalos eram conhecidos por seus exageros nessa área, e até chegavam a ser honrados por causa disso. Todo grande homem precisava ter muitas mulheres, por uma questão de convenção social. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Poligamia*. Quando o Antigo Testamento menciona todas aquelas mulheres e todos aqueles filhos, cumpre-nos entender que a bênção de Yahweh tinha sido dada ao homem, e não que ele tinha feito alguma coisa errada. O trecho de Deuteronômio 17.17 determina que um rei não deveria multiplicar esposas; mas esse conceito acabou sendo sempre desobedecido. Alguns estudiosos pensam que tal concepção pertence a uma época posterior, e que o livro de Deuteronômio fala retroativamente, mediante alguma adição escribal posterior. Na verdade, a grandeza continuou incluindo um grande harém. As mil

mulheres de Salomão constituíram o harém do maior homem, porquanto nenhum outro monarca conseguiu igualar esse feito!

8.31

A sua concubina. Embora Gideão provavelmente tenha tido certo número de concubinas, somente uma é mencionada, porquanto dela nasceu Abimeleque, que veio a adquirir alguma notoriedade e fama, sendo a grande figura do nono capítulo do livro de Juízes. Isso posto, este versículo prepara-nos para a história de *Abimeleque*. Ver sobre ele no *Dicionário*. E ver também ali o verbete chamado *Concubina*. As concubinas eram segundas esposas, com freqüência tomadas dentre criadas e escravas. Seus filhos não compartilhavam a herança da família; mas um homem rico, como Gideão, sem dúvida cuidaria de todos os filhos como era conveniente.

Essa concubina é chamada de "serva", em Juí. 9.18. Talvez ela fosse uma escrava cananéia, pois a cidade de Siquém dispunha de numerosa população cananéia. Dentro das tradições judaicas, essa concubina de Gideão adquiriu certa fama. Josefo (*Antiq.* v.7, par. 1) deu-lhe o nome de Druma, um detalhe que pode ou não ser historicamente autêntico.

8.32

Faleceu Gideão... em boa velhice. A idade com que Gideão morreu perdeu-se nos arquivos do passado, pelo que o autor sagrado disse somente que ele teve uma longa vida. Ver as notas em Gên. 5.21 quanto à desejabilidade de uma vida longa na terra. É verdade que é bom viver por muitos anos, mas é melhor ainda viver bem e por muitos anos. Gideão tinha vivido bem e por muitos anos, apesar de seu declínio nos últimos anos. Ele já havia garantido um lugar para seu nome na história. E mais importante ainda foi que, a despeito de seu declínio final, ele tinha cumprido a missão que Yahweh lhe ordenara. Gideão foi sepultado na cidade de Ofra, no sepulcro da família. Por ocasião de sua morte, acentuou-se o declínio espiritual e moral de Israel.

"Gideão morreu em paz, em meio à prosperidade (ver Gên. 15.15; 49.29) e em idade avançada (ver Jó 5.26). Mas a má semente que ele tinha semeado produziu frutos amargos na geração seguinte" (Ellicott, *in loc.*).

Outra Apostasia de Israel (8.33-35)

Nenhum dos outros juízes referidos no restante do livro de Juízes foi capaz de prover descanso para Israel. As vitórias obtidas foram apenas parciais e de pequena duração. Os períodos de tranqüilidade (ver Juí. 3.11,30; 5.31,32; 8.28) terminaram, mas havia somente uma espiral descendente cada vez mais pronunciada. Tinha-se estabelecido um constante declínio político e social, sem falarmos na degeneração espiritual e moral. "O evento que projetou a fase de maior declínio do período dos juízes foi o reinado abortivo de Abimeleque, filho de Gideão e de uma concubina dele (ver Juí. 8.31). Abimeleque nunca é chamado de "juiz" nas Escrituras. De fato, seu governo incluiu certos elementos opressivos que só foram eliminados mediante a sua morte, e pelo juizado subseqüente e positivo de Tola, que viveu na mesma área geral das terras altas centrais" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Alguns estudiosos listam Abimeleque entre os juízes, mas outros negam-lhe essa posição. Seja como for, ele foi um rei vassalo e juiz.

8.33

Morto Gideão, tornaram a prostituir-se os filhos de Israel. Este versículo mostra-nos que, a despeito dos ingentes esforços de Gideão, e talvez por causa do mau exemplo que tenha deixado (em seus últimos anos, no tocante à estola sacerdotal; ver Juí. 8.27), Israel estava longe de viver livre da idolatria. Baal e as maquinações daquele culto pagão estavam sempre presentes para corromper o povo de Israel. Temos neste versículo a forma plural da palavra, "Baalins", referindo-se, sem dúvida, às várias manifestações da adoração a Baal, pois cada localidade tinha sua própria versão dessa forma de idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo)* quanto a descrições completas. Ver também sobre os *Baalins* em Juí. 2.11; 3.7 e 10.6,10. Isso posto, repetiu-se o antigo ciclo. A apostasia (por meio da idolatria) produzia servidão; a servidão, depois de algum tempo, provocava o aparecimento de algum líder carismático que libertava a Israel; e então vinha um período de descanso. A exceção observável é que agora nenhum descanso sobreviveria enquanto não começasse a monarquia, sob Saul e Davi. Mas nenhum dos juízes doravante, até o fim do livro de Juízes, seria capaz de libertar Israel de sua miséria.

A morte de Gideão assinalou o fim do que era relativamente bom. De agora em diante um declínio acentuado haveria de assinalar toda a história de Israel, mediante uma desgraçada e persistente *idolatria* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Puseram a Baal-Berite por deus. No hebraico, esse nome significa "Senhor do pacto". Baal-Berite era uma divindade dos cananeus adorada pelo povo de Siquém após a morte de Gideão (Juí. 8.33 e 9.4). Essa adoração era promovida mediante o ídolo daquele deus. Abimeleque, neto (ou filho) de Gideão, tomou setenta peças de prata da casa desse deus a fim de contratar homens para o ajudarem em sua rebelião (ver Juí. 9.4).

Não se sabe como interpretar a palavra "pacto" associada a esse deus: 1. poderia ser um pacto geral, uma aliança entre o povo e essa divindade; ou 2. poderia ser um pacto particular: a divindade chamada como testemunha do pacto de Siquém com Israel. Sem importar como tenha sido, a adoração a esse ídolo era apenas outra manifestação do baalismo. De alguma maneira tola, Israel havia estabelecido uma espécie de pacto com aquele absurdo, o que nos mostra a quais profundezas de decadência moral e espiritual a nação se tinha afundado. A Septuaginta diz que Israel havia firmado um pacto com Baal, de que este seria o seu deus.

8.34

Os filhos de Israel não se lembraram do Senhor seu Deus. A paz conseguida por meio de Gideão foi perversamente atribuída a Baal. O povo de Israel uma vez mais esqueceu-se de Yahweh. Yahweh-Elohim (o Eterno Todo-poderoso) foi abandonado por eles. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

"De conformidade com Juízes 9.46, eles passaram a considerar Baal como seu Elohim, esquecendo-se de que Yahweh é o único Deus. [Em Israel] sempre houve essa tendência para o sincretismo, como meio passo dado na direção da idolatria" (Ellicott, *in loc.*).

Israel desfrutou de alguns poucos anos livre de qualquer opressão da parte de potências estrangeiras. Eles estavam vivendo uma vida tranqüila. Mas, em meio à sua prosperidade, esqueceram-se da fonte originária de sua abundância. Baal-Berite tinha em Siquém o seu santuário central (ver Juí. 9.3,4), e Israel começou a fazer dali um centro de suas atividades religiosas, tornando-se assim um povo pagão, que vivia no meio dos pagãos cananeus.

8.35

Nem usaram de benevolência com a casa de Jerubaal. A família de Gideão tinha caído na insignificância. Havia desaparecido a antiga mágica do nome de Gideão. Essa circunstância facilitou muito para Abimeleque matar todos os filhos legítimos de Gideão, excetuando Jotão, o mais novo, que conseguiu fugir (ver Juí. 9.5,21). Durante algum tempo, o nome de Gideão foi respeitado em Israel; e gente de todos os rincões da Terra Prometida vinha para ver a sua imagem-estola sacerdotal (ver Juí. 8.33). Porém, após a morte do patriarca da família, eles pararam de honrar a família de Gideão. Tinha começado uma época nova. No coração dos filhos de Israel não havia gratidão por aquilo que Gideão realizara, e eles também esqueceram que Yahweh lhes tinha proporcionado a vitória contra os midianitas. Ver Juí. 9.17,18 como uma memória do bem que Gideão tinha feito por Israel.

Capítulo Nove

Este nono capítulo divide-se, naturalmente, nas seções seguintes (um esboço sugerido por Jacob M. Myers, *in loc.*):

História de Abimeleque (9.1-57)

1. Abimeleque, Rei em Siquém (9.1-6)
2. A Fábula de Jotão (9.7-15)
3. Aplicação da Fábula (9.16-21)
4. Querela dos Siquemitas com Abimeleque (9.22-25)
5. A Rebelião de Gaal (9.26-33)
6. Gaal é Derrotado (9.34-41)
7. Destruição de Siquém (9.42-45)
8. Incendiada a Torre de Siquém (9.46-49)
9. Campanha contra Tebes; Morte de Abimeleque (9.50-55)
10. Moral da História (9.56,57)

Alguns intérpretes não honram Abimeleque com o título de juiz, razão pela qual não o listam entre eles. Todavia, é evidente que ele foi um rei vassalo e juiz que manteve autoridade na região em Siquém e cercanias. Abimeleque teve uma carreira breve mas violenta. Isso quer dizer que ele levou adiante a antiga história de matar ou ser morto, que caracteriza todo o livro de Juízes.

Seu pai (alguns pensam que era seu avô), Gideão, tinha-se recusado o oferecimento de ser rei em Israel (ver Juí. 8.23). Mas Abimeleque, filho da concubina cananéia de Gideão, de nome Druma (de acordo com Josefo; ver *Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 1), aceitou essa honra para si mesmo, e conseguiu reter a posição (por um curto período), apelando para atos de violência e traição.

Gideão foi o último juiz a conferir descanso a Israel mediante uma vitória sobre os inimigos (ver Juí. 8.28). Os juízes que Deus levantou depois dele obtive-

ram alguns triunfos sobre os adversários estrangeiros. Mas ficou reservado aos dias da monarquia — sob Saul e Davi — derrotar os inimigos de Israel. Assim sendo, nos dias de Salomão, filho de Davi, houve um período de paz.

Neste nono capítulo, é sempre usado o nome Jerubaal, e nunca Gideão. De fato, alguns eruditos pensam que Jerubaal era o seu nome original, o que serve de indicação do quanto a idolatria cananéia havia penetrado em Israel nos dias de seu pai e do próprio Gideão. Os pais israelitas estavam dando a seus filhos *nomes compostos com o nome Baal, e não com os nomes Yahweh ou Elohim.*

Parece que a mãe de Abimeleque era uma mulher cananéia que não vivia com Gideão como esposa residente; antes, era uma concubina que Gideão visitava em Siquém. Não há que duvidar de que Abimeleque era repelido por seus meio-irmãos, filhos legítimos de Gideão, o que só servia para agravar ainda mais o seu espírito já revoltado. E isso também armou o palco para o assassinato de todos os setenta filhos legítimos de Gideão, com a exceção única de Jotão, o caçula (ver o vs. 21 deste capítulo).

Siquém foi uma cidade importante na história de Israel. Mas nos dias dos juízes de Israel era essencialmente um centro da cultura cananéia. Ver Gênesis 12.6,7 quanto à ligação de Abraão com aquele lugar; e ver Jos. 8.30-35 com a recitação das bênçãos e das maldições, naquele lugar, por parte de Josué. Ali o pacto foi renovado, quando o povo de Israel prometeu seguir fielmente a Yahweh. No entanto, essa promessa foi repetidamente violada, em razão do que os israelitas se sujeitaram a periódicos tempos de opressão e servidão a várias potências estrangeiras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Siquém.*

O capítulo que ora comentamos é interessante pois mostra (como nenhum outro trecho do livro de Juízes) de que forma as populações mistas da Terra Prometida foram "judaizadas". Essas populações mistas só foram completamente conquistadas nos dias da monarquia em Israel. (Ver o trecho de Josué 13.1 ss. quanto à tarefa inacabada da conquista da Terra Prometida.) E este capítulo, por outro lado, mostra a paganização da nação de Israel. Siquém acabou por tornar-se uma cidade de Israel, embora tenha continuado pagã em seu âmago. *Estavam envolvidos na questão os muitos casamentos de Gideão,* algo estritamente proibido pelas condições da guerra santa (ver as notas expositivas sobre Deu. 7.1-5). O processo de "sincretização" foi perfeitamente exemplificado no nascimento e na carreira de Abimeleque, filho de uma concubina cananéia.

Abimeleque, Rei em Siquém (9.1-6)

Aquilo que o grande herói, Gideão, havia repelido (ser feito rei; ver Juí. 8.23), seu filho ilegítimo, Abimeleque, filho de uma concubina cananéia, aceitou avidamente, e com pulso forte. Ver a introdução geral a este capítulo, anteriormente. Mas se Gideão não se tornou um rei oficial, virtualmente se tornou um rei-juiz-sacerdote local. Parece que ele tinha até seu próprio oráculo em Ofra (ver Juí. 8.27). Isso posto, se oficialmente ele não caiu nesse equívoco, em essência nele envolveu-se. Outrossim, proveu um mau exemplo na questão da estola sacerdotal, o que acabou iniciando uma espécie de culto idólatra em Israel. Não admira, pois, que Abimeleque, através desse mau exemplo e da corrupção interna, tenha tomado sobre si perpetrar grandes males em certa região do território de Israel. Ele se tornou um pequeno rei-juiz provinciano em Israel, mas sua carreira foi breve e violenta. Ver sobre *Abimeleque,* no *Dicionário,* onde a questão é sumariada.

9.1,2

Abimeleque, filho de Jerubaal. *A reivindicação de Abimeleque à posição de* rei foi reforçada pela própria dualidade de sua descendência. Por uma parte, era filho (ou neto) de Gideão. Por outra, era filho de uma concubina cananéia de Gideão que morava em Siquém. Logo, ele participava de ambas as linhagens e representava, em si mesmo, o processo de sincretização que estava ocorrendo em Israel. Ele se sentia com direitos especiais sobre Siquém, porquanto a família de sua mãe era proeminente naquela cidade. O primeiro versículo deste capítulo mostra-nos como primeiramente ele conseguiu manipular a família de sua mãe. Mais tarde, não conseguindo manipular a família de seu pai, acabou assassinando a sessenta e nove de seus meio-irmãos, a fim de consolidar sua posição de mando. A família de Gideão havia perdido prestígio (ver Juí. 8.35), mas evidentemente continuava dotada de considerável poder em Siquém. Abimeleque, pois, ofereceu a seus familiares (e a todos os habitantes de Siquém) a libertação do jugo da dinastia de Gideão. Ele salientou as vantagens de uma monarquia. Não era melhor eles serem governados por uma única pessoa, relacionada a eles por parentesco, do que por setenta "estrangeiros", que nada tinham que ver com a família de sua mãe e com os habitantes de Siquém? Por conseguinte, Abimeleque enfatizou a sua herança cananéia, o que, sem dúvida, agradou à população mista.

Sou osso vosso e carne vossa. Cf. Gên. 2.23; 29.14; II Sam. 5.1; 19.12. Abimeleque parecia estar com toda a razão; e realmente, assim era, no tocante à origem racial e à posição que ocupava, pelo que era a pessoa certa para governar os habitantes de Siquém. Ele não era estrangeiro em nenhum sentido, ao passo que *seus setenta meio-irmãos eram parcialmente estrangeiros, por serem israelitas puros.*

"Ele estava aparentado a ambos os elementos da população: aos efraimitas, por causa de seu pai e por causa do lugar de seu nascimento... e aos cananeus, conforme toda a narrativa dá a entender, por causa de sua mãe. O apelo pareceu-se àquele feito por Henrique II, rei da Inglaterra, que disse ser o primeiro normando (francês), filho de mãe saxônica" (Ellicott, *in loc.*, fazendo uma referência ao deão Stanley).

"Vocês preferem ter setenta tiranos, ou apenas um, que é da mesma raça que vós?", perguntou Abimeleque. E responder a essa pergunta era fácil para os habitantes de Siquém.

9.3

E o coração deles se inclinou a seguir Abimeleque. Os argumentos de Abimeleque prevaleceram, afinal. Se Abimeleque estava disposto a arriscar a sua vida, em algum ato audaz de rebeldia, então a população de Siquém estava disposta a cooperar com ele, proclamando-o rei vassalo do lugar. Nada tinham a perder, e quem sabe? ... até tivessem algo a ganhar. Uma breve consulta quanto às opiniões dos líderes da cidade mostrou que eles estavam em posição de unanimidade. "Vamos dar a Abimeleque essa oportunidade. Vejamos se ele consegue levar a bom termo as suas idéias. Talvez alguma coisa boa sobre disso para nós".

Abimeleque deu a entender, em seu discurso, que aqueles setenta "tiranos" tinham as mesmas ambições que ele, mas seria melhor aceitar "um" único tirano, que lhes fosse aparentado. E também é possível que os setenta filhos de Gideão não fossem assim tão altruístas, e estivessem fazendo exigências que a população de Siquém já não via com bons olhos. Nesse caso, as coisas foram bastante facilitadas para Abimeleque.

9.4

E deram-lhe setenta peças de prata. Essa foi a contribuição dos habitantes de Siquém. *A forma de baalismo observada em Siquém era um culto rico, dotado* de seu próprio tesouro, com base no qual foi feita a generosa contribuição a Abimeleque, em seu plano de ver-se livre de qualquer competição, por parte de seus setenta meio-irmãos. Ver as notas sobre Baal-Berite, em Juí. 8.33. A oferta provável valia dez siclos de prata, o que, de acordo com as informações dadas por uma de minhas fontes informativas, tinha o poder de compra de dez meses de trabalho de um trabalhador comum nas fazendas. Ver sobre o *siclo* no *Dicionário,* em *Dinheiro* II; e sobre *Pesos e Medidas* IV.c, bem como sobre as notas expositivas de Êxo. 30.13 e Lev. 27.25.

Os "homens levianos e atrevidos" que Abimeleque contratou nada mais eram do que assassinos de segunda classe, uns assassinos de aluguel; mas, apesar de não valerem mais do que isso, eram perfeitos para a tarefa do assassinato para a qual tinham sido contratados. É através da utilização astuciosa desses bandidos que a maior parte das revoluções tem sido efetuada" (Adam Clarke, *in loc.*). Diog. Laert. i.49 contém uma cena similar, ao falar dos doruphoroi, os "guarda-costas" armados de lança que foram contratados como um primeiro passo para dar início a uma tirania. Esses homens eram violentos e trabalhavam como "free-lancers". Se aqueles homens fizessem um "bom trabalho", aniquilando os setenta meio-irmãos de Abimeleque, sem dúvida ele lhes atribuiria outras tarefas.

9.5

E matou a seus irmãos. Aqueles homens indignos e violentos mostra*ram que conheciam bem a "profissão" de matadores de aluguel. Sem perder* um único homem, eles foram capazes de assassinar todos os setenta meio-irmãos de Abimeleque, com a única exceção de Jotão, que se ocultara e assim conseguira escapar, sendo ele o mais novo de todos os setenta filhos de Gideão.

"Nas Escrituras, temos aqui a primeira menção desse odioso costume, comum entre os déspotas orientais, de antecipar suas conspirações assassinando todos os irmãos e parentes próximos... Nas famílias polígamas há bem pouco afeto e muito ciúme e inveja. Abimeleque, mediante sua vil iniqüidade, deixou um precedente fatal, seguido por vezes e mais vezes pelos reis do reino do norte, Israel, como Baasa (ver I Reis 15.29), Zinri (ver I Reis 16.11), Jeú (ver II Reis 10.7), e provavelmente também outros reis (ver o capítulo 15 de II Reis). A mesma coisa foi praticada por Atalia (ver II Reis 11.1), no reino do sul, Judá. Herodes, por semelhante modo, mandou matar a maioria de seus parentes, e até alguns de seus filhos... Sêneca observou: 'Nem reinos nem casamentos admitem um compartilhador' (Agam. 259)" (Ellicott, *in loc.*).

Sobre uma pedra. Talvez esteja em pauta o altar de Gideão, ou alguma pedra convenientemente grande, ou algum lugar rochoso, que mantivesse o corpo rígido das vítimas, enquanto elas eram traspassadas por espadas ou lanças. As pessoas eram levadas até ali, uma a uma, ou em pequenos grupos, sendo todas executadas no mesmo lugar. Cf. a traição de Abdallah-Ebn-Ali, de Damasco, o qual, em meio a um banquete, apanhou de surpresa e assassinou a noventa *homens da dinastia rival dos Omíadas. Adam Clarke (in loc.) deu testemunho de*

que, em seus próprios dias (século XVIII), várias das monarquias européias foram firmadas através da mesma forma de brutalidade sanguinária.

9.6

E proclamaram a Abimeleque rei. Aí temos a celebração. Os primeiros atos extremamente ousados possibilitaram aos habitantes de Siquém proclamar Abimeleque rei de sua cidade-estado. E Bete-Milo uniu-se às celebrações, reconhecendo também a autoridade de Abimeleque.

Bete-Milo. É provável que esse fosse o nome da cidadela ou fortim de Siquém (ver Juí. 9.6,20). Talvez esteja em pauta uma guarnição do exército que se uniu na proclamação de Abimeleque como rei. O termo milo, no hebraico, significa "enchimento", e geralmente se referia a uma espécie de terrapleno constituído de duas paredes com um espaço entre elas. A versão caldaica traduziu esse termo por "terrapleno". Havia uma Milo no monte Sião (ver II Sam. 5.9), que também se chamava Bete-Milo (ver II Reis 12.21). Mas alguns estudiosos pensam que Milo era o nome de alguma família proeminente de Siquém; e outros falam em uma cidade vizinha. Ambas as idéias, contudo, são menos prováveis do que a referência a uma obra militar defensiva.

Junto ao carvalho memorial. Alguma árvore onde tinha sido estabelecido um oráculo, ou seja, uma "árvore sagrada". Alguns carvalhos, nos dias antigos, tornavam-se guarida de várias formas de idolatria. Cf. Gên. 12.6 e 35.4.

Que está perto de Siquém. Alguns estudiosos pensam que haveria uma pedra embaixo de um carvalho, talvez até mesmo aquela que Josué havia levantado como testemunha, entre Deus e Israel, de que o povo de Israel tinha a intenção de obedecer às condições do pacto que fora firmado naquele local. Ver Jos. 24.25-27. Se essa opinião está correta, então o que agora fora feito ali, nos dias de Abimeleque, era verdadeiramente uma desgraça, porquanto pervertia a história de Israel. O inegável é que aquele seria um local venerado. O carvalho (no hebraico, terebinth) era uma árvore sagrada; e a pedra (não mencionada em nossa versão portuguesa, mas citada em outras versões; no hebraico, mutsabh) poderia mesmo ser aquela que Josué havia erigido na área. Alguns estudiosos chegam a pensar que esse terebinth foi aquele sob o qual Abraão armou a sua tenda, e onde também tinha levantado um altar (ver Gên. 12.6,7). E também seria ali que Jacó havia enterrado os ídolos da família, quando resolveu dedicar toda a lealdade a Yahweh (Gên. 35.4).

Desse modo, Abimeleque tornou-se um pequeno rei-juiz de Siquém e, provavelmente, de algumas poucas outras aldeias em redor, tradicionalmente ligadas àquele lugar. Em sentido algum, entretanto, ele foi rei de Israel. Todavia, sua tentativa apontava na direção da monarquia, que finalmente seria estabelecida, terminado o período dos juízes.

A Fábula de Jotão (9.7-15)

Jotão, filho caçula de Gideão, escapou à matança (ver o vs. 5 deste capítulo). Mas ele já tinha idade suficiente para compor uma parábola ou alegoria que ilustrava o que havia acontecido. Ele fez um discurso para uma multidão, no topo do monte Gerizim, ao sul de Siquém, declamando diante deles a sua alegoria. Cf. II Reis 14.9. A interpretação dessa alegoria aparece nas notas sobre os vss. 16 a 21 deste capítulo.

Um Discurso Notável. A composição de Jotão é digna de nota, devido à sua forma e conteúdo. É a primeira das composições literárias dessa categoria na Bíblia, pois as Escrituras não contêm muitas composições sob a forma de apólogo, por não ser esta uma forma favorita de comunicação bíblica. Uma fábula é uma história curta, em que animais ou objetos inanimados, como árvores, são personificados. O propósito da fábula de Jotão foi responsabilizar os habitantes de Siquém por terem permitido tão grande absurdo. A esperança da fábula é que a maldição fosse revertida, com a remoção do amaldiçoado Abimeleque.

Moral da Fábula de Jotão. Somente um indivíduo vil poderia ter feito o que Abimeleque fez. Ele buscou dominar toda uma população e empregou a violência mais sanguinária para atingir o seu intuito. Pessoas úteis geralmente estão por demais ocupadas com tarefas úteis, não tendo nem tempo nem disposição para esse tipo de atividade homicida.

9.7

Ouvi-me, cidadãos de Siquém. As Escrituras não informam sobre como Jotão conseguiu atrair uma multidão de ouvintes. Os críticos supõem que a narrativa imaginou uma cena que nunca aconteceu, e não transmitiu nenhum aspecto histórico do discurso. Lemos, contudo, que o local foi o monte Gerizim, ao sul de Siquém. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Monte Gerizim*, quanto a detalhes. Alguns intérpretes retratam Jotão a gritar em voz alta, de algum lugar elevado e proeminente, diretamente à multidão que realizava a cerimônia de coroação de Abimeleque. Ellicott (*in loc.*) referiu-se a como pôde ouvir os gritos de um criador de mulas que trazia as suas mulas desde o monte Ebal. Eliicott, em pessoa, experimentou a "acústica" do lugar, e chegou à conclusão de que Jotão poderia ter sido ouvido em Siquém, estando ele em algum ponto do monte Gerizim. Naturalmente, a celebração foi acompanhada por música, danças e clamores, pelo que é difícil crer como Jotão superou tanto ruído. Seja como for, o que importa é o que ele disse; e cabe a nós supor que a sua mensagem tenha sido entregue naquela ocasião ou em outra oportunidade qualquer.

Primeiro Ponto do Discurso. Aqueles que dessem ouvidos às palavras de Jotão seriam, por sua vez, ouvidos pelo próprio Elohim. De outra sorte, algum grande juízo divino haveria de chamar a atenção deles, revertendo o curso dos acontecimentos.

9.8

Sumário dos Símbolos:

1. As árvores que estavam procurando um rei: os habitantes de Siquém. O fato histórico foi que a tribo de Efraim quisera que Gideão fosse o seu rei.
2. A oliveira, uma árvore nobre, que representava Gideão, teria o direito e estaria qualificada para o trabalho próprio de um governante, se não mesmo de um rei formal.
3. A figueira, alguma outra pessoa digna, também poderia ser o governante do lugar, como, por exemplo, um dos setenta filhos de Gideão.
4. A videira, alguma outra pessoa de valor, também poderia ter sido convidada para governar o lugar, talvez algum filho correto de Gideão, mas jamais o espinheiro, símbolo de Abimeleque.

Em todos os casos citados anteriormente, cada "árvore" (pessoa) tinha-se recusado a ser o governante, por ter alguma outra ocupação e não poder imiscuir-se em uma atividade que não lhe cabia.

Esses símbolos, como é claro, revelam que, se os familiares de Gideão tinham poder sobre Siquém e sobre a área em derredor, eles não agiam como tiranos nem formavam uma oligarquia.

O que aquelas árvores desejavam, antes de mais nada, era um arranjo que combinasse com o pacto, que requeria uma teocracia, e não uma monarquia. Ver as notas sobre Juí. 8.23, que ampliam o tema.

9.9

A oliveira lhes respondeu. Essa árvore tinha uma importante missão a ser cumprida. Não lhe sobrava nem tempo nem disposição para mudar de atividade. A oliveira era uma árvore nobre, que produzia azeite para ser usado na adoração sagrado e na unção de reis e sacerdotes. Sua ocupação era tão nobre que, para ela, tornar-se rei seria um rebaixamento de categoria, especialmente considerando a questão de que Yahweh era contrário a toda a idéia de monarquia. O azeite da oliveira também era usado nas curas. Mas uma oliveira rebelde, caso viesse a tornar-se rei, haveria de causar dano, em lugar de curas. "O azeite era usado no Oriente como um dos maiores artigos de luxo, além de possuir valiosas propriedades médicas (Tia. 5.14; Luc. 10.34)" (Ellicott, *in loc.*). O azeite de oliveira também era usado como combustível para as lamparinas do tabernáculo, que o iluminavam, e onde se manifestava a presença de Yahweh. Porém, uma oliveira rebelde perderia seu poder divino de dar luz. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Azeite*.

9.10,11

A figueira lhes respondeu. A figueira foi o próximo candidato ao posto de monarca. A figueira também era uma árvore útil, dentro da sua própria esfera. Seu préstimo era suprir um artigo da alimentação humana. Produzia frutos bons e doces para todos, sendo muito apreciada por causa disso. Ver Can. 2.13, onde homens bons são comparados a essa árvore. Jarchi fez a figueira representar Débora, que até poderia ter-se tornado uma rainha. Mas essa árvore também poderia ser representação simbólica de algum filho digno de Gideão. Seus setenta filhos, todavia, de acordo com o que Abimeleque chegou a sugerir (ver Juí. 9.2), eram indivíduos tirânicos.

A figueira, tal como a oliveira, não quis, porém, tornar-se rei, pois isso a forçaria a mudar de atividade, o que importaria em abandonar as funções próprias de uma figueira. E isso teria sido um terrível desperdício.

"O fruto da figueira é o mais doce e saboroso de todos os frutos. Um figo maduro, em seu próprio clima, tem uma doçura incomparável. Tanto assim que é quase impossível comê-lo, senão depois de passar um tempo considerável desde que o fruto for colhido, e mesmo assim após ter passado por uma preparação artificial" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.12,13

A videira lhes respondeu. A videira foi a próxima candidata a tornar-se monarca entre as árvores. Sem uvas, Israel quase não conseguiria sobreviver. O

ideal dos israelitas era que cada homem tivesse sua própria videira e sua própria figueira (ver Miq. 4.4). Sem a videira, Israel não poderia ser o povo dos cânticos e das danças que sempre foi. Na videira há animação. O ser humano precisa de prazer e alegria, e a uva é um apto símbolo disso. O vinho também era usado devido às suas propriedades medicinais (ver I Tim. 5.23). O vinho alegrava a Deus, e não apenas aos homens, pois era usado nas libações, da mesma forma que o azeite. A mitologia pagã retratava os seus deuses a sorver os melhores vinhos, e até mesmo a embriagar-se com eles. O vinho era servido liberalmente em todas as celebrações, tanto divinas quanto pagãs. Cf. Êxo. 29.40 e Núm. 15.7,10. O autor sacro chegou a exagerar em sua ilustração antropomórfica, mas a fábula lhe dava licença para tanto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo*.

Jarchi aplicou a vinha a Gideão; mas outros preferiram apontar para um de seus filhos honrados, ou mesmo para qualquer pessoa digna, atarefada em alguma ocupação útil.

A fim de aliviar este versículo de seu forte antropomorfismo, alguns pensam que devemos entender o Elohim que nele aparece como elohim, ou seja, governantes e indivíduos importantes; mas é desnecessário fazer tal depuração naquilo que é apenas uma fábula. O autor sagrado quis dar a entender que a vinha presta serviço tanto a Deus quanto aos homens. A vinha, pois, não podia abandonar essa sua serventia para fazer algo para o qual ela não havia sido criada, ou seja, tornar-se monarca.

9.14,15

Todas as árvores disseram ao espinheiro. Isso as árvores fizeram em desespero. Na fábula, o espinheiro representa Abimeleque, um indivíduo indigno em si mesmo, que nunca se ocupara de nenhum labor útil. Por isso mesmo, ele se sentiu capaz de aceitar o "convite". Na realidade, porém, o espinheiro tinha forçado as demais árvores a tomar essa decisão, pondo a sua inutilidade a serviço de propósitos malignos.

Os habitantes de Siquém, portanto, tinham buscado um falso refúgio do espinheiro (Abimeleque). Mas este haveria de tornar-se tão violento que haveria de devorar, com as suas chamas, os próprios cedros do Líbano. "O indigno espinheiro trazia no peito uma chama que levaria à destruição até mesmo os vetustos cedros do Líbano" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Na verdade, Abimeleque teve uma carreira violenta e destruidora do começo ao fim, nada realizou senão o que era maligno, e produziu somente tristeza e dor. No fim, ele foi consumido por suas próprias chamas e morreu de morte violenta às mãos de uma mulher (ver Juí. 9.53). Isso posto, a sombra de proteção que Abimeleque tinha oferecido tornou-se uma chama que a tudo devorava. Todos receberam, no fim, aquilo que mereciam, incluindo o próprio Abimeleque. Essas chamas atuaram como se fossem uma catarse, libertando um segmento de Israel, durante algum tempo, dos atos de homens violentos e desvairados. Os espinheiros eram usados como combustível (ver Êxo. 22.6; Sal. 48.9). Mas na história de Abimeleque houve tanto muito espinho quanto muito calor devorador.

Aplicação da Fábula (9.16-21)

Até este ponto, tenho oferecido idéias sugeridas pelos intérpretes, de mescla com algumas de minhas idéias. Daqui por diante, oferecerei a aplicação feita pelo próprio Jotão. Os miseráveis cidadãos de Siquém tinham seguido o miserável Abimeleque, que desconsiderara todo o bem que seu pai, Gideão, havia feito. Eles tinham usado de uma indescritível violência e rebelião contra homens bons. Mataram os bons para servir o indivíduo mau. O que agora restava era que as chamas acesas por Abimeleque viriam a consumi-los todos, incluindo o próprio Abimeleque, o que apenas provaria a maldade generalizada.

Eles haviam aceitado um líder indigno, transformando-o em rei local. Mas Abimeleque nunca tinha praticado nenhum bem, no que diferia da oliveira, da figueira e da videira. Sua única especialidade era a destruição de vidas. Gideão tinha praticado o bem para o povo, mas não tinha sido devidamente apreciado pelos siquemitas. E foi assim que homens ingratos caíram no ardil armado por Abimeleque, e agora teriam de sofrer as terríveis conseqüências de seu lapso insensato. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

9.16

Se deveras e sinceramente procedestes. Este versículo é sarcasmo puro, expresso mediante cláusulas condicionais, todas as quais, como é óbvio, eram exatamente o contrário do que aqueles homens miseráveis estariam pensando. Eles tinham agido bem, ao fazer o espinheiro tornar-se rei? Eles agiram bem ao assassinarem friamente a casa de Gideão (Jerubaal)? Como é evidente, assim eles estariam pensando, mas a verdade é que tinham perdido de vista a realidade das coisas. Haviam aceitado as falsas reivindicações do rebelde Abimeleque e tinham tirado a vida de homens retos.

"Se deveras e sinceramente procedestes... uma suposição amargamente irônica, com um olhar lateral para a frase que fora usada pelo espinheiro (ver o vs. 15)" (Ellicott, *in loc.*).

9.17,18

Meu pai pelejou por vós. O registro dos atos de Gideão mostrava um homem sincero e de caráter ilibado. O que ele havia feito era uma questão de registro histórico; e, no entanto, aqueles homens indignos tinham assassinado a seus setenta filhos, com a exceção de um só. Executaram sessenta e nove homens sobre uma única pedra (ver o quinto versículo deste capítulo), fizeram rei a um rebelde e assassino, filho de uma concubina cananéia. E, no entanto, Gideão tinha-se achado indigno de assumir o papel de rei (ver Juí. 8.23). É conforme Homero disse na Ilíada: "É terrível só de contar a história", para nada dizer sobre o evento real.

Aqueles atos terríveis e cruéis de Abimeleque e dos siquemitas significavam que Abimeleque e seus companheiros de maldades chegariam a um triste fim, porquanto a justiça divina não haveria de permitir nenhum outro resultado. O fogo sairia de Abimeleque e destruiria tanto a ele mesmo quanto àqueles que se tinham reunido à sua volta (ver o vs. 20).

Abimeleque era irmão dos siquemitas, aparentado deles por parte materna, e todo aquele bando de sicários haveria de experimentar a ira divina (vss. 56 e 57). Aquilo que eles tinham considerado um ponto positivo, "Ele é nosso irmão", Jotão considerava coisa desprezível. Com base em Juízes 8.31; 9.1 e no presente texto, podemos supor que a mãe de Abimeleque não tinha sido uma escrava. O mais provável é que ela tivesse pertencido a alguma família proeminente de Siquém, de nobre nascimento. E, tendo sido esse o caso, compreendemos por que Gideão a tomou como concubina, embora já tivesse tantas esposas hebréias. Ele tinha consolidado a paz e a harmonia entre povos. E cometera aquele erro, ainda que um erro compreensível.

9.19,20

... se deveras e sinceramente procedestes. Nesse caso, Abimeleque e sua turba tinham razões para o regozijo. Essa proposição, porém, também foi proferida com sarcasmo, sem nenhuma idéia de que o "se" usado no começo da frase correspondia à realidade dos fatos. Nenhum bem, nenhuma felicidade, nenhum bem-estar, nenhum bom resultado e nenhum benefício poderia resultar daquela aliança sanguinária. Pelo contrário, aquele espinheiro, Abimeleque, servia somente para alimentar as chamas. Ele mesmo tinha ateado a fogueira; e agora seria consumido pelas chamas, juntamente com todos os seus apoiadores, que compartilhariam de sua sorte miserável. E a família de Milo, que se mostrara tão ansiosa para dar-lhe apoio, ou aquela guarnição de soldados que tinha seu quartel perto da cidade (ver sobre Juí. 9.6 e suas notas expositivas) e havia dado o primeiro e o maior apoio a Abimeleque, seriam os primeiros a cair juntamente com ele. Todo o incidente havia começado na perversidade, e tudo terminaria em perversão. Pairava sobre todos uma maldição de que eles pereceriam mediante a destruição mútua, cada qual colhendo uma parte do tufão. E os versículos 45 a 49 deste capítulo registram os termos dessa maldição.

"Assim como o espinheiro pode servir de meio para tocar fogo em outra madeira, visto que facilmente pega fogo, assim também Abimeleque seria a causa que acenderia uma fogueira de discórdia civil que consumiria os chefes e os grandes homens da região. Essa foi uma declaração profética daquilo que iria acontecer" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.21

Fugiu logo Jotão. Ele tinha bradado sua maldição do alto da colina que dava frente para Siquém; e seus habitantes encheram-se de ira e de cólera, quando entenderam a fábula lançada contra eles. Perseguiram-no, mas ele levava uma boa dianteira e foi capaz de fugir para *Beer* (ver a respeito no *Dicionário*). A palavra Beer significa "poço", e era um nome locativo bastante comum. Não sabemos, com alguma taxa de certeza, onde esse lugar ficava localizado. Naquele artigo, vários lugares tinham esse nome. É bem provável que Jotão tenha saído do território da tribo de Efraim, a fim de desfrutar certa medida de segurança. Josefo pensa que ele ficou escondido nas montanhas próximas durante cerca de três anos, até a morte de Abimeleque (ver *Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 2), mas essa conjectura é bastante improvável.

Querela dos Siquemitas com Abimeleque (9.22-25)

Quando o autor sagrado afirma que Abimeleque governou Israel pelo espaço de três anos, ele queria que entendêssemos a minúscula porção do território de Israel em torno se Siquém, ou, quando muito, alguma parcela maior das terras da tribo de Efraim. Os críticos pensam que o vs. 22 deste capítulo é editorial, como se um editor-revisor tivesse universalizado o governo de Abimeleque. Mas isso seria o equivalente a torná-lo o primeiro rei de Israel. O fato, porém, é que ele foi apenas um rei local e juiz da cidade-estado de Siquém e da área circunvizinha, incorporando, talvez, os lugares sobre os quais Gideão havia exercido maior influência.

Algum poder espiritual maligno foi enviado por Elohim para azedar o relacionamento entre Abimeleque e os habitantes de Siquém. O prestígio de Abimeleque foi sendo solapado, e seus súditos viviam procurando maneiras de desagradá-lo. foi o começo de sua queda. A maior parte dos políticos não retém a sua popularidade, nem mesmo por três anos; e estava havendo uma operação maligna contra aquele homem, que as circunstâncias naturais não podiam explicar. A maldição de Jotão começava a produzir efeito. Os dias de Abimeleque estavam contados.

9.22,23

Um espírito de aversão. Desde os tempos mais remotos, a teologia dos hebreus incorporou as idéias de forças sobrenaturais boas e más. A princípio, essa doutrina não apontava necessariamente para espíritos imateriais, mas gradualmente assumiu um aspecto dualista. Atualmente, porém, usamos o termo "demônio" para indicar um ser espiritual, imaterial, negativo. Trata-se de uma espécie de vocábulo que arrebanha vasto reino de espíritos de muitas gradações de malignidade. As pesquisas mostram que alguns espíritos capazes de praticar o mal são de uma classe inferior aos seres humanos. Outros equiparam-se a nôs em poder e inteligência. Mas existem alguns muito mais inteligentes e poderosos. Assim sendo, existem os "peixões e os peixinhos" entre os demônios. Eles parecem organizar-se como se formassem um exército, com companhias dotadas de maior ou de menor poder. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Demônio, Demonologia*. Compare-se este versículo com I Samuel 16.14 e I Reis 22.19-23. Os siquemitas eram malignos o bastante para causarem a Abimeleque muitas dificuldades; mas com a ajuda de um espírito de aversão eles passaram a mostrar-se traiçoeiros e constantemente perigosos.

"Eles não declaravam abertamente o que pensavam, mas conspiravam secretamente contra ele, e em particular consultavam entre si quanto a maneiras e meios de se livrarem dele, desvencilhando-se de seu governo" (John Gill, *in loc.*).

A palavra hebraica, *ruach*, "espírito", aqui empregada só pode significar uma má disposição (ver Núm. 24.24); mas ela também adquiriu o sentido de um ser espiritual inteligente, ainda que maligno (ver I Sam. 16.14). A teologia judaica posterior fazia dos espíritos malignos a causa de quase todos os males que cercam os seres humanos, algo compartilhado hoje em dia pelo moderno movimento pentecostal. Sem dúvida, temos aí um exagero, embora devamos levar em conta a atuação maléfica dos demônios.

9.24

Para que a vingança da violência praticada... viesse. Por trás da atividade demoníaca estava a lei da colheita segundo a semeadura. Os sessenta e nove filhos de Gideão que Abimeleque tinha executado precisavam ser vingados, e somente a execução dele seria suficiente para tanto. E aqueles que lhe haviam dado apoio compartilhariam do mesmo castigo divino. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

"Qualquer conexão baseada em um apelo tão espúrio quanto o de Abimeleque, escudado sobre o derramamento de sangue, não poderia mesmo agüentar por muito tempo. Durou apenas três anos" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Este versículo deve ser comparado com I Reis 2.5; Mat. 23.35 e 27.24,25. A culpa coletiva importa na colheita coletiva do mal.

9.25

Puseram contra ele homens de emboscada. O demônio enviado pelo Senhor começou a fazer a maldição entrar em ação, embora tudo com a permissão e a energia dada por Yahweh. O demônio inspirou os malignos siquemitas a atacar as rotas de caravanas, prejudicando assim a economia de Siquém. Viajar por aquela área tornou-se um empreendimento muito arriscado. O aparecimento de bandos de assaltantes tornou muito inseguro o governo de Abimeleque, pois o povo não podia tolerar aquele estado de coisas por muito tempo, sem revoltar-se abertamente contra o governo, que não era capaz de proteger os governados, seus direitos e suas propriedades. Josefo conta que Abimeleque acabou sendo expulso de Siquém, e até mesmo da tribo de Efraim (*Antiq.* v.1, par. 3). Nesse caso, estes versículos descrevem apenas parte de tudo quanto ocorreu de ruim.

Os bandidos, ao que parece, esperavam que o próprio Abimeleque haveria de passar por aquele caminho. Se assim ocorresse, então eles poriam fim a toda a história, executando-o ali mesmo. Dessarte, eles estavam colhendo despojos das caravanas, na esperança de coroar suas más ações com o assassinato do próprio rei.

A Rebelião de Gaal (9.26-33)

Outro estágio da atuação deletéria dos demônios foi o levantamento de Gaal, um amigo de confiança dos siquemitas que terminaria prejudicando mais ainda a autoridade de *Abimeleque*. Há um detalhado artigo sobre esse homem, no *Dicionário*, pelo que não repito aqui essas informações. Seu nome significa "nojo", "escaravelho" ou "aborto". Sua traição terminou em um aborto, mas ele aumentou as dificuldades enfrentadas por Abimeleque, servindo de arauto de maiores dificuldades que ainda viriam.

9.26

Veio também Gaal. Gaal não fingiu ser amigo de Abimeleque, mas agiu como bom amigo (e libertador) dos siquemitas. Desde o começo mostrou ser um criador de dificuldades. Mas a verdade é que a semeadura maligna de Abimeleque significava que ele inevitavelmente colheria tristezas.

9.27

E **amaldiçoaram a Abimeleque.** Os siquemitas tinham cometido um grave erro ao eliminar a influência de Gideão e preferir o governo de ferro de Abimeleque. Agora, Gaal propunha uma nova mudança, a saber, ele mesmo tornar-se-ia o novo rei! O homem obteve a confiança dos siquemitas, participando dos ritos pagãos em honra ao deus Baal-Berite (ver Juí. 9.4 e suas notas expositivas). Sucedeu pois, conforme diz certo ditado popular: "Aqueles que adoram juntos, permanecem juntos". Quando todos os convivas tinham bebido bastante vinho, e estavam de espírito alegre, Gaal aproveitou a oportunidade para fazer seu apelo rebelde de que deveriam derrubar Abimeleque e fazer, Gaal, rei, em lugar daquele.

O tempo da vindima era o período mais jubiloso do ano. Havia festas que celebravam a saúde e prestavam tributo ao deus (ou deuses) que, segundo presumiam, teria(m) cooperado com eles. Ver Isa. 16.9,10; Jer. 25.30. A palavra hebraica aqui traduzida por "fizeram festas" tem sido variegadamente traduzida em diferentes versões. Pode significar "louvar" (ver Lev. 19.24); "dançar" (versão caldaica); ou "cantar em coro" (Vulgata Latina). O que estava sucedendo era uma versão pagã da festa da Colheita.

9.28

Disse Gaal. Este versículo é um tanto difícil de seguir em seus muitos pensamentos. Jacob M. Myers (*in loc.*) forneceu-me a seguinte paráfrase:

"Quem é Abimeleque e quem é esse autoproclamado filho de Siquém, para que o sirvamos? Na verdade, ele não é filho de Jerubaal e de Zebul, seu tenente? Antes eles serviam aos homens de Hamor, o pai de Siquém. Por que, pois, haveríamos de servi-lo?" Portanto, parece que o ataque de Gaal estava alicerçado sobre o fato de que Abimeleque era meio-israelita, e não verdadeiro irmão dos cananeus de Siquém. Também parece que Abimeleque não residia em Siquém (vs. 41 deste capítulo), nem se fazia presente às grandes festividades dos siquemitas. Esses eram fatores que solapavam sua autoridade, naquele lugar.

Zebul. Este era um delegado de Abimeleque que governava Siquém diretamente, embora sob a autoridade daquele. Ora, isso também servia de fator negativo. Abimeleque vivia muito ocupado com outras coisas para dar atenção a Siquém. Ver sobre *Zebul*, no *Dicionário*. Ele é chamado, no texto hebraico, de *paqud*, "inspetor", "oficial". E também figura como sar, "controlador", no vs. 30. O mais provável é que fosse um militar da confiança de Abimeleque que havia recebido grande autoridade política.

9.29

Quem dera estivesse este povo sob a minha mão. Se os siquemitas dessem autoridade a Gaal, ele reuniria seu exército e desafiaria Abimeleque a fazer a mesma coisa; e então, em uma batalha, a questão seria decidida. Em primeiro lugar, porém, ele queria uma declaração, da parte dos habitantes de Siquém, de que eles o apoiavam. Feito isso, Gaal arriscaria tudo em favor deles, conforme costumam asseverar os políticos mentirosos.

Em atitude de arrogância, ele desafiou o ausente Abimeleque e convidou-o para vir combatê-lo. Quando Abimeleque chegou, entretanto, toda aquela bravata terminou. Porém, aquele foi mais um incidente que contribuiu para solapar a autoridade de Abimeleque em Siquém.

9.30,31

Zebul, governador da cidade. O representante de Abimeleque estava presente e ouviu todo o ridículo plano de Gaal, que envolvia o confronto de dois exércitos. Os interesses pecuniários e a posição de Zebul dependiam de Abimeleque, pelo que ele nada ganharia se os siquemitas se alienassem de Abimeleque e se bandeassem para Gaal. Isso posto, ele despachou prontamente mensageiros a Abimeleque relatando que havia um plano de rebelião em andamento, pois os rebeldes estavam alvoroçando (fortificando, dizem algumas versões) a cidade. Era mister providências imediatas, sob pena do conluio chegar à sua frutificação fatal. Arumá (vs. 41), onde Abimeleque residia, ficava perto, pelo que não foi difícil para ele anular toda a rebelião pela raiz, ainda no começo.

Alvoroçaram a cidade contra ti. Nossa versão portuguesa, seguindo a Revised Standard Version, usa aqui o verbo "alvoroçar", e não o verbo "fortificar", conforme fazem outras versões e traduções da Bíblia. O verbo hebraico é *tsur*, "juntar em liga".

9.32

Levanta-te, pois, de noite. Zebul propôs um ataque de surpresa. O plano foi seguido por Abimeleque, que assim reduziu a rebelião a nada. "Zebul, cooperando com Abimeleque, conseguiu manobrar Gaal até ele ficar em uma posição indefensável. Ele levou o candidato a rei até o portão da cidade, de onde as tropas de Abimeleque podiam ser vistas aproximando-se, vindas do alto das colinas. Sagazmente, Zebui atribuiu os movimentos distantes das tropas à imaginação de Gaal. Entretanto, com a aproximação das hostes de Abimeleque, ele fez o desafio anterior de Gaal contra o rei, voltar-se contra o desafiador. E Gaal foi compelido a lutar ou perder toda influência que começava a ter diante dos habitantes de Siquém" (Jacob M. Myers, *in loc.*). A reação de Abimeleque foi tão rápida que Gaal não teve tempo nem para reunir seus apoiadores nem para lutar. E assim, tornou-se presa fácil da espada de Abimeleque.

O incidente foi narrado com abundância de detalhes, juntamente com os ataques de Abimeleque à esquerda e à direita, pois ele, em um acesso de cólera, distribuiu a morte por todos os lados. Mas ao perpetrar tanta violência, ele mesmo não demorou a sucumbir.

9.33

Dá de golpe sobre a cidade. Parte do esquema de Zebui era levar a multidão de apoiadores de Gaal ao portão da cidade, obviamente despreparados para o combate, e deixá-los em uma posição em que seriam forçados, por questão de amor-próprio, a oferecer combate. O plano de Zebul sem dúvida daria certo, visto que ele combinara entre si vários elementos vitais: Gaal estaria despreparado; Abimeleque atacaria de surpresa; haveria uma batalha para garantir que Gaal preservasse seu amor-próprio e procurasse cumprir aquilo de que se tinha gabado diante do povo; Abimeleque estaria bem preparado e no estado mental apropriado, ou seja, irado, de modo que a questão obteria uma solução rápida.

Gaal é derrotado (9.34-41)

9.34

Levantou-se, pois, Abimeleque. Abimeleque foi esperto o bastante para seguir o plano traçado por Zebui. Assim, logo estava posicionado sobre as colinas, com um grande número de soldados de várias companhias. "Ele dividiu o seu exército em quatro partes, que postou nos quatro lados da cidade" (John Gill, *in loc.*). A palavra hebraica que é aqui traduzida por "grupos", significa literalmente "cabeças". Ali estavam os quatro grupos, de olhos fixos em Gaal, esperando somente o sinal de atacar e acabar com ele.

9.35

Gaal, filho de Ebede, saiu. *O Confronto.* As duas facções opostas agora estavam ambas posicionadas para o combate. Mas os partidários de Gaal, que estavam em um dos portões da cidade, ainda não tinham consciência daquele momento fatal. Alguns sugerem que Gaal fazia uma visita diária aos portões da cidade, para verificar quais eram as condições reinantes. Ou então alguém dissera a Gaal que fosse até ali, a fim de ver como estariam as coisas, mas ele não levou consigo homens armados. Tão-somente colocou-se em uma posição vulnerável, fora das fortificações da cidade. Zebui encarregou-se de forçar a batalha, quando percebeu a vulnerabilidade de Gaal, de acordo com o seu plano.

9.36

Vendo Gaal aquele povo. Gaal percebeu o ataque iminente; mas Zebui prolongou o despreparo de Gaal dizendo-lhe que ele via somente sombras, e não homens. Zebui tentava ganhar tempo, o que permitiria a Abimeleque atacar, ao mesmo tempo que Gaal não poderia fazer nenhuma preparação adequada para a luta. "O objetivo de Zebui era manter Gaal iludido o maior tempo possível... Zebul tratou com Gaal quase como se este ainda estivesse sofrendo com a intoxicação alcoólica da festa do dia anterior" (Ellicott, *in loc.*).

9.37

Gaal tornou ainda a falar. Quando a horda de Abimeleque chegou mais perto, Gaal teve certeza de que se aproximava um grupo de homens armados, mas era tarde demais para repelir o ataque. A hora fatal de Gaal havia chegado tão pouco depois de ele ter-se vangloriado. Na realidade, palavras arrogantes eram o único equipamento com que Gaal contava.

Desce gente defronte de nós. No hebraico, o texto equivalente tem produzido grande confusão entre os tradutores e intérpretes, uns dizendo uma coisa e outros dizendo outra. O hebraico diz "umbigo", pelo que muitas versões traduzem como "no meio da terra". A versão caldaica diz "força"; a siríaca diz "fortificação"; a Septuaginta tem a impossível tradução "perto do mar". Nossa versão portuguesa, até certo ponto seguindo a Revised Standard Version, dá a entender que, do ângulo de visão de Gaal, as tropas de Abimeleque avizinhavam-se pelo "centro". Talvez lá no fundo estivesse ou o monte Gerizim ou o monte Ebal.

Caminho do carvalho dos adivinhadores. Algumas versões não traduzem o hebraico, mas apelam para uma transliteração, Meonenim. Em pauta, porém, estava uma famosa árvore sagrada, associada a adivinhações, que era o local de um oráculo. Cf. Juí. 9.6 e 7.1; Gên. 12.6. Há notas detalhadas sobre isso no *Dicionário*, no artigo intitulado *Meonenim, Carvalho de* (*Carvalho dos Adivinhadores*).

9.38

Onde está agora a tua boca, com a qual dizias...? De repente, Zebui mostrou ao lado de quem, realmente, estava, e caçoou de Gaal. Que agora Gaal agisse, mostrando se suas palavras estavam escudadas na força real ou apenas em um espírito garganteador. Foi como se Zebui desafiasse Gaal: "Disseste ontem ao invisível Abimeleque: Vem e luta, covarde! Mostra, agora, se és realmente corajoso!". Zebul usou as palavras de zombaria que Gaal tinha contra este último. "Mostra-te bravo, e não apenas uma boca grande; um homem capaz de usar a espada, e não somente a língua" (John Gill, *in loc.*).

9.39

Saiu Gaal adiante dos cidadãos. Não querendo parecer covarde, Gaal foi forçado, mesmo em seu estado de despreparo, a aceitar combate contra o feroz e bem-equipado exército de Abimeleque. Não contando com a proteção de Yahweh, que o defendesse por meio de um milagre, a batalha resultou no que já seria de esperar. Logo o grupo que apoiava a Gaal foi destroçado, e os poucos sobreviventes foram postos em fuga.

Gaal saiu à peleja na presença dos habitantes de Siquém, procurando mostrar aos anciãos da cidade que era um homem à altura das circunstâncias. Ele tinha usado de palavras audaciosas, e agora precisava justificar suas bravatas. Alguns estudiosos pensam que o fato de Gaal Ter saído adiante dos cidadãos significa "como líder dos senhores". Os senhores que gostariam de ver a derrota de Abimeleque estavam seguindo a Gaal, destinado a perecer. E assim, juntos, marcharam direto para a morte.

9.40,41

Abimeleque o perseguiu. A vitória de Abimeleque, como seria fácil de imaginar, foi fácil e imediata. Abimeleque conseguiu matar e ferir a muitos, e pôs-se em perseguição aos que conseguiram fugir, incluindo o próprio Gaal. E assim, diante da porta da cidade, houve um montão de cadáveres. Contudo, não foram nem Gaal nem alguns de seus seguidores. E então, aparentemente satisfeito com o resultado do entrevero, Abimeleque voltou para Arumá, onde residia.

Arumá. No hebraico, essa palavra significa "altura". Coisa alguma se sabe sobre essa localidade e sua posição geográfica. Mas sem dúvida ficava perto de Siquém. Eusébio e Jerônimo identificaram-na com Remphis ou Arimatéia, perto de Lida; mas essa identificação é bastante improvável.

Abimeleque deixou nas mãos de Zebul a operação de "limpeza". Este prontamente expulsou de Siquém a Gaal e seus aliados. Mas não somos informados sobre quantos foram mortos, ou se Zebul se contentou simplesmente em deixá-los ir-se embora, sem alguma violência posterior. Nesse caso, a ação não se pareceu muito com uma guerra santa (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5). Apesar disso, a violência não realmente havia terminado. Pois Abimeleque, depois de algum descanso, voltou furiosamente a fim de destruir a cidade de Siquém, conforme se vê na seção seguinte.

A Destruição de Siquém (9.42-45)

9.42

Saiu o povo ao campo. A mensagem deste versículo não é muito clara, havendo várias interpretações a respeito:

1. Pode significar que o povo da cidade saiu ao campo e enviou recado a Abimeleque de que a tarefa não tinha sido terminada, e ele deveria voltar para concluí-la.
2. Ou então os siquemitas saíram a campo a fim de ocuparem-se das lides agrícolas regulares, como se nada tivesse acontecido. Então foi enviado um recado a Abimeleque, dizendo que as coisas continuavam como antes, pelo que ele deveria vir a fim de terminar a tarefa.

3. Ou mesmo alguns mensageiros enviaram uma mensagem a Abimeleque para que ele viesse atacar aqueles agricultores no campo.
4. Talvez, nos campos, houvesse soldados dispostos a mais uma tentativa para acabar com Abimeleque. Então mensageiros informaram-no sobre o esforço renovado, exortando-o a terminar para sempre com os rebeldes.
5. Também é possível que este versículo deva ser lido juntamente com o versículo 25. Nesse caso, os assaltantes de caravanas tinham reiniciado suas ações nefandas, e Abimeleque resolveu pôr fim à situação.
6. Finalmente, é possível que aqueles que saíram aos campos tivessem sido os mesmos que Zebul tinha expulsado da cidade, e então Abimeleque resolveu acabar de vez com o bando de traidores que se havia bandeado para o lado de Gaal.

9.43,44

Viu que o povo saía da cidade. Sem importar quem fizesse parte do povo que saía de Siquém (ver as seis interpretações possíveis quanto à identidade deles, nas notas anteriores), o fato foi que Abimeleque caiu de chofre sobre eles e aniquilou a todos. E a fuga encetada por alguns poucos foi barrada por Abimeleque, que tinha estacionado uma de suas divisões armadas à entrada da cidade. Assim, duas divisões de homens de Abimeleque puseram fim àqueles que tinham saído aos campos, ao passo que uma terceira divisão matou os que agora fugiam de volta para a cidade. Isso significa que os homens de Abimeleque agiam como em uma guerra santa. Não estavam interessados em sobreviventes ou em prisioneiros de guerra. A estratégia de Abimeleque foi tão eficaz que não sobrou um único sobrevivente. Isso armou o palco para ele invadir a cidade e passar ao fio da espada todos os rebeldes que tinham seguido a causa de Gaal. O vs. 45 mostra-nos que virtualmente a cidade inteira de Siquém tinha-se rebelado contra Abimeleque.

9.45

Pelejou Abimeleque contra a cidade e a tomou. Sem dúvida, Abimeleque tinha quem o apoiasse, em Siquém. Mas o fato de que foi necessário um dia inteiro para conquistar a cidade mostra-nos que a oposição contra ele em Siquém crescera muito, e que nem tudo quanto acontecera podia ser lançado na conta de Gaal. Na verdade, Abimeleque estava debaixo da maldição de Jotão (ver Juí. 9.16 ss.), e os seus dias estavam contados, apesar de suas vitórias iniciais. Uma vez que a oposição havia sido totalmente neutralizada, Abimeleque arrasou a cidade até o chão e semeou-a com sal, para tornar o terreno estéril. "Assim também o imperador Frederico Barbarroxa, no ano de 1162, ao conquistar a cidade de Milão, não somente mandou passar sobre ela o arado, mas também a semeou com sal. E, em sua memória há ali uma rua, até hoje, chamada la contrada delia Sala" (John Gill, *in loc.*).

Adam Clarke (*in loc.*) relatou vários incidentes sobre como territórios da França foram semeados com sal. Certo traidor francês teve suas propriedades assim destruídas para sempre.

Siquém, pois, foi reduzida a uma perpétua desolação. As chamas saídas do espinheiro (ver Juí. 9.14) tinham incendiado a cidade (vs. 20), tal e qual Jotão havia predito que aconteceria. Foram necessários três anos para que aquela maldição se cumprisse; mas quando se realizou, foi ferozmente terrível em seus efeitos. Somente muito tempo depois é que Siquém foi reconstruída (ver I Reis 12.1,25).

Incendiada a Torre de Siquém (9.46-49)

9.46

Os cidadãos da Torre de Siquém. Sem dúvida, essa torre era uma espécie de fortificação que abrigava uma guarnição armada e servia de torre de vigia para as defesas da cidade. Provavelmente era ali que ficava a guarnição da casa de Milo (comentada no sexto versículo deste capítulo). Como parte das fortificações, havia uma casa dedicada ao deus El-Berite. E associada a esse templo ou casa de adoração, havia uma espécie de fortim, talvez subterrâneo, conforme a nossa versão portuguesa sugere.

A palavra "torre" dá-nos a entender que havia uma comunidade associada àquela estrutura, uma guarnição que dispunha de sua própria casa ou templo dedicado a uma divindade pagã. Ver sobre El-Berite, em Juí. 8.33. Foi nessa fortaleza ou estrutura subterrânea que cerca de mil homens e mulheres se refugiaram (vs. 49). A palavra hebraica aqui traduzida por "fortaleza" pode também significar "lugar alto" (ver I Sam. 13.6). A Vulgata diz aqui "santuário". É impossível determinar exatamente o que seria a estrutura. O santuário poderia fazer parte da própria torre, ou ser um edifício distinto que fazia parte de um complexo pertencente à pequena comunidade que ali se abrigava.

9.47

Contou-se a Abimeleque. Abimeleque foi informado que muita gente se tinha homiziado na torre (subterrâneo ou santuário etc., conforme vimos nas notas sobre o vs. 46); e essa informação selou a condenação de todos quantos ali se achavam. Haveria mais violência, mais matança. O espinheiro haveria de matar literalmente as pessoas que ali se tinham abrigado, a fogo. Ver os vss. 14 e 20 deste capítulo quanto ao simbolismo da fábula de Jotão.

9.48

Então subiu ele ao monte Zalmom. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Zalmom*. Era uma colina que ficava perto de Siquém, embora sua localização exata ainda não tenha sido identificada. A Septuaginta diz aqui monte Hermom, mas isso envolve um erro. Talvez estejam em pauta os montes Gerizim ou Ebal. O fato é que Abimeleque subiu na colina a fim de juntar lenha, mostrando a seus seguidores o que eles deveriam fazer. E logo estavam todos descendo na direção da torre, com muita lenha. O espinheiro estava prestes a incendiar tudo. Abimeleque foi até o local mais próximo onde poderia adquirir lenha. Ele ansiava por continuar em sua vereda de destruição.

9.49

Puseram em cima da fortaleza subterrânea. Esta fortaleza, sem importar qual tenha sido sua natureza exata, fazia parte da torre. Mais de mil homens e mulheres tinham-se reunido ali, em busca de segurança, supondo que o deus deles, El-Berite (ver o vs. 46), haveria de protegê-los, visto que se tinham abrigado em seu santuário. Mas Abimeleque ia mostrar-lhes quão desesperada era a situação deles.

Cumprimento da Maldição de Jotão. Lemos sobre essa maldição nos vss. 20 e 57 deste capítulo. O espinheiro (ver os vss. 14 e 20) pegaria fogo e incendiaria toda aquela gente, matando-os no santuário pagão onde se haviam abrigado. De acordo com a Vulgata Latina, aproximadamente mil pessoas, entre homens e mulheres, "foram mortas mediante a fumaça e o fogo".

Campanha contra Tebes; Morte de Abimeleque (9.50-55)

Não há que duvidar que Siquém tinha aliados, formando uma espécie de cordão de cidades-satélites, como se fosse o conjunto de uma cidade-estado. Tebes, por certo, era uma dessas cidades em ligação com Siquém. Por isso mesmo, a ira de Abimeleque voltou-se em seguida contra os seus habitantes. A pedra da violência continuava rolando, e somente Yahweh poderia detê-la. Porém, conforme diz um dito popular, Abimeleque "forçou em demasia a sua sorte". O homem violento foi, por fim, destruído em meio à sua própria violência; o homem da espada foi morto à espada; o assassino foi assassinado. Devemos prestar atenção às palavras de Jesus sobre situações similares: "... todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão" (Mat. 26.52).

9.50,51

Então se foi Abimeleque a Tebes. Providenciei um artigo detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário*. Era uma cidade fortificada, pertencente à tribo de Manassés, cerca de dezesseis quilômetros a nordeste de Nablus, e a cerca de dezenove quilômetros e meio de Siquém, que talvez deva ser identificada com a moderna Tubas. Essa cidade, sem dúvida, era aliada de Siquém, e talvez dependente dela, pois de Siquém eram controladas as cidades-estados menores. Abimeleque já havia aplicado a Siquém o remédio de que ela precisava, e agora estava disposto a servir a mesma taça amarga a Tebes.

A vitória inicial foi fácil. O texto sagrado diz que Abimeleque "sitiou e tomou" a cidade. Porém, parte dos habitantes conseguiu fugir para a torre fortificada, tanto homens quanto mulheres, tal e qual havia acontecido no caso de Siquém (ver o vs. 49). A torre dispunha de uma espécie de telhado ou eirado plano, e muita gente subiu até ali. E Abimeleque agora haveria de torrar a todos na torre e onde quer que pudessem ser achados. É possível que a torre dispusesse de vários compartimentos internos. Podia mesmo abrigar todos os habitantes de uma pequena aldeia. A existência dessas torres em várias cidades mostra quanta insegurança havia por toda aquela região. Sempre existia alguém disposto a atacar e a matar. Até mesmo pequenas aldeias eram fortificadas com muralhas e parapeitos.

9.52

Abimeleque veio até à torre. Ele estava normalmente ocupado em sua tarefa de incendiar e matar, e agora só lhe restava capturar a torre. As chamas e a fumaça haveriam de matar todos quantos ali se tivessem refugiado, tal como sucedera no caso de Siquém (ver o vs. 49). À semelhança de outros homens maus, a Abimeleque não faltava coragem. Conforme somos informados por seus biógrafos e por outras fontes, Hitler revelou-se um soldado muito corajoso durante a Primeira Grande Guerra, e, embora muitos de seus planos tenham redundado em fracasso, ele sempre foi respeitado por aquilo que era capaz de fazer no campo de batalha. "Abimeleque arriscava a sua vida naquele empreendimento mortífero" (John Gill, *in loc.*).

9.53

Certa mulher lançou uma pedra superior de moinho. De súbito, uma tremenda surpresa! Uma mulher jogou uma pedra, com mortal pontaria, e atingiu Abimeleque diretamente na cabeça. A pedra era uma pedra "superior" de moinho, a pedra móvel que uma mulher era capaz de fazer girar sobre a pedra inferior do moinho. É provável que a pedra tenha sido lançada do alto da torre, até onde a mulher a tinha levado, embora o texto sagrado não nos informe acerca disso. Foi apenas apropriado que o golpe mortal, que partiu o crânio de Abimeleque, tenha vindo do lugar que ele tinha o intuito de destruir. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moinho, Pedra de Moinho.*

"Uma justa retaliação. Ele tinha assassinado a sessenta e nove de seus próprios meio-irmãos" (John Gill, *in loc.*). Temos aqui um claro incidente de colheita segundo a semeadura. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A pedra espatifou o crânio de Abimeleque, conforme o texto hebraico indica. Pirro foi morto por uma talha, jogada por uma mulher, quando ele cavalgava entrando na cidade de Argos, com intuitos assassinos (Pausan. i.13). Algumas vezes, a vingança divina ocorre de maneiras inesperadas e estranhas, mesmo no caso de homens que por muitas vezes arriscaram sua vida em batalha e conseguiram escapar de todos os perigos. Audey Murphy, que foi uma máquina de matar alemães durante a Segunda Guerra Mundial, teve morte violenta em um acidente de automóvel; e exatamente a mesma coisa aconteceu ao general George Patton, a quem Hitler havia chamado de "o açougueiro de Roosevelt".

Certo dia, durante uma batalha, Patton estava conversando com o general Bradley, enquanto observavam a cena de destruição e muita morte. Bradley disse a Patton: "Fui treinado a fazer coisas como essa. Aprecio muito isso!". E Patton retrucou: "Que Deus me ajude! É disso também que eu gosto!". No decurso das ações militares, Patton escreveu uma carta à sua esposa, que estava nos Estados Unidos, dizendo-lhe: "Gosto de guerras, e estou-me divertindo muito". É difícil para nós compreendermos a mente de homens como Hitler, Patton e Abimeleque. Mas é fácil entender que os que apelam para a violência geralmente têm morte violenta. O destino (dirigido por Deus) reserva isso para os violentos.

9.54

Desembainha a tua espada, e mata-me. Nenhum soldado haveria de preferir ser morto por uma mulher. Sabemos como as mulheres são capazes de fazer coisas perigosas, e muitos homens foram mordidos por alguma mulher-aranha. Abimeleque, com o alto da cabeça despedaçado, e sabendo que lhe restavam apenas alguns minutos de vida, ainda assim pensou no seu orgulho de guerreiro. Era um sinal de desgraça ser morto por uma mulher; mas quão estranho foi que Abimeleque se tivesse preocupado com isso. Isso posto, Abimeleque aplicou um meio artificial para que seu escudeiro acabasse com a vida dele. Nem por isso, contudo, escapou da zombaria (ver II Sam. 11.21). Mas não é provável que ele tenha ouvido as zombarias; e, mesmo que as tivesse ouvido, não significariam muito para ele, em algum ponto do outro lado da existência.

Para os militares antigos, era importante a forma como eles morreriam. Estavam mais interessados nisso do que como estivessem vivendo. Podemos examinar o caso de Saul, relatado em II Samuel 1.9. Também houve o episódio de Sísera, que morreu pelas mãos de uma mulher, Jael, a qual imediatamente se tornou uma heroína (ver Juí. 5.26). Soph. Trach, 1.064 registrou algo similar ao relatar a história de Homero. E Sêneca, o teatrólogo trágico, ao narrar a morte de Hércules, escreveu:

> *Oh, sorte desonrosa! Uma mulher,*
> *Segundo se disse, foi*
> *A autora da morte de Hércules.*

Mas nada disso faz jus às mulheres. Tenho um amigo que disse, ainda recentemente: "Meu lugar no céu está seguro. Estou casado faz vinte anos!".

Lord Byron também chegou bem perto da verdade quando asseverou:

> *Ai! O amor das mulheres!*
> *Sabe-se que se trata de algo*
> *Amorável e temível.*

E William Congreve afirmou:

> *O céu não tem ira como o amor repelido,*
> *Nem o inferno uma fúria*
> *Como a de uma mulher desprezada.*

9.55

Vendo, pois, os homens de Israel. Eles desistiram de continuar combatendo. Ao que parece, a torre não foi conquistada, e foram poupados aqueles que ali se tinham abrigado. A morte de Abimeleque apagou o significado da guerra. Tal guerra consistia, acima de tudo, em uma espécie de vingança particular e de promoção do interesse próprio de Abimeleque. Os soldados que tinham chegado até ali combatendo não viam mais razão para continuar arriscando a própria vida. Assim sendo, cada qual tomou o rumo de sua casa. Os habitantes de Tebes escaparam pelo menos parcialmente da vingança jurada por Abimeleque; e a vida ali voltou à sua normalidade, diante da ausência do tirano.

"Juntamente com Abimeleque expirou a primeira tentativa abortiva de ser estabelecida a monarquia... o verdadeiro Rei de Israel ainda estava muito distante" (Deão Stanley).

"A morte de um líder geralmente era suficiente para fazer dispersar os exércitos antigos (ver I Sam. 17.51)" (*Eliicott, in loc.*).

Moral da História (9.56-57)

9.56-57

A intervenção divina direta garantiu que Abimeleque colhesse aquilo que havia semeado. Mais uma vez prevaleceu a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O autor sagrado pôde reter a sua fé na vingança divina, atribuindo a Elohim a morte violenta e desonrosa de Abimeleque. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos* de. Elohim, o Todo-poderoso, cuidou para que a maldição lançada por Jotão (ver Juí. 9.20 e 57) tivesse cabal cumprimento.

Abimeleque recebeu sua devida punição; e outro tanto sucedeu aos siquemitas, por se terem tornado cúmplices de seus atos malignos (ver o vs. 57). Ambos receberam o golpe de misericórdia. Sic semper tyrannis.

Abimeleque foi um filho errático e violento de um grande pai, Gideão. "O registro de Gideão, o juiz, permanece de pé, em firme dignidade, em contraposição aos fragmentos despedaçados que se foram apagando da memória dos homens, da história do espinheiro que quis ser rei" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Tudo quanto aconteceu com aquele homem miserável cumpriu a maldição de Jotão (vs. 57). Em sua fábula, ele tinha previsto claramente todos esses acontecimentos (ver Juí. 9.20 e 57).

"O assassino de seus irmãos, que os matou sobre uma pedra (ver o quinto versículo deste capítulo), foi morto por uma pedra lançada sobre a sua cabeça; e aqueles traiçoeiros idólatras foram traiçoeiramente mortos a fogo, no templo do ídolo que veneravam" (Ellicott, *in loc.*).

"Podemos talvez evitar o juízo humano, mas não há como escapar do juízo de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Dez

Tola (10.1,2)

O livro de Juízes registra sete apostasias de Israel, sete servidões a nações pagãs e sete livramentos por meio de figuras carismáticas, os juízes. A história inteira é entremeada com intermináveis narrativas de matanças e violências. No entanto, no tocante a Tola (Juí. 10.1,2) e a Jair (Juí. 10.3-5), nada ouvimos a esse respeito. Cumpre-nos entender, como é patente, que esses dois juízes foram capazes de manter Israel afastado da apostasia. Foi temporariamente interrompido, portanto, o antigo ciclo de apostasia, servidão e restauração. Porém, após a morte desses dois juízes, Israel caiu novamente na apostasia, mediante a idolatria. E isso deu início, uma vez mais, àquele antigo e horrível ciclo. Os filisteus, como agentes divinos de castigo, submeteram Israel à servidão. O vs. 18 encerra-se com essa miserável condição, enquanto Israel clamava a Yahweh por mais um livramento. E coube a Jefté (Juí. 10.6-12.7) efetuar esse livramento.

"Tola e Jair têm sido classificados entre os chamados 'juízes menores'. Entretanto, eles não foram menos importantes que os demais, tendo livrado o povo de Israel da servidão durante o período que antecedeu à monarquia. O juizado de Tola, em particular, foi uma contra-reação temporária ante a decadência causada por Abimeleque. O juizado de Jair, em Gileade, antecipou o juizado do próximo e grande juiz, Jefté, naquela mesma área geográfica" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Nenhum dos juízes exerceu a sua influência sobre todo o território de Israel. Cada um deles exerceu autoridade sobre apenas uma porção de Israel. Os juízes não eram advogados, antes, eram líderes carismáticos locais, cujas funções se assemelhavam às dos prefeitos ou chefes locais.

A história de Tola é narrada de forma breve e simples em apenas dois versículos. Nada de mais importante aconteceu durante aquele tempo, de bom ou de mau. Mas pelo menos houve paz, sendo evidente que, durante aqueles vinte e três anos, os filhos de Israel mostraram-se respeitosos adoradores de Yahweh. Fica claro, entretanto, que Tola era homem de alguma habilidade, porquanto nunca foi fácil manter o povo de Israel na linha reta.

10.1

Tola... de Issacar. Quanto ao que se sabe a respeito desse homem, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Seu nome aparece somente neste versículo em toda a Bíblia. As tradições rabínicas não se deram ao trabalho de adornar a sua história, o que significa que não deve ter havido muita coisa a ser relatada. Os trechos de Gên. 46.13 e Núm. 26.23 ligam os clãs de Tola e Puá (seu pai) a Issacar. Dodô é uma figura desconhecida. Esse nome aparece de novo em II Samuel 23.9,24; I Crônicas 11.12,26 e, talvez, em I Crônicas 27.4. O termo *ddh*, da inscrição de Mesha (1.12), provavelmente diz respeito a esse nome. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dodô, Dodai*. Esse nome, que aparece nas cartas de *Tell el-Amarna* (ver no *Dicionário*) e nos textos de *Mari* (ver também no *Dicionário*), aparentemente tinha o significado de "chefe".

Habitava em Samir. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Samir*. O local é desconhecido atualmente; mas talvez fosse a mesma Samaria. Cf. Jos. 15.48. Seja como for, era um lugar do território de Efraim, bem como o lugar do nascimento de Tola.

Tola foi juiz no território de Efraim, embora seja possível que a sua autoridade também se estendesse aos territórios de Issacar e Manassés, que ficavam adjacentes. Seu território incluía o minúsculo reino sobre o qual Abimeleque governou durante três anos (ver o nono capítulo de Juízes). Alguns estudiosos imaginam que ele governou todo o território de Israel, de sua sede, em Efraim; mas isso não é muito provável, pois todos os juízes foram juízes apenas locais, e nunca universais.

Nenhum poder estrangeiro aparece como força opressora. O trabalho de Tola consistiu em endireitar a confusão deixada por Abimeleque, ou seja, impor a ordem àquela porção do território de Israel. E isso ele conseguiu fazer pelo espaço de vinte e três anos. Foi assim vitorioso em livrar Israel da apostasia.

10.2

E morreu. Na ausência de opressores estrangeiros, Tola continuou a julgar Israel por vinte e três anos, em meio à tranqüilidade; e então morreu e foi sepultado em Samir. Ele cumpriu realmente o seu ofício e morreu honrosamente, fazendo nisso contraste com o voluntarioso e violento Abimeleque, seu antecessor. Assim sendo, embora não houvesse muita coisa que dizer acerca dele, pelo menos o que pode ser dito é altamente positivo.

"Muitos homens não gostariam de ter epitáfio melhor do que 'ele foi levantado para livrar Israel'. Muitíssimos homens têm escrito, após os seus nomes, o registro de suas obras destrutivas. O mundo está dividido entre salvadores e destruidores... Porventura, Jesus não foi levantado a fim de livrar Israel e também o resto da humanidade?" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Imediatamente antes da exposição sobre Juízes 1.1, ver as ilustrações que consistem em um mapa e um gráfico que mostram onde os juízes exerceram seus respectivos juizados, bem como os lugares de Israel que foram oprimidos e, além disso, seus períodos de governo e respectivas épocas.

Jair (10.3-5)

Ver a introdução a este capítulo quanto ao pano de fundo dos juizados de Tola e Jair. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jair*. "As tradições sobre Jair estão relacionadas, de alguma forma, à conquista de Gileade, preservada em Números 32.39-42 (cf. Deu. 3.14; I Reis 4.13; I Crô. 2.22). Talvez tenha sido apropriado pôr a sua história no livro de Juízes, refletindo um movimento expansionista do clã em questão na região de Manassés, na Transjordânia. Jair era homem abastado, porquanto tinha trinta filhos que montavam sobre trinta jumentos (a Septuaginta fala em trinta e dois)" (Jacob M. Myers, *in loc.*). "Após o juizado de Tola, Jair dirigiu Israel durante vinte e dois anos, em Gileade, na área de Manassés, na Transjordânia. Sua posição de nobreza pode ser percebida no fato de que ele tinha nada menos de trinta filhos, cada qual com seu jumento, como sinal de sua elevada posição (cf. Juí. 12.14)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

10.3

Depois dele se levantou Jair, gileadita. As tribos que moravam na Transjordânia eram Rúben, Gade e Manassés. *Gileade* era a região montanhosa que ficava a leste do rio Jordão, chamada de "montanha de Gileade" (Gên. 31.25). Ver sobre ela no *Dicionário*.

Jair teve um juizado bastante longo, de vinte e dois anos, em sua região limitada (a Transjordânia). Não há nenhuma informação sobre qualquer opressão estrangeira. O homem prosperou em um período de paz. Ele foi uma influência que conseguiu manter na linha reta o buliçoso povo de Israel.

10.4

Tinha este trinta filhos. Este versículo mostra a prosperidade de Jair. Ele tinha trinta filhos (sem dúvida, através de várias esposas); e eles se locomoviam em trinta carros pessoais ou, pelo menos, montavam em trinta jumentos. Naquele tempo, montar em um jumento era sinal de riqueza e prestígio pessoal, algo que os pobres invejavam.

Havote-Jair. Ver sobre essa localidade no *Dicionário*. Esta era a província governada por Jair, porquanto nenhum dos juízes governou sobre todo o território de Israel. Imediatamente antes de Juízes 1.1 há um mapa que mostra onde ficava essa área. A província de Jair dispunha de trinta cidades, em sua maioria pequenas aldeias. Gileade era o extremo norte da Transjordânia, e essa era a área do juizado de Jair. Havote-Jair, por sua vez, era uma cidade de Basã e tinha recebido esse nome por causa de um Jair anterior. Ver Núm. 32.39-42 e Deu. 3.14. Basã era o antigo território do rei Ogue, conforme somos informados na referência do livro de Deuteronômio. Quanto ao restante dos detalhes, coisas conhecidas ou meramente conjecturadas, ofereço-os no artigo chamado Basã.

"O distrito ficava cerca de dezesseis quilômetros a sudeste do extremo sul do mar da Galiléia" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

"Trinta filhos. Uma indicação de sua importância e posição social, que chegava a exibir uma poligamia ostensiva. Cf. Juí. 8.30" (Ellicott, *in loc.*). Jair foi capaz de criar sua numerosa família em meio à abastança. Em Israel, o cavalo era usado somente com extrema raridade naquele tempo. Só mais tarde esse animal tornou-se comum. Excelentes jumentos eram usados pelos ricos, antes que o cavalo passasse a ser usado de modo geral. Talvez aqueles trinta filhos prestassem os mais diversos serviços a seu pai, mais ou menos como os dois filhos de Samuel (ver I Sam. 8.1).

10.5

Foi sepultado em Camom. Esse era o nome da cidade de Gileade onde Jair, ao morrer, foi sepultado. O local exato é desconhecido hoje em dia. Alguns estudiosos pensam que se trata da moderna Qamm, a sudeste do mar da Galiléia. Mas outros preferem Qumein, a nordeste de Irbide. Qamm fica na estrada que vai do rio Jordão a Irbide. Esse nome significa "elevação".

Jefté (10.6 - 12.7)

A história desse juiz é narrada com muitos detalhes. Ver imediatamente antes de Juízes 1.1 o mapa das áreas onde os juízes se mostraram ativos, como também um gráfico que dá informações básicas sobre os juízes. Os vss. 6 a 16 deste capítulo são uma espécie de explicação teológica expandida sobre a significação religiosa das narrativas tanto anteriores quanto posteriores. O autor sagrado nunca perdeu de vista a espiritualidade envolvida em seu livro. Os comentários dados aqui parecem incluir tanto Jefté (Juí. 10.6-12.7) quanto Sansão (Juí. 13-16). E isso porque os opressores mencionados em Juí. 10.7 são, simultaneamente, os amonitas (no oriente) e os filisteus (no ocidente). O sexto versículo fornece-nos uma declaração geral no tocante à situação política da época, especialmente na parte ocidental da Palestina. Porém, o interesse fundamental do autor sagrado era o aspecto espiritual. Cf. Juí. 2.11-19.

10.6

Tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau. O original hebraico diz aqui, literalmente: "adicionaram a prática do mal". E a Vulgata Latina traduz isso como "juntaram novos pecados a seus antigos pecados". O autor sacro, portanto, lançou a vista para as apostasias anteriores e deu notícia, cansado da repetição, de que, após a morte de Jair, os israelitas tornaram a apostatar. Cf. Juí. 2.11 e 3.7. Aquele horrendo ciclo, do qual o povo de Israel parecia não conseguir desvencilhar-se, era: apostasia; servidão a algum poder estrangeiro; livramento por meio de algum juiz carismático; um período de paz de variada duração — até que sucedesse outra apostasia. Desse modo, o livro de Juízes deixou um registro de sete apostasias; de sete servidões; e de sete livramentos através de algum juiz. Os juízes não eram advogados ou homens de lei. Antes, eram indivíduos carismáticos, virtuais equivalentes de reis vassalos ou provincianos, embora não tivessem esse título, exceto no caso de Abimeleque (ver o capítulo nono do livro de Juízes). Geralmente eram homens que sabiam matar, usando essa habilidade para livrar Israel, por meio de guerras santas (ver sobre isso nas notas expositivas de Deu. 7.1-5).

Este versículo lista diversos dos deuses pagãos que o povo de Israel chegou a adorar, abandonando assim a Yahweh e o pacto com Ele. Ver o capítulo 24 de Josué quanto à confirmação do pacto por parte de Josué. Ver sobre o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18, e sobre o Pacto Mosaico, na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo. Ver também sobre o Pacto Palestínico na introdução ao capítulo 29 do livro de Deuteronômio.

Quanto aos vários nomes próprios que figuram neste versículo, ver no *Dicionário*. Os diversos nomes dos *deuses falsos* (ver sobre eles no *Dicionário*) mostram quão generalizado era o sincretismo que afetava o povo de Israel naqueles tempos. Parecia não importar de quem fossem aqueles deuses, ou seja, de qual das sete nações cananéias (ver Êxo. 33.2; Deu. 7.1), Israel sempre se deixava

arrastar facilmente para a idolatria. Eles não escolhiam nem selecionavam. Antes, incorporavam tudo dentro de sua fé precária, com o resultado de que a adoração e o serviço a Yahweh eram muito eficazmente anulados.

"Sete tipos de ídolos são mencionados, em uma óbvia simetria com as sete opressões retributivas mencionadas nos vss. 11 e 12" (Ellicott, *in loc.*).

Eis os sete tipos de divindades:

1. Baalins.
2. Astarote. Quanto a esses dois, ver as notas em Juí. 2.19.
3. Deuses da Síria. Acerca da idolatria síria, nada ouvimos de específico senão já nos dias de Acaz (ver II Reis 16.10,12), exceto a alusão do presente texto.
4. Deuses de Sidom. Ver I Reis 11.5 e suas notas expositivas.
5. Deuses de Moabe. Ver I Reis 11.7.
6. Deuses dos filhos de Amom. Ver Lev. 18.21 e I Reis 11.7.
7. Deuses dos filisteus. Ver I Sam. 5.2 e 16.23.

Dessa maneira, o autor sacro enfatizou a universalidade da idolatria de Israel. (Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.) Por causa dessa idolatria, nunca cessou de vez a opressão estrangeira contra os filhos de Israel.

"Suas imagens e seus lugares de adoração idólatra multiplicavam-se por todo o território" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Estavam tão assustadoramente afundados na idolatria que se tinham esquecido totalmente do Senhor, e a adoração a Ele, no tabernáculo, foi abandonada, e nem ao menos fingiam que estavam preservando essa adoração" (John Gill, *in loc.*).

10.7

Acendeu-se a ira do Senhor. Por causa do novo lapso de Israel na idolatria, a ira do Senhor acendeu-se, e Israel foi entregue à servidão aos amonitas, na parte oriental do país (Transjordânia), bem como aos filisteus, na parte ocidental. Isso revela que a servidão se tornou universal, afetando todo o Israel, em uma ou outra ocasião. Atribuir "ira" a Deus, naturalmente, faz parte da linguagem do *antropomorfismo* e do *antropopatismo*. Ver sobre ambos os assuntos no *Dicionário*.

A menção aos "filisteus" antecipa o tempo de Sansão (ver os capítulos 13 a 16 de Juízes), e a menção aos "amonitas" antecipa a história de Jefté (ver os capítulos 10 a 12 de Juízes). Este versículo deve ser confrontado com declarações similares encontradas em Juí. 2.14-20; 3.8 e I Sam. 12.9.

10.8

Nesse mesmo ano vexaram... os filhos de Israel. O ano era o primeiro dos dezoito anos de opressão que reduziram Israel virtualmente à escravidão a potências estrangeiras. O autor sagrado mencionou aquele ano como uma data memorável, porque marcara o início de muitas misérias que sobreviriam ao povo de Israel por um longo tempo. O autor sacro citou a invasão da Transjordânia, que Jefté precisou enfrentar. E quando começasse a contar a história de Sansão (Juízes 13-16), o autor sagrado teria voltado a sua atenção para a invasão dos filisteus, no ocidente do país. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Transjordânia, Amorreus* e *Gileade*. O território dos amorreus incluía os reinos de Ogue e Seom, que Israel, fazia muito tempo, tinha conquistado; mas agora as duas tribos e meia orientais estavam sendo expulsas dali, por terem perdido direito à sua cidadania. As tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, haviam tomado a Transjordânia como por possessão. Ver o capítulo 13 de Josué e o capítulo 3 de Deuteronômio.

10.9

Os filhos de Amom passaram o Jordão. Em outras palavras, os amonitas não se contentaram com a opressão com que tinham afligido a Transjordânia; mas também atravessaram para a parte ocidental do país e começaram a vexar as tribos de Judá, Benjamim e Efraim. Israel, pois, viu-se cercado por ataques desfechados de ambos os lados de suas fronteiras. Por um lado, os filhos de Amom; por outro lado, os filisteus. A nação realmente ficou em uma situação angustiante. Alguns eruditos supõem que essa opressão por ambos os lados começou em um mesmo ano, em vários lugares simultaneamente; e é isso que fez aquele "ano", referido no versículo anterior, tão importante.

Israel se viu muito angustiado. Essa expressão também é usada em Juízes 2.19. A angústia era, ao mesmo tempo, intensa e generalizada. Para Israel, havia terminado a paz.

10.10

Os filhos de Israel clamaram ao Senhor. Cf. Juí. 6.6; I Sam. 12.10. "Eles clamaram, angustiados, nada vendo senão ruína e destruição... suas terras estavam sendo invadidas por inimigos poderosos, que atacavam de direções opostas. Isso abriu seus olhos para o senso de seus pecados, a causa mesma de seus sofrimentos, e isso os levou a confessar os seus pecados" (John Gill, *in loc.*).

Deixamos a nosso Deus. Eles tinham abandonado a Elohim, o Todo-poderoso, e passado a servir aos Baalins. Ver as notas sobre o sexto versículo deste capítulo quanto ao fato de que a idolatria de Israel sempre consistia no abandono do pacto com Yahweh. Esse pacto geral foi expresso em pactos individuais, como o abraâmico, o mosaico e o palestínico.

10.11,12

O Senhor disse aos filhos de Israel. Nessa fala, o Senhor relembrou livramentos históricos que tinham servido de precedentes. Esses livramentos foram mencionados em sua seqüência, a fim de mostrar que mais um livramento, efetuado pelo poder divino, nada seria de novo, algo que um povo arrependido poderia mesmo esperar. A lista dos livramentos passados demonstra claramente o quanto Israel se mostrava ingrato e espiritualmente superficial. Israel nunca olhara para trás, para as intervenções divinas, para então dizer: "Yahweh fez todas essas coisas em nosso favor; por conseguinte, abandonaremos a idolatria e nos apegaremos a Ele". Ao povo de Israel, pois, faltavam tanto perspectiva histórica quanto fibra moral.

Livramentos Passados:

Dos egípcios (Êxo. 1-14).
Dos amorreus (Núm. 21.3-21; Jos. 10).
Dos amonitas (Juí. 3.13).
Dos filisteus (Juí. 3.32; I Sam. 12.9).
Dos sidônios (Juí. 3.3; 17.7-28).
Dos amalequitas (Êxo. 17.8,13).
Dos maonitas.

No tocante a este último livramento, dos "maonitas", a Septuaginta diz Madiã; e alguns manuscritos dizem Canaã. A versão árabe diz moabitas. Alguns estudiosos opinam que temos aqui uma referência a algum livramento não registrado nas Escrituras, que se perdeu na história, excetuando esta breve alusão. Havia uma cidade de nome Maom, na região montanhosa de Judá (ver Jos. 15.55 e I Sam. 23.24), mas isso é bastante improvável. Outros eruditos vêem no caso dos maonitas uma corrupção textual. Estrabão (*Palest. Illust.* tomo 2, par. 679) e Diodoro Sículo (*Hist.* 1.5) falaram a respeito dos mineanos, coletivamente chamados mehunim, considerados uma das tribos árabes (ver II Crô. 26.7). Talvez estivesse em pauta esse povo, o qual pode ter-se aliado aos midianitas a fim de assolar o território de Israel.

Essas várias opressões estrangeiras, contudo, despertaram a misericórdia de Yahweh, como um poder que efetuou livramento em favor de Israel. No entanto, os hebreus não tinham prestado atenção a tais atos de misericórdia da parte de Deus. E, contudo, cada vez que se renovava a opressão, eles clamavam a Yahweh, rogando compaixão.

10.13

Não vos livrarei mais. Yahweh parecia relutar em livrar o povo de Israel. A situação poderia agravar-se até chegar a ser um primeiro exílio. A questão era que Israel havia adotado muitos deuses; e, quando uma pessoa tem um deus, espera alguma coisa da parte dele. Tal pessoa pensa que aquela divindade possui um poder sobrenatural, podendo realizar coisas maravilhosas. Sarcasticamente, pois, Yahweh disse aos israelitas que apelassem para os seus deuses, que tinham seguido com tanto afã, em busca de livramento. Deus já havia abandonado o negócio do livramento. A ameaça feita por Yahweh, como é claro, deveria ser compreendida de maneira condicional. O arrependimento (o retorno ao yahwismo) poderia anular a ameaça divina. Ver Jer. 18.7,8.

10.14

Clamai aos deuses que escolhestes. O povo de Israel, que estava clamando por socorro (ver o vs. 10), foi orientado a dirigir seus clamores aos deuses de madeira, pedra e metal, para ver o que daí resultaria. O escárnio divino tinha por finalidade mostrar o quanto Israel estava desamparado sem Yahweh. As intervenções e os livramentos passados por certo não haviam sido efetuados por aqueles deuses. Cf. essa amarga reprimenda com Deu. 32.37,38; II Reis 3.13; Jer. 2.28. Quanto à tribulação, ver I Reis 18.27; Pro. 1.26.

Há pessoas que só buscam a Deus em momentos de adversidade. Mas, em tempos de prosperidade e paz, elas se tornam os seus próprios deuses. Isso revela quão superficial é a espiritualidade humana.

10.15

Temos pecado... porém livra-nos. As diversas ameaças e pressões divinas surtiram efeito. Israel reconheceu seu pecado de idolatria, dispondo-

se a retornar a Yahweh. Eles pediram que o Senhor fizesse com eles o que melhor entendesse, mas não deixasse de libertá-los, pois essa era a sua necessidade mais urgente. Por conseguinte, eles pediram um julgamento divino mais brando, ao mesmo tempo que clamavam por uma nova libertação. "Inflige o castigo que for necessário, como fome ou pestilência..." (John Gill, *in loc.*). Cf. I Sam. 3.18; 15.26.

"Eles deram provas de que o arrependimento era genuíno, desfazendo-se de seus ídolos, embora se mostrassem sempre volúveis e inconstantes" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.16

E tiraram os deuses alheios. Os versículos primeiro a décimo sexto oferecem-nos a introdução teológica de mais uma intervenção divina, explicando por qual motivo Israel sempre caía em dificuldades sérias. Ver sobre isso na introdução a este capítulo.

Uma vez, porém, que Israel se desfez da causa da opressão, a saber, a idolatria, então Yahweh, uma vez mais, apesar de todas as falhas deles, sentiu misericórdia e começou a agir. Ver no *Dicionário* os artigos *Antropomorfismo* e Antropopatismo, quanto ao hábito que os homens têm de conferir a Deus seus próprios atributos e emoções.

"O Senhor teve compaixão deles porque não podia mais tolerar que Seu povo estivesse sendo oprimido" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Deus os ouviu em sua miséria. Cf. Gên. 35.1; I Sam. 17.3; II Cor. 15.8.

Já não pôde ele reter a sua compaixão. O original hebraico diz, literalmente, "sua alma se sentiu encurtada", uma expressão idiomática que não tem tradução literal para os nossos idiomas modernos. É como se Yahweh tivesse sentido "dores no coração", contrações desagradáveis em Sua alma, uma tremenda prova da filantropia divina. A misericórdia é um ato de amor, e o amor é o maior de todos os princípios espirituais, a prova mesma da espiritualidade. Amamos porque Deus nos amou primeiro; e, visto que Deus amou, enviou-nos o Seu Filho (ver João 3.16). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Amor* e *Misericórdia.*

10.17

Tendo sido convocados os filhos de Amom. Os acampamentos e as unidades militares mais importantes dos amonitas estavam em Gileade; e os de Israel estavam em Mispa (no hebraico, "torre de vigia"; ver Jos. 13.25; 20.8; ver também Gên. 31.49). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mispa*, quanto a maiores detalhes a respeito.

Os vss. 17 e 18 fornecem um comentário editorial que introduz a opressão provocada pelos filhos de Amom, e relata como Jefté foi levantado para efetuar outro livramento do povo de Israel. Embora Mispa não tenha sido ainda identificada com certeza, talvez seja a mesma Ramate-Mispa, referida em Josué 13.26, no território da tribo de Gade.

10.18

Quem será o homem...? Os chefes de Gileade estavam buscando o herói israelita que haveria de livrá-los do adversário. Não se sabia de homem algum que pudesse encabeçar as forças armadas da Transjordânia e expulsar os opressores amonitas, embora a busca por tal homem continuasse. O fraseado do versículo mostra-nos que tal herói não seria um juiz universal de Israel, mas tão-somente um homem forte da Transjordânia, capaz de livrar do inimigo as tribos orientais de Israel. Todos os juízes de Israel foram autoridades meramente locais. Ver o mapa e o gráfico que ilustram esse fato, imediatamente antes da exposição sobre Juízes 1.1.

Foi prometido que o herói, se fosse bem-sucedido, seria recompensado com um ofício de autoridade permanente na Transjordânia. Cf. Juí. 11.1.

"Naqueles tempos remotos, muita coisa dependia de um bom começo. As guerras geralmente terminavam logo na primeira batalha; as primeiras impressões, por conseguinte, revestiam-se de grande conseqüência... Quando Deus se propõe a livrar, Ele encontra, emprega e dirige os meios apropriados para isso" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Onze

Este capítulo dá continuidade à seção geral, iniciada em Juízes 10.6. As notas introdutórias que há naquela seção devem ser consultadas. A narrativa sobre *Jefté* (ver a respeito dele no *Dicionário*) ocupa a passagem de Juízes 10.6-12.7, informando-nos sobre como a porção oriental do país (a Transjordânia) foi libertada da opressão feita pelos filhos de Amom. Em seguida (Juízes 13-16), Sansão aparece em cena, procurando libertar Israel da opressão dos filisteus, na parte ocidental do território israelita. Sansão obteve um sucesso essencial, embora a tarefa tenha ficado por terminar, o que só veio a suceder nos dias de monarquia, quando Saul e Davi a concluíram. Mas a monarquia em Israel só seria instituída cerca de duzentos anos mais tarde.

Divisões Deste Capítulo:

1. O Homem Jefté (11.1-3)
2. Jefté é Chamado a Guerrear (11.4-11)
3. Defesa dos Direitos de Israel na Transjordânia (11.12-28)
4. Derrota dos Filhos de Amom (11.29-33)
5. Cumprimento do Voto Precipitado de Jefté (11.34-40)

Ver as notas sobre Juízes 10.1 quanto a idéias adicionais acerca de Jefté e da natureza geral do livro de Juízes. Este livro registra sete apostasias (quedas na idolatria); sete servidões a povos estrangeiros; e sete livramentos por meio de heróis de guerra carismáticos.

O Homem Jefté (11.1-3)

11.1

Jefté, o gileadita, homem valente. Quanto a um sumário de sua personalidade e carreira, ver o artigo que versa sobre ele, no *Dicionário.* Ver comentários adicionais na introdução a este capítulo, anteriormente. A carreira de Jefté limitou-se à Transjordânia, onde os opressores foram os filhos de Amom. Jefté foi um poderoso guerreiro, uma espécie de soldado-aventureiro carismático. Ele nasceu em Gileade, filho de uma prostituta. Não podia participar da herança de Israel, por causa de seu nascimento humilde e de sua posição social (cf. Juí. 9.7-21), e chegou a ser expulso de sua casa paterna. Eis a razão pela qual ele habitava a terra de Tobe, uma região onde indivíduos aventureiros viviam de maneira indisciplinada e violenta. Seu nascimento inferior, entretanto, em nada contribuiu para diminuir o poder de sua personalidade; e ele foi o homem de quem Israel precisou em uma de suas horas mais negras. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Bastardo.*

Gileade. Esse era o nome do pai de Jefté, embora, na opinião de alguns eruditos, possa significar o território de Gileade, personificado. Se realmente um homem está aqui em pauta, então nada sabemos sobre ele, excetuando o que se pode deduzir mediante o texto, onde ele é mencionado de maneira abreviada. Sabe-se, porém, que o território de Gileade era uma região montanhosa da *Transjordânia.* A área era ocupada pelas tribos de Gade e de Manassés. Ver detalhes completos, sobre esse território, no *Dicionário.*

11.2,3

A mulher de Gileade lhe deu filhos. Isso posto, Jefté tinha certo número de meio-irmãos. Eles invejavam a Jefté, que parece ter sido o primogênito de Gileade. Eles não o queriam por perto, a fim de que não houvesse nenhuma oportunidade de ele ser considerado herdeiro; de qualquer modo, um filho bastardo não podia mesmo receber herança. Mas eles intentavam garantir que Jefté nem mesmo faria um esforço para herdar alguma coisa. Por isso, expulsaram-no de casa, mediante ameaças. Aqueles empedernidos meio-irmãos de Jefté forçaram-no a imiscuir-se com tipos vis, em *Tobe.* Há um detalhado artigo sobre esse lugar, no *Dicionário.* Esse nome significa "frutífera", "boa". Tem sido identificado com a moderna et-Taiyibeh, que fica cerca de vinte e quatro quilômetros a leste de Ramote-Gileade. Logo Jefté tornou-se o líder de um violento bando de aventureiros. E assim, ele dispunha de um pequeno exército, que provavelmente sobrevivia de roubos e assaltos violentos. O saque era o jogo deles, e não demorou para que começassem a saquear o inimigo.

Como vemos, Jefté começou sua carreira prejudicado por alguns pontos negativos. Em si mesmo, porém, ele era exatamente aquele tipo de herói destemido, rápido no manejo da espada, de que Israel tanto precisava para desvencilhar-se dos amonitas.

Jefté é Chamado a Guerrear (11.4-11)

11.4,5

Pelejaram os filhos de Amom contra Israel. Estourou a guerra entre os filhos de Israel e os filhos de Amom, na Transjordânia. Mas o verdadeiro homem forte de Israel estava em Tobe, em companhia de amigos violentos. Os israelitas perdiam terreno na luta, e assim lembraram-se do único homem que poderia fazer alguma coisa contra os opressores.

Os anciãos de Israel saíram atrás de Jefté, dispostos a entrar em algum tipo de negociação para que aquele homem violento lutasse em favor deles. Primeiramente, humilharam-se; em seguida, ofereceram-lhe uma posição de pequeno rei. Jefté, por sua vez, estava disposto a barganhar. Esqueceria as ofensas passadas, em troca de vantagens presentes.

A AMPLA IDOLATRIA DOS VIZINHOS DE ISRAEL

Nomes dos Deuses	Nações Envolvidas	Referências Bíblicas
Baal	Arã, Fenícia, Canaã	Núm. 22.41; Juí. 2.13; I Reis 16.31; II Reis 2.3
Aserá	Arã, Fenícia, Canaã	I Reis 16.33; 18.19
Astarote (Astarte Istar)	Arã, Fenícia, Canaã	I Reis 11.5,33; II Reis 23.13
Hadade (Rimom) – nomes de Baal	Arã	II Reis 5.18
Adade (Hadade)	Mesopotâmia	II Reis 5.18
Camos	Moabe	II Reis 11.5,33; II Reis 23.13
Milcom (Moleque)	Amom	I Reis 11.33; Sof. 1.5
Dagom	Filístia	Juí. 16.23

Para detalhes, ver *no Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.*

*** *** ***

MULTIPLICANDO PECADOS

A adoração aos mais variegados tipos de deuses imaginários, entre os pagãos, tem sido quase interminável. Os homens usam sua imaginação para multiplicar pecados.

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deuses Falsos*, que descreve as classes diversificadas dos deuses e menciona 39 divindades individuais.

Jefté já se tornara famoso por causa de seu jogo violento, e o povo de Israel carecia de sua grande experiência com a violência. Ele se tornara um tremendo saqueador, e as suas habilidades eram indispensáveis para pôr em fuga os filhos de Amom, que viviam do saque. Geralmente, os homens maus são os dotados de coragem ilimitada. Em tempos de crise, as normas públicas se modificam. Os maus são aceitos, e lhes é prometida uma recompensa se combaterem perigos ainda maiores. O homem indesejável torna-se desejável, e até chega a assumir um aspecto heróico. As crises exigem homens realmente fortes, líderes capacitados. Os tempos de paz são, essencialmente, oportunidades em que os políticos fazem jogo com o dinheiro público.

11.6

Vem, e sê nosso chefe. O recado enviado pelos anciãos do povo foi simples como isso. "Livra-nos dos filhos de Amom." Somente uma crise poderia levar aquela gente a fazer tal convite a Jefté. De outra sorte, teriam preferido que o homem valente continuasse longe, atacando fazendeiros e caravanas. Porém, os filhos de Amom perturbavam mais do que Jefté; e assim, a ameaça menor foi convocada a fim de eliminar a ameaça maior. Os anciãos de Israel mostraram-se humildes. Algumas vezes, é mais produtivo sermos humildes. Em certas ocasiões, a filosofia pragmática é aquela que mais convém: aquilo que dá certo é a verdade. Os anciãos de Israel não se preocuparam mais com os atos de vandalismo de Jefté. Se ele atuasse bem em favor de Israel, então ele representaria a verdade daquele momento. Ah! o pragmatismo!

Eles estavam procurando somente um líder para um período de guerra. Mas Jefté tinha idéias maiores do que essa. Se chegasse a ser líder durante a guerra, queria continuar líder durante a paz, um pequeno rei na Transjordânia.

11.7

Jefté disse aos anciãos de Gileade. O candidato a líder de Israel, primeiro na guerra e, mais tarde, na paz, relembrou os anciãos de Israel como fora injustamente tratado por parte de seus meio-irmãos, que o exilaram dentre o seu próprio povo. Ficamos sabendo aqui que os meio-irmãos de Jefté tinham apelado para que os anciãos do lugar garantissem que Jefté fosse mandado para o exílio. E os anciãos haviam concordado com o plano de expulsão. É possível que algum dos meio-irmãos de Jefté fosse um daqueles anciãos. Jefté estava amargurado com o tratamento injusto recebido, como ficaria qualquer um que tivesse sofrido o que ele sofreu. Por essa razão, aproveitou a oportunidade para humilhá-los e confundi-los. Agora eram eles que precisavam de Jefté. E ele cooperaria; mas cobraria um alto preço. O bastardo não somente herdaria alguma coisa, mas abocanharia a herança inteira. E seus meio-irmãos ficariam com migalhas do bolo, ou seja, da herança.

11.8-9

Sê o nosso chefe sobre todos os moradores de Gileade. O comandante durante a guerra também seria o chefe durante a paz. O termo hebraico aqui usado, qaçin, significa "general", "ditador", "chefe absoluto". Jefté, pois, estava destinado a ser, primeiramente, um general capaz e, em seguida, um pequeno rei, investido de autoridade ditatorial. Os anciãos de Israel dispuseram-se a aceitar as condições de Jefté. Na verdade, qualquer coisa que ele impusesse seria melhor do que continuarem sujeitos à opressão dos amonitas. Os anciãos de Israel tinham saído em busca de um general, mas encontraram mais do que tinham imaginado inicialmente. Seu general, valente e habilidoso, também seria o rei local. Isso ocorreria a despeito das leis que proibiam a um filho bastardo assumir esse tipo de autoridade. Outro tanto acontecia em Atenas (Aelian. Var. Hist. 1.6, cap. 10) e em outros países, na antiguidade, onde as pessoas se preocupavam com as condições de filiação de seus dirigentes.

"Foi um incidente dramático. O expulso da família tornou-se o chefe de toda a região. A zombaria foi substituída pelo aplauso" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

As Condições Podem Ser Revertidas. As antigas injustiças estavam prestes a ser reparadas, e de uma maneira gloriosa. Jefté elevou-se muito acima do destino que a ele fora decretado por seus impiedosos meio-irmãos e pelos anciãos do povo. Seu destino, porém, estava sob o seu controle, e assim ele ascendeu na sociedade israelita, apesar da oposição e da perseguição alheia. A ironia da situação foi que o seu destino não somente fê-lo subir na escala social, mas também tornou-o líder e chefe daqueles que antes o tinham perseguido. Temos aqui, portanto, a verdade expressa mediante um antigo ditado que afirma: "Não se pode subjugar um homem bom!".

11.10-11

O Senhor será testemunha entre nós. Isso significa que houve um pacto e um juramento solene, diante do próprio Yahweh. Os anciãos de Gileade submeteram-se a uma aliança na qual Yahweh foi invocado como testemunha. Isso significa que os anciãos não poderiam anular o pacto ou suavizar as condições.

A história de Pied Piper, de Hamelin, não se compara com a história de Jefté. De acordo com uma lenda medieval, esse pobre homem livrou a cidade de Hamelin de ratos nojentos que a infestavam, tocando uma flauta mágica que os atraiu para fora dos limites da cidade. E todos esses nojentos animais foram conduzidos a um rio onde afogaram-se. Mas os anciãos da cidade não cumpriram a sua palavra, que era de pagar-lhe uma alta soma em dinheiro. Em vista disso, o flautista mágico, com sua música enfeitiçadora, atraiu para fora da cidade todas as crianças que ali viviam. No caso de Jefté, os anciãos seriam obrigados a cumprir a sua promessa, uma vez que o "chefe" tivesse destruído os filhos de Amom.

E o povo o pôs por cabeça e chefe sobre si. O juramento foi confirmado em Mispa (ver Jui. 10.17), em uma cerimônia solene e pública. Aquele era um lugar alto, talvez revestido de alguma importância religiosa. O juramento foi feito publicamente, tornando-se absolutamente obrigatório.

"O povo ratificou e confirmou aquilo que os anciãos tinham prometido, e, mediante votação geral e unânime, nomearam-no tanto o capitão de suas forças como para ser, mais tarde, seu chefe e governador" (John Gill, *in loc.*).

O trecho de Deuteronômio 23.2 tornava inconstitucional esse ato, visto que Jefté era filho bastardo. Mas essa exceção foi feita em vista da grave crise do momento. John Gill emitiu sua opinião de que o próprio Yahweh aprovou a aceitação, por causa situação de emergência. "Estando certo da aprovação divina, ele deu início ao trabalho com toda a confiança" (Adam Clarke, *in loc.*). O trecho de Juízes 11.29 mostra-nos que Yahweh fez vir o Seu Santo Espírito sobre Jefté, a fim de garantir que ele lograsse êxito.

Defesa dos Direitos de Israel na Transjordânia (11.12-28)

A seção aqui iniciada demonstra os direitos legais e morais de Israel sobre o território atacado pelos filhos de Amom. Assim sendo, Israel lutaria por esses direitos, se necessário fosse. Aquelas terras tinham sido entregues às tribos de Rúben e de Gade, tendo sido conquistadas por invasão comandada por Yahweh.

Jefté apresentou os argumentos de Israel ao rei dos amonitas, na esperança de uma solução pacífica. Mas é difícil ou mesmo impossível negociar com tiranos, pelo que a solução militar usualmente é a mais rápida e direta, a que menos custa e a que obtém resultados permanentes. Muitos grandes políticos não passam de psicopatas; e homens desse naipe não ouvem argumentos. Cedem somente diante da violência. Visto que Hitler era um psicopata, quem poderia negociar com ele? Se Stalin fosse um psicopata, quem poderia barganhar com ele? Por muitas vezes, falar em diplomacia é apenas uma maneira de o homem fraco desculpar-se por não agir. Sem dúvida esse foi o caso no incidente descrito no presente texto.

Os tiranos adquirem e consolidam aquilo que têm por meio da violência. Nunca estão dispostos a desistir de coisa alguma por causa de belas palavras. O rei dos amonitas estava pronto para desistir da guerra se os seus "direitos" fossem reconhecidos e se a terra fosse entregue a ele mediante um decreto oficial. Mas Jefté refutou os seus argumentos e rejeitou a proposta dos amonitas. O fato é que as propriedades sempre acabam nas mãos dos mais fortes, porquanto a violência sempre determina quem, em algum momento particular, ocupa este ou aquele território.

11.12

Que há entre mim e ti...? O ponto crucial do argumento de Jefté foi que a terra era dele, ou seja, de Israel. Perguntou ele ao rei dos amonitas: Por que vieste a pelejar a mim contra a minha terra? Israel havia ganho aquelas terras através da "violência divina" (por orientação de Yahweh), e elas tinham pertencido a Ogue e a Seom, e não aos filhos de Amom. "Os despojos pertencem ao vitorioso." Naquela situação histórica em particular, Israel tinha derrotado os antigos reis vassalos da área, que ocupavam a região. Por conseguinte, o rei de Amom não passava de um intrujão. O rei dos amonitas, todavia, poderia ter usado do mesmo argumento. "Eu, mediante a violência, e dirigido por meus deuses, agora tomo este território. Portanto, ele é meu". Yahweh, todavia, não era um desses deuses. E assim, na mente dos hebreus, tal argumento, se usado pelos amonitas, seria apenas uma falácia.

11.13

Saindo Israel do Egito, me tomou a terra. Mas isso importava em uma inverdade. Israel não havia tomado o que pertencia aos filhos de Amom. De fato, Israel tinha sido especificamente proibido por Deus de atacar os amonitas e os moabitas (ver Deu. 2.9,19). Antes, Israel tomara as terras pertencentes a Seom, sendo verdade apenas que os amonitas e moabitas, antes mesmo de Seom, tinham possuído aquele território. Ver Núm. 21.21-30; Jos. 12.25. Na história moderna, embora continuassem no exílio, os judeus falavam sobre a Palestina como a terra deles, porquanto antes tinha sido assim, e os cristãos, em geral, aceitam esse argumento. O rei dos amonitas empregou esse tipo de argumento histórico e, nesse sentido, ele estava totalmente correto.

Desde Arnom até Jaboque. Ou seja, o território ocupado pelas tribos de Gade e Rúben. Ver os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a detalhes. O ribeiro do Jaboque tinha sido, originalmente, a "fronteira" dos filhos de Amom (Deu. 3.16; Núm. 21.24). Ficava mais ou menos a meio caminho entre o mar Morto e o lago da Galiléia. Os dois riachos assim mencionados formavam as fronteiras sul e norte do território de Amom. O Arnom despeja suas águas no mar Morto, e o Jaboque flui para o rio Jordão.

11.14,15

Jefté tornou a enviar mensageiros. Eles foram retornaram ao rei de Amom, e ouviram o argumento de por que ele não deveria deixar os israelitas na Transjordânia. Os mensageiros voltaram e transmitiram o recado a Jefté. Este o refutou (ver o vs. 15), da maneira que descrevi nas notas expositivas sobre o vs. 13. Conforme vimos, historicamente falando, o rei dos amonitas estava certo; mas *quando Israel entrara naquele território, os filhos de Amom já haviam sido suplantados* por Seom. E quando Josué entrou naquele território, não teve permissão divina de atacar os moabitas e os amonitas, conforme ressaltado anteriormente. Jefté conhecia a história de Israel, e aplicou-a corretamente. Mas períodos de apostasia não haviam conseguido obliterar as tradições de Israel na consciência do povo.

11.16-18

E assim Israel ficou em Cades. A história mostrava que, ao sair do Egito, Israel finalmente tinha chegado a Cades. Ali acampou porque, desejando passar por Edom, isso não lhe foi permitido. Outro tanto sucedera no caso de Moabe. Em lugar de guerrear por causa da questão, Israel evitou as fronteiras de Edom e de Moabe, acampando do outro lado do ribeiro do Arnom. Podemos acompanhar esses lances, examinando as seguintes referências:

1. Saída do Egito e lembrança desse acontecimento (ver Núm. 20 e 21).
2. Jornada através do deserto (ver Deu. 1.19).
3. Chegada ao mar dos Juncos (ver a maior parte do livro de Êxodo e Núm. 14.25).
4. Chegada a Cades-Barnéia (ver Núm. 20.1; 33.16).
5. Mensagem enviada ao rei de Edom (ver Núm. 20.14 ss.).
6. Mensagem enviada ao rei de Moabe (ver Deu. 2.9,36).
7. Permanência em Cades (ver Deu. 2.1; 2.14), onde os israelitas passaram a maior parte dos trinta e oito anos de perambulações pelo deserto.

Quando os edomitas recusaram-se a permitir que Israel passasse, os hebreus permaneceram em Cades. Mais tarde, deixando aquele lugar, acamparam no outro lado do Arnom, que ficava na fronteira entre Moabe e o território de Seom, o que é mencionado no vs. 18 deste capítulo. O ribeiro do Arnom dividia a terra de Moabe da terra dos amorreus (ver Núm. 21.13).

"... de acordo com Jarchi, o rio Arnom ficava na extremidade leste da terra de Moabe, onde começavam os territórios de Seom e Ogue; mas Israel não entrou para dentro da fronteira de Moabe" (John Gill, *in loc.*).

11.19

Deixa-nos... passar pela tua terra. Esse fora o pedido feito por Israel a Seom, rei dos amorreus (ver Núm. 21.21,22; Deu. 2.26-29). O rei de Hesbom era rei dos amorreus por nascimento; mas ele era rei de Hesbom por motivo de conquista. Essas áreas tinham sido alocadas à tribo de Rúben (ver Núm. 32.37). E Hesbom tornou-se um centro importante.

Até ao meu lugar. A conquista da Transjordânia, onde se instalaram as tribos de Rúben e Gade e a meia tribo de Manassés, não fazia parte dos planos originais dos filhos de Israel. Mas, quando Seom e Ogue mostraram-se hostis, provocando o ataque da parte dos israelitas, suas terras foram conquistadas de forma permanente. O capítulo 32 do livro de Números registra aquelas duas tribos e meia pedindo que lhes fosse dada a Transjordânia como possessão. E Moisés havia condicionado a concessão à ajuda dessas tribos na conquista da parte ocidental do país. O capítulo 22 do livro de Josué mostra que aquelas duas e meia tribos cumpriram seu dever e mantiveram a sua promessa, pelo que lhes foi concedida a Transjordânia. Isso posto, o registro histórico mostrava que Israel tomara a terra dos amorreus, e não dos filhos de Amom. Mas como é claro, antes daquilo, os amorreus tinham tomado a região dos filhos de Amom.

Visto que na guerra "poder é direito", aquelas terras tornaram-se possessão de Israel, e não tinham sido tomadas diretamente dos filhos de Amom.

11.20

Porém Seom, não confiando em Israel. Suspeitando de Israel, Seom não deu permissão para Israel passar, pois supunha que um grande exército que atravessasse sua terra acabaria tomando posse dela. Por isso, convocara seu exército, a fim de impedir a passagem de Israel pelo território; esse ato de hospitalidade era a mesma coisa que uma declaração de guerra. E aquela guerra significou que Israel, não tendo planejado conquistar a Transjordânia, acabou por conquistá-la. Nada disso, porém, tivera que ver com os filhos de Amom, que então nem ocupavam o território.

E se acampou em Jaza, e pelejou contra Israel. Ver sobre essa localidade no *Dicionário*. Foi ali que ocorreu a grande batalha. Com freqüência, as guerras antigas se resolviam mediante uma única batalha, enquanto o restante consistia apenas em operação de "limpeza". Ver Núm. 21.33; Isa. 15.4; Jer. 43.3. No entanto, o sítio exato de Jaza ainda não foi determinado.

11.21

O Senhor Deus de Israel. No hebraico, o nome divino é Yahweh-Elohim, ou seja, o Eterno Todo-poderoso. Por Sua própria decisão, Deus tinha outorgado a Transjordânia ao povo de Israel, embora tal pensamento não fizesse parte dos *planos originais de Josué*. A *guerra santa (ver as notas a respeito, em Deu. 7.1-5)* garantiria o desdobramento dos planos de Yahweh, embora os homens apenas aparentemente tivessem tropeçado no plano por meio das vicissitudes da vida. Mas para Deus não há vicissitudes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

O autor do livro de Juízes sempre perscrutou as razões espirituais por trás dos acontecimentos; agora ele nos informa que Yahweh estava por trás da conquista da Transjordânia e, sem dúvida, queria que compreendêssemos que fora Ele que insuflara a hostilidade no coração de Ogue e Seom, para garantir a guerra que conferiu a Israel as terras daqueles dois reis pagãos.

O que havia acontecido quando o Faraó endurecera o coração repetiu-se no caso daqueles outros dois reis gentios. Yahweh despertou a hostilidade no coração deles, para em seguida derrotá-los por meio da guerra. A paz estava totalmente fora de lugar no tocante àquele período da história. A guerra cumpriu a vontade soberana de Yahweh. Foi desse modo que Israel chegou a ocupar e a possuir as terras dos amorreus, os quais, em algum tempo passado, tinham-nas tomado dos filhos de Amom. As nações deixaram-se guiar pelo princípio que diz: "Conquista, e então conserva aquilo pelo que lutaste". As guerras geralmente são lançadas na conta dos poderes divinos, pois os homens sempre vão à guerra como se suas divindades invisíveis os estivessem amparando. E o território disputado fica com o vitorioso, até que aparece outro vitorioso. De acordo com essa mesma regra, os filhos de Amom teriam direito aos territórios; porém, de acordo com a mente dos hebreus, o fato de a conquista efetuada pelos filhos de Amom não ter sido ordenado por Yahweh neutralizava toda a questão.

11.22

Tomou posse de todo o território dos amorreus. O povo de Israel havia conquistado todo o território desde a Arábia Deserta, a oriente, até o rio Jordão, a ocidente, ou seja, todas as terras que antes tinham pertencido ao rei dos amorreus. No entanto, as terras tomadas não incluíam nenhuma porção das terras pertencentes aos moabitas e amonitas, durante aquela época. Isso posto, estritamente falando, Jefté tinha razão, e o rei dos amonitas estava equivocado.

11.23

O Senhor... desapossou os amorreus ante o seu povo. Neste ponto, o autor sagrado volta ao seu argumento teológico. Além de os israelitas terem o direito de conservar para si o território, de acordo com "o costume das nações", também a tinham possuído originalmente em função da vontade de Yahweh, o único Deus verdadeiro e vivo. Ver os comentários sobre o versículo 21 deste capítulo, quanto ao âmago do argumento. O rei dos filhos de Amom, porém, não respeitava nem o costume das nações nem a vontade soberana de Yahweh.

11.24

Aquilo que Camos, teu deus, te dá, consideras como tua possessão? O autor sagrado prossegue explicando o argumento teológico. Naquele tempo, os amonitas possuíam seu território e tinham dado a seu deus, Camos, o crédito por havê-los ajudado a conquistá-lo e retê-lo. Sendo esse o caso, eles desistiriam de seu território, que lhes fora dado divinamente? Obviamente que não. A mesma coisa acontecia agora a Israel e suas terras divinamente dadas, que o rei dos amonitas estava procurando tomar para si. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Camos*, onde apresentei detalhes sobre tal divindade. Camos era a divindade nacional dos moabitas (ver I Reis 11.7; II Reis 23.13; Jer. 48.7). Mas outros povos daquela região também adotavam aquela divindade. Estritamente falando, Camos era o deus de Moabe, e Moloque era o deus de Amom; porém as religiões sincretistas misturavam os deuses em seus panteões locais. As duas nações pertenciam a um mesmo tronco étnico e contavam com instituições aliadas (ver Juí. 3.12,13). Ver Núm. 21.28,29 e cf. Jer. 48.7. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Deuses Falsos*.

Jefté argumentou de uma maneira lógica, partindo do menor para o maior. Se o menor era verdadeiro, então o maior também o era. Mas o rei dos amonitas era um homem de guerra, e nada conhecia da lógica.

Essência dos Argumentos de Jefté:

1. Os filhos de Amom tinham perdido suas terras para os amorreus, e não para Israel.
2. O princípio do direito do conquistador significava que os amorreus, na verdade, eram os novos proprietários daquelas terras.
3. De acordo com o princípio do vitorioso, aquelas terras tinham passado dos amorreus para os israelitas.
4. A transferência de terra fora ordenada por Deus. Israel já vinha ocupando aquelas terras por cerca de trezentos anos. Na história antiga, nunca se vira um povo, após ter conquistado um território, devolvê-lo a seus proprietários anteriores (no caso, os filhos de Amom).
5. Visto que aquelas terras tinham sido transferidas para Israel por decreto divino, os filhos de Amom não tinham direito algum de tornar-se novos proprietários, de acordo com a lei do vitorioso.

11.25

És tu melhor do que o filho de Zipor, Balaque...? Neste ponto, Jefté argumentou com base no costume das nações. Mesmo aquele rei de tempos antigos, Balaque, não se aventurara a desafiar os costumes sobre o vitorioso. Balaque, a quem parte das terras em questão tinha antes pertencido, havia consentido que Israel tinha direito àquela área. Alguns estudiosos supõem que o rei dos amonitas, na ocasião, também era o rei dos moabitas. Isso faria de Balaque o seu antecessor. O atual rei era mais sábio, ou teria mais direitos do que o seu antecessor? Balaque não tentara receber de volta as terras tomadas por Israel. Ele tão-somente tinha tentado amaldiçoar a Israel, mediante o emprego do profeta falso, Balaão. Por meio de tal maldição, ele esperava garantir as suas próprias fronteiras, e não receber de volta o território que havia sido tomado por Israel. Balaque, apesar de toda a raiva contra Israel, não apelou para a reconquista do território perdido.

11.26

Enquanto Israel habitou trezentos anos. Israel havia habitado nos territórios "disputados" durante trezentos anos, e, em ocasião alguma, durante todo aqueles três séculos, nenhum dos reis de Amom tentara desalojá-los dali. Por que, pois, o atual rei dos amonitas pensava que tinha tal direito? Ver no *Dicionário* sobre todos os nomes próprios deste versículo. "Hesbom (cf. Núm. 21.25) ficava cerca de vinte e quatro quilômetros a leste da boca do rio Jordão. Aroer ficava cerca de dezenove quilômetros mais acima do ribeiro do Arnom, no caminho do rei" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Argumento Baseado na Passagem do Tempo. Possessão por muito tempo significa possessão permanente. É conforme alguém já disse: "A possessão representa nove décimas partes da lei". O número dado, trezentos anos, é arredondado, mesmo porque o autor sagrado não visava dar uma cifra precisa. Os intérpretes têm gasto seu tempo inutilmente, disputando esse número e mostrando cálculos meticulosos de que já se tinha passado mais tempo do que isso. Mas esse número não é exato, e somente os críticos e os harmonizadores a qualquer custo preocupam-se com isso. As cronologias e genealogias dos judeus sempre foram frouxas e imprecisas, desde o princípio. Portanto, é inútil disputar coisas relacionadas à passagem do tempo. Um "filho", por exemplo, podia ser um neto ou descendente; e nenhum hebreu acharia isso estranho.

Eliicott (*in loc.*) fornece cálculos que mostram que esse período poderia ser muito mais breve do que trezentos anos. John Gill (*in loc.*), por igual modo, relatou que se teriam passado somente duzentos e noventa e quatro anos. John Gill refere-se às atividades de Seder Olam Babba (cap. 12), que se deu ao trabalho de confirmar esse número. É conforme diz certo hino: "Que tremendo desperdício de tempo!". Uma de minhas fontes informativas fala em trezentos e dezenove anos quanto ao período dos juízes até os dias de Jefté. Se subtrairmos os dezoito anos da opressão dos amonitas, chegaríamos a trezentos e um anos.

11.27

Não sou eu, portanto, quem pecou contra ti! Israel é que tinha sido injustiçado, e não quem fizera a injustiça; e, uma vez mais, Yahweh foi convocado como testemunha. E agora Jefté convocava a Yahweh como juiz, que consideraria as evidências e decidiria. Além disso, na qualidade Daquele que dá retribuição, Ele haveria de castigar quem merecesse tal tratamento. Cf. este versículo com Gên. 16.5; 18.25; 31.53 e I Sam. 24.15. Jefté manteve que os direitos do vitorioso pertenciam a Israel, embora limitando o legítimo vitorioso àquele que tinha sido orientado por Yahweh. Como é óbvio, o rei dos filhos de Amom não haveria de aceitar esse tipo de argumento. Ele tinha seus próprios argumentos egocêntricos, que entravam em conflito com os argumentos de Jefté.

11.28

O rei dos filhos de Amom não deu ouvidos. Ele não considerava Yahweh como Juiz supremo, e nem O temia como o Vingador. Ele tinha sua própria fé religiosa e suas próprias divindades, que pensava estarem ao seu lado guiando-o. Historicamente falando (mesmo que Jefté tivesse retrocedido por mais de trezentos anos), aquelas terras lhe pertenciam. Os israelitas eram invasores, e não os ocupantes originais do território. Nesse caso, era legítimo que os amonitas invadissem as terras e dali expulsassem os intrusos. Escudados em tal raciocínio, os amonitas iam tomando sistematicamente as terras, vexando os filhos de Israel naquela região.

O deus da espada continuava sendo o deus supremo, naqueles dias antigos.

> *A boa e antiga regra,*
> *Que o contentava. Seu plano era simples:*
> *Devem entender que ele tinha poder de conquistar.*
> *Devem ter em mente que ele tinha poder de manter sua conquista.*

Derrota dos Filhos de Amom (11.29-33)

11.29

O Espírito do Senhor veio sobre Jefté. Era desse poder que ele carecia. Jefté tinha excelentes argumentos a apresentar, porém seria necessário muito mais para derrotar os filhos de Amom. Foi por isso que o Espírito de Yahweh desceu sobre ele, conferindo-lhe o poder e a sabedoria de que ele precisava. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Jefté atirou-se diretamente à tarefa que lhe competia cumprir, seguindo a rota que este versículo nos indica, e terminou confrontando-se com os filhos de Amom.

O Espírito de Deus. Ver o artigo detalhado sobre esse assunto, no *Dicionário*. No Antigo Testamento, o Espírito Santo é retratado como Deus que vinha, ocasionalmente, sobre as pessoas, com algum propósito específico, ao passo que, no Novo Testamento, Ele veio a fim de habitar no espírito humano, na qualidade de Alterego de Cristo, enviado para cumprir todos os detalhes de Sua missão, depois que Jesus subiu ao céu.

Ao longo do caminho, quando se dirigia para confrontar o rei dos filhos de Amom, Jefté foi reunindo suas tropas dentre a Transjordânia, Gileade, a tribo de Gade e a meia tribo de Manassés. Sem dúvida alguma, Rúben também contribuiu para engrossar o exército de Israel.

O propósito do Espírito do Senhor, ao vir sobre Jefté, foi capacitá-lo para a sua liderança militar contra os opressores pagãos de Israel, a quem o Senhor tinha usado para castigar Seu povo (cf. Juí. 3.10; 6.34; 13.25 e 15.14). Visto que, nas páginas do Antigo Testamento, o Espírito de Deus geralmente sobrevinha para capacitar os líderes a cumprir tarefas específicas, não devemos esperar que disso resultasse uma vida santa. Ademais, a presença do Espírito de Deus não inspirou Jefté a fazer seu voto precipitado e então sacrificar sua própria filha, ações mediante as quais ele tentou "comprar" o favor divino. Esses pensamentos foram sugeridos por F. Duane Lindsey (*in loc.*).

11.30,31

Fez Jefté um voto ao Senhor. Jefté, ainda não contente com o poder que tinha recebido do Espírito, fez um voto precipitado, que nada teve que ver com a orientação dada pelo Espirito de Deus. Ele resolveu oferecer um sacrifício humano que — embora fosse prática rara em Israel, uma imitação a ritos de seus vizinhos pagãos — era algo absolutamente proibido pela legislação mosaica, desde vários séculos atrás. O fato de que ele fez tal voto mostra-nos a que nível Israel se tinha desintegrado, quanto aos valores morais e espirituais. Ver o detalhado artigo chamado *Sacrifício Humano*, no *Dicionário*. Passagens bíblicas como Levítico 18.21 e Deuteronômio 12.31 proíbem expressamente o sacrifício de seres humanos, e os Targuns e a tradição geral dos hebreus entendem que a experiência de Abraão (que quase sacrificou o seu filho, Isaque) aboliu para sempre qualquer tentativa de sacrifício humano.

Apologia do Ato de Jefté. Vários mecanismos têm sido utilizados pelos intérpretes para desculpar a Jefté pelo voto que tomou e pelo que acabou fazendo acerca de sua filha, ou para negar que ele, realmente, tenha concretizado tal ato. Porém, a simples leitura do texto mostra-nos a verdade do incidente. E a verdade é que Jefté era um meio-pagão, meio-israelita, e pode ter sido influenciado por sua parentela ou por seus amigos cananeus. Sem dúvida, no seu tempo, entre os povos que viviam em redor de Israel os sacrifícios humanos continuavam sendo postos em prática. Não obstante, é impossível que ele ignorasse a proibição terminante da lei de Moisés quanto a tais atos. Em meio a toda aquela matança, porém, realizada em nome de Yahweh ou dos deuses pagãos, que diferença faria uma vítima a mais ou a menos?

No artigo do *Dicionário* sobre *Jefté*, são apresentados todos os mecanismos e argumentos acerca dessa questão. Ver especialmente o quinto ponto, intitulado *O Problema do Voto*, que inclui os argumentos que afirmam que a filha de Jefté foi sacrificada, em contraposição aos que negam esse sacrifício. Ver o ponto 5.c quanto a meu próprio comentário sobre aquele voto. As pessoas acusam Deus de toda espécie de coisas ridículas, e até mesmo injuriosas e prejudiciais, e criam invenções estúpidas em sua mente. O trecho de Juízes 11.29 mostra-nos que Deus usa as pessoas até mesmo quando elas pensam e agem de forma estúpida.

"O ponto mais cêntrico da história de Jefté não é tanto a sua vitória sobre os amonitas, mas a sua tragédia pessoal, que lhe sobreveio mediante as próprias qualidades de devoção e coragem que o fizeram tornar-se uma grande figura. Ansioso pela vitória, ao pôr-se em marcha contra os filhos de Amom, ele temeu que talvez Deus não estivesse completamente com ele. Por isso, tomou um voto solene e trágico... O fato de que a sua filha foi que lhe saiu ao encontro desfechou contra ele um golpe mais decisivo do que tudo quanto ele tinha recebido durante a batalha" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

A base do voto foi boa, mas o voto propriamente dito foi supremamente mau. O pressuposto básico é, que visto que Yahweh fez tão grandes coisas em nosso favor, por Sua vez, Ele requer de nossa parte o máximo que há em nós. Mas Jefté estava totalmente equivocado quanto a como pagar a Yahweh pela ajuda prestada.

Dá o melhor ao Senhor,
Dá a força de tua juventude...
Dá-lhe tua leal devoção.
Dá-lhe toda a tua virtude.

(H.B.G)

11.32

E o Senhor os entregou nas mãos de Jefté. A vitória foi obtida com relativa facilidade; e Jefté teve o cuidado de atribuí-la a Yahweh. Isso armou o palco para a tragédia com que Jefté tão insensatamente permitiu que terminasse a história de sua vida. As vitórias deveriam terminar em meio ao júbilo e à celebração. Mas aquela vitória acabou na mais profunda tristeza e comoção. A derrota dos filhos de Amom, diante de Jefté, fora decisiva; mas a derrota que ele infligiu contra si mesmo foi igualmente decisiva. É ridícula a idéia de que Deus tem o Seu preço, e que Ele pode ser persuadido a cumprir a nossa vontade, por Lhe oferecermos alguma coisa. Deus sempre dará Seu apoio ao que é certo, e sempre se mostrará contrário ao que é errado. Não existe estratagema capaz de fazer o sol nascer no horizonte ocidental e pôr-se no horizonte oriental. É sempre o contrário. Por semelhante modo, não podemos persuadir Deus a cooperar com os nossos planos insensatos. Jefté obteve a vitória sobre os amonitas através da vontade de Yahweh, e não por causa de suas tolas manipulações. Com freqüência, os homens têm dificuldades para distinguir entre a santa vontade de Deus e suas perversas manipulações. Em algum lugar, há sempre alguém disposto a despedaçar e a queimar o nome de Deus.

11.33

Este os derrotou desde... até. Este versículo mostra quão extensa e decisiva foi a vitória. Os amonitas foram derrotados desde a cidade de Aroer, no lado norte do ribeiro do Amom (fronteira sul do território designado às tribos de Rúben e Gade; ver Deu. 2.36 e Jos. 12.2) até perto de Minite, a qual, de acordo com Eusébio (*Onamas.* 140), ficava a quatro milhas romanas de Hesbom. Havia vinte cidades ao todo, naquela área, e elas foram libertadas da influência pagã. O campo das ações militares estendeu-se até Abel-Queramim, talvez a dez quilômetros de Filadélfia ou Rabvate Amom, embora a localização exata dessa cidade seja desconhecida atualmente.

Ver sobre todos os nomes próprios no *Dicionário*, onde apresento tudo quanto se sabe ou se conjectura a respeito deles.

Seja como for, a extensão da linha de batalha foi grande, e a vitória conseguida foi decisiva. Todas as vinte cidades existentes naquela área foram libertadas do poder e da influência dos filhos de Amom.

Localizações. Aroer (modernamente Khirbet Arair) ficava quase vinte e três quilômetros a leste do mar Morto, perto do lugar onde a estrada real fazia intersecção com o ribeiro do Arnom. Abel-Queramim talvez seja a moderna Naur, cerca de treze quilômetros a sudoeste de Rabate-Amom (moderna Amã). Todavia, a localização de Minite é desconhecida, posto que, provavelmente, ficava perto de Abel-Queramim.

Cumprimento do Voto Precipitado de Jefté (11.34-40)

11.34

Vindo, pois, Jefté... saiu-lhe a filha ao seu encontro. Jefté voltou para casa regozijando-se, somente para defrontar-se com a tragédia de ter de sacrificar sua filha, sua única filha. Sua mente supersticiosa não lhe permitiu descobrir como escapar de seu voto, o que era perfeitamente possível, de acordo com a lei dos hebreus. Equivocadamente, ele supôs que fosse Yahweh, e não sua própria mente perversa, que requerera dele tal sacrifício. Os homens têm o mau hábito de lançar sobre Deus a culpa de suas perversidades, e chegam ao extremo de transformar essas perversidades em virtudes. Dessa forma, a virtude pervertida de Jefté fez dele um tolo, naquele momento. Sempre achamos que conhecemos Deus mais do que realmente O conhecemos. Estamos sempre lançando sobre Deus a culpa pelas coisas frívolas que pensamos e fazemos. Trata-se de um *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) exagerado e equivocado.

Para exemplificar, achamos engraçado e mesmo um desgosto quando certos crentes pentecostais dizem "Amém!" para tudo e para qualquer coisa. Mas muitos crentes evangélicos têm o hábito tolo de pensar que Deus é um companheiro constante que lhes sopra aos ouvidos todo pensamento frívolo que lhes passa pela cabeça! Quantas crianças têm sido sacrificadas física e literalmente, tendo sua vida abreviada por pais que não permitem a transfusão de sangue! Essa é uma estupidez atribuída erroneamente à vontade de "Jeová".

Voltando ao relato bíblico, o drama da história é intensificado pelo fato de que a própria jovem veio encontrar-se com seu pai, dançando em meio à música e ao regozijo geral. Ela fez questão de mostrar que encabeçava o grupo de boas-vindas, porque queria que seu pai soubesse quão alegre ela estava por ele estar voltando vitorioso da guerra. Ela não sabia que seu ato de alegria e solidariedade seria o próprio ato que levaria seu pai a mandar executá-la. Portanto, encontramos aqui aqueles típicos elementos das tragédias gregas, de acordo com as quais o herói ou a heroína é esmagado não somente por uma vez, mas por diversas vezes. Podemos confrontar o caso de Jefté e sua filha com o retorno de Saul (ver I Sam. 18.6) e com os cânticos e danças de Miriã após a destruição do exército de Faraó (ver Êxo. 15.20).

11.35

Tu me prostras por completo. Jefté, em sua reação muito humana, culpou a filha por aquilo que ele mesmo fizera, em um momento impensado. Ele continuou lançando sobre Yahweh a culpa de toda a questão. É como se ele continuasse exclamando: "Não sei por que o Senhor fez isso comigo!".

O Voto Poderia Ter Sido Anulado. E isso por dois fortes motivos: 1. Em primeiro lugar, o voto contradizia a lei de Yahweh (ver Lev. 18.21 e Deu. 12.31). Logo, não somente tal voto podia ser revertido, mas também tinha, forçosamente, de ser anulado. 2. Em segundo lugar, qualquer voto, feito em Israel, podia ser redimido com alguma outra coisa que o substituísse. Ver Lev. 27.2-4. Jefté poderia ter apresentado outra coisa em lugar do voto precipitado. Porém, naquele momento sua mente estava qual um redemoinho, e ele não se importou em aplicar as provisões humanitárias da lei. Os votos, uma vez feitos, eram obrigatórios, mas podiam ser redimidos e cumpridos de alguma outra maneira.

Alguns intérpretes argumentam que o voto de Jefté pertencia àquela modalidade que não podia ser redimida (ver Lev. 27.28,29). É verdade que havia dois tipos de votos: o simples (no hebraico, *neder*, Lev. 27.2-27), que podia ser redimido (não executado, pois podia ser substituído por outra coisa ou ser pago mediante uma multa em dinheiro); e a coisa devotada (no hebraico, *cherem*). Estes últimos tornavam-se coisas santíssimas e tinham de ir para o sistema sacrificial do tabernáculo.

Todavia, cumpre-nos relembrar que esses sacrifícios não podiam ser humanos, sob pena de entrar em grave contradição com o sistema mosaico. Portanto, nenhum sacrifício humano podia ser legitimamente consagrado ou santíssimo. Alguns estudiosos, sem embargo, pensam que o trecho de Levítico 27.28,29 reflete um tempo em que eram aceitos e efetuados sacrifícios humanos em Israel, como parte do culto a Yahweh. Quanto a completas explicações a esse respeito, ver a exposição dos versículos mencionados, que expõem as várias interpretações envolvidas.

Mesmo que o trecho de Levítico 27.28,29 reflita uma época primitiva, quando sacrifícios humanos faziam parte do culto a Yahweh, dificilmente isso poderia aplicar-se aos dias de Jefté. Isso posto, de qualquer modo, ele estava equivocado quanto à questão inteira, tendo praticado um mal em Israel, ao insistir em cumprir seu voto. Mas também há intérpretes que pensam que, embora tenha sido um erro, em face de leis mosaicas aprimoradas, esse sacrifício acabou acontecendo, e deve ser considerado correto.

11.36

Faze, pois, de mim, segundo o teu voto. A filha de Jefté não disputou com seu pai se o voto dele era correto ou errado. Desde o começo, aceitou-o como correto, dispondo-se a servir de sacrifício. Alguns eruditos pensam que tudo isso indica as condições extremamente primitivas da adoração cultista em Israel, em imitação às práticas dos pagãos que vivam perto de Israel e exerciam influência sobre os hebreus. Somos alertados para o fato de que o culto de Israel tinha entrado em um período de grave degradação, ao mesmo tempo que os aspectos mais nobres da legislação mosaica eram ignorados ou mesmo desconhecidos.

Uma fé sincretista havia substituído o código mosaico, muito mais avançado. Por meio dessa mistura de credos e práticas, o que Jefté fez parecia "certo", e assim nem foi questionado por sua filha. Em outras palavras, os padrões da fé primitiva de Jefté (que ignorava ou esquecia os melhores aspectos da lei de Moisés) indicavam que aquela prática era correta. Casos similares talvez até tivessem acontecido, com certa freqüência. Jefté lamentou somente que sua própria filha única é que tivesse sido vitimada por sua loucura sincretista.

11.37

Concede-me isto. A heroína hebréia não tentou escapar ao terror envolvido no voto de seu pai, mas pediu apenas dois meses de prazo para chorar e lamentar por sua virgindade. O que está envolvido nisso é que, como virgem, ela nunca teria filhos; e essa era a tragédia suprema para as mulheres, nos dias antigos. Ela levaria consigo suas amigas, que lamentariam juntamente, de uma maneira amarga e vociferа, podemos estar certos. Não somente ela seria executada, mas também desceria à sepultura sem filhos. Em Israel, nenhuma tragédia maior do que essa poderia sobrevir a uma jovem. E ninguém se ergueu para protestar: "Pare com todo esse desvario". Nenhum carneiro ficou preso pelos chifres a algum arbusto para tornar-se substituto da jovem. Jefté parecia não dispor de uma cópia da história de Abraão e Isaque, pois conhecê-la dar-lhe-ia uma instrução vital sobre o que fazer com a filha. Ele continuou em seu equívoco até o fim, para sua vergonha eterna.

11.38

Consentiu ele: Vai. O herói da história, Jefté, mostrou-se "liberal e bondoso" e concordou com o pedido da filha. Foram-lhe concedidos os dois meses de lamentação que ela havia solicitado. E assim ficaram pelos montes, ela e suas companheiras, a lamentar-se e uivar. Dessarte, aquela insensatez, considerada profunda espiritualidade, pôde reclamar a sua vítima. Qual será a porcentagem de fé religiosa, de todos os indivíduos e de todas as denominações evangélicas, que não passa de tolice? Felizmente, conforme nosso conhecimento vai aumentando, obtemos uma perspectiva mais acurada das coisas.

11.39

Ao fim dos dois meses, tornou ela para seu pai. O autor sagrado poupou-nos da agonia da descrição do sacrifício. É insensato e contrário às declarações do texto e das tradições dos hebreus afirmar que, afinal, Jefté não pode ter sacrificado a sua filha, por causa de a legislação mosaica proibir sacrifícios humanos, e que a lamentação foi pela perpétua virgindade da filha de Jefté, o que acabou sendo o sacrifício oferecido. Essa tentativa de explicação alicerça-se somente sobre o fato de que havia uma flagrante proibição contra os sacrifícios humanos dentro do código mosaico. Contudo, no estado de degradação moral e social em que se achava Israel, nos dias dos juízes, tal tragédia acabou acontecendo. Os Targuns, de modo geral, afirmam o real sacrifício da filha de Jefté.

Ellicott (*in loc.*) certamente estava certo quando comentou: "Mediante o uso desse significativo eufemismo, o narrador deixou cair o véu — estremecendo-lhe o corpo inteiro — acerca do terrível sacrifício. Naturalmente, as palavras 'o qual lhe fez segundo o voto por ele proferido' só podem significar que ele a ofereceu 'em holocausto' (vs. 31)". Josefo, grande historiador e general judeu que viveu na época dos apóstolos de Jesus, observou que aquilo que Jefté tinha feito "não era nem legítimo nem aceitável diante de Deus".

O Targum de Jonathan mostra-se importante como indicação de qual era o pensamento dos hebreus acerca de todo esse incidente: "Um homem não podia oferecer seu filho ou sua filha como holocausto, conforme Jefté fez, o qual não consultou Finéias, o sacerdote; pois, se tivesse consultado a Finéias, ele poderia tê-la redimido por um certo preço" (John Gill, *in loc.*).

Fica claro, portanto, que Jefté acabou realizando o sacrifício de sua própria filha, cumprindo o seu voto precipitado. Todavia, não fez isso no tabernáculo e, sim, em algum lugar privado. E basta isso para que seu ato fosse considerado contrário às intenções da lei mosaica.

Não existe nenhum incidente ou precedente histórico em favor do celibato forçado em Israel. Isso jamais teria sido aceito como cumprimento legítimo de qualquer voto que alguém tivesse feito. Ver tal precedente no texto que ora comentamos é forçar, nos dias de Jefté, aquilo que só houvera tempos antes, ou então tempos depois da era apostólica do cristianismo. E mesmo dentro do cristianismo antigo (pós-apostólico), as "freiras" e os "padres" jamais foram forçados a fazer votos de castidade perpétua, tomando-os por vontade própria, na crença de estar seguindo uma vida cristã mais aprimorada, por acreditarem que o casamento representa uma vida cristã secundária (ver I Tim. 4.1-3).

11.40

Cantar em memória da filha de Jefté. Firmou-se o costume (referido no fim do versículo anterior) de lamentar anualmente pela filha de Jefté. Mas esse costume nada tinha que ver com as "virgens vestais" que se dedicavam a um celibato comunal. Antes, havia um período de quatro anos de lamentações memoriais. O costume, sem dúvida, era local, confinado à área de Jefté, na Transjordânia, pois não encontramos vestígio disso em nenhum outro ponto de Israel.

Tipologia. O supremo sacrifício da filha de Jefté, acompanhado por sua total aceitação mental, faz-nos lembrar do trecho de Romanos 12.1,2, o sacrifício vivo dos crentes, apesar de que as duas coisas não são uma mesma coisa, do ponto de vista espiritual.

Algumas lendas judaicas, pertinentes a uma época posterior, falam na filha de Jefté ainda viva, ainda virgem, recebendo suas amigas em suas visitas anuais. (Assim disseram Kimchi e Ben Melech.) Mas essas lendas são absurdas, uma interpretação ad hoc do texto, onde o hoc é a vã suposição de que Jefté não poderia ter realizado um sacrifício humano, e, por isso mesmo, deve estar em pauta a virgindade perpétua de sua filha. Epifânio diz-nos que em Sebaste, antes chamada Samaria, essa jovem acabou sendo deificada, e uma festividade anual era levada a efeito em sua honra (*Contra Haeres.* 1.2, 55).

Capítulo Doze

Continua aqui a história de Jefté, até o sétimo versículo deste capítulo doze. Ver as notas introdutórias a respeito dele, na introdução. E quanto ao período de seu juizado, ver Juízes 10.6, onde a presente seção do livro começa. Há comentários adicionais no início do capítulo 10.

Ciúmes dos Efraimitas (12.1-7)

Ver a história parecida em Juízes 8.1-3. Os homens da tribo de Efraim, conservando seu anterior descontentamento, pensaram que Jefté os tivesse negligenciado, deixando de convidá-los para participar de sua vitória sobre os filhos de Amom (capítulo anterior). Embora isso não tenha sido declarado, provavelmente a razão dos ciúmes é que os efraimitas eram uma ameaça à autoridade de Jefté. Eles eram os líderes (ou, pelo menos, reivindicavam liderança sobre as tribos da Transjordânia: as tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés).

Jefté já tivera dificuldades suficientes com os filhos de Amom. Ele não precisava agora de uma forte facção contrária dentro de seu próprio campo. Isso posto, esperaria que os efraimitas se mantivessem fora de seu trajeto.

A razão declarada para terem sido deixados de lado, na luta contra os amonitas, é que Jefté os tinha chamado, mas eles não haviam atendido à convocação. Não há registro histórico sobre essa convocação; mas podemos presumir que ele disse a verdade. Talvez tenha sido feita a convocação, mas não de maneira clara e urgente; e assim, os efraimitas não se fizeram presentes, o que, sem dúvida, agradou a Jefté.

12.1

Então foram convocados os homens de Efraim. Isso representou uma ameaça. Os efraimitas, em sua arrogância, não temeram o vitorioso Jefté e marcharam com seu próprio exército, como que para um ajuste de contas. Os efraimitas haviam sido atacados pelos filhos de Amom (ver Juí. 10.9), mas parece que conseguiram oferecer resistência. Talvez ansiassem por vingar-se do assédio que haviam sofrido, e talvez também estivessem à cata de despojos e de poder.

Passaram para Zafom. Algumas traduções e versões dizem aqui "passaram para o norte". Outros eruditos dão a esse nome o sentido de "oculta". Na Septuaginta aparecem as formas gregas transliteradas Saphán e Saphón. Zafom era uma cidade que ficava a leste do rio Jordão, no território da tribo de Gade (ver Jos. 13.27).

Alguns estudiosos pensam que essa cidade também figura em Números 32.35, onde nossa versão portuguesa diz "Atrote-Sofã", mas há versões que separam "Atrote" de "Sofã". Zafom também aparece nos registros históricos egípcios da XIX dinastia, sob a forma de dapuna, e também em uma das cartas de Tell el-Amarna. Alguns estudiosos conjecturam que o nome Zafom talvez indique que houve tempo em que ali havia um santuário dedicado a *Baal-Zefom* (ver no *Dicionário*). No entanto, visto que Baal-Zefom parece significar "senhor de Tifão", outros eruditos não percebem nenhuma conexão possível entre Zafom e Baal-Zefom.

Várias identificações têm sido propostas como localizações modernas, tais Tell es Sa'idiyeh ou Tell el Quos, este último no lado norte do wadi Rajeb. Ambos os locais dominam a vista do vale do rio Jordão, e ambos ficam a certa distância dos vaus do Jordão. Ver Juízes 12.5.

O fato que nos interessa, neste ponto, é que os efraimitas saíram ao encontro de Jefté e suas forças, mas acabaram derrotados (ver os vss. 4-6 deste capítulo).

12.2

E Jefté lhes disse. Jefté não deixou sem resposta a tola sugestão feita pelos efraimitas. Essa resposta deixou entendido que ele tinha necessitado da ajuda deles, mas, provavelmente, não quisera tal ajuda, pois a batalha contra os filhos de Amom era urgente. Ademais, ele os tinha convidado. Não há registro escrito desse convite, mas podemos supor que ele tenha sido feito. Também é possível que o convite não fora claro nem insistente, e que Jefté acabou deixando os efraimitas em paz, por não querer a sua ajuda, como é dito anteriormente. Ver as notas de introdução a este capítulo, quanto a outros raciocínios.

Por igual modo, aqueles efraimitas podem ter pensado que o intuito de Jefté fora perverso, e assim saíram a fim de queimá-lo vivo e consumir a fogo tudo quanto ele possuía. A horrenda ameaça feita por eles estava em harmonia com a violência desenfreada da época, da qual toda aquela gente participou abundantemente. Cf. Juí. 14.15; 15.6 e 20.48.

Jefté deu a entender que eles haviam ignorado a convocação, em lugar de admitir que não os havia convocado. E eles só demonstraram interesse depois que a batalha tinha sido ganha. Podemos comparar a total falta de tato de Jefté com o aprimorado tato demonstrado por Gideão, sob circunstâncias similares (ver Juí. 8.1-3).

12.3

Vendo eu que não me livráveis, arrisquei a minha vida. Ainda que tivesse ficado desesperado, e embora houvesse convidado gentilmente os efraimitas, para que o ajudassem, Jefté não recebeu nenhuma assistência, tendo sido forçado a sair à guerra desfalcado dos reforços que deveriam ter sido enviados pela tribo de Efraim. Yahweh é que tinha dado a Jefté a vitória, visto que ele saíra à testa de uma força armada relativamente fraca.

A resposta de Jefté foi, substancialmente: "Tive de arriscar a vida e depender de Deus, visto que não pude depender de vós. Ganhei a guerra devido à ajuda divina. Não tenho motivos para ser-vos agradecido". Dessa maneira, com uma total falta de tato, ele disse aos efraimitas o que eles precisavam ouvir.

Jefté já havia tentado a diplomacia no caso do rei dos filhos de Amom, mas a tática havia falhado. Estava cansado de tentar agradar homens hostis e nada razoáveis.

12.4

Fugitivos sois de Efraim, vós gileaditas. Os efraimitas tinham insultado os gileaditas, ao chamá-los de meros fugitivos e parasitas, que viviam entre Efraim e Manassés. E isso só serviu para despertar a indignação dos gileaditas. Todavia, alguns estudiosos pensam que os gileaditas é que insultaram os efraimitas, aos quais tinham posto em fuga, passando a considerá-los homens "fugitivos", que sabiam jactar-se mas não demonstravam seu valor em campo de batalha. Na verdade, essas palavras são um tanto obscuras no original hebraico; e vários manuscritos da Septuaginta simplesmente as deixam de lado. O que fica claro é que os gileaditas obtiveram uma vitória esmagadora sobre os efraimitas, tendo perseguido e matado aos que tentaram escapar, sem nenhuma compaixão.

"Foi uma briga em família, pelo que foi mais amarga ainda. Com freqüência, os parentes de uma pessoa falecida, tendo-se recusado a mostrar pelo morto qualquer interesse ou atenção durante seus longos anos de enfermidade, aparecem na ocasião em que as propriedades vão ser divididas, reclamando sua parte na herança" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

12.5

Os gileaditas tomaram os vaus do Jordão. Conforme dizemos em nossa moderna maneira de falar, eles "cortaram" a fuga dos efraimitas. O rio Jordão não podia ser atravessado, indiferentemente, em qualquer lugar. Assim, se os vaus fossem tomados, os fugitivos seriam alcançados pelos seus perseguidores. Mas os fugitivos tentariam iludir os perseguidores, atravessando o rio sem serem notados. Não podiam, contudo, ser distinguidos por sua aparência, embora pudessem ser distinguidos por seu sotaque; e foi exatamente o que aconteceu nesse caso. Cf. este versículo com os trechos de Juízes 3.28 e 7.24.

12.6

Chibolete... Sibolete. A palavra hebraica *chibolete* significa "grão de cereal". Essa palavra, pois, foi usada pelos gileaditas como teste de pronúncia, a fim de detectar quem era de Efraim e quem não era. Enquanto um homem mais do norte ou mais do sul não poderia ser distinguido mediante a aparência pessoal, poderia sê-lo através de seu sotaque. Os efraimitas não conseguiam pronunciar direito o som "x" (*chibolete*), que soava como um fonema sibilante (*sibolete*), sendo assim facilmente detectados. E aqueles assim apanhados eram executados sem tardança.

O vocábulo "chibolete" modernamente passou a indicar alguma espécie de "senha", como de uma seita religiosa, ou algum credo religioso particular, que alguém precisa advogar para ser aceito em grupos exclusivistas. Também pode indicar a marca distintiva de um grupo qualquer. Esse termo é sempre usado em sentido pejorativo, porquanto dá a entender alguma marca distintiva usada em arrogância, que tenta impedir outros de entrar no seu círculo restrito. Mas lembremos que, sempre que houver círculos fechados, também haverá mentes fechadas e preconceituosas. O chibolete é aquilo que fecha as mentes e os círculos sociais, tornando os homens arrogantes.

Os chiboletes sempre apresentam uma capa de "indignação e fúria, mas sem nenhum sentido verdadeiro" (Shakespeare). Algumas dessas senhas são usadas como modos de perseguição e ódio. Muitas mortes têm sido provocadas por causa delas.

> *Oh, Deus, que carne e sangue fossem tão baratos,*
> *Que os homens odiassem e matassem,*
> *Que os homens silvassem e cortassem a outros,*
> *Com línguas de vileza... por causa de... "teologia".*
>
> (Russell Champlin)

A morte de nada menos de quarenta e dois mil efraimitas pôs fim à guerra civil, conferindo a Jefté paz e descanso em seus dias, os quais, evidentemente não foram muitos.

12.7

Julgou a Israel seis anos; e morreu. Jefté, embora presumivelmente um homem relativamente jovem, só conservou a sua posição de juiz, na Transjordânia (Israel), pelo espaço de seis anos. Morreu jovem e foi sepultado em uma cidade cujo nome não é fornecido. Alguns intérpretes supõem que um juízo divino cortou-lhe a vida, por causa do ultraje cometido contra a própria filha, devido ao voto precipitado que tomara.

É possível que ele tenha sido sepultado em Mispa, sua cidade natal. Josefo, porém, informa-nos que ele foi sepultado em Sebee, uma cidade de Gileade (ver *Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 13), mas não sabemos baseado em qual autoridade ele assim disse.

Ibsã (12.8-10)

Jefté foi o meteoro dos juízes. Ele chegou inesperadamente, floresceu como uma grande fogueira, mas logo desapareceu. Seguiram-no três juízes de menor importância, Ibsã, Elom e Abdom, os quais, juntos, governaram em suas respectivas províncias por um total de somente vinte e cinco anos. Esses três juízes relativamente desconhecidos só se distinguiram pelo grande número de filhos, o que, provavelmente, aponta para casamentos polígamos ostensivos, tão populares naqueles tempos entre os que obtinham notoriedade. Quanto maior o número de mulheres, melhor; quanto maior o número de filhos, melhor. Isso conferia posição social aos abastados, porquanto somente eles conseguiam manter famílias tão numerosas.

Tudo quanto sabemos a respeito de *Ibsã* (ver sobre ele no *Dicionário*) fica subentendido nos versículos sobre os quais estamos comentando.

12.8

Ibsã de Belém. Poderíamos pensar na Belém da Judéia ou na Belém de Zebulom (ver Jos. 19.10,15), razão pela qual até mesmo o local preciso de seu juizado é difícil de determinar. A Belém da tribo de Zebulom ficava na extremidade sudeste de *Zebulom*, cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Megido. Ver no *Dicionário* quanto a essas duas cidades que tinham o nome de Belém. Ibsã, de acordo com Josefo, pertencia à tribo de Judá (ver *Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 13). Visto que Boaz era natural daquele lugar e viveu na época dos juízes de Israel, alguns rabinos judeus identificaram um com o outro. E essa opinião foi confirmada por Jarchi e Ben Gersom. Não temos, todavia, meios de submeter à prova essa opinião, e a maior parte dos eruditos modernos pensa que essa idéia é fantasiosa.

12.9

Trinta filhos, e trinta filhas. Essa foi a única marca realmente distintiva de Ibsã. Isso significa que ele teve muitas esposas. Seu numeroso harém dava testemunho de suas riquezas e de seu vigor físico. Alguns de seus casamentos podem ter sido com mulheres pertencentes a outros clãs (ou mesmo vindas de vizinhos estrangeiros), que teriam ocorrido a fim de consolidar alianças políticas e manter a paz com todos em redor. Os ricos, naqueles tempos, eram extremamente polígamos. Os poderosos dispunham de muitas mulheres. Os pobres e fracos tinham de contentar-se, no máximo, com duas ou mesmo três. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Poligamia*.

Ibsã governou no seu lugar particular do território de Israel somente por sete anos. Ver, imediatamente antes da exposição sobre Juízes 1.1, um mapa e um

gráfico que ilustram as condições gerais dos juízes de Israel, os lugares sobre os quais governaram, e alguns detalhes pessoais de sua vida e carreira.

12.10

Então faleceu Ibsã. Ele morreu após uma vida quase sem nenhum acontecimento notável (excetuando que foi um tremendo procriador), tendo governado Israel por somente sete anos (vs. 9). Foi sepultado em sua própria cidade natal (vs. 8). Se nada de grandioso aconteceu durante a sua vida, também nada aconteceu de ruim; e assim ele descansou em paz de uma vida de riquezas, lazer e relativa obscuridade. E isso foi melhor do que morrer de morte violenta, após ter matado a muita gente, como usualmente acontece na vida dos poderosos.

Elom (12.11-12)

Ver os comentários de introdução ao versículo oitavo deste capítulo. Três juízes bastante insignificantes vieram após o cometa, Jefté. Elom foi um deles. Ver antes das notas sobre Juízes 1.1 o mapa que mostra as áreas de atividades dos juízes, e um gráfico que fornece detalhes sobre sua vida e carreira. Ver sobre *Elom* no *Dicionário*.

12.11

Elom, o zebulonita. É provável que ele tenha nascido em Aijalom, onde também acabou sendo sepultado (ver o versículo seguinte). Sua carreira como juiz prolongou-se por dez anos, mas coisa alguma é narrada como destaque, pelo que supomos não ter havido nenhuma ocorrência que chamasse a atenção durante o seu juizado. Ele nem ao menos foi homem de muitas mulheres e muitos filhos, como Ibsã, o juiz anterior a ele, ou como Abdom, o juiz que veio depois dele. Até as tradições judaicas, sempre ansiosas por preencher os hiatos históricos com informações improváveis, não se incomodaram em elaborar as crônicas sobre esse homem.

12.12

Faleceu Elom. Ele morreu e foi sepultado em Aijalom, cuja localização é desconhecida. Havia uma cidade com esse nome no território de Dã, acerca da qual dispomos de algumas informações. É curioso que os nomes Elom e Aijalom têm letras consoantes idênticas no original hebraico, e somente os sinais vocálicos distinguem um nome do outro; e sabemos que esses sinais vocálicos só foram criados pelos massoretas, após o exílio babilônico. É possível que Aijalom tenha sido chamada assim, porque Elom foi sepultado ali. A cidade, pois, tornou-se seu memorial, mas a história desconhece o local exato. Assim, se ficarmos somente com as letras consoantes (conforme o hebraico original era escrito), somos obrigados a dizer que "Elom foi sepultado em Elom".

Abdom (12.13-15)

Ver as notas sobre o oitavo versículo quanto aos três juízes bastante insignificantes que se seguiram a Jefté, o meteoro. A respeito de Abdom é dito um pouco mais do que acerca dos dois outros juízes que governaram Israel antes dele, embora nada se revista de grande importância. Esses homens não foram guerreiros, embora alguns intérpretes suponham que Abdom tenha enfrentado algumas dificuldades com os amalequitas (o que talvez seja subentendido no vs. 15). Ver sobre *Abdom* no *Dicionário*; e ver o mapa imediatamente antes de Juízes 1.1, que ilustra as áreas (ou províncias) onde os juízes de Israel operaram, como também um gráfico com algumas informações gerais sobre sua vida e carreira.

12.13

Julgou a Israel. Ou seja, ele foi líder sobre uma porção do território de Israel, pois todos os juízes foram apenas líderes provinciais. Ver imediatamente antes de Juízes 1.1 um mapa que ilustra os locais onde os juízes governaram. Abdom era da tribo de Efraim.

Abdom, filho de Hilel, o piratonita. Todos os nomes próprios que ocorrem neste versículo merecem artigos separados no *Dicionário*. Piratoni significa, no hebraico, "altura", "cume". Era o nome de uma cidade que havia na área montanhosa onde habitavam os amalequitas. Provavelmente deve ser identificada com Fera 'ata, que distava cerca de dez quilômetros de Siquém, para oeste. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário*. Coisa alguma se sabe sobre o pai de Abdom, Hilel. A época gira em torno de 1070 A. C.

12.14

Quarenta filhos, e trinta netos. Pouco se sabe sobre esse homem, embora possamos afirmar que ele tinha adotado o costume oriental de os homens terem um harém. O fato de que ele tinha tantos filhos e netos subentende que ele possuía muitas mulheres, e também que era homem de posses materiais e muito poder pessoal. Todos aqueles jumentos em que seus descendentes montavam (talvez dando a entender que eles se ocupavam de "negócios do estado") serviam de sinal de muitas posses materiais. Naqueles tempos, os cavalos eram pouco usados em Israel.

Cf. Juízes 10.4 acerca do "jumento" como símbolo de elevada posição social. Abdom teve oito anos de paz e abundância. Alguns estudiosos pensam que, visto que vivia encravado em "território inimigo", ele deve ter enfrentado conflitos com os amalequitas. Porém, a própria Bíblia nada nos adianta quanto a isso. É provável que Abdom tenha conseguido estabelecer relações pacíficas com eles. E isso pode ter sido facilitado mediante casamentos mistos.

Josefo deixou registrado que Abdom e seus muitos filhos e netos montavam, ostensivamente, jumentos, cumprindo negócios do estado, e eram montadores hábeis; mas talvez essa informação faça parte de conjecturas sobre o homem, acerca de quem pouquíssimo é sabido. (Ver *Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 13.)

12.15

Foi sepultado em Piratom, na terra de Efraim. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Piratoni (Piratonitas)*. Piratom é outra forma de grafar o mesmo nome. Ver também o versículo 13 quanto a alguns comentários. Ver ainda Jos. 21.30; I Crô. 6.74; 8.23-30. Esse lugar ficava no território da tribo de Efraim. Não sabemos dizer por qual motivo os amalequitas foram mencionados. Parece óbvio que alguns de seus clãs residiam ali; mas não se sabe dizer se Abdom teve ou não dificuldades com eles.

Josefo, ao tentar preencher detalhes, onde a Bíblia faz silêncio, disse que a Abdom foi conferido um magnificente funeral (*Antiq.* 1.5, cap. 7, sec. 13).

Isso posto, vemos que os três juízes que surgiram após Jefté não foram militares, nem mataram muita gente. Dizemos que pouco aconteceu durante o juizado desses três; mas esse pouco foi melhor do que se tivessem feito muitas vítimas.

"O período durante o qual aqueles juízes governaram foi um tempo de paz e consolidação. As páginas da história que não foram escritas são com freqüência mais significativas do que aquelas que ficaram registradas" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Capítulo Treze

Sansão (13.1 - 16.31)

Sansão foi uma personagem ao mesmo tempo forte e fraca, que tem arrebatado a imaginação de muitos autores e criadores de filmes. A sua vida envolveu todos os elementos de intriga, suspense, vitória e tragédia que compõem as boas histórias. O autor sagrado do livro de Juízes dedicou cem versículos a Gideão, e noventa e seis a Sansão, o que significa que eles foram campeões de audiência. De acordo com as divisões modernas e artificiais do Antigo Testamento, o relato sobre Gideão ocupa três capítulos; e a história sobre Sansão, quatro.

Sansão era homem que gostava de namoriscar com o pecado e amava a violência. No fim, essas duas coisas o reduziram a nada. Mas mesmo no fim, ele foi glorificado, porquanto conseguiu matar um maior número de inimigos constantes, em sua morte, do que tinha sido capaz de fazê-lo em vida (ver Juí. 16.30).

Apesar de sua grande capacidade como matador, tanto na vida como na morte, Sansão não conseguiu livrar Israel da servidão que fora imposta pelos filisteus. Sua carreira foi seguida por um período histórico de confusão, guerra civil e violência. Foi Davi quem, afinal, pôs cobro à ameaça dos filisteus, o que só aconteceu cerca de cem anos depois de Sansão.

"Os filisteus invadiram as terras costeiras da Palestina pouco depois dos encontros armados entre Ramsés III (do Egito) e os chamados povos do mar, em algum tempo entre 1220 A. C. e 1180 A. C. Por meio de assaltos armados, negócios pacíficos e, provavelmente, casamentos mistos, eles fizeram sentir a sua presença nos vales que levavam às terras altas da Palestina, conforme fica demonstrado pela influência crescente de sua cerâmica, após os meados do século XII A. C. As fontes informativas bíblicas e os remanescentes arqueológicos concordam que houve um período de relações mútuas entre os israelitas e os filisteus, por volta de 1150 e 1050 A. C. E foi quando esta última data já se aproximava que os filisteus começaram a pressionar os judaítas e os efraimitas com maior empenho. Os episódios que envolveram Sansão refletem uma situação longe de estar resolvida, mas quando ainda não havia guerra franca entre os dois povos" (Jacob M. Myers, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Sansão* e *Filisteus*, *Filístia*, que fornecem muitos detalhes e provêem o pano de fundo apropriado dos quatro capítulos diante de nós.

13.1

Tendo os filhos de Israel tornado a fazer o que era mau. "A monótona espiral descendente de Israel atingiu o seu ponto mais acentuado com a sétima apostasia a ser registrada no livro de Juízes. Ver Juí. 3.5-7,12-14; 4.1-3; 6.1,2; 8.33-35 e 10.6-9. Essa sétima e última apostasia do livro de Juízes parece ter sido uma fase de adoração idólatra que já havia sido descrita em Juízes 10.6, a qual incluía a veneração a divindades dos filisteus (no ocidente). Uma opressão causada por aquele povo resultou na opressão complementar provocada pelos filhos de Amom (no oriente)". (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

O livro de Juízes registra sete apostasias; sete períodos de servidão e sete livramentos. Porém, o final da história de Sansão não nos confere uma idéia clara sobre algum livramento em decorrência das mortes dos filisteus, durante a sua vida e por ocasião de sua morte (ver Juí. 16.30).

Por quarenta anos. O povo de Israel agonizou por longo tempo, devido aos assédios constantes dos filisteus. Ver no *Dicionário* os artigos *Quarenta* e *Número* (*Numeral, Numerologia*). A menção da Bíblia a esse número específico de anos de servidão pode ser um indício de que, após tal período, Israel gozou de liberdade essencial em relação aos filisteus. Ellicott (*in loc.*) afirmou que aqueles quarenta anos terminaram com a batalha de Ebenézer (ver I Sam. 7.12). Alguns eruditos supõem que esse período de opressão tenha começado ao mesmo tempo que se iniciou a opressão dos filhos de Amom (historiada no capítulo 11 de Juízes), embora esta última tenha perdurado por mais tempo que aquela. Ver Juízes 10.7, que alude a essas duas opressões, a do leste e a do oeste.

A narrativa bíblica mostra-nos que a ameaça e a opressão sob os filisteus continuaram até os dias de Davi, cerca de um século mais tarde. Ver II Sam. 5.17-25. Aqueles "povos do mar" organizaram uma pentápole, ou seja, uma confederação de cinco cidades: Gaza, Asquelom, Asdode (a estratégica estrada costeira), Gate e Ecrom (no começo da Sefelá, ou seja, no início da região montanhosa de Judá (cf. Jos. 13.3).

Quando os filisteus fizeram avançar as suas tropas na direção leste, penetrando assim nas terras das tribos de Benjamim e de Judá, isso inaugurou a real opressão de Israel por parte dos filisteus, naqueles lugares, o que continuou até os tempos de Samuel (ver I Sam. 7.10-14).

Que Sucedeu aos Danitas? A maior parte dessa tribo transferiu-se mais para o norte, a fim de escapar dos assédios constantes dos hostis filisteus. Contudo, alguns deles permaneceram no sul, nas terras tradicionais da tribo. Os pais de Sansão achavam-se entre os que permaneceram em seu território antigo. Sansão foi um herói danita. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dã*, quanto à história dessa tribo de Israel.

13.2

Um homem de Zorá, da linhagem de Dã. Ver as notas expositivas sobre Zorá, em Jos. 15.33. Era um lugarejo na fronteira entre os territórios originalmente doados a Dã e a Judá, do outro lado do vale de Bete-Semes, pouco mais de vinte e dois quilômetros a oeste de Jerusalém. No começo, Zorá pertencia à tribo de Judá (ver Jos. 15.20), mas posteriormente acabou ficando com os danitas.

Chamado Manoá. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário*. Esse homem, sem dúvida, era dotado de espiritualidade, visto ter sido visitado por um anjo, e foi destacado pelo Senhor para ser pai de um dos juízes, por meio de quem houve uma das grandes intervenções divinas em Israel. Era homem dedicado à oração, e de grande devoção pessoal. Quanto a outras idéias sobre ele, ver aquele artigo.

Cuja mulher era estéril. A maior calamidade que poderia atingir uma mulher israelita, e que com freqüência é mencionada nas páginas do Antigo Testamento, era a esterilidade. Mediante uma intervenção divina, a esterilidade da esposa de Manoá chegou ao fim. Cf. Gên. 16-17; I Sam. 1.2 e Luc. 1.7 ss. Ela é identificada com a Hazelelponi de I Crônicas 4.3. O nome dessa mulher significa "a sombra caiu sobre mim". Esse nome também assume a forma de Zelelponi.

A maior parte da tribo de Dã já se tinha mudado para o vale do Hulé (ver o capítulo 18 de Juízes), ao norte do lago ou mar da Galiléia, perto do lago assim chamado.

13.3

E nunca tiveste filhos. A calamidade de não ter filhos era o maior temor das mulheres israelitas. Em algumas poucas ocasiões registradas, para propósitos especiais, essa maldição foi anulada mediante a intervenção pessoal do Anjo de Yahweh. As promessas relativas à suspensão da esterilidade algumas vezes eram adiadas, mas nenhuma delas jamais falhou. E filhos especiais, nascidos daí, cuja carreira seria importante para o povo de Israel, sempre foram a causa dessas divinas intervenções. Portanto, temos aí o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), em contraposição ao *deísmo* (ver também no *Dicionário*). De acordo com o teísmo, Deus criou e continua presente, recompensando, punindo e guiando. O deísmo, em contraste, ensina que, apesar de talvez haver uma força criativa divina (pessoal ou impessoal), essa força abandonou o seu universo, deixando-o entregue ao governo das chamadas leis naturais, que operam bem, embora com muitas falhas. E essas falhas é que explicariam o problema do mal. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Problema do Mal*.

13.4

Agora, pois, guarda-te. A mãe de Sansão precisou passar por uma preparação especial, que consistia em uma vida separada, santificada, observando criteriosamente os preceitos de Moisés, evitando alimentos e contatos imundos, não bebendo bebidas fortes, a fim de que fosse a mãe conveniente de um futuro nazireu (ver o quinto versículo). A tradição mística tem mostrado quão importante é o preparo espiritual e moral das mães de filhos especiais. Uma boa mãe é capaz de atrair uma boa alma, e a vontade e a bênção de Deus estarão sobre a criança. Mas uma mãe ruim atrairá uma alma ruim, e a vontade benfazeja de Deus pode ser anulada nesse sentido.

A própria ciência tem demonstrado a importância de a futura mãe evitar cigarros e bebidas fortes, pois essas coisas podem contaminar o feto. Por sua vez, a teologia mostra-nos quão importante é a preparação e a pureza espiritual para o nascimento de uma criança especial, que tenha de cumprir uma missão importante. Compare-se isso à história de João Batista, que desde o ventre materno foi cheio do Espírito Santo (ver Lucas 1.15). Uma das cenas mais lamentáveis que se pode ver é uma mulher grávida a fumar cigarros. Esse é um ato imundo e eminentemente egoísta, que demonstra pouco ou nenhum interesse pelo feto. E também existem outras questões espirituais lamentáveis. As mães podem corromper seus próprios filhos por seus hábitos espirituais impuros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

13.5

O menino será nazireu consagrado a Deus. O adjetivo nazireu significa "consagrado". Um nazireu era alguém que fazia um voto especial de dedicar-se de modo especial a Yahweh. Esse voto de nazireado geralmente era por um curto período; mas Sansão seria um nazireu por toda a vida. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Nazireado (Voto do)* e *Nazireu*. O menino de Manoá, pois, seria um homem santo que livraria o povo de Israel da opressão dos filisteus. Todavia, Sansão acabou não mantendo integralmente a sua santidade ou devoção ao Senhor, e isso o derrubou em meio a seus inimigos pagãos. Sua biografia poderia ter sido muito diferente, se ele tivesse conservado íntegro o seu nazireado.

As três condições principais do nazireado eram estas: 1. Abstinência de qualquer bebida alcoólica. 2. Nenhum contato com os mortos (observância das leis do limpo e imundo). 3. Os cabelos não podiam ser rapados ou aparados. Ver o versículo 14 deste capítulo quanto a outros comentários.

"Nos casos de Jefté e de Sansão, os israelitas aprenderam o poder que repousa sobre os votos individuais, capaz de exibir o heroísmo oculto e misterioso do espírito humano, que pode salvar as pessoas de afundarem nas maiores profundezas da maldade" (Eliicott, *in loc.*, citando Ewald). Esses votos tornaram-se um poderoso instrumento em favor do bem. Jefté fez um voto isolado, precipitado e pecaminoso; Sansão tinha uma devoção por toda a sua vida. Por esse motivo, tornou-se um virtual super-homem.

O artigo do *Dicionário*, intitulado *Nazireado (Voto do)*, explica as "razões" das proibições que envolviam esse voto. Ver especialmente o quarto ponto, *Provisões do Voto*.

Ele começará a livrar a Israel. Sansão deu início ao livramento de Israel dos filisteus, "mas não foi senão nos dias de Davi que os israelitas foram totalmente remidos do poder deles" (Adam Clarke, *in loc.*). O livramento efetuado por Davi ocorreu cerca de cem anos depois de Sansão.

13.6

Um homem de Deus veio a mim. A visão angelical deixou a mãe de Sansão completamente atônita. E ela correu para narrar a visão ao marido. Algo de muito incomum tinha acontecido, e ela estava ansiosa para contar o fato a ele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo*. Não há motivo para duvidarmos da realidade dos anjos, que representam muitos níveis de seres metafísicos, dotados de poderes variegados. E também não há motivos para duvidarmos do fato de que esses seres, ocasionalmente e com propósitos especiais, apareçam para os seres humanos. A narração dessa aparição é consistente e constante, por toda a história da humanidade; e os casos modernos não são tão raros como alguém poderia pensar. As Escrituras ensinam-nos que alguns anjos ministram aos homens (ver Heb. 1.14). Não é de estranhar, por conseguinte, que,

algumas vezes, esses ministros se tornem visíveis para aqueles a quem ministram.

Um homem de Deus. Assim disse ela, porque os anjos aparecem sob forma humana. Sem dúvida alguma, eles também podem aparecer sob outras formas. Orígenes supunha que o espírito humano só é ligeiramente inferior aos anjos por causa da queda no pecado, e os espíritos humanos e os anjos pertencem à mesma espécie. Mas é difícil dizer se isso expressa ou não uma verdade, embora pareça haver íntima conexão entre os seres humanos e os anjos. O "homem de Elohim" tinha uma aparência maravilhosa e assustadora. Apesar disso, a mulher tentou saber o nome dele, mas ele não quis revelá-lo. Há uma antiga crença que diz que, se alguém puder saber o nome de um espírito, então passa a exercer certa forma de controle sobre ele ou, pelo menos, passa a estabelecer uma linha de comunicação com ele. Talvez isso estivesse por trás da tentativa da mulher de obter o nome do anjo. A mulher não perguntou de onde o anjo viera; e essa questão tem de permanecer um mistério. Nesse ponto, estão envolvidas outras dimensões, e não meramente outros lugares; mas não sabemos grande coisa sobre essas outras realidades.

13.7

Porém me disse. O presente versículo repete as mensagens dos versículos terceiro a quinto deste capítulo. As notas dadas ali se aplicam também aqui. O anjo não demorou a dizer qual a natureza de sua missão, mencionando, antes de tudo, as obrigações que teria a mãe do menino, a fim de que servisse de veículo apropriado para o filho especial que em breve chegaria.

Até ao dia de sua morte. Encontramos nessas palavras uma adição ao que havia sido afirmado nos versículos terceiro a quinto, indicando que o voto de nazireado de Sansão seria vitalício.

13.8

Que o homem de Deus... venha outra vez. Manoá ficou tremendamente impressionado com o que sua esposa lhe contou, e nem pensou em duvidar. Ele era um homem espiritual e tinha conhecimento acerca das experiências místicas. "A maneira como os pais [de Sansão] compartilharam de seu interesse pelo menino que nasceria é deveras comovente. A mensagem do anjo fora dada, inicialmente, à mãe; mas Manoá desejou intensamente ouvir também a revelação, em primeira mão. E orou no sentido de que o "homem de Deus" voltasse, instruindo-os sobre como deveriam cuidar daquele menino especial... Esse profundo desejo de ser guiado por Deus, na criação do menino, é algo que todos os pais deveriam cobiçar" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Algumas vezes, uma criança torna-se um homem ou uma mulher de Deus, apesar de seus pais. Mas o registro sagrado mostra-nos que a maior parte dos homens de Deus é entregue a pais que se preocupam com as realidades espirituais e, desde o começo, criam seus filhos para serem espiritualmente especiais, e não somente para viverem em um ambiente materialmente confortável.

Examinando ao nosso redor, vemos muito interesse dos pais por seus filhos. Usualmente, porém, esse interesse gira somente em torno de questões financeiras e conforto material. A orientação de quase todas as crianças esquece-se da dimensão espiritual. Apesar daquilo que alguém já disse, que um pai deve a seus filhos três coisas — exemplo, exemplo, exemplo —, raramente vemos pais que deixam um bom exemplo espiritual. Na maioria das vezes, tempo e esforço são gastos na educação dos filhos, mas o que é secular predomina; e as crianças crescem bem treinadas, mas corruptas.

Raros, de fato, são os casos como o de Manoá e sua esposa, em que um anjo do Senhor é solicitado para informar sobre como criar um filho especial. É desse interesse espiritual pelos filhos que tanto precisamos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Existem muitos filhos potenciais, crianças inclinadas às questões espirituais, cujo destino, entretanto, é deixado ao sabor do vento, por parte de pais carnais e negligentes. Oh, Senhor, livra-nos de coisas dessa natureza!

"Reconheces, agradecido, pelo fato de que teu pequeno te foi dado da parte de Deus, e também confessas a tua sagrada obrigação de treinar teu filho, por preceito e pela força do bom exemplo, no conhecimento e no amor de Deus, bem como na fé e no Espírito de Jesus Cristo" (Devotional Services, John Hunter).

Quão agudamente sentimos a necessidade de orientação especial quando recebemos aquele filho especial. A criança é capaz de perceber a nossa hipocrisia. Mas perceberá nosso exemplo, seja ele bom ou mau. A criança é influenciada por nós, mais do que por qualquer outra fonte. Esses são fatos solenes. Por isso mesmo foi que alguém orou a Deus como segue: "Oh, Senhor, ajuda-me a não falhar quanto a este meu precioso filho!".

13.9-11

Deus ouviu a voz de Manoá. Elohim estava próximo e ouviu a oração de Manoá. Afinal, ele orou sinceramente em favor de seu filho, e não meramente por si mesmo. E o anjo do Senhor voltou e apareceu novamente à mulher, quando Manoá, uma vez mais, não estava presente. Contudo, a mulher queria que seu marido estivesse presente, para ser testemunha daquele acontecimento estonteante; e assim correu a chamá-lo e, felizmente, o anjo esperou a chegada de Manoá. Isso indica que o Espírito de Deus estava controlando todos os acontecimentos, e estes sucediam conforme era mister que ocorressem. A mesma mensagem que tinha sido dada à mulher foi dada também ao homem. O palco estava sendo armado para o drama especial. Houve momentos de esplêndida comunhão, e podemos estar certos de que Manoá e sua esposa nunca mais foram as mesmas pessoas. Viveram todos os seus dias com os olhos do espírito contemplando o anjo, ouvindo a sua voz.

Podemos dizer que eles ficaram desapontados pelo fato de Sansão ter sido um homem poderoso e débil, que dava dois passos para trás cada vez que dava um passo para frente. Pois Sansão não guardou fielmente o seu voto. Ele acabou caindo no descrédito. Não obstante, de modo geral (embora em meio a muitas falhas), ele realizou a missão para a qual viera a este mundo. Assim é a história da maioria dos homens. O positivo mistura-se com o negativo.

No Que Se Transformou Sansão? Acompanhar a vida e o desenvolvimento espiritual deste juiz é algo muito instrutivo. Há estudos que mostram que, espiritualmente falando, os pais deveriam receber menos crédito pelos filhos que se saem bem, e menos culpa pelos filhos que não se saem bem. Existe o que poderíamos chamar de carga genética, tanto física quanto espiritual, que tem uma maneira de prevalecer no fim. Essa carga genética pode pender para o bem ou para o mal. Isso, contudo, não exime os pais de seus deveres para com os filhos; mas fatos dessa natureza ajudam-nos a obter uma perspectiva melhor sobre o que significa ser pai ou mãe. As crianças são indivíduos e agem como tais desde o começo de sua vida. É conforme disse Baha Ullah: "A pior coisa que pode acontecer a um pai é saber os ensinamentos certos, mas não transmiti-los a seu filho". Portanto, que Deus nos livre desse grave erro! Cumpre-nos fazer o melhor que está ao nosso alcance, e deixar o resultado nas mãos de Deus, pois, afinal, Ele é o grande Agente Ativo em todos os casos que estabelecem a diferença entre o sucesso e o fracasso de uma vida humana.

Josefo informou-nos de que a mulher "rogou" que o anjo ficasse até que seu marido voltasse. Porquanto era muito importante que ambos ouvissem a mesma mensagem e estivessem unidos no mesmo interesse e nos mesmos esforços (ver *Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 3).

Oração de um Pai:

Oh, Deus, abençoa a este meu filho precioso. Torna-o uma alma grande e nobre; brilhante em sua mente; um grande caráter moral e espiritual; um facho luminoso que espante as trevas deste mundo; uma grande potencialidade em favor do bem e de Deus, neste mundo maligno. Concede-lhe grandes promessas e um total cumprimento dessas promessas. Concede-me luz para que saiba aonde devo conduzi-lo quanto à sua educação, e dá-me recursos necessários para essa tarefa. Concede-me também recursos espirituais, bem como a sabedoria de aplicá-los em favor dele. Dá-me longa vida e boa saúde, a fim de que eu possa acompanhá-lo por muitos anos futuros. E permite que meus olhos vejam a concretização de tudo quanto Te estou rogando.

13.12

Então disse Manoá. Ele estava ansioso para saber, com precisão, o que lhe cumpria fazer. "Dá-me informações!", pediu ele. Reconhecendo que lhe faltava sabedoria, pediu a Deus que lhe desse o precioso dom.

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria,
peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente,
e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.

(Tiago 1.5)

O original hebraico diz aqui, literalmente: "Qual será a ordenação da criança, e o seu trabalho". Manoá estava olhando para a futura missão de Sansão, na direção da qual a sua educação deveria ser encaminhada. Ele precisava receber uma educação em consonância com a sua missão, embora esta só tivesse de começar dentro de muitos anos.

"Ensina-nos o que devemos fazer, é a oração de incontáveis pais quando têm de enfrentar sua oportunidade paterna e reconhecem que não são sábios ou bons o bastante para cumprirem o seu papel sem a ajuda de Deus" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

O Anjo do Senhor não informou aos pais de Sansão que tipo de missão o menino haveria de cumprir quando se tornasse adulto; mas mostrou-lhes como deveriam prepará-lo para essa missão.

Não peço para ver a cena distante;
Um passo por vez é o bastante para mim.

(John H. Newman)

Por outra parte, ver uma cena a distância ajuda-nos a dar o passo seguinte. A sabedoria de Deus dá-nos as informações no grau e na extensão em que precisamos. Conhecimento em demasia pode esmagar. Que o Senhor seja o juiz em todas essas coisas. Benditos são aqueles casos em que o pleno conhecimento equivale a um pleno regozijo, e que esse seja o nosso caso.

13.13

Guarde-se a mulher de tudo quanto eu lhe disse. A mensagem principal fora dada á esposa de Manoá. E a Manoá cabia cuidar para que ela observasse cada ordem divina. É claro que o papel dela é que foi enfatizado. Manoá estava presente para cumprir a sua parte; mas à mulher foi imposta maior responsabilidade. O anjo não forneceu mensagens adicionais a Manoá, mas ser-lhe-ia dada a devida sabedoria, a cada passo, quando ele estivesse preparando o seu filho especial. A mensagem divina é que eles deveriam interessar-se pelas coisas que eram importantes aos olhos de Yahweh. Eles deveriam "fazer-se sempre disponíveis" para Sansão, conforme costumamos dizer hoje em dia.

13.14

Tudo quanto lhe tenho ordenado guardará. Este versículo repete as injunções dos versículos quarto e quinto; mas não menciona de novo a questão relativa aos cabelos, a qual, como é claro, ficou subentendida e não foi declaradamente repetida. Sansão não podia tocar em nada que procedesse da uva. Nem mesmo "uvas secas, as sementes ou as cascas, nem qualquer coisa feita à base da uva... e a mulher também deveria abster-se de bebidas alcoólicas... nada comendo que fosse imundo... pois essa era a lei relativa ao nazireado" (John Gill, *in loc.*). A uva era a fruta típica dos excessos, ou, se vista pelo seu lado melhor, dos cânticos e das danças. Um nazireu, entretanto, era uma figura séria, que não se envolvia na frivolidade das pessoas e, sobretudo, em suas bebedeiras e danças. Sua atenção voltava-se inteiramente para Yahweh. Sua alegria era o Senhor. Seus brados eram somente de louvor, e não os gritos banais de dançarinos embriagados. O artigo do *Dicionário*, intitulado *Nazireado (Voto do)*, explica os motivos dessas proibições no voto tomado pelos nazireus.

13.15

E te prepararemos um cabrito. Temos aqui alusão à refeição comunal. Uma grande coisa tinha acontecido, e Manoá não queria que aquele companheirismo terminasse de repente. Por isso, procurou deter o Anjo a fim de servir-lhe uma refeição de comunhão, envolvendo um holocausto. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Holocausto*. Aquela foi uma ocasião sagrada que requeria a celebração espiritual apropriada, conforme se lê em Levítico 1.3-17 e 6.9-13, onde há notas adicionais sobre os holocaustos. As refeições comunais da natureza proposta aqui eram realizadas na esperança de que seriam agraciadas com a presença de Yahweh, o participante invisível e silente.

"Um cabrito era um acepipe especial (ver Gên. 27.9; I Sam. 16.20). Ver os comentários de Agostinho, em Quast., sobre Judas 7.52" (Eliicott, *in loc.*). Portanto, Manoá proveu o que tinha de melhor para aquela ocasião.

É possível que Manoá, além de anelar pela continuação da comunhão do momento, também tivesse a esperança de que o Anjo lhe revelasse segredos e desse alguma orientação especial, além daquelas que já haviam sido fornecidas. Talvez ele desejasse ver a cena distante, referida parágrafos antes.

13.16

Porém, o Anjo do Senhor disse a Manoá. O Anjo aceitou o convite de Manoá, pelo que a ocasião especial se prolongou por mais algum tempo. Todavia, não quis participar da oferenda. Isso indica, naturalmente, sem que haja necessidade de dizê-lo literalmente, que os anjos não são uma espécie de seres que possam consumir alimentos próprios para os seres humanos. Talvez o Anjo também tenha querido dizer que ele não podia envolver-se nas formas de adoração dos homens, pois as instituições humanas não seriam aplicáveis às ordens angelicais. Mas ele deixou bem claro que o convite honra ao próprio Yahweh, que estava presente, embora invisível, em uma ocasião daquela ordem. Portanto, a oferenda proposta por Manoá teria de ser feita diretamente a Yahweh.

Nos trechos de Gênesis 18.8 e 19.3, o Anjo envolvido comeu o alimento próprio para os homens que lhe fora oferecido. As tradições variavam quanto a essa questão. Outrossim, um anjo poderia dar a impressão de estar comendo, embora não o estivesse fazendo, através da lei da maya, "ilusão". Os intérpretes têm-se admirado da capacidade de Jesus comer, após a Sua ressurreição (ver João 21.15). O mesmo comentário pode aplicar-se à situação que temos aqui, no livro de Juízes.

Manoá estava vivendo uma experiência acima de seu conhecimento e vivência. Por enquanto, ele não sabia que o "homem" era um Anjo, embora isso estivesse prestes a ser-lhe revelado. Alguns têm recebido anjos sem sabê-lo (ver Hebreus 13.2).

13.17

Qual é o teu nome...? Pensava-se que conhecer o nome de um espírito conferia poder a quem tivesse tal conhecimento, para que o espírito lhe fizesse coisas necessárias. Ademais, pensava-se que o nome de alguém, de alguma maneira, incorporava a personalidade e o poder de seu detentor. Mas Manoá explicou que só queria saber o nome do homem a fim de honrá-lo, quando suas predições tivessem tido cumprimento. O autor sagrado, pois, dá a entender que Manoá, consciente ou inconscientemente, sabia mais do que declarara. No mínimo, ele tinha suas suspeitas, ou seja, aquele "homem" deveria ser um "anjo". Por conseguinte, saber o nome dele só poderia ser-lhe vantajoso, ali mesmo e futuramente. Além disso, ele tinha um filho especial para criar, e o conhecimento desse nome seria necessário para o bem do seu filho. Cf. Gên. 32.29; Êxo. 3.13 e Pro. 30.4, onde encontramos idéias similares.

... te honremos? Como? Mediante palavras tais quais: "Vejam as grandes coisas que sucederam, e que aquele homem de Deus predisse. Ele era uma grande personalidade e favoreceu-nos com o seu poder". Ou então mediante dádivas. Manoá haveria de enviar-lhe um presente, em comemoração ao cumprimento das profecias, e em agradecimento por tal cumprimento. Cf. Núm. 22.17. Ver também Josefo (*Antiq.* vs. 8, par. 3).

13.18

Por que perguntas assim pelo meu nome...? O nome do Anjo era um segredo. Ele fez o que tinha vindo fazer; mas Manoá queria ir longe demais, ao desejar saber o nome do ilustre visitante. E isso não lhe era permitido revelar. Existem limitações que os homens precisam observar, devido ao humilde estado espiritual do ser humano e à sua posição relativamente pequena na escala metafísica.

Que é maravilhoso? Esse adjetivo é tradução do termo hebraico *peli*, que pode significar tanto "maravilhoso" quanto "secreto". Alguns estudiosos saltam para a conclusão de que esse anjo era Gabriel. Fosse como fosse, o nome era por demais maravilhoso para que os homens o ouvissem. Ver Isaías 9.6, onde o esperado Messias seria chamado por esse nome. A maior parte das maravilhas celestiais continua incomunicável para os seres humanos. Mas isso prevalece apenas por enquanto. Chegará, finalmente, o tempo em que o homem espiritual tornar-se-á conhecedor dos mistérios celestiais, quando for transformado segundo a imagem de Cristo (ver Romanos 8.29).

O nome do Anjo também estava muito acima da compreensão de Manoá. Mas, conforme um crente sobe a escada metafísica, passa a compreender aquilo que antes lhe era incompreensível. Tudo isso faz parte do crescimento e da transformação espiritual.

13.19

Um cabrito e uma oferta de manjares. Isso posto, o holocausto incluiu uma oferta de manjares. Ver as notas sobre Lev. 1.1-16 e 6.14-18 quanto a explicações completas sobre essa questão. Os participantes consumiam no fogo o holocausto e participavam de um quinhão da oferta de manjares, tudo em honra a Yahweh, que estaria presente e comeria com os seus "amigos"; o restante era consumido pelos companheiros humanos do Deus eterno.

O Anjo do Senhor se houve maravilhosamente. Essas palavras têm sido variegadamente traduzidas. Alguns eruditos supõem que o próprio Anjo tenha tomado um aspecto diferente e maravilhoso, em consonância com o que disse sobre si mesmo, quanto a ser *peli*, "maravilhoso". Ver as notas sobre o versículo anterior. Ou então o significado dessa frase é que "ele o ofereceu sobre a rocha, ao Senhor (Yahweh), Àquele que opera maravilhosamente" (conforme diz a Revised Standard Version). Isso significa que a qualidade de "maravilhoso" foi atribuída a Yahweh, e não ao anjo. Mas sem importar exatamente como tenha sido, Manoá e sua esposa ficaram contemplando, extasiados, as manifestações divinas que ocorreram enquanto a oferenda estava sendo realizada. Isso pode ser comparado à experiência de Gideão, em Juízes 6.20-26.

Uma das explicações dessa cena diz que o anjo agiu maravilhosamente ao fazer o fogo sair da rocha e consumir o sacrifício, para então ascender nas chamas que eram emitidas da rocha (de acordo com Kimchi). Josefo imaginou que o Anjo agira maravilhosamente ao consumir a oferenda, tocando nela com

seu cajado. Ele comparava isso com o trecho de Juízes 6.21, de onde extraiu essa idéia (ver *Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 3).

13.20

Subindo para o céu a chama... o Anjo do Senhor subiu nela. Este relato não mostra o Anjo a consumir o holocausto, conforme fizera Yahweh em Juízes 6.21, mas mostra que o anjo subiu por meio da chama que o sacrifício enviava para o alto. Isso proveu um final espetacular à cena, deixando Manoá e sua esposa estupefatos, e dando-lhes, além disso, a certeza de que tinham estado com um ser divino, ou seja, o Anjo do Senhor. Podemos estar seguros de que eles nunca mais foram as mesmas pessoas, depois de terem passado por aquela experiência. Cf. este versículo com Juízes 6.22. Em seu espanto, Manoá e a esposa caíram de rosto em terra. Somos informados de que poderosas experiências místicas podem arrebatar a pessoa de praticamente toda a sua força muscular, pelo que cair prostrado no chão pode ser resultado disso, para nada dizermos do temor que acompanha essas experiências. Ver Lev. 9.24; Núm. 14.5 e Eze. 1.28, quanto a esse tipo de reação humana diante da presença do poder divino.

13.21

Nunca mais apareceu o Anjo do Senhor a Manoá, nem a sua mulher. Manoá e sua esposa olharam ao redor, a fim de certificar-se de que não tinham sofrido alguma espécie de ilusão óptica. O Anjo estivera ali instantes antes, mas agora tinha-se ido embora. Eles haviam visto o *modus operandi* da partida do Anjo, e isso os deixara muito assustados. Com base nessas circunstâncias, o casal compreendeu que tinha sido agraciado por uma visita angelical. A tradição mística fornece-nos muitos exemplos de nascimento de homens especiais anunciado por maravilhas, começando por algum acontecimento que ocorre com os pais da criança, conforme sucedeu no caso de Manoá e sua esposa. Poderosas personagens espirituais ou instrumentos divinos de alguma missão especial lançam, antes mesmo de sua chegada, uma sombra miraculosa, que dá a entender que logo eles surgirão na cena terrestre.

13.22

Certamente morreremos. Ver o Anjo do Senhor era equivalente a ver o próprio Senhor, de acordo com a maneira de pensar dos hebreus. O ser que Manoá e sua esposa tinham visto, através do Anjo do Senhor, era o próprio Elohim, o Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Cf. Juí. 6.22,23, onde Gideão reagiu da mesma maneira que aquele casal. Cf. o capítulo 18 do livro de Gênesis. O trecho de Êxodo 33.20 profere a pena de morte para aqueles que vêem Deus, mas a visão angelical de Deus não significou a morte do casal, embora os tenha deixado extremamente assustados. Ver também Gên. 32.30 e Deu. 5.24.

13.23

Porém sua mulher lhe disse. A esposa de Manoá demonstrou ser possuidora de uma sabedoria superior, tendo raciocinado corretamente que a morte não era o seu destino imediato. De fato, agora eles tinham uma grande missão a cumprir, que requeria muitos anos de vida. Se isso não fosse verdade, eles não teriam sido privilegiados com aquela experiência. O aparecimento do Anjo de Yahweh não visava a morte deles, mas antes, fazê-los viver, dali por diante, de forma mais significativa. Sem dúvida alguma, Yahweh tinha ficado satisfeito com o sacrifício que eles haviam oferecido, e mostrara ser para eles um revelador, e não um executor.

"Se Deus quisesse tirar-lhes a vida, dificilmente tê-los-ia preparado para o que estava prestes a acontecer, ou seja, o nascimento do libertador, Sansão" (Phillips P. Elliott, *in loc.*). Chega, às vezes, uma ocasião em que sentimos que Deus nos abandonou, ou nos deixou em uma situação de inferioridade, que não combina com nossa missão. Mas o poder divino nem por isso desistiu, e logo começará a operar em nosso favor. Temos de enfrentar muitos obstáculos, mas cada um deles serve de trampolim e de lição objetiva que precisamos aprender. Mas a graça de Deus é suficiente para nós (ver II Cor. 12.9). Essa promessa salva-nos do pessimismo e do derrotismo. Não poderemos morrer enquanto não tivermos cumprido a nossa missão e, para tanto, sempre recebemos forças e orientação adequadas.

"Aquele que nos deu gratuitamente o Seu Filho, a fim de redimir-nos, jamais poderá ser indiferente para com o nosso bem-estar" (Adam Clarke, *in loc.*). Outrossim, toda revelação especial implica a aprovação divina, e não algum castigo.

13.24

Deu a mulher à luz um filho. Temos aqui o nascimento de Sansão (ver Juí. 13.3 ss.), e isso significa que a promessa feita pelo anjo não demorou a cumprir-se. Sansão foi o "filho prometido". Ele teve uma infância maravilhosa. Era saudável e excepcionalmente vigoroso. O próprio Yahweh o estava abençoando. Seus fracassos futuros não poderiam lançar uma sombra negra sobre os anos de juventude, pois sua vida era promissora e muito abençoada. Além disso, embora Sansão tenha falhado de muitas maneiras, nada conseguiu diminuir o sucesso final de seu ministério. Sansão foi um instrumento imperfeito, mas isso não impediu que ele realizasse a sua missão. Em um sentido bem real, Sansão é o quadro fiel de qualquer homem espiritual. Sempre poderemos descobrir alguma falha em seu comportamento. Sempre haverá alguma mácula no seu caráter. Porém, devemos deter-nos no êxito em cumprir a missão para a qual tal pessoa foi criada.

"Deus tem muitos tipos diferentes de bênçãos, e as bênçãos aqui aludidas parecem ter sido as bênçãos da saúde, da força física e da coragem" (Ellicott, *in loc.*).

"Yahweh forneceu provas evidentes de que o menino estava debaixo da proteção peculiar do Altíssimo; e isso levava-o a aumentar diariamente em estatura e em uma força física extraordinária" (Adam Clarke, *in loc.*).

"... não somente com uma força física incomum, mas também com dotes mentais notáveis, com o Espírito e com as graças do Espírito; com a graça e as bênçãos derivadas e com a Sua presença graciosa. Cf. Sal. 21.3,6; Efé. 1.3" (John Gill, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Sansão*, no qual incluo uma discussão sobre o seu nome, um ponto que alguns comentadores discutem longamente.

13.25

E o Espírito do Senhor passou a incitá-lo. O Espírito de Deus iniciou Suas operações em Sansão quando este ainda era jovem. A preparação para sua vida estava começando a surtir efeito. O Antigo Testamento retrata o *Espírito de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) como Alguém que descia ocasionalmente sobre uma pessoa, mas não de maneira permanente, tendo em vista propósitos específicos. O Novo Testamento O retrata a residir na alma humana, de forma duradoura, unindo o indivíduo a Cristo e transformando-o segundo a imagem do Filho de Deus (ver Rom. 8.29; I João 3.2; Efé. 2.22). Por conseguinte, a espiritualidade individual e coletiva aumenta através dos séculos, conforme o plano de Deus vai tendo cumprimento, em uma evolução espiritual constante, como se fosse uma realização cada vez maior.

O Espírito de Yahweh começou a incitar o coração de Sansão. Ele seria o libertador de Israel. Isso aconteceu, no começo, em Maané-Dã, ou seja, no "acampamento de Dã". Cf. Juí. 18.11,12 quanto à origem desse nome locativo. Nesse lugar, seiscentos homens armados, pertencentes à tribo de Dã, acamparam antes de conquistar a cidade de Laís (ver Juí. 18.11-13), o que lhe explica o nome. Ficava a oeste de Quiriate-Jearim, entre Zorá e Estaol. O local moderno, porém, ainda não foi identificado. Sansão, finalmente, foi sepultado entre Zorá e Estaol (ver Juí. 16.31 e 18.2,8,11). Sansão não dirigiu nenhum exército, conforme fizeram outros juízes guerreiros. Mas foi um fator que debilitou os filisteus, os quais só seriam definitivamente derrotados nos dias de Davi, cerca de um século depois. Mas Sansão foi capaz de confundir de tal modo os filisteus, que estes não conseguiram invadir os territórios de Benjamim e Judá. Ele diminuiu de maneira apreciável o número dos filisteus. Essa foi a sua tarefa, que ele cumpriu muito bem. E outros homens de Deus foram enviados para completar o que ele havia começado.

Zorá e Estaol eram cidades do território de Dã, na fronteira com o território da tribo de Judá. Ver Jos. 15.33 e 19.41. A tribo de Dã habitava perto do território dos filisteus, o que significa que estes podiam atingir os danitas com facilidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Estaol*, e ver as notas sobre Zorá, em Jos. 15.33. Essas duas cidades ficavam distantes uma da outra somente cerca de um quilômetro e meio, e estavam situadas em uma serra montanhosa que dava de frente para a extremidade oriental do vale de Soreque.

"Assim Deus começou, desde a infância [de Sansão], a qualificá-lo para o trabalho para o qual Ele o havia chamado" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Catorze

A história de Sansão começa em Juí. 13.1, e ali, na introdução ao capítulo, caracterizei, de modo geral, o homem e a sua missão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sansão*.

O trecho de Juí. 14.1-4 registra o primeiro amor de Sansão, um dos incidentes iniciais de sua vida adulta. O homem de força de Dã deu um passo em falso desde o começo. A visão da bela mulher fê-lo virar a cabeça. É como alguém já comentou a respeito: "Neste mundo material, o maior poder que existe é o dinheiro. Depois disso, e seguindo-lhe os passos bem de perto, é a mulher". Mas naturalmente, se um homem tem dinheiro, a mulher vem primeiro. A natureza equipou a mulher com uma forma que, naturalmente, excita a mente masculina, gostemos disso ou não. A

genética perpetua essa atração; e muitos atos insanos têm sido cometidos por um homem cuja mente foi dominada por uma mulher. Conta-se a história da loucura que ocorreu em Tróia. Helena havia sido seqüestrada e levada da Grécia para Tróia. Ela era tão bela que seu rosto podia pôr em movimento "mil navios". Certo dia, porém, os anciãos de Tróia começaram a queixar-se de toda a confusão que a presença de Helena entre eles já havia causado. Eles não conseguiam entender por qual motivo os troianos atraíam contra si tanta miséria ao terem trazido e retido para seu meio uma simples mulher. E enquanto os anciãos discutiam, Helena passou perto deles. A discussão foi interrompida, e os homens pararam para observar a sua passagem. E então Homero ajuntou: "Aqueles anciãos de súbito entenderam por qual razão Helena precisava ficar".

O fato de que Sansão podia perambular livremente por onde os filisteus habitavam indica que havia então um estado de paz inquieta entre os israelitas e os filisteus. Mas estes iam aumentando o controle sobre Israel, ao passo que os hebreus estavam perdendo terreno. O quarto versículo deste capítulo diz que os filisteus "dominavam sobre Israel". Estes não eram exatamente escravos, mas os filisteus controlavam muita coisa, deixando os israelitas em um estado de semi-escravidão. Não podiam fazer o que queriam e estavam sempre sofrendo alguma forma de opressão, incluindo o pagamento de tributos. Os filisteus assediavam, invadiam as cidades de Israel, saqueavam e submetiam os hebreus ao pagamento de taxas. Era uma autêntica opressão.

O casamento de Sansão com uma mulher que pertencia ao povo opressor sem dúvida foi um deslize, mas Deus acabaria por corrigir a situação. Todos nós cometemos muitos equívocos, após os quais Deus precisa usar o Seu poder de endireitar as coisas.

Os pais tinham o dever de providenciar o casamento dos filhos, de acordo com os costumes da época; mas os filhos tinham o poder de influenciar os pais para que escolhessem as jovens que eles desejavam. Havia muita barganha em tudo isso; mas às vezes os pais forçavam casamentos que não eram queridos.

14.1

Desceu Sansão a Timna. Ver no *Dicionário* quanto a um artigo detalhado sobre esse lugar. Ficava pouco mais de seis quilômetros a sudoeste do acampamento de Dã, onde Sansão residia. A visita que ele fez ao lugarejo provocou a primeira dificuldade, o seu primeiro passo para trás. Quanto a informações gerais sobre a situação de Israel na época, bem como quanto às tensas relações entre Israel e filisteus, ver a introdução a este capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteu, Filístia.*

No começo, Timna tinha sido alocada à tribo de Judá (ver Jos. 15.10). Mais tarde, porém, foi cedida à tribo de Dã (ver Jos. 19.43).

14.2

Tomai-ma, pois, por esposa. Um filho, de acordo com os costumes vigentes em Israel, não podia fazer os arranjos para o seu próprio casamento; mas podia pressionar seus pais para que lhe conseguissem a jovem que ele desejava. Portanto, no presente caso, Sansão forçou seus pais a arranjar um casamento acerca do qual eles eram absolutamente contrários (ver o versículo seguinte). Ver Gên. 34.4-12; Juí. 12.9 e Nee. 10.30, quanto ao arranjo dos casamentos, na antiguidade, e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Matrimônio*, onde são esclarecidos os costumes relativos ao casamento em Israel e em outras nações antigas.

14.3

Para que vás tomar esposa dos filisteus...? A objeção levantada pelos pais de Sansão devia-se ao fato óbvio de que os hebreus, por tradição e prática comum, e de acordo com as instruções baixadas por Yahweh, não se misturavam em casamento com outros povos. Naturalmente, havia exceções, mas eram muito raras. Os rabinos tentam justificar o presente caso, dizendo que a jovem se teria tornado prosélita do judaísmo, antes de casar-se com Sansão; mas isso é mera tentativa de desculpar Sansão pelas suas atitudes erradas. Ver como Esaú desagradou a seus pais, casando-se fora da linha dos hebreus (ver Gên. 26.35; 27.46). A guerra santa não permitia casamentos mistos, por motivo de paz ou conveniência (ver Deu. 7.3). Ademais, Israel deveria fazer sempre guerra santa contra as sete nações que então ocupavam a Terra Prometida, ao invés de misturar-se mediante casamentos (ver Êxo. 33.2; Deu. 7.1). As leis de Êxodo 34.16 eram opostas ao que Sansão ansiava; mas é óbvio que Sansão não estava nem um pouco preocupado com isso. Abraão havia estabelecido o exemplo certo, arranjando o casamento de Isaque dentro da família (ver o capítulo 24 do livro de Gênesis).

14.4

Não sabiam que isto vinha do Senhor. E isso pelas razões oferecidas no versículo anterior e em suas notas expositivas. Yahweh, de acordo com este versículo, estava atuando por trás de toda a idéia de casamento, a fim de que, por meio do matrimônio, Ele pudesse provocar conflito entre Sansão e os filisteus. Este era um aspecto necessário de sua missão. Portanto, temos aqui a antiga lição que mostra que Deus usa até mesmo o mal para que Seu plano tenha cumprimento, conforme se deu, por exemplo, no caso de Judas Iscariotes, que traiu ao Senhor Jesus. O diabo, nem por isso, fica justificado, mas é usado pelo poder divino, a fim de que, afinal, seja alcançada uma boa finalidade. Sansão seria posto em uma posição na qual seria impossível ser neutro e ignorar a dominação imposta pelos filisteus. Por razões pessoais, e não meramente nacionais, ele tornar-se-ia inimigo daquele povo, usando sua força extraordinária contra eles.

"Deus faz a fraqueza e a ferocidade do homem redundar em seu louvor. Cf. Jos. 11.10; II Crô. 25.20; I Reis 12.15)" (Ellicott, *in loc.*). Declarou Homero: "... em meio aos crimes e paixões dos homens, o conselho de Zeus estava tendo cumprimento".

14.5

Eis que um leão novo. A caminho de Timna, na companhia de seus pais, a fim de que fossem feitos os arranjos do casamento, subitamente foi submetida a teste a tremenda força de Sansão. Um leão defrontou-se com ele, na trilha. Naqueles tempos, havia à solta muitos animais ferozes, que causavam grandes destruições. Ver I Reis 10.19; II Reis 17.25. Ver também I Sam. 17.34 e II Sam. 23.20, além de I Reis 13.26 e 20.36. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Leão*, quanto a completas informações sobre esse animal feroz, no tocante à Palestina. A referência freqüente a leões, nas páginas do Antigo Testamento, mostra que essa espécie de felino era comum em Israel. A arte egípcia antiga com freqüência retrata esse animal, o que mostra que o leão também era abundante no Egito. O leão não é do tipo de fera que fica fazendo perguntas. Ele se atira imediatamente contra sua presa. Portanto, topar com um leão, enquanto se andava pelo território de Israel, era um acontecimento de grande perigo, realmente. Algumas cidades, em Judá e Simeão, incorporavam, em seu nome, as várias palavras que, em hebraico, significam "leão". Para exemplificar, Lebaote; Bete-Lebaote (ver Jos. 15.32 e 19.6), e isso salienta quão comuns eram os leões em tais regiões do país.

14.6

O Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele que... O leão teve de enfrentar as poderosas mãos de Sansão, mãos que se tornavam tão poderosas quando o Espírito de Deus atuava sobre elas, porquanto Sansão estava preparado por Deus para a sua missão. Sansão simplesmente despedaçou o animal de mãos vazias, um extraordinário feito de força física. Mas Sansão nada contou a seus pais sobre o ocorrido, por razões que o autor sagrado não se deu ao trabalho de revelar, ou que talvez desconhecesse. Ver as notas sobre o nono versículo deste capítulo, onde especulo sobre os motivos possíveis para esse segredo.

Tipologia. O poder de Cristo é suficiente para anular todas as forças do mal que, porventura, ataquem o Seu povo. O Espírito de Deus está por trás desse poder. Ver I Pedro 5.8 e Col. 2.14,15.

O feito de Sansão foi realmente notável, embora não deixe de ter paralelo na história. Lemos que um atleta, chamado Polídamo, em seus dias de juventude, desarmado, matou um leão que encontrou no caminho (ver Eliaca, apud Suid. Lex., ao falar acerca de Polídamo). Esse incidente ocorreu no Olimpo, em cerca de 400 A. C. Atos similares de gigantesca força física foram atribuídos a Davi (ver I Sam. 17.54) e a Benaia (ver II Sam. 23.20).

Tais feitos, contudo, ordinariamente eram atribuídos ao poder dos deuses ou semideuses. As lendas contam que Hércules teria matado um leão com suas mãos desarmadas.

Ele o rasgou como quem rasga um cabrito. "Provavelmente à maneira que se fazia no Oriente próximo. Ali partia-se um cabrito pelo meio, puxando-o por suas pernas traseiras."

Também não somos informados por qual razão os pais de Sansão não estavam com ele, na ocasião. Talvez tivessem partido juntos, os três, conforme diz o versículo; mas depois seus pais seguiram caminho mais à frente. E assim, Sansão guardou o segredo para si mesmo.

14.7

Falou àquela mulher, e dela se agradou. Sansão teve um encontro com sua preferida e continuou agradado dela. Foi conforme alguém já disse: "O futuro de amar é casar", o que é um ponto importante na vida, embora pareça ser uma questão de gramática. O fato de que Sansão falou com a jovem parece indicar que seus pais, por essa altura, já tinham feito os arranjos para o casamento, e os dois estavam noivos. A atração sexual literalmente descarrega na corrente sanguínea do homem um poderoso hormônio. Substâncias fornecem assim um tremendo impulso químico. O propósito dessa tensão natural (que as pessoas, erroneamente, chamam de "amor") é garantir a reprodução. Usualmente, essa condição não perdura por

mais de três anos (e, por esse tempo, a mulher terá ficado grávida). Mas depois desaparece, e o casal começa a falar em divórcio, por não estar mais "apaixonado". Assim são os truques da natureza, garantindo a propagação da raça. Sansão, pois, estava no pico de sua paixão, e coisa alguma poderia impedir aquele casamento, tal como ninguém consegue fazer parar o fluxo da maré nos oceanos.

14.8

Depois de alguns dias. Conforme dizem os Targuns, isso pode significar "depois de um ano", porquanto havia um período de espera entre o noivado e o casamento. Cf. Gên. 4.3; Êxo. 13.10.

Apartando-se do caminho a ver o corpo do leão morto. Foi apenas natural que Sansão tivesse ficado impressionado com seu próprio feito, e queria contar o acontecimento incomum à sua amada, a jovem amiga filistéia. Desse modo, ele pôde preparar o seu enigma (vss. 12 ss.). Mas as lágrimas de uma jovem mulher arruinaram o jogo de Sansão, pondo fim à história.

Havia um Enxame de Abelhas. As abelhas tiraram proveito da carcaça do leão (pois, por esse tempo, já deviam ter-se passado alguns meses) e fizeram ali a sua colméia. E, como havia bastante mel, Sansão aproveitou-se dele. Josefo diz que as abelhas tinham feito a sua colméia na cavidade torácica do animal (*Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 5). Também somos informados de que abelhas fizeram uma colméia dentro do crânio de Onesilo, um dos reis da ilha de Chipre, que havia sido pendurado a fim de ressecar (Terpsicore, 1.5, cap. 114).

14.9

Não lhes deu a saber. Por motivos não esclarecidos, Sansão, embora tivesse compartilhado do mel com seus pais (eles estavam indo para a festa de casamento), não lhes contou o seu feito. Talvez, como nazireu, poderia pensar que tivesse quebrado o seu voto, ao tocar no corpo morto do leão (após tê-lo matado), porque esse ato tê-lo-ia contaminado cerimonialmente. O toque, conforme se pensava, comunicava tanto um poder espiritual positivo quanto uma corrupção cerimonial, algo negativo. Quanto a isso, ver Lev. 22.5 e suas notas expositivas. Cf. também Lev. 15.4-12,19,20. É igualmente possível que Sansão, já tendo criado o enigma em sua mente, não quisesse informar a ninguém sobre como tirara o favo de mel do cadáver do leão.

14.10

Fez Sansão ali um banquete. Oferecer um banquete, quando da celebração de um casamento, é um costume universal. Um banquete reunia as famílias dos noivos, provendo também oportunidade para todos os envolvidos se conhecerem melhor. Companheiros eram feitos. As palavras formadoras, *com panion*, significam "com pão". Na antiguidade, a comunhão era estabelecida quando as pessoas comiam juntas. Ver Gên. 29.22 e Apo. 19.9 quanto a festas de casamento. A Septuaginta afiança que o banquete durou sete dias. Cf. isso com Gên. 29.27.

Este versículo diz-nos que o próprio Sansão fez o banquete; mas devemos entender que isso aconteceu "através de seus pais", porque era costume que o pai do noivo assim o fizesse. Atualmente, é o pai da noiva que provê os essenciais para o banquete ou festa de casamento. Ver Mat. 22.2. A Vulgata Latina diz que a refeição foi feita "para seu filho, Sansão", o que dá a entender que o pai dele é que fez as honras.

Tipologia. Alguns intérpretes vêem nesse casamento de Sansão um tipo das bodas de Cristo, que veio a este mundo buscar uma noiva gentílica, a Igreja. Ver Efé. 5.25. Contudo, essa interpretação tipológica parte da idéia de que a Igreja se compõe somente de gentios convertidos, quando a verdade é que a Bíblia jamais disse isso, quer no evangelho de Mateus, quer no Apocalipse, bem como em todos os livros que ficam entre esses dois. A Igreja compõe-se de judeus e gentios convertidos, de conformidade com o ensino de todo o Novo Testamento. "Pois não há distinção entre judeu e grego..." (Romanos 10.12).

14.11

Trinta companheiros para estarem com ele. Esses eram os "amigos do noivo", conforme lemos em Mateus 9.15. No hebraico, temos a palavra shoshbenim. O terceiro capítulo do evangelho de João ilustra esse costume. Alguns eruditos sugerem que o grande número, trinta, indica que eles atuavam como guarda-costas, em um lugar hostil; mas a verdade é que Sansão não precisava da proteção daqueles homens. O fato simples é que Sansão era um rapaz muito popular e tinha muitos amigos, e não deixaria de convidá-los para uma ocasião como aquela. Outros estudiosos supõem que os próprios habitantes do lugar proveram os companheiros para Sansão, por temor ao forte homem (conforme sugerem alguns manuscritos da Septuaginta). Uma vez mais, porém, insistimos que foi apenas uma grande festa de casamento, e que os trinta homens devem ter sido providos pelos habitantes filisteus do lugar, a fim de chamar a atenção de todos. Sansão não haveria de ficar furioso (fora de si) e matar pessoas a torto e a direito, durante a festa de seu próprio casamento!

14.12

Dar-vos-ei um enigma a decifrar. O enigma de Sansão deu maior vivacidade à festa, quando esta já havia atingido um ponto de calmaria. E Sansão ofereceu um grande prêmio a quem interpretasse o enigma. Naturalmente, ele estava ansioso para contar a sua história; mas primeiramente queria divertir-se um pouco. Acabou ficando insatisfeito, porém, quando teve de pagar, pois as lágrimas de uma mulher, sua noiva, forçaram-no a revelar o sentido do enigma (ver o versículo 18 deste capítulo). Todavia, Sansão pagou a dívida assumida matando trinta homens e tirando-lhes as vestes. Um negócio sério. Ali, pois, estava ele, desejoso de jactar-se do fato de ter matado o leão de mãos desarmadas, mas insatisfeito que a brincadeira tivesse acabado como acabou. A violência, finalmente, solucionou os seus problemas; e os homens continuam a apelar para ela, por quase qualquer motivo.

É provável que a apresentação de enigmas e a promessa de presentes fizessem parte usual das festas de casamento naquele lugar, o que podemos inferir do texto, embora não comprovar.

Enigma. No hebraico, *chidah* (derivado de *chud*, "nó"). Em outras palavras, algo difícil de "desatar", de "desvendar". A apresentação de enigmas fazia parte das antigas festas de casamento, conforme disse Eliicott, comentando sobre I Reis 10.1, e também Athen. x.467 e Pollux. vi.107. Enigmas também eram lançados como entretenimento nas festividades públicas. Ver *Ahten. Deipnosoph*, livro 10, cap. 5.

Trinta camisas... trinta vestes festivais. Seria um pequeno tesouro para o indivíduo de sorte que conseguisse desatar o nó do enigma. Visto que o número "trinta" corresponde aos trinta shoshbenim (os amigos do noivo; ver o vs. 11), é provável que o autor sagrado quisesse dar a entender que cada um deles ficaria com uma veste diurna e uma veste noturna, esta última para manter o indivíduo aquecido durante a noite. Contudo, é muito difícil determinar, com exatidão, que tipos de vestes estariam em pauta neste versículo.

14.13

Vós me dareis a mim. Se ninguém conseguisse decifrar o enigma, então cada um dos "companheiros" de Sansão teria de dar uma veste diurna e uma veste noturna para ele. O desafio de Sansão foi favorável aos seus companheiros, porque seria muito mais fácil para eles pagarem a dívida; porém, se ele perdesse, então teria de prover um presente realmente grande para os trinta homens.

14.14

Do comedor saiu comida. O "comedor" era o terrível felino, que usualmente devora suas presas; mas no caso de Sansão ele havia fornecido comida para indivíduos rapaces, sendo ele mesmo o "devorado". Ou então o intuito do enigma era dizer que um terrível leão tinha provido mel, os qual as abelhas haviam fabricado em sua carcaça. Esta segunda interpretação parece ser a que está em vista no enigma de Sansão.

Do forte saiu doçura. O sentido é o mesmo: o mel fora produzido no corpo do leão. Temos aqui uma pequena amostra da poesia tipicamente hebraica, com seu paralelismo, ou seja, duas frases em que a segunda repete os mesmos pensamentos da primeira, posto que com palavras diferentes. Isso prova que o dilema de Sansão aludia a uma única coisa. Josefo, por sua vez, apresenta uma paráfrase bastante estranha: "Aquele que a tudo devora gerou alimento de si mesmo, embora ele mesmo estivesse longe de ser doce" (*Antiq.* vs. 8, par. 6).

Decifrar aquele enigma não era nada fácil, e Shakespeare, em Henrique V (ii.4), refere-se a ele nestes termos:

Raramente as abelhas produzem mel em uma carcaça.

A raridade do fenômeno deixou os filisteus a quebrar a cabeça. Cassei citou uma lenda do norte da Alemanha que se parece com isso, a qual fala de um pássaro que fizera seu ninho na carcaça de um cavalo, e como seis passarinhos piavam e piavam no ninho. Esse suposto acontecimento foi laborado em um enigma; e um juiz propôs que pouparia a vida do marido de certa dama, se ela desse a interpretação correta do enigma. Para surpresa de todos, ela conseguiu interpretá-lo, e o marido ficou livre.

Em três dias. Esse número não parece fazer sentido aqui. Se eles tinham sete dias para adivinhar o enigma, por que é dito que no terceiro dia ainda não tinham descoberto a solução? Talvez os filisteus estivessem em estado de pânico e, por isso, no terceiro dia começaram a pressionar a noiva

de Sansão para tentar descobrir o significado do enigma. Alguns críticos emendam o texto para dizer seis, o que, no hebraico, é indicado por uma palavra parecida com a que representa quatro. Porque foi no quarto dia que eles começaram a queixar-se. A versão siríaca e a Septuaginta dizem aqui "no quarto dia". As letras hebraicas (usadas como números pelos filhos de Israel), para indicar quatro e seis, eram muito parecidas, e facilmente um copista poderia trocar uma pela outra.

14.15

Ao sétimo dia. No prazo fatal do sétimo dia, embora muitos palpites tivessem sido lançados, todos ficaram muito longe do alvo. Parece que a festa duraria, ao todo, catorze dias: sete (vs. 15) + sete (vs. 17) = catorze. Isso posto, aqueles homens cheios de astúcia ainda dispunham de mais sete dias para tentar adivinhar o sentido do enigma.

Para que não queimemos a fogo. Cada vez mais apertados, os filisteus começaram a pressionar a noiva de Sansão para arrancar dele o sentido do enigma. A jovem estava em posição de fazer Sansão contar o segredo. Ela poderia usar a astúcia feminina para conseguir isso. E ela iniciou a tentativa, conforme fazem todas as mulheres, debulhando-se em lágrimas. Em seguida, usou o antigo argumento: "Se realmente me amas, então...". Foi muito difícil suportar a pressão exercida por ela.

Os Radicais. Os trinta filisteus ameaçaram incendiar a casa, matando assim tanto a noiva de Sansão como seus familiares, caso ela não descobrisse o sentido do enigma. E podemos estar certos de que aqueles selvagens falavam sério, e teriam executado a sua ameaça, se não fossem atendidos.

O incidente inteiro é deveras instrutivo. A vida humana é muito barata aos olhos dos homens. Uma família inteira valia muito mais do que trinta vestes diurnas e trinta vestes noturnas! Mas aqueles eram tempos selvagens e violentos. O trecho de Juízes 15.6 mostra-nos que, afinal de contas, os companheiros de Sansão obtiveram exatamente o que haviam ameaçado fazer, embora por um motivo diferente. E foi assim que Sansão logo perdeu a sua noiva, e muitos homens tombaram, vítimas da violência generalizada.

"Os filisteus mostraram ser os mais perversos, traiçoeiros e brutais de todos os homens" (Ellicott, *in loc.*).

14.16

Chorou diante dele, e disse:... não me amas. Lágrimas e argumentos irretorquíveis. A maioria dos homens sorri diante do que diz o texto. Pois quem já não teve de enfrentar as lágrimas femininas? E quem já não ouviu esse tipo de argumento? Se Sansão não fornecesse o segredo do enigma, isso provaria que: 1. ele não amava, realmente, sua jovem noiva; 2. ele não gostava da gente dela. Ela transformou a questão em uma crise pessoal, doméstica e nacional. Sansão replicou que nem mesmo a seus pais contara a resposta do enigma, pelo que o pedido dela não tinha peso; e assim as lágrimas da mulher de Sansão continuaram a rolar durante sete dias! Nenhum homem agüentaria diante de tanta lágrima. Naturalmente, Sansão não sabia que a mulher se fizera agente dos trinta homens e, assim que lhe fosse revelado o segredo, ela correria para contar a eles. Se ele tivesse sabido disso, mui provavelmente teria matado todos os trinta homens, pondo fim tanto ao enigma quanto ao casamento.

14.17

Ao sétimo dia lhe declarou, porquanto o importunava. Um homem só pode resistir até certo ponto; e aqueles sete dias mostraram ser o "limite" da paciência de Sansão. Quando ele revelou o enigma, imediatamente ela foi contar aos homens violentos e cheios de truques. Ameaças de violência tinham alcançado o seu intento. A mulher preferiu enfrentar a ira de Sansão do que a morte certa, com toda a sua família, dentro da casa incendiada. Naturalmente, foi uma boa escolha; mas no fim, aquilo que ela tanto tinha temido acabou acontecendo, de qualquer maneira.

14.18

Disseram, pois, a Sansão. O segredo do enigma tinha sido revelado. E Sansão compreendeu, de pronto, que sua esposa havia contado o segredo do enigma, porque somente assim eles o teriam decifrado.

Se vós não lavrásseis. Arar e semear um campo, nos sonhos e nas visões, é um símbolo do ato de engravidar uma mulher. Vários rabinos e alguns intérpretes modernos interpretam essa pequena composição poética de Sansão como equivalente a uma acusação, contra sua esposa, de ter como amantes aqueles trinta homens. Assim comentou Adam Clarke (*in loc.*): "Se minha esposa não tivesse sido infiel ao meu leito, também não teria sido infiel na revelação de meu segredo; e vós, por serdes amantes dela, vosso interesse pareceu mais precioso para ela do que o interesse do marido dela. Ela me traiu, mediante a amizade convosco". Mas mesmo admitindo que os filisteus eram um povo terrível, não é provável que a mulher filistéia tivesse trinta amantes! Admite-se, todavia, que há paralelos poéticos que poderiam ser usados em apoio a essa interpretação: "Detesto a mulher que vagueia à toa e também o homem libidinoso que deseja arar em terreno alheio" (Plauto). O terreno alheio, sem dúvida, representa a esposa de outrem.

Considerar também: "Milo não está em casa; e, estando longe de casa, deixa seu campo inculto. Sua mulher, não obstante, continua a ficar grávida e a produzir filhos" (Marcial). O campo inculto de Milo sem dúvida era sua esposa. Enquanto ele estava longe de casa, outros cultivavam ativamente seu campo.

A maioria dos intérpretes, entretanto, pensa que a novilha a que Sansão se reportou seriam as lágrimas e os argumentos irretorquíveis de sua esposa, com as quais, em um sentido figurado, eles o tinha arado por nada menos de sete dias. Sua esposa tinha-se assemelhado a uma novilha, que ficara puxando incansavelmente o arado; ela não tinha sido amansada, mas, antes, era teimosa e persistente em seus atos. Ver Jer. 50.11 e Osé. 4.16 quanto a algo similar.

Notemos a poesia no enigma de Sansão. As pressões exercidas pelos trinta homens filisteus e a persistência da esposa de Sansão — tudo é expresso por meio de paralelismos, o que era típico do estilo da poesia hebréia.

14.19,20

O Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele que desceu aos ascalonitas. Impelido por Yahweh, o selvagem Sansão atacou. Do ponto de vista do autor sagrado, aquela matança em massa foi efetuada a serviço do Senhor. Ele desceu a *Asquelom* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa era uma das cinco principais cidades da Filístia e situava-se à beira do mar Mediterrâneo. Ficava a cerca de quarenta quilômetros distante de Timna. Sansão, pois, foi longe, na esperança de não ser reconhecido, a fim de que sua violência não repercutisse em "seu lar". Ali chegando, matou trinta indivíduos quaisquer, que nada tinham que ver com a traição que havia ocorrido em Timna. Suas vestes lhes foram arrancadas e, embora não fossem artigos de luxo, conforme ele havia prometido a quem resolvesse o seu enigma, serviram como pagamento de dívida.

Mas a história de suas matanças deve ter-se propagado, pois a jovem esposa foi imediatamente dada ao "companheiro de honra" de Sansão, que talvez fosse um daqueles trinta "companheiros", ou alguma outra figura honrada durante os desposórios.

O presente versículo talvez queira dar a entender que a decisão de abandonar a esposa foi do próprio Sansão, pois lemos no final do versículo anterior que ele "subiu à casa de seu pai". Isso posto, o casamento durou somente os catorze dias de festividades, e talvez nem tenha sido consumado. Sansão foi humilhado. Mas, apesar disso, ele matou trinta outros homens, e não os trinta homens que, durante as festividades, tinham sido seus "companheiros", candidatos muito mais justos à matança. Mas um voto era um voto, e as pessoas, naqueles dias, eram muito sérias a esse respeito. O incidente, ao que parece, foi um grande fiasco; mas o autor viu nele a mão de Yahweh, visto que foi o começo da violenta ação de Sansão, não tanto para livrar Israel dos filisteus, mas para debilitá-los bastante e aliviar a pressão que exerciam sobre os filhos de Israel. Ver Juízes 14.4, onde é dado a Yahweh o crédito por ter arranjado aquele casamento. O que sucedeu à jovem filistéia foi pior do que se daria hoje em dia com uma jovem que ficasse esperando na igreja, sem que o noivo aparecesse! Pois o noivo (Sansão) de fato apareceu; mas logo fugiu e matou trinta homens, para nunca mais retornar. Dizemos hoje em dia, quase como uma piada: "Ela ficou esperando na igreja". Mas o que ocorreu em Timna não foi uma piada.

Capítulo Quinze

A história de Sansão começa em Juízes 13.1, onde aparecem notas introdutórias acerca de sua vida e carreira. E neste capítulo 15 a história tem prosseguimento, relatando como Sansão voltou (vss. 1-8) para visitar sua "esposa", que já havia sido dada a um marido diferente (Juí. 14.20). O pai da jovem ficou muito aborrecido com a tentativa de renovação do casamento, por parte de Sansão; e acabou oferecendo-lhe uma filha mais jovem e mais bonita. Mas Sansão indignou-se diante de toda a situação, e logo foi tomado por outro acesso de violência, espalhando destruição como as águas cobrem os mares. De acordo com o autor sagrado, Yahweh estava presente em toda aquela violência, porquanto tudo aquilo enfraquecia aqueles filisteus pagãos,

AS DESAVENTURANÇAS DE SANSÃO COM MULHERES

Os Três Casos

1. Capítulo 14

Sansão, irritado e contra a vontade de seus pais, desejava casar-se com uma mulher fiiistéia. O desejo dele contrariava a razão, pois Israel se encontrava sob a opressão daquele povo. Mas Deus tinha um *propósito destrutivo* nessa questão (vs. 4). Estava acontecendo algo mais importante do que a obediência às leis de casamento restritas.

2. 16.1

Seu segundo caso foi com uma simples prostituta. O incidente deu a Sansão a oportunidade de mostrar sua tremenda força e ilustrar o baixo nível moral da época.

3. 16.4-31

Seu terceiro caso foi com a ínfima *Dalila.* Este episódio atraiu o interesse de contadores de histórias através de toda a história moderna. Ele possui todos os elementos que as pessoas adoram: sexo, engano, traição e violência. A linda mas perigosa Dalila enganou Sansão. *Deus,* contudo, tinha um propósito destrutivo nessa questão. Ele colocou Sansão em uma posição na qual ele poderia matar mais com sua morte do que durante toda, a sua vida (16.30), e isso enfraqueceu os filisteus, a quem Davi, dentro do período de um século, acabou derrotando por completo.

*** *** ***

Uma jovem indigna tornou-me escravo, a mim, que nenhum adversário tinha podido derrotar.

Menandro

Dalila conseguiu derrubar o forte homem Sansão, a quem nenhuma *tropa* dos filisteus havia sido capaz de enfrentar.

Aos melhores falta toda a convicção. Os piores estão tomados por apaixonada intensidade.

Yeats

Às vezes, a vontade de Deus não segue as linhas convencionais. Sansão era totalmente não-ortodoxo, mas o propósito destrutivo de Deus operou nele.

que estavam oprimindo o povo de Israel. Isso posto, em sua própria maneira desvairada, Sansão cumpria a vontade de Yahweh. Sansão, por conseguinte, aplicava a solução da violência, que é mais imediata e atua com maior precisão do que as negociações diplomáticas. Olhamos para toda essa carnificina com horror, mas ela refletia a atitude dos homens da época. Seja como for, de lá para cá os homens não mudaram muito. "Violência" continua sendo a palavra-chave.

15.1

Levando um cabrito, foi visitar a sua mulher. Alguns estudiosos pensam que esse incidente reflete uma forma antiga de casamento, onde o homem visitava apenas ocasionalmente a sua mulher (usualmente uma entre várias). Nessas ocasiões, o homem levava algum presente a fim de "pagar" pela intimidade sexual que haveria de receber. Nesse caso, pois, a situação teria dado certo, caso a mulher não tivesse sido dada a outro homem. Se a poligamia era uma prática aceitável, a poliandria não o era. Assim sendo, as intenções de Sansão foram, uma vez mais, frustradas. Ele perdia todas as causas. E, por isso mesmo, não demorou muito envolver-se em outro acesso de violência. Ele resolveu acabar com todas as plantações dos filisteus, incendiando-as com a ajuda de uma matilha de raposas (ver os vss. 4 e 5). Violência provoca violência. Sua "mulher" e todos os seus familiares foram mortos em um incêndio, e essa violência provocou maior violência ainda. Somente a morte de Sansão poderia pôr fim a tanta matança. Mas quando isso, finalmente, aconteceu, ele conseguiu matar maior número de filisteus do que fizera em vida (ver Juí. 16.30).

Certo intérprete referiu-se ao "perigo da força física indisciplinada". E então comenta como segue: "As narrativas, contadas de maneira soberba, parecem carregadas de vitalidade, transbordando de grande poder. Como esses episódios, contados e recontados como devem ter sido, devem ter estimulado os corações dos israelitas... Porém, apesar de o quadro dar a impressão de força, trata-se de uma força totalmente indisciplinada" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

15.2

Pensava eu que de todo a aborrecias. O pai da "esposa" de Sansão atribuiu a este um sentimento de aversão por sua filha; e, assim sendo, entregou imediatamente a jovem a outro homem. O pai declarou pensar que Sansão acabara odiando a jovem noiva por causa da traição dela, e, desse modo, o casamento fora anulado, para todos os efeitos práticos. Nem tudo, porém, estava perdido. Havia uma irmã mais nova da "esposa" de Sansão, a qual era ainda mais "formosa". Ela seria um bom partido para Sansão. "Fique com ela", sugeriu o homem a Sansão. Entretanto, Sansão parece que ainda estava sob os encantos da esposa, pelo que foi tomado de mais um acesso de cólera.

Na verdade, o oferecimento do homem foi uma admissão de seu erro. Ele deveria, pelo menos, ter perguntado de Sansão se ele queria continuar com o casamento. Isso teria sido o mínimo aceitável. Porém, ele ansiava por casar sua filha mais velha e agira de modo precipitado. Sansão atirou-se então à sua vingança, sem dar ouvidos à razão. Ele tinha uma causa justa para vingar-se, e não quis permitir que aquilo acontecesse sem uma demonstração de sua incrível força física.

15.3

Desta feita. Ou seja, em adição ao primeiro ato de violência, em Asquelom, onde havia matado a trinta filisteus (ver Juí. 14.19). Este versículo dá a entender que o primeiro ato, em Asquelom, não fora de todo inculpável. Sansão tinha errado ali. Havia exagerado em sua vingança. Ultrapassara seus direitos. Mas dessa vez ninguém podia culpá-lo.

Sou inocente para com os filisteus. Dessa vez, ninguém poderia acusar Sansão por causa de sua violenta vingança. Ele tinha sofrido uma tremenda injustiça, e não era do tipo de homem que quisesse aplicar diplomacia; o amor ao próximo nem ao menos passara por sua mente. Sansão também não era dado a planejar com antecedência os seus atos. Antes, agia intempestivamente, como faz um leão quando salta sobre a sua presa. Dessa vez, em lugar de matar a muitos, ele causaria aos filisteus um doloroso golpe econômico. As raposas, com suas tochas, reduziriam a nada as plantações. Eles passariam fome. E muito trabalho nos campos dos filisteus seria anulado.

15.4

E tomou trezentas raposas. Como Sansão conseguiu capturar trezentas raposas? Os críticos tiram proveito disso para salientar a natureza lendária da narrativa. Os conservadores, porém, sugerem que o recolhimento de tantas raposas exigiu bastante tempo, acerca do que o relato bíblico não se manifesta, mas o qual precisamos subentender para tornar crível a história. Ou então, conforme dizem alguns eruditos, a história é veraz, mas o número das raposas foi exagerado. E outros afirmam que o animal em questão era o chacal, e não a raposa, sendo este ainda mais abundante que as raposas, como ocorre até os dias de hoje, na Palestina. John Gill (*in loc.*) prefere pensar que foram mesmo raposas, ressaltando que a região era abundante em raposas. Portanto, se concedermos algum tempo a Sansão, o feito seria perfeitamente possível. Outros vêem a ajuda divina no recolhimento dos animais. Seja como for, a tarefa se completou e o resultado do tentame foi altamente eficiente.

A raposa ou o chacal eram tão numerosos na Palestina, que nomes locativos eram formados em combinação com a palavra hebraica para essa espécie. No hebraico, a palavra usada é shualim. Assim sendo, temos "a terra de Suaí" (I Sam. 13.17); "Hazar-Sual" ("esconderijo do chacal") (Jos. 15.28); "terra de Saalim" (I Sam. 9.4); "Saalabim" (Jos. 19.42).

Adam Clarke (*in loc.*) supõe que Sansão pediu ajuda de outros israelitas para recolher os animais. E ilustrou a história com outros grandes ajuntamentos de animais. Em um espetáculo público, na Sila, os romanos exibiram cem leões; César reuniu e exibiu quatrocentos leões; e Pompeu, quase seiscentos. O imperador Probus soltou, em uma única ocasião, em um teatro aberto, mil avestruzes, mil veados e mil outros animais selvagens, somente para prover um bom espetáculo para o povo ali reunido. Na Líbia, ele exibiu cem leopardos. Pelo menos essa é a informação que nos é fornecida no livro Vida de Probo, escrito por Flávio Vopisco, em seu capítulo décimo nono. Todas essas exibições de animais selvagens subentendem que foi necessário tempo para capturá-los.

15.5

Largou-as na seara dos filisteus. O que Sansão visava era um desastre agrícola. E foi isso que ele conseguiu mediante suas raposas de rabos atados de duas em duas. O incêndio, mui provavelmente, foi provocado durante a noite, quando os filisteus estavam dormindo, e o fogaréu se espalharia antes que alguém pudesse fazer alguma coisa a respeito. Assim, o firmamento noturno foi iluminado por outro ataque espetacular de Sansão.

"Até hoje, incendiar as plantações de um árabe é a mais grave de todas as injúrias. Esse foi o método utilizado por Absalão, em II Samuel 14.30" (Ellicott, *in loc.*). A obra de Ovídio, Fasti, registra que todos os anos, na Creália, tochas eram amarradas às caudas das raposas, que eram então soltas no circo romano, para gáudio das multidões. Era uma espécie de diversão mórbida. Mas Sansão agiu do mesmo modo para destruir, devido a seu ódio pelos filisteus.

15.6

Quem fez isto? Responderam: Sansão. Encontramos aqui a fatal identificação. Os filisteus indagaram: "Quem cometeu este ultraje?". E a resposta foi óbvia: "Foi aquele selvagem, Sansão, o genro do homem de Timna". Embora aquela família fosse filistéia, por causa de suas conexões com Sansão, eles logo foram executados, cumprindo-se assim a ameaça que se vê em Juízes 14.15. Dessa forma, o mal acabou sobrevindo à família que havia sido ameaçada se a noiva de Sansão não revelasse o significado do enigma.

Por onde fosse Sansão, aí instalava-se tristeza e destruição. A desgraça andava bem atrás de seus calcanhares. Ele mesmo era um tição aceso que incendiava tudo ao seu redor. Parece que, naqueles tempos, era típico, como vingança bárbara, queimar na fogueira a uma pessoa, a seus familiares e a tudo quanto eles possuíam. O ato afetou a Sansão, posto que indiretamente, pois ele ainda gostava da mulher, apesar de todas as reviravoltas nos acontecimentos impostas pelo destino.

15.7,8

Não desistirei, enquanto não me vingar. Ninguém era tão bom na vingança quanto Sansão. Os filisteus tinham feito "aquilo" que era uma indizível barbaridade. Mas Sansão faria "outra coisa", que ultrapassaria em barbaridade os atos dos filisteus. Foi assim que ele acabou matando um número desconhecido, mas presumivelmente grande, de filisteus. A expressão "feriu-os com grande carnificina" reflete uma expressão idiomática hebraica cuja significação original foi perdida para nós. Talvez fosse uma expressão proverbial, conforme sugerem alguns intérpretes. Ele matou aqueles homens miseráveis de mãos vazias, aplicando tremendos golpes em seus corpos, sem precisar usar de qualquer instrumento ou arma. Em outras palavras, devido à sua força imensa, ele saiu esmigalhando os filisteus, conforme um elefante costuma fazer quando ataca.

Habitou na fenda da rocha de Etã. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 7) diz que ele foi habitar em Etã, que era uma imensa rocha que ficava no território de Judá. Cf. II Crô. 11.6. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem "em uma caverna da rocha de Etã". A cidade de Etã, pois, estava associada a uma área rochosa ou construída sobre ela; ou então era um lugar que contava com cavernas ao redor, nas colinas próximas. A mesma palavra pode ser traduzida por "fenda" ou por "topo". A referência, evidentemente, é a cavernas existentes em penhascos. Sansão, pois, abrigou-se ali, até que as coisas

se acalmassem. Ele tinha iniciado uma tremenda tempestade que, no fim, haveria de consumir tanto a ele mesmo como a incontáveis outros seres humanos. Adam Clarke refere-se a I Crônicas 4.32, supondo que Etã ficava no território da tribo de Simeão, e que a referência é a algum lugar fortificado. Portanto, ali se ocultou o homem-força e, por algum tempo, houve tranqüilidade.

15.9

Então os filisteus subiram. Era fatal que houvesse uma reação. Os filisteus enviaram um grande grupo de busca. Eles haveriam de apanhar Sansão, acabando assim com a ameaça.

Lei. Essa palavra, no hebraico, significa "queixo" ou "maxilar". Nesse lugar, algum tempo mais tarde, Sansão haveria de matar um impressionante número de filisteus, utilizando-se de uma queixada de jumento. Portanto, parece que o local foi batizado com esse nome por causa dessa circunstância. Ver Juí. 15.14,16. O lugar, pois, foi assim denominado antecipadamente. Para nós, é um lugarejo desconhecido no território de Judá, talvez entre Zorá e Timna, na região de Bete-Semes. Alguns estudiosos identificam-no com a moderna Khirbet es Siyyaj (ruínas de Siyyahj). Ver maiores detalhes sobre esse lugar, no *Dicionário.*

Os "mil homens" (ver o versículo 16 deste capítulo) espalharam-se por toda parte, rebuscando cuidadosamente a área inteira.

15.10

Por que subistes contra nós? Os habitantes da região, homens da tribo de Judá, ficaram alarmados diante da presença de tão grande contingente de homens armados e, naturalmente, quiseram saber a razão de tudo aquilo. A resposta era óbvia. Eles estavam atrás do louco do Sansão, que havia espalhado destruição e agora precisava ser destruído. Josefo indica por que os judaítas ficaram alarmados. Eles já tinham pago o seu tributo. O que mais aqueles filisteus queriam, além disso? A opressão já andava grave o bastante. (Ver *Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 7).

15.11

Então três mil homens de Judá. Os judaítas cooperaram imediatamente com o imenso grupo de buscas dos filisteus e enviaram nada menos de três mil homens para capturar Sansão. Para eles, Sansão não valia todo o trabalho que estavam enfrentando. Estavam cansados de tanta matança e satisfaziam-se em pagar tributo para não terem de guerrear contra os filisteus. Não queriam que Sansão ficasse agitando as coisas e destruindo a paz periclitante que eles haviam estabelecido com os filisteus.

Tinham ouvido a história da vingança de parte a parte, numa sucessão que parecia nunca terminar. Sansão tivera suas dificuldades, e essas pareciam nunca terminar também. Mas o triste relacionamento de Sansão com os filisteus nada tinha que ver com eles, judaítas. E estes não queriam imiscuir-se naquele interminável ciclo de matanças. A única alternativa que lhes restava era cooperar na captura de Sansão, e entregá-lo aos seus executores.

"Sansão não encontrava simpatia alguma. Não havia patriotas em busca de um herói. O que aqueles três mil homens de Judá não teriam conseguido, se tivessem agido como os trezentos de Gideão?" (Ellicott, *in loc.*).

15.12

Descemos... para te amarrar. Josefo informa-nos (*Antiq.* xiv.15, par. 5) que o lugar onde Sansão se tinha ocultado era de difícil acesso e podia ser defendido por alguns poucos contra muitos. Mas três mil contra um era um tanto demais, pelo que Sansão pediu aos homens de Judá que não o matassem com suas próprias mãos, para agradar aos filisteus e ver-se livres da ameaça. Sansão, a fim de entregar-se sem luta (o que significaria a morte de muitos homens de Judá), fê-los jurar que eles não o matariam. E eles concordaram, dizendo que tão-somente o amarrariam e o entregariam ao inimigo, o que significaria a sentença de morte imediata de Sansão por parte dos filisteus. Mas teria sido uma desgraça para ele ser morto pelos israelitas. Para aquela gente antiga, era muito importante como eles morriam.

15.13,14

Somente te amarraremos. O poderoso Sansão, pois, foi amarrado com duas cordas novas e entregue aos inimigos filisteus. Parece que isso poria fim a todo o episódio; mas ninguém tinha contado com a presença repentina do Espírito de Deus, o qual outorgou tanta força física a Sansão que aquelas cordas se romperam como meras linhas de costura. As nossas maiores vitórias são as que nos são proporcionadas inesperadamente, em resultado de intervenções divinas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os filisteus, já na certeza de que poriam fim a Sansão fácil e rapidamente, começaram a gritar de alegria. Também passaram a zombar dele, chamando-o de homem forte que agora estava "amarrado". Porém, eles nem imaginavam que o Espírito de Deus faria aquelas cordas parecer fiapos chamuscados pelo fogo. O poder repousava sobre Sansão, mas vindo da parte de Yahweh. Não haveria de ser algumas cordas que impediriam a manifestação do poder de Yahweh. "... como cera diante do fogo, como neve sob a luz do sol, aquelas cordas deixaram-no mui facilmente livre em seus movimentos. Isso pode ser um emblema de Cristo que se livrou dos laços da morte, segundo se lê em Atos 2.24" (John Gill, *in loc.*). A captura de Sansão foi uma questão de regozijo público entre os filisteus, mas que logo se transformaria no silêncio absoluto da morte.

15.15

Achou uma queixada de jumento. Em um relâmpago, o liberto Sansão estava armado com uma queixada de jumento. Também era uma queixada "fresca", como as cordas, e suficiente forte para servir de instrumento mortífero nas mãos do selvagem Sansão. O autor sagrado, contudo, poupou-nos os detalhes. Com essa arma improvisada, Sansão em pouco tempo tinha aniquilado todos os mil homens do grupo de busca dos filisteus.

A queixada era de um jumento que havia morrido recentemente. Não era um osso antigo, ressecado e debilitado pelo tempo. Portanto, Sansão ficou contando com uma arma adequada a uma tarefa imensa para um homem só. O Espírito de Deus sempre provê o necessário para o homem espiritual.

Um dos homens de Davi matou a trezentos homens com a sua lança (ver I Crô. 11.11) — um feito impressionante. Audey Murphy um soldado americano durante a Segunda Guerra Mundial, atacou sozinho uma força-tarefa de tanques de guerra alemães e matou mais de duzentos homens e danificou um bom número de tanques. Sangar matou a seiscentos filisteus com uma aguilhada de bois (ver Juí. 3.31). Mas ninguém jamais pôde comparar-se a Sansão, munido com sua queixada de jumento.

"Um só homem dentre vós perseguirá a mil, pois o Senhor vosso Deus é quem peleja por vós, como já vos prometeu" (Jos. 23.10).

15.16

E disse. Temos aqui um trocadilho poético. No hebraico, a palavra aqui traduzida por "jumento" e por "montão" é uma só. E Sansão tirou proveito do fato para celebrar a sua vitória com um trocadilho poético. O chamor (jumento) produziu um grande chamor (montão) de cadáveres, todos eles avermelhados com o seu próprio sangue. Um único chamor produziu chamor sobre chamor. A humilde arma usada por Sansão ocasionou um número incrível de mortos. Sansão atribuiu o feito a Yahweh, e O glorificou por isso (ver o vs. 18).

Sansão fez deles um bando de jumentos mortos, com a queixada de um jumento.

15.17

Tendo ele acabado de falar. Sansão dançou de júbilo, entoando o seu trocadilho poético e brandindo na mão a queixada de jumento, como se ainda houvesse inimigos invisíveis. Finalmente, cansou-se do poema e da dança, e largou a queixada no chão, chamando o lugar de seu triunfo extraordinário de Ramate-Leí, que significa "montão da queixada".

É evidente que o local ou ficava próximo ou era uma espécie de colina. Mas alguns estudiosos pensam que o texto marginal do original hebraico é melhor. Ali o nome significa "levantando a queixada", uma interpretação seguida pela Septuaginta. A explicação mais natural, entretanto, parece ser que o lugar era uma colina ou ficava próximo de uma colina, pelo que poderíamos traduzir esse nome por "a colina de Leí". Ver os comentários sobre Leí nas notas expositivas relativas ao nono versículo deste capítulo. Sansão nunca haveria de esquecer-se daquela colina. Foi ali que ele logrou vitória extraordinária, que marcou toda a sua vida. E foi por isso que Leí tornou-se Ramate-Leí.

15.18

Sentindo grande sede. Sansão viu-se em uma ridícula circunstância. Yahweh lhe tinha dado aquela tremenda vitória; mas agora ele estava sendo atacado por algo tão simples (embora potencialmente mortífero) como a sede. Porventura uma sede abrasadora poderia matar o homem-força a quem nenhum filisteu fora capaz de ferir? O homem selvagem procurou em vão por água, e teve de clamar a Yahweh, para que Este fizesse ainda mais uma intervenção.

Josefo supunha que Sansão caiu em dificuldades por haver reclamado para si mesmo o crédito pela vitória extraordinária, pelo que Yahweh tê-lo-ia castigado com tremenda sede, que o ameaçava de morte (*Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 9). Mas uma vez que Sansão reconheceu a fonte originária de sua vitória, foi-lhe concedido miraculosamente água, que lhe matou a sede. Podemos imaginar o grau de sede de Sansão quando lembramos como ele fora perseguido, capturado pelos

homens de Judá, entregue aos filisteus e então matou mil homens com uma simples queixada de jumento. E tudo, provavelmente, sem ter tido oportunidade de beber água, apesar do esforço imenso.

15.19

Então o Senhor. Esse foi o milagre da água, na vida de Sansão. O autor sacro queria, sem dúvida, que entendêssemos que Yahweh efetuara miraculosa provisão de água, tal como o povo de Israel havia experimentado no deserto, nos dias de Moisés (ver Êxo. 17.6). Cf. também Gên. 21.19 (a história de Hagar), e ver ainda Isa. 41.17,18. Yahweh é quem dá, aos desesperadamente sedentos, água limpa e fresca para saciar sua sede.

Fendeu a cavidade. A poderosa mão de Deus abriu a rocha onde havia uma camada de lençóis freáticos, e então a água esguichou até a superfície. O Senhor fendeu a rocha em Leí. Alguns pensam que Sansão encontrou água precisamente no mesmo lugar onde tinha deixado cair a queixada de jumento (em cima de uma formação rochosa). Ver o vs. 17. Mas essa interpretação parece fantasiosa. Provavelmente, tudo quanto está em pauta é que o milagre da água se deu em Leí (chamada de queixada).

En-Hacoré. Ou seja, "a fonte daquele que chamou". Lembremos que Sansão invocara a Yahweh, pedindo-Lhe água. O Senhor o atendeu, e isso lhe salvou a vida. Aquele local, em Leí, bem como certa porção dele, adquirira aquele nome, antes de Sansão ter pedido água, quando o autor sacro escreveu o seu livro. Quanto a outros detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *En-Hacoré*. Cf. Pro. 27.22. Sucedeu que continuaram existindo fontes naquele lugar, e a existência delas era atribuída à época de Sansão.

15.20

Julgou a Israel... vinte anos. Essa observação sumária é repetida em Juí. 16.31. Por antecipação, o autor sagrado revelou-nos por quanto tempo Sansão exerceu autoridade em Israel. Cada juiz de Israel, naturalmente, exercia autoridade sobre algum segmento do território de Israel, e nunca sobre Israel inteiro. Ver o mapa, imediatamente antes de Juízes 1.1, que ilustra as regiões onde esses juízes exerceram autoridade. Ali também há um gráfico que dá informações básicas sobre todos os juízes de Israel.

Sansão foi capaz de debilitar bastante os filisteus, aliviando assim a opressão que eles faziam contra Israel. Mas foi somente nos dias de Davi (cerca de um século depois) que os filhos de Israel realmente se libertaram da opressão filistéia. Alguns eruditos supõem que os vinte anos, aqui mencionados, tenham sido contemporâneos aos dias de Eli. Esses anos foram cerca de 1069 - 1049 A. C., um tanto ou quanto menos de um século antes que Davi conseguisse libertar os hebreus completamente da opressão dos filisteus. As cronologias traçadas pelos estudiosos variam, de tal modo que é difícil dizer exatamente quanto tempo antes de Davi viveu Sansão. Seja como for, pelo menos no que diz respeito aos filisteus, as missões deles — de Sansão e de Davi — estiveram vinculadas uma à outra.

Capítulo Dezesseis

A história de Sansão começa em Juízes 13.1, onde apresentei notas de introdução sobre sua vida e carreira. O autor do livro contou a história de Gideão mediante cem versículos, e a de Sansão mediante noventa e seis versículos, devotando a este último quatro capítulos (13 a 16, de acordo com a divisão posterior do livro em capítulos e versículos). Portanto, a maior parte do volume do livro de Juízes dedica-se a narrar a história desses dois juízes de Israel.

O capítulo à nossa frente diz respeito aos pontos seguintes: 1. A história da remoção dos portões de Gaza, demonstrando novamente a tremenda força física de Sansão, que só conhecia igual em sua fraqueza moral (vss. 1-3). 2. A história de Dalila, sem dúvida o lance mais conhecido do livro inteiro, que indica diversos pontos fortes e fracos (vss. 4-22). 3. A história da vingança de Sansão contra os filisteus e sua morte (vss. 23-31).

Embora tivesse preferido seguir a vereda da sensualidade e da insensatez, Sansão conseguiu, de acordo com os padrões seguidos pelo autor sagrado, cumprir a sua missão, porquanto muito debilitou os filisteus. Cem anos mais tarde, coube a Davi completar a tarefa iniciada por Sansão, livrando completamente os filhos de Israel da praga dos filisteus.

16.1

Sansão foi a Gaza. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gaza*. Essa era uma das cinco cidades fortificadas dos filisteus. Dentre a pentápoles dos filisteus, era a que ficava mais ao sul, cerca de sessenta quilômetros a oeste de Hebrom, e mais ou menos à mesma distância de Zorá. Não sabemos dizer por que Sansão foi àquela cidade. Ele vivia escondendo-se, porquanto sua vida estava sempre ameaçada; mas ocasionalmente ele circulava ao redor, por uma razão ou outra, arriscando sua pele.

Viu ali uma prostituta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Prostituta, Prostituição*. Sansão valia-se de prostitutas, admirando-nos o quanto a moral andava frouxa em Israel, pois somente se evitava, talvez, o adultério direto. As dificuldades de Sansão começaram com sua concupiscência por mulheres (capítulo 13), e ele continuou assim até o fim. Isso posto, sua imensa força física era igualada por sua fraqueza moral. Portanto, o relato bíblico revela-nos o "... desvio e a escravidão do herói pela paixão. De acordo com a nossa perspectiva, a moral dele era tremendamente baixa; mas o autor nem por isso mostra seu desapontamento. A moral de Sansão não era mais baixa do que se via entre os seus contemporâneos, e o narrador sem dúvida deleitava-se nos tremendos feitos dele" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Alguns intérpretes antigos chamam aquela mulher de estalajadeira, em lugar de prostituta; e essa opinião é seguida por alguns estudiosos modernos; mas essa é apenas uma tentativa de purificar um pouco a narrativa.

16.2

Foi dito aos gazitas: Sansão chegou aqui. Armou-se uma emboscada contra Sansão. Ao sair de uma cidade, um homem precisava passar pelo portão. E, assim sendo, os homens daquela cidade, sabedores que o temido Sansão estava ali, esperaram que ele aparecesse diante do portão de Gaza. Planejavam matá-lo. Ninguém, em toda aquela região, era tão temido e odiado quanto Sansão. Por onde quer que ele fosse, havia dificuldades e matanças; e os filisteus estavam cansados disso. Não tentaram detê-lo à noite: era por demais arriscado. Havia muitos filisteus na emboscada, e todos bem armados: o máximo de precaução.

16.3

Sansão esteve deitado até à meia-noite. O texto sagrado não nos conta como Sansão escapou da emboscada. Mas aprendemos que ele não esperou até amanhecer, conforme os filisteus tinham imaginado que faria. Ao que tudo indica, ele surpreendeu o grupo que fazia parte da emboscada, porquanto partiu quando ainda era escuro. Não deve ter havido oposição, pois não lemos sobre nenhuma morte, o que, sem dúvida, teria acontecido se os filisteus tivessem tentado detê-lo. Sansão encontrou o portão da cidade trancado. Ele simplesmente arrancou o portão e carregou-o até o alto de uma colina, perto de Hebrom, a cerca de sessenta quilômetros de distância dali!

O autor sagrado contou esse lance a fim de ilustrar, uma vez mais, a incrível força física de Sansão, jamais igualada em Israel por qualquer outro homem. Ele tinha a força de um elefante, e não de um homem. Por isso mesmo, o nome Sansão tornou-se sinônimo de força física.

"Carregar o portão de seus inimigos seria um ato entendido como um imenso insulto. 'Quando Almansor conquistou Compostella, ele fez os cristãos carregar as portas da Igreja de São Tiago sobre os seus ombros, até Córdoba, como sinal de vitória'" (Ellicott, *in loc.*, citando Ferraras, Gesh von Spanier, iii.145).

Sansão e Dalila (16.4-22)

Sem dúvida, Dalila era uma mulher filistéia, embora seu nome fosse hebreu. Por meio dela, Sansão chegou ao ponto mais baixo de sua carreira, e isso, finalmente, levou-o ao seu fim. Porém, seu fim humilhante foi mitigado, até certo ponto, pelo seu maior triunfo, a morte de um imenso número de filisteus. Por esse motivo, tem sido dito que ele matou mais em sua morte do que em toda a sua vida (ver o versículo 30). Aos olhos do autor sagrado, isso foi motivo de elogios, como se Sansão tivesse obtido uma vitória notável, porquanto, por esse meio, conseguiu enfraquecer consideravelmente os odiados filisteus. Um século mais tarde, contudo, Davi terminou a tarefa iniciada por Sansão, tendo libertado completamente o povo de Israel daquela odiosa opressão.

"A terceira aventura de Sansão com uma mulher filistéia levou-o a um trágico fim" (Oxford Annotated Bible, comentando sobre o quarto versículo deste capítulo). Ver Juí. 14.1,2 e 16.1 quanto às outras "dificuldades" de Sansão com mulheres.

16.4

Vale de Soreque. Ver no *Dicionário* o artigo que versa sobre esse local. No hebraico, o nome significa "vinha seleta". Ali residia Dalila. Talvez a área possa ser identificada com o moderno wadi es Surar, por onde passa a linha férrea que liga Jope a Jerusalém. O território em pauta fora entregue à tribo de Dã. Quanto a outros detalhes, examine o artigo citado. Aquele não era território filisteu, mas ficava próximo da cidade natal de Sansão, Zorá (ver Juízes 13.2). Excelentes videiras eram cultivadas ali; e, com base nessa circunstância, o local havia sido batizado. Cf. Gên. 49.11; Isa. 5.2 e Jer. 2.21.

SANSÃO FORTE DE CORPO, FRACO DE ESPÍRITO

Sansão foi a Gaza, e viu ali uma prostituta, e coabitou com ela... Depois disto aconteceu que se afeiçoou a uma mulher do vale de Soreque, a qual se chamava Dalila... Os filisteus pegaram nele, e lhe vazaram os olhos, e o fizeram descer a Gaza; amarraram-no com duas cadeias de bronze, e virava um moinho no cárcere.

Juízes 16.1,4,21

*** *** ***

O MUNDO É DEMAIS PARA NÓS

O mundo é demais para nós; tarde e cedo,
Obtendo e gastando, desperdiçamos nossas forças;
Pouco vemos na natureza que seja nosso;
Temos vendido nossos corações, um sórdido favor!
Este mar que desnuda seu seio para a lua;
Os ventos que uivam a todas as horas,
E que são colhidos agora como flores dormentes;
Para isso, para tudo, estamos desafinados;
Nada nos impulsiona – Grande Deus! Prefiro ser
Um pagão amamentado em um credo desgastado;
Assim pudesse eu, de pé sobre esta aprazível campina,
Ter visões que me fizessem sentir menos destituído;
Ter visões de Proteu a erguer-se do mar;
Ou ouvir o velho Tritão soprar em sua trombeta espiralada.

William Wordsworth, 1770-1850

Uma mulher... a qual se chamava Dalila. Forneci um artigo detalhado sobre essa mulher, no *Dicionário.*

Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 9) chamou Dalila de "prostituta". Mas os intérpretes hebreus, procurando narrar a história sob uma luz mais favorável, disseram que ela se tinha convertido ao yahwismo.

Sansão, pois, apaixonou-se de novo. E, novamente, uma filistéia foi o objeto de sua paixão. Paixões descontroladas nunca deixaram de metê-lo em dificuldades; mas ele jamais aprendeu a sua lição. Temos aí a história do vício.

16.5

Os príncipes dos filisteus... lhe disseram. Dalila foi usada pelos filisteus, tal como o tinha sido a esposa de Sansão (ver Juí. 14.15 ss.). A esposa dele *havia sido ameaçada de morte e, caso não cooperasse, até seus familiares teriam* sido mortos. O autor sagrado, contudo, não fala em nenhuma pressão dessa ordem sobre Dalila. Mas ela cooperou voluntariamente, segundo tudo parece indicar. As histórias de intrigas quase sempre incluem, entre as personagens, uma bela mas traiçoeira mulher. A história de Sansão está representada de belas e traiçoeiras mulheres, de uma violência sem freio, de derrotas repentinas e de súbitas vitórias, exatamente aqueles elementos que deliciam os seus leitores ou ouvintes. Esses temas até hoje são a base dos livros, dos filmes cinematográficos e, de fato, da própria vida.

Esses "príncipes", provavelmente, eram os cinco sátrapas das cinco cidades-estados dos filisteus. Eles governavam as cinco principais fortalezas daquele povo. Ver as notas sobre Juí. 3.3 quanto a maiores detalhes a esse respeito.

E te daremos. Os "príncipes" prometeram a Dalila um "prêmio", em vez de ameaçá-la, como outros filisteus tinham feito com a esposa filistéia de Sansão, a saber, dariam a ela mil e cem siclos de prata. Pode-se calcular grosso modo quanto isso valia levando-se em conta que um siclo de prata era o preço pago pelo resgate de um israelita do sexo masculino (ver Êxo. 30.13 ss.), ou por compensações e multas (ver Êxo. 21.23; Lev. 5.15; Deu. 22.19,20). Portanto, eles ofereceram a Dalila uma pequena fortuna, que lhe proporcionaria uma vida folgada por muito tempo, embora não a tornasse financeiramente independente. Foi uma oferta que ela não conseguiu recusar. E quem se importaria com o que viesse a acontecer a Sansão, o selvagem matador, mesmo que ele dissesse o tempo todo a ela: "Eu te amo"? Mas a oferta, por sua vez, indica o quanto os filisteus ansiavam por livrar-se de Sansão.

O valor do siclo, contudo, variou com a passagem dos séculos. O que se sabe é dado nos artigos do *Dicionário* intitulados *Dinheiro, II*; e *Pesos e Medidas, IV.*c; ver também Lev. 27.25 quanto a outros detalhes.

16.6

Em que consiste a tua grande força. A abordagem de Dalila não foi nada sutil. Logo de saída ela sugeriu que, se Sansão perdesse sua imensa força física, poderia ser "subjugado". Sansão brincou com ela, por causa disso. Por outro ângulo, porém, talvez ela tenha usado da sutileza de apresentar sua pergunta de maneira descontraída. A verdade, porém, é que estava em curso um jogo mortífero; e Sansão descobriu tarde demais o quão mortífero a brincadeira era.

"Sansão atirou-se a um esporte divertido, mas perigoso" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

"Dalila fez três tentativas baldadas de obter a confiança e o segredo de Sansão. De cada vez ele a iludia, inventando um meio mediante o qual ele se tornaria fraco como qualquer outro homem" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Josefo asseverou que as abordagens de Dalila eram feitas nos momentos das carícias do amor, quando então, presumivelmente, Sansão perdia um pouco a sua cautela (ver *Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 9).

16.7

Se me amarrarem com sete tendões frescos. A primeira mentira de Sansão fez o jogo prosseguir. Um tendão, usado como corda de arco, sem dúvida era um material muito resistente. Presumivelmente, sete desses tendões poderiam amarrar até mesmo o poderoso Sansão, reduzindo-o a um homem qualquer, fraco. As cordas de arcos eram preparadas com tendões de bois; e seria necessário que alguém fosse realmente forte para partir um desses tendões com as mãos. A eficácia de amarrar a Sansão com tendões já tinha sido experimentada (ver Juí. 15.13,14); mas outra tentativa, dessa vez com "sete" tendões, poderia ser experimentada.

Josefo escreveu que ramos de videira eram usados como cordas de arco (ver *Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 9), mas provavelmente ele estava equivocado. Parece certo que estão em pauta tendões frescos. Ver Salmo 11.2. As traduções da Septuaginta e da Vulgata Latina dão a entender algum material animal, e não vegetal. Adam Clarke, por sua vez, afirmou que, na Irlanda, costumavam-se usar tiras de couro de cavalo com esse propósito. Essas tiras eram tratadas para adquirir maior resistência.

O número sete, por ser o número simbólico da divindade, pode dar a entender que a grande força física de Sansão devia-se a algum encantamento mágico, e que certas ações poderiam quebrá-lo. De certa maneira, isso exprimia uma verdade. A força de Sansão derivava-se do Espírito de Deus (ver Juí. 15.14), uma fonte divina. Mas encantamentos, fossem eles quais fossem, não surtiriam efeito sobre a gigantesca força de Sansão.

16.8

Trouxeram a Dalila sete tendões frescos. E ela amarrou a Sansão, em meio a brincadeiras e piadas, a gestos tolos e uma conversa sem sentido. O *jogo continuou, ao mesmo tempo que Sansão não se sentiu nem um pouco* preocupado. No entanto, se a brincadeira prosseguisse, acabaria ficando fora de controle, e a sorte dele acabaria mudando, tornando-se fatal. Sempre será um erro brincar com o destino, como se tivéssemos alguma garantia de que o jogo com o pecado não nos prejudicará. "Sansão estava cada vez mais perto da beira do abismo" (Phillips P. Elliott, *in loc.*). O jogo dele ficava crescentemente perigoso.

16.9

No seu quarto interior homens escondidos. Dalila, pensando em todo o dinheiro que poderia receber, proferiu suas palavras de traição: "Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!". Isso feito, eles saltaram sobre Sansão, mas este partiu os tendões como se fossem cordões chamuscados pelo fogo.

O fio da estopa chamuscada. Provavelmente devemos pensar em um fio de linho, que é forte, mas se desintegra facilmente sob a ação do fogo.

O autor sagrado não fala em retaliação. Os possíveis captores de Sansão saíram da casa, livres e sem nenhum ferimento. Ele deve ter pensado que eles também estavam envolvidos no jogo. Era tudo como uma produção teatral, e Sansão sentia-se satisfeito por ser o centro de atenções da comédia. Mas podemos supor que Sansão tenha sido completamente iludido pelas intenções traiçoeiras da bela Dalila. Tarde demais ele descobriu que a mulher era uma miserável mentirosa e enganadora. As palavras fingidas de amor, que ela proferia, deixaram-no a dormitar, e ele não percebeu que estava correndo um perigo mortal.

16.10

Eis que zombaste de mim. A pessoa culpada acusou a sua possível vítima de zombaria e mentira. Dalila agiu como se ela é que tivesse sido ofendida. É verdade que Sansão a enganara; mas a verdade maior era a do ato traiçoeiro dela, que visava a execução de Sansão. O jogo já estava ficando fora de controle, mas Sansão, "cego de paixão", não queria enxergar esse fato simples. Tendo acusado Sansão de mentiroso, ela se esqueceu convenientemente de que ela própria era uma assassina conivente potencial.

A traiçoeira Dalila deu a Sansão outra oportunidade, a fim de que ele pudesse redimir-se. Os pervertidos como que tentam caminhar no teto, de cabeça para baixo. É como se ela lhe tivesse dito: "Se agora me disseres a verdade, então eu te perdoarei por seres um tão grande mentiroso".

16.11

Se me amarrarem bem com cordas novas. Novas cordas foram sugeridas. Mas o número de cordas não foi mencionado. Talvez o número supersticioso, sete, tenha sido de novo sugerido (ver o último parágrafo das notas sobre o sétimo versículo). O truque da corda já havia sido testado e mostrado ser ineficaz (ver Juí. 15.13,14). As cordas antigas eram feitas de material animal ou vegetal, e eram razoavelmente grossas, formadas por vários cordões, não podendo ser *partidas mediante a força de um homem comum. Talvez um animal, como um boi,* pudesse partir uma única corda. Mas várias daquelas cordas não podiam ser quebradas, mesmo que um animal corpulento tentasse fazê-lo. Kimchi e Ben Meleque deixaram escrito que as cordas eram feitas de três cordões retorcidos entre si.

16.12

Ele as rebentou de seus braços como um fio. Dalila, uma vez mais, utilizou-se de seu já conhecido esquema, tal e qual fizera na vez anterior. Até o grito de alerta foi o mesmo. Mas as cordas novas não conseguiram prender Sansão. Uma vez mais, porém, Sansão não retaliou, o que significa que a comédia prosseguiu e que ele se divertia a valer. Sansão tinha escapado de morrer, uma vez mais, porém continuou indiferente diante da seriedade do que estava sucedendo.

16.13

Até agora tens zombado de mim. Dalila repreendeu a Sansão, exatamente como fizera na vez anterior; e, uma vez mais, instou para que ele lhe revelasse o segredo de sua tremenda força física, dando a entender que ele poderia redimir-se de suas inverdades, se dissesse a verdade. A verdade faria Sansão quebrar seu voto de nazireu; mas ele estava sendo gradualmente forçado a contar essa verdade. Por mais uma vez, haveria outra mentira de Sansão; mas, na quarta tentativa, Sansão revelaria o segredo fatal.

Se teceres as sete tranças da minha cabeça. Sansão aproximava-se cada vez mais perto da verdade dos fatos. Desta vez, ele usou tanto o número "sete" (ver o final dos comentários sobre o sétimo versículo deste capítulo) quando se referiu aos "cabelos". Mas também mencionou os aparelhos de um tear, que nada tinham que ver com essa realidade. A Septuaginta e a Vulgata Latina (em um evidente acréscimo e exagero) dizem que Dalila fixou um pino na parede (ou no chão), a fim de manter no lugar o tear inteiro (estando os cabelos de Sansão entretecidos na teia). Sansão "permitiu que seus cabelos sagrados fossem entretecidos no tear de uma meretriz" (Ellicott, *in loc.*).

16.14

E as fixou com um pino de tear. Presos desse modo no tear, os cabelos de Sansão não poderiam ser facilmente separados do pesado aparelho. Supostamente, esse seria o encanto que tiraria de Sansão toda a sua tremenda força física, que lhe fora dada pelo poder divino, possivelmente através de encantamentos mágicos. Conforme dissemos acima, a Septuaginta informa que o pino foi fixado à parede, e a Vulgata relata que ele foi fixado no chão; mas o próprio texto sagrado nem ao menos sugere tal coisa.

O grito agora já familiar de Dalila despertou Sansão. E ele se levantou e carregou o pesado tear, com os cabelos ainda presos ao aparelho. A Septuaginta diz que Sansão arrancou o pino da parede; e a Vulgata Latina afiança que ele arrancou o pino do chão, e saiu andando. Seja como for, Sansão deu outra soberba demonstração de força física, embora nem tanto, pois até um homem comum poderia ter carregado um tear antigo.

16.15

Como dizes que me amas...? O jogo traiçoeiro de Dalila prosseguiu, enquanto ela agia com toda a seriedade e Sansão fingia nada perceber, apesar de atacado continuamente por inimigos figadais, mas sem retaliar contra eles. Além de ralhar com Sansão por dizer-lhe mentiras em vez de revelar o segredo de sua força física, ela ainda teve a coragem de mencionar o "amor". O coração de Sansão seria duro, destituído de amor por ela. De outro modo, ele não ficaria repetindo mentiras. "Quando ele a estava acariciando, ela aproveitava a oportunidade para acusá-lo de amor fingido e de coração mentiroso" (John Gill, *in loc.*). "Aquele homem de força parecia um consumado tolo" (Adam Clarke, *in loc.*).

16.16

Importunando-o ela todos os dias. Por muitos dias, Dalila não alterou seu método de ataque. Ela só pensava no grande prêmio em dinheiro que poderia ganhar dos príncipes filisteus. A cobiça a impelia. E não havia amor para aplicar os freios. A alma de Sansão, por sua vez, "se encurtava" (conforme diz, literalmente, o original hebraico, diante de toda aquela conversa, conversa e mais conversa, lágrimas, lágrimas e mais lágrimas. Ela o estava desgastando. "A debilidade da alma dele, na totalidade da narrativa, ainda parece mais espantosa do que a força imensa de seu corpo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os dias de vida de Sansão (tal como acontecia à sua alma) estavam sendo encurtados. Ele estava à beira de um ataque de nervos. Dalila apressava a morte do amante através de mais de uma maneira. Abarbinel pensava que Sansão tinha consciência de sua morte, que já se aproximava. Há estudos que demonstram que qualquer pessoa tem consciência, pelo menos um ano antes de sua morte, da iminência desta, mesmo que essa morte ocorra por acidente e a pessoa esteja perfeitamente saudável. E muita gente percebe a aproximação da morte bem antes de um ano. Os sonhos que todos nós temos nos avisam continuamente; mas esses avisos geralmente não são ouvidos ou são mal interpretados.

"... loucamente, ele ficou brincando com a chave de seu segredo. Chegou mesmo a arriscar-se, ao envolver a cabeleira em suas tolas brincadeiras. Depois disso, faltava apenas mais um passo para a catástrofe final" (Ewald, *in loc.*).

16.17

Descobriu-lhe todo o seu coração. Finalmente, Sansão desvendou o terrível segredo. Seu coração apertado não conseguiu mais reter a verdade. É como dizemos: "Ele abriu seu coração" para Dalila. Ele revelou o seu voto de *nazireado* (ver a respeito no *Dicionário*). No meio de tanta matança, com freqüência ele se contaminava cerimonialmente, quebrando aquela parte do voto que não permitia nenhum toque em cadáveres. Todavia, pelo menos ele nunca havia cortado os seus cabelos, outro requisito do voto de nazireu. E era ali que residia o segredo de sua tremenda força física. Na qualidade de homem especialmente dedicado a Yahweh, ele recebia do Senhor força especial para cumprimento da missão que o Senhor lhe havia dado. Mas, se ele violasse esse requisito do voto, então perderia, de súbito, a força divinamente concedida.

A força física de Sansão era miraculosa, nada tendo que ver com a genética. Deus haveria de abandoná-lo (ver o vs. 20 deste capítulo) se ele ousasse cortar sua cabeleira. No entanto, apesar de tão poderoso diante do inimigo, Sansão estava destinado a cair vítima fácil de uma mulher. Essa é, realmente, uma história muito antiga. Josefo opinava que Sansão deveria estar tonto de vinho enquanto brincava daquele jeito com o pecado. E isso ele dizia porque, verdadeiramente, o álcool solta a língua. Sem embargo, o próprio texto sagrado nem ao menos vislumbra essa possibilidade. Pois o voto do nazireado também não permitia que o indivíduo usasse de bebidas alcoólicas; e parece que Sansão, até ali, também estava obedecendo a esse requisito do voto, além de não tocar em seus cabelos.

A força física de Sansão não residia em seus cabelos, e, sim, no voto do nazireado, enquanto ele fosse obediente, pois era Yahweh quem lhe conferia aquela força. A desobediência, porém, arrebataria dele a presença divina, tornando Sansão uma pessoa comum. É sempre o elemento divino que faz um homem tornar-se fora do comum.

16.18

Vendo, pois, Dalila que já ele lhe descobrira todo o coração. O som da verdade é diferente do som da mentira. Todos nós somos enganados pela mentira; mas, quando a verdade nos é dita, "percebemos a diferença". Trata-se de algo parecido com a temível aranha viúva-negra. Se você vir uma dessas aranhas, então poderá dizer: "Acho que esta é uma aranha viúva-negra". Mas se você enxergar uma real aranha dessa espécie, terá certeza absoluta de que viu uma delas. Essa aranha é tão distintiva que ninguém poderá deparar-se com uma delas e duvidar de tê-la visto.

Vários intérpretes hebreus indicam que Dalila forçou Sansão a confirmar as suas palavras mediante juramentos que envolviam algum nome divino; mas o próprio texto sagrado não indica coisa alguma dessa natureza. A aparência de sua fisionomia, o tom de sua voz — isso era tudo quanto se fazia mister para Dalila perceber que Sansão, final e estupidamente, havia revelado o seu segredo.

E trouxeram com eles o dinheiro. Dalila estava tão certa de que Sansão, finalmente, revelara o seu segredo que ela exigiu e recebeu o seu prêmio, aqueles mil e cem siclos de prata (ver a respeito no quinto versículo deste capítulo). Para ela, a astúcia rendera ricos dividendos. O sucesso levou-a a exigir que lhe fosse dado o prêmio na hora.

Paulo relembrou a Timóteo qual o objetivo da missão divina que tinha recebido, bem como o inspirador dessa missão, o Senhor Jesus Cristo (ver II Tim. 2.8). Por meio da insistência cansativa de Dalila, Sansão esqueceu seu voto e perdeu a vida antes do tempo. Paulo corria a carreira cristã de olhos fixos no prêmio, a vida eterna, em Cristo Jesus (ver Fil. 3.14). Mas Sansão permitiu que a traição e um jogo tolo com o pecado desviassem o seu olhar da linha de chegada e do prêmio que estava diante dele. Ele tropeçou e caiu. Agora, estava tudo terminado. Ele deixou sua missão por acabar, embora não se possa dizer que tenha sido um fracasso completo.

16.19

Dalila fez dormir Sansão nos joelhos dela. Sansão foi posto a dormir para ser, finalmente, derrotado e esquecido. Ficou dormindo nos joelhos de sua virtual assassina, mas de nada suspeitou, no estupor de sua paixão carnal. E, enquanto ele dormia a sono solto, ela mesma cortou os cabelos de Sansão, ou então, conforme diz o fraseado do hebraico original, fez alguém prestar-lhe esse serviço. Talvez o coração mau daquela mulher não fosse assim tão empedernido a ponto de ela ter coragem de executar pessoalmente o trabalho nefando. Mas não Dalila encontrou dificuldades para ordenar que alguém praticasse a traição, algo moralmente equivalente a fazê-la com as próprias mãos. Cortar os cabelos era, ordinariamente, o trabalho feito por algum escravo (ver *Vid. Pignorium de Servis*, par. 89-91). Logo, a um homem tão humilde foi dada a tarefa de transformar aquele homem tão forte em um homem ordinário.

Passou ela a subjugá-lo. Ou seja, mediante palavras e atos fingidos. Tomada por uma alegria feroz, ela subjugou o homem poderoso. Agora ele estava a seus pés, impotente. Ela começou a ridicularizá-lo e ordenou que os captores o levassem. Foi uma cena extremamente lamentável. O ódio e a ganância tinham feito o seu trabalho. É um toque gráfico do texto sagrado que o ódio de Dalila era tão grande que, mesmo antes de Sansão acordar, ela cuspia sobre ele as suas palavras humilhantes.

16.20

Os filisteus vêm sobre ti, Sansão! Uma vez mais, Dalila deu aquele grito de aviso. E isso despertou o vigoroso Sansão. Em falsa paz e confiança, Sansão quis livrar-se de seus atacantes e zombar deles. Dessa vez, porém, ele foi o alvo das zombarias. Yahweh o tinha abandonado, e logo ele percebeu que seus patéticos esforços para livrar-se eram inúteis.

"Foi uma cena profundamente trágica. Os homens não sabem o quanto eles mudam, quando o Senhor se afasta deles, enquanto, finalmente, não sentem os efeitos desse afastamento, e assim eles caem em total vergonha e consternação" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Núm. 14.43 e I Sam. 16.14. "... logo ele descobriu a verdade. Os filisteus não demoraram a levá-lo e a abusar dele. Mais algum tempo, e ele perderia a vida" (John Gill, *in loc.*).

Uma história parecida é contada a respeito de Niso, rei dos megarenses. Sua cabeça era recoberta por cabelos de cor púrpura; e esse era o segredo de seu poder. Um oráculo tinha avisado de que ele continuaria forte e seguro enquanto preservasse aqueles cabelos especiais. Os cretianos atacaram o seu reino; mas ele se manteve firme. Então a própria filha de Niso apaixonou-se por um dos homens do inimigo, chamado Minos, rei dos cretianos. Ela contou o segredo de seu pai. Os cabelos de Niso foram rapados, e logo ele e seu povo foram entregues à mercê dos atacantes (Pausânias, Attica, 1. par. 33; Ovídio, Metamorph. 1.8).

16.21

Pegaram nele, e lhe vazaram os olhos. Sansão sofreu tremendos abusos. Sua visão preciosa foi destruída; ele foi acorrentado e obrigado a fazer mover uma pedra de moinho, trabalho geralmente entregue a um jumento ou a um boi. Cegar a um homem era um ato extremo de crueldade e humilhação. Ver II Reis 25.7. Isso pode ser comparado à história de Evênio, um sacerdote do deus-sol. Ele foi cegado pelos habitantes de Apolônia. Tal ato despertou a ira dos deuses, aos quais aquele honrava como sacerdote, e logo aqueles homens miseráveis foram destruídos.

Duas cadeias de bronze. Sansão foi agrilhoado com correntes de "bronze", conforme comentaram os Targuns dos judeus. Os filisteus não queriam arriscar-se de modo nenhum. Porém, esqueceram-se de um detalhe importantíssimo: os cabelos de Sansão haveriam de crescer novamente (ver o versículo seguinte). E sua força extraordinária e miraculosa haveria de voltar.

E virava um moinho no cárcere. Apesar de não ter nenhuma força física especial, Sansão era sujeitado a longas horas de trabalho pesado. Era um trabalho degradante, feito por animais de carga ou por escravos (ver Êxo. 11.5; Isa. 42.2). Mulheres eram forçadas a manejar um moinho menor, o que significa que elas compartilhavam da labuta e humilhação, devido ao simples fato de terem nascido mulheres. Heródoto (Hist. iv.2) contou que certos citas foram cegados e postos a trabalhar em um moinho.

"Antes da invenção dos moinhos de vento e de água, o grão era primeiramente triturado entre duas pedras; e, posteriormente, era transformado em um pó mais fino, em moinhos movidos à mão" (Adam Clarke, *in loc.*). Nos tempos de Adam Clarke, os moinhos continuavam sendo movidos por mulheres e escravos, em vários países. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Moinho; Pedra de Moinho.*

16.22

O cabelo... começou a crescer de novo. A desobediência de Sansão seria revertida mediante o crescimento de seus cabelos. Isso posto, os maus efeitos daquela desobediência seriam anulados; e o debilitado Sansão subitamente tornar-se-ia uma fera infernal outra vez. Foi uma imperdoável negligência dos filisteus não manterem os cabelos de Sansão sempre bem rapados. Mas essa negligência estava sendo dirigida por Yahweh. Ele embotou a mente daqueles homens cruéis, e eles se sentiram falsamente seguros.

Ademais, podemos supor que Sansão, em meio a toda a sua miséria, renovou os votos a Yahweh. Ele apelava para que o "Ser divino" fizesse outra intervenção.

Vingança e Morte de Sansão (16.23-31)

O que sucedeu durante esse período final da vida de Sansão representou uma melhoria em relação ao que Sansão vinha sofrendo ultimamente. Contudo, há aquele "poderia ter sido diferente", que nos cumpre escrever como comentário final sobre sua vida. Sansão obteve sucesso em linhas gerais, em sua missão. E isso é típico do que acontece à maioria dos homens. No entanto, na vida de Sansão houve muitas falhas, tanto desnecessárias quanto estúpidas. Sansão terminou a sua carreira de forma brilhante, de certo ângulo negativo; mas a sua carreira, considerada em sua generalidade, não foi brilhante. Foi conforme diz certa canção popular: "Pesares, tenho tido poucos; muito poucos para serem mencionados". Entretanto, podemos estar certos de que Sansão passou por muitos pesares, e não foram poucos para serem mencionados.

O texto registra aqui um tipo de final que importa em triunfo trágico, o que tipificou muita coisa daquilo que Sansão realizou.

16.23

Seu deus Dagom. Há um artigo detalhado acerca desse falso deus, no *Dicionário*, pelo que não entro aqui em detalhes. Uma festa religiosa dos filisteus proveu a Sansão a oportunidade de sair deste mundo de maneira espetacular. Era apenas apropriado que a adoração àquela divindade pagã fosse interrompida e devastada pelo homem de Yahweh, Sansão.

Dagom começou sendo concebido como um deus dos cereais; mas acabou sendo imaginado como o deus-peixe. É evidente que, por essa altura, já se tinha tornado o deus principal do panteão dos filisteus. Era a principal divindade de Asdode, nos dias de Davi (ver I Sam. 5.1-7), sendo adorado também em Ugarite e em Gaza. Os filisteus não foram os criadores desse culto, mas o adotaram juntamente com outros povos da região. Ele era um deus do cereal (deus da agricultura), venerado pelos semitas ocidentais (ver I Sam. 5.2-7; I Crô. 10.10).

Os filisteus estavam alegres e dispostos a festejar. O perturbador, Sansão, estava cego e preso em segurança, acorrentado e obrigado a fazer mover-se um moinho. Mas a alegria deles logo se transformaria em tristeza e perda de muitas e muitas vidas. Eles mereciam o que acabaram recebendo.

Os filisteus estavam dando crédito a seu deus, Dagom, pela derrota de Sansão. Assim sendo, não somente era apropriado, mas também era necessário que Yahweh interviesse e anulasse toda aquela frívola e idólatra celebração.

Kimchi informou que essa divindade era representada, nos ídolos e nos desenhos, da cintura para baixo como um peixe; e, da cintura para cima, como um homem. Cícero disse que os sírios adoravam o peixe (ver *Natura Deorum*, 1.3), e Porfírio (*De Abstinentia*, 1.2, sec. 6) informa-nos que algumas pessoas não comiam peixe por acreditarem nessa divindade.

16.24

Nosso deus nos entregou nas nossas mãos o nosso inimigo. Sansão foi conduzido ao templo de Dagom, e ali foi alvo de escárnios, como parte das cerimônias e atividades da festa. Se o autor sagrado deu crédito a Sansão, os filisteus lançaram-no no descrédito — como alguém que tinha tirado a vida de muitíssimos filisteus. Eles poderiam tê-lo executado, mas preferiram reduzi-lo a uma existência miserável e prolongar a sua agonia, punindo-o por todos os "males" que tinha praticado contra eles. Algum dia, porém, teriam o prazer de matá-lo; mas isso poderia esperar enquanto brincassem o jogo mórbido com Sansão.

16.25

Mandai vir Sansão, para que nos divirta. Tiraram Sansão da prisão e o trouxeram ao templo de Dagom. Seus cabelos já estavam crescendo, embora ainda não tão longos como antes. E eles nem desconfiavam do perigo que isso representava. Os filisteus não estavam interessados em ver algum feito extraordinário de força física, mas somente em zombar da impotente criatura. E olhavam para o assolador de seu país com olhar de desdém. Ali estavam eles, seguros no templo de Dagom, ao mesmo tempo que Sansão já não representava nenhum perigo. Pelo contrário, era apenas um coitado que só servia como inspiração de piadas e gargalhadas. Ele até parecia o quadro de Israel subjugado, um falso herói que havia fracassado.

Entrementes, Sansão vinha orando pela volta das misericórdias divinas sobre a sua vida. Grande tribulação se estava acumulando contra os filisteus, porquanto Yahweh não haveria de tolerar toda aquela zombaria por muito tempo. Os atos de banquetear-se, beber e dançar logo seriam reduzidos à quietude da morte.

A Septuaginta acrescenta que os filisteus espancavam Sansão com varas. Se isso foi verdade, então eles não se satisfaziam com meros abusos verbais.

16.26,27

Deixa-me para que apalpe as colunas. Ao que parece, o templo de Dagom tinha um teto plano. E ali, naquela espécie de pátio, havia muitos filisteus, homens e mulheres, em número de cerca de três mil. Os oficiais filisteus também estavam presentes: seus chefes militares, seus sacerdotes e seus líderes civis. Logo, a nata da sociedade filistéia estava presente. Eles não haveriam de querer perder aquela festa sob hipótese nenhuma, e as zombarias lançadas contra Sansão eram como especiarias salpicadas sobre a ocasião.

Sem perceber o que fazia, um jovem atendeu ao pedido aparentemente inocente de Sansão. E Sansão se encostou sobre as "duas colunas do meio", que sustentavam todo o peso do edifício (ver o vs. 29). Há algo de tocante quanto à inocência do jovem que guiava Sansão. Ele morreria junto com os demais. Ele havia prestado um pequeno serviço a Sansão, que teve tremendas conseqüências. Conforme disse Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 8, sec. 12), Sansão

estava cansado de tudo aquilo e queria acabar com seus sofrimentos. Cego, Sansão nada mais tinha pelo que viver. Tão-somente ele agora buscava uma morte útil, e a destruição daqueles três mil filisteus seria algo glorioso e bom, até onde lhe dizia respeito.

16.28

Dá-me força só esta vez. Sansão usou, em sua última oração, os três grandes nomes dados na Bíblia ao Ser divino: Elohim, Adonai e Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*, bem como sobre cada um daqueles três grandes nomes, individualmente. Foi a última petição de Sansão, e ele a ornou com os três grandes nomes divinos. Verdadeiramente, naquela hora, nenhuma oração que ele fizesse lhe seria negada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*.

Sansão queria uma ampla e final vingança, sobretudo por causa da agonia e da humilhação que sofrera quando seus olhos lhe foram vazados.

"Foi uma oração de fé, o que fica claro pelo fato de que ela foi ouvida, aceita e respondida. E também é patente que a força de Sansão não veio de seus cabelos, mas deveu-se ao poder imediato Yahweh" (John Gill, *in loc.*).

Heb. 11.32 menciona Sansão como um dos heróis da fé. E isso significa que, apesar de todas as graves falhas, Sansão cumpriu a sua missão, se a considerarmos em termos gerais.

16.29,30

Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio. As duas poderosas mãos de Sansão foram posicionadas, uma em cada uma das duas colunas do meio. Em seu íntimo, Sansão sabia que sua oração tinha sido ouvida. O templo, daí a instantes, viria abaixo. Então Sansão fez mais uma petição: ele queria morrer juntamente com os filisteus. Queria que seu triunfo final ocorresse no momento mesmo de sua morte. Nada mais lhe restava pelo que viver. Agora ele só queria ter uma boa morte.

"Poderíamos desejar que ele tivesse recuperado sua tremenda força física, continuando a labutar construtivamente em favor de sua nação e de seu Deus; mas a sua vida não era desse naipe. Ele era um homem de contendas; sua força sempre havia sido empregada para derrotar os seus adversários, da mesma maneira que eles usaram a força que tinham para derrotá-lo" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

Sansão inclinou a cabeça e fez sua oração derradeira. O poder brotou de seu corpo inteiro, tal como antes havia sempre acontecido. Nenhuma coluna, por grossa que fosse, poderia resistir à sua força, dada por Deus. As colunas cederam; e, uma vez partidas as colunas centrais, o templo inteiro ruiu, em meio a muita poeira e a muitos gritos de agonia. Destruição e morte — isso sempre fizera parte da arte de Sansão, e ele foi exímio na sua arte, até o fim. Isso proveu um grande final histórico. Ele derrubou tudo, rejubilando-se por estar no fundo das ruínas, enquanto seu espírito sobrevoava por cima de toda aquela destruição.

John Gill, neste ponto, procurando encontrar algum simbolismo, via os braços de Jesus estendidos sobre a cruz, arruinando as forças do mal e trazendo salvação aos arrependidos e crentes.

Um Bom Registro. O autor sagrado elogiou a Sansão por seu ato final de destruição. Durante toda a sua existência, ele tinha matado a menos de três mil filisteus; e isso significa que os três mil filisteus que morreram juntamente com ele excederam a tudo quanto ele tinha feito antes. De certo ângulo, isso constituiu uma boa obra, porquanto debilitou notavelmente os filisteus. Dentro de mais um século, Davi terminaria o que Sansão tinha começado. E com Davi o povo de Israel ficou definitivamente livre da opressão filistéia. Matanças anteriores, efetuadas por Sansão, tinham sido trinta em Asquelom (ver Juí. 14.19) e mil em Lei (ver Juí. 15.14-17), mas podemos ter certeza de que, no passado, Sansão havia matado mais de mil e trezentos filisteus.

Paralelos Históricos. Cleomedes de Astipalea, indignado diante de uma multa que lhe fora imposta, vingou-se derrubando uma coluna, o que provocou o esmagamento de certo número de alunos em uma escola (Pausânias, *Perieg.* vi.2,3). No dia 31 de julho de 1864, muita gente morreu quando uma coluna de granito subitamente partiu-se, fazendo desabar um telhado. Esse acidente ocorreu na Igreja da Transfiguração, em São Petersburgo.

16.31

Então seus irmãos desceram. A tragédia deixou os poucos sobreviventes em estado de choque, e ninguém fez oposição aos irmãos de Sansão, que vieram remover seu cadáver, a fim de que sepultá-lo no túmulo da família, perto de Zorá, cidade natal de Sansão. É provável que, por esse tempo, Manoá e sua esposa já tivessem falecido, e que o cadáver de Sansão tenha sido sepultado junto ao corpo deles, naquele melancólico túmulo. Essa observação de natureza doméstica mostra-nos um lampejo de simpatia humana, em meio ao terror e às matanças.

Os vinte anos de juizado de Sansão, em uma área limitada do território de Israel (principalmente no território da tribo de Dã), chegaram assim ao fim. Ver antes de Juízes 1.1 o mapa que ilustra as regiões onde os juízes exerceram sua autoridade. Um gráfico que há ali dá alguns detalhes fundamentais sobre a vida deles.

"Embora Sansão tivesse grande habilidade e fosse dotado de grande força física pelo Espírito Santo, ele cedeu diante da tentação por diversas vezes, e teve de sofrer as conseqüências disso. Sua vida serve de solene advertência a outros homens de Deus, que se inclinam por seguir a vereda da sensualidade" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Coube a Davi, um século depois de Sansão, libertar definitivamente o povo de Israel dos filisteus, aos quais Sansão havia debilitado, embora não os tivesse derrotado de todo.

Com o fim da história de Sansão, o livro de Juízes termina, excetuando alguns poucos apêndices, no trecho de Juízes 17.1-21.25.

Capítulo Dezessete

Apêndices (17.1 - 21.25)

A Idolatria de Mica e Dã (17.1 - 18.31)

O livro de Juízes termina, para todos os efeitos práticos, com a história de Sansão. Depois do relato sobre a vida deste homem, temos descrições acerca de um estado caótico em Israel, nos campos civil e religioso. Os críticos chamam esses apêndices de adições deuteronômicas ao livro de Juízes. Esses apêndices não se seguem, cronologicamente, os dias de Sansão, mas parecem relembrar tempos anteriores a ele.

Os apêndices dividem-se em duas seções principais, a saber: 1. A idolatria de Mica e Dã (Juí. 17.1-18.31). 2. O crime cometido em Gibeá e seu castigo (Juí. 19.1-21.25). Várias subdivisões são encontradas no material, as quais destacarei, conforme for avançando na exposição. Os capítulos 17 e 18 descrevem a migração da maior parte da tribo de Dã para o norte (Laís). Os danitas caíram em confusão e apostasia, típicos do período dos juízes de Israel, e o livro de Juízes descreve sete apostasias; sete servidões a potências estrangeiras; e sete restaurações mediante líderes carismáticos, os juízes.

"Teologicamente falando, os capítulos 17 a 21 do livro de Juízes constituem um epílogo que fornece ilustrações da apostasia religiosa e da degradação social que caracterizou o período dos juízes de Israel. Aquelas condições eram vistas pelo autor sagrado (que provavelmente escreveu nos dias iniciais da monarquia), como indicações da anarquia que prevaleceu nos dias em que em Israel 'não havia rei' (ver Juí. 17.6; 18.1; 19.1; 21.25)... Uma data anterior é indicada pela presença dos netos, tanto de Moisés (Juí. 18.30) quanto de Arão (ver Juí. 20.28), e pela menção da arca da aliança em Betei (ver Juí. 20.27,28). É provável que os eventos historiados nos capítulos 17 e 18 tenham ocorrido nos dias de Otniel, o primeiro juiz" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

17.1

Um homem... cujo nome era Mica. No *Dicionário*, vemos que sete pessoas tiveram esse nome. O Mica deste trecho é o primeiro da lista. Ali dou detalhes sobre esse homem, pelo que não repito aqui os informes. No hebraico, esse apelativo significa "quem é como Yahu (Yahweh)?".

Um santuário rival e herético tinha sido estabelecido no território de Dã. Contudo, um sacerdote levítico oficiava ali. E o propósito principal do relato à nossa frente é de natureza teológica. A apostasia dos danitas foi típica da confusão, tanto religiosa quanto civil, dos dias dos juízes. Ver a introdução a este capítulo, anteriormente. No artigo referido, são dados os detalhes atinentes à situação inteira.

Região montanhosa de Efraim. (Ver Juí. 2.9.) Ocorreram desvios idólatras que violavam o segundo mandamento da lei de Moisés. Cf. Juí. 8.27; Miq. 1.7; I Reis 12 e 13. Yahweh estava sendo cultuado, mas com o acompanhamento de ídolos e através de um sacerdócio não-autorizado. Era uma situação própria do sincretismo, que de modo algum se harmonizava com a legislação mosaica.

17.2

Os mil e cem siclos de prata. Mica confessou à sua mãe que havia roubado dela aquela importância. Um siclo de prata representava o salário de um trabalhador dos campos por um mês, e isso significa que a soma era bastante alta. Mica não havia resistido à tentação de roubar sua própria mãe! Ver no *Dicionário* o

artigo chamado *Siclo, em Dinheiro, II;* e também o artigo chamado *Pesos e Medidas, IV.c*; ver também informações adicionais nas notas expositivas sobre Êxo. 30.13 e Lev. 27.25.

Mica arrependeu-se e confessou o seu pecado. Sua mãe tinha invocado uma maldição contra o ladrão, sem saber de quem se tratava. Os israelitas antigos levavam muito a sério as bênçãos e as maldições, supondo que o poder divino estava por trás de ambas as coisas. Parte da mudança de atitude mental de Mica devia-se ao temor. Ele tinha escondido dinheiro amaldiçoado e poderia sofrer pragas da parte de Yahweh, como algum acidente, morte prematura, reversão financeira, ou ele mesmo poderia ser roubado por outros etc.

Quando a mãe de Mica ouviu a confissão do filho, tentou contrabalançar sua maldição anterior por meio de uma bênção. Mas então ela mesma caiu sob a maldição de Yahweh, tendo usado a prata para fabricar imagens de escultura (vs. 4). De acordo com a noção da mãe de Mica, Yahweh poderia ser adorado por meio daquelas imagens; e o próprio Yahweh, presumivelmente, seria honrado mediante a idolatria (vs. 4).

A Maldição de uma Mãe. Essa maldição era tida como especialmente eficaz (ver Eclesiástico 3.9-11). "A maldição de uma mãe desarraiga os fundamentos." Por uma estranha coincidência, a soma foi igual àquela prometida a Dalila, a fim de trair a Sansão (ver Juí. 16.5). A mãe de Mica era, sem dúvida, uma boa negociante, porquanto tinha conseguido acumular uma quantia em dinheiro incomum para uma mulher. Aquela mulher notável havia proferido uma terrível maldição contra o próprio filho, não sabendo que ele havia sido o ladrão.

17.3

De minha mão dedico este dinheiro ao Senhor. Conforme as coisas acabaram sucedendo, o dinheiro foi dedicado a Yahweh. Por sua ignorância, a devoção daquela mãe a Yahweh assumiu um aspecto idólatra, visto que ela resolveu fazer imagens de prata, vinculadas ao culto do Deus de Israel. Ao que parece, aquele tinha sido o intuito inicial daquela prata, desde o começo; e, agora que o material roubado havia sido restituído, o plano foi posto em execução. "A religião plenamente madura de Israel proibia o uso de imagens fundidas e de escultura (ver Êxo. 20.4,23; 34.17), mas parece claro que houve círculos nos quais essas imagens chegaram a ser usadas. Essas leis eram desconhecidas de algumas pessoas" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo). Talvez seja generosidade demasiada supor que a lei mosaica não foi divulgada por todo o território de Israel, e que houve espaço para a adoração a Yahweh ser efetuada por meio de ídolos. Seja como for, isso aconteceu. A maior parte dos intérpretes lança a culpa à "decadência universal", e não à ignorância, da religião de Israel, como explicação de incidentes assim.

"A tentação em relação à idolatria é muito forte no coração humano, especialmente entre povos simples e primitivos. Deus parece extremamente vago para eles, a menos que haja algum símbolo, como um quadro ou uma imagem! Todavia, esse anelo não é inteiramente destituído de valor. Pois leva os homens a edificar santuários e catedrais, que incorporam os mais nobres sonhos e os mais notáveis talentos do gênero humano... (contudo, por causa disso, os homens sucumbem diante da idolatria). O ídolo de Mica revela-nos o que deve ter sido uma prática comum e aceita em muitos lares israelitas" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

17.4

Tomou duzentos siclos de prata, e os deu ao ourives. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado Ourives. Essa ocupação figurava entre as antigas profissões e atividades humanas. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Artes e Ofícios*. A imagem ou as imagens foram feitas com os duzentos siclos de prata. Mas nada nos é dito acerca dos restantes novecentos siclos de prata. No mínimo, por algum tempo, a mulher guardou aquele dinheiro, e é possível que parte tenha sido investida no culto que ela acabou criando (ver o próximo versículo). E, sem dúvida, outra parte tornou-se seu "fundo de aposentadoria".

Há uma curiosa história paralela a esta, no relato do assassinato de Sir John Hawle. O homicídio teve lugar na abadia de Westminster. Seus assassinos pagaram, como penitência, uma polpuda soma em dinheiro; e esse dinheiro foi gasto na manufatura de uma imagem muito dispendiosa, que foi posta na capela de Santo Erasmo!

E a imagem esteve em casa de Mica. O culto estranho começou na casa de Mica, mas não demorou a desenvolver-se sob forma mais elaborada (conforme se vê no versículo seguinte). E foi assim que a idolatria cresceu e floresceu, e tudo feito no nome de Yahweh! E isso tem prosseguimento até os nossos próprios dias, dentro das igrejas cristãs.

17.5

Veio a ter uma casa de deuses. É provável que na casa de Mica houvesse seu ídolo particular, além de outros, formando uma "casa de deuses". Tudo começou como uma religião doméstica, mas agora Mica já se estava tornando o sumo sacerdote de um culto novo. Ele contava com uma "estola", provavelmente em imitação ao culto efetuado nos tabernáculos, e também tinha ídolos (terafins). Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Estola* e *Terafins*, quanto a detalhes completos sobre esses itens. É perfeitamente possível que parte dos novecentos siclos de prata restantes tenha sido investida no desenvolvimento desse culto. A mãe de Mica "sustentava" financeiramente a religião sincretista de Mica. Apesar de todas as proibições da lei mosaica, o uso de terafins continuou durante a maior parte da história de Israel. A chamada "religião popular" nunca desaparece, a despeito das restrições eclesiásticas. Ver II Reis 23.34; Êxo. 21.26; Osé. 3.4 e Zac. 10.2.

Consagrou. Literalmente, o hebraico diz "encheu as mãos". O sentido dessa expressão liga-se ao fato de que um sacerdote recebia, pela primeira vez, em suas mãos, uma oferenda para apresentar ao Senhor. Ver Êxo. 28.41; 29.24; Lev. 7.37. Um dos filhos de Mica recebeu, pela primeira vez, os emblemas que o consagraram sacerdote. Alguns estudiosos supõem que a própria casa de Mica tenha sido transformada em sede de seu santuário aberrante. Talvez ele tenha feito acréscimos à sua casa, a fim de acomodar o culto.

17.6

Cada qual fazia o que achava mais reto. Este versículo age como uma espécie de comentário lamentável sobre as condições caóticas daquele período da história de Israel. Como poderia haver uma "casa de ídolos" dedicada a Yahweh? O autor estava dizendo que as coisas andavam simplesmente enlouquecidas, cada qual querendo fazer algo diferente, em lugar de deixar-se moldar pela legislação mosaica. Em seus ciclos de apostasia, servidão e restauração à liberdade, a fé pura em Yahweh só retornava mui ocasionalmente. Na maior parte do tempo, predominava ou a idolatria franca ou um sincretismo doentio.

Quando foi iniciada a monarquia, o rei, dotado de autoridade universal em todo o país, foi capaz de centralizar em Jerusalém o culto religioso dos israelitas. E também pôde impor restrições e orientação. Antes disso, entretanto, qualquer coisa podia acontecer. O autor sagrado, como é óbvio, estava escrevendo no tempo da monarquia, quando um rei já governava o país. Naturalmente, os reis idólatras que o povo de Israel teve recriavam a antiga confusão, e alguns deles foram poderosos agentes corruptores. É provável que, quando o presente versículo foi escrito, o tempo fosse o começo da monarquia, antes que as coisas, uma vez mais, ficassem fora de controle. Cf. Juí. 18.1; 19.1 e 21.25. Ver Deu. 12.8, que predisse tempos caóticos dessa natureza, mais ou menos com as mesmas palavras usadas aqui.

O Levita de Mica (17.7-13)

A fim de emprestar autoridade mosaica ao seu culto, ou com sinceridade, querendo aprimorá-lo, Mica pôs um levita à testa do culto. Não sabemos dizer de que modo o filho de Mica estava relacionado a tal levita. Talvez os dois se dessem bem e pudessem trabalhar em cooperação mútua. Mas o levita, sem dúvida, tinha assumido a liderança. Mais adiante, como algo totalmente incidental, descobrimos que esse levita era neto de Moisés, o que significa que ele provia uma grande autoridade em favor do culto aberrante (ver Juí. 18.30).

17.7

Havia um moço de Belém de Judá... que era levita. Não está em pauta a Belém de Zebulom (ver Jos. 19.15). Parece que esse levita (que era neto de Moisés; ver Juí. 18.30) tinha vivido em Belém. Os levitas possuíam suas próprias cidades, onde residiam em sua maioria. Essas cidades eram quarenta e oito no total; mas eles não eram obrigados a residir nesses lugares designados. Ver o capítulo 21 do livro de Josué. Apesar de Belém não ser uma dessas quarenta e oito cidades, sem dúvida ali residiam alguns levitas. "Um levita podia casar-se dentro de outra tribo (que não fosse a de Levi), contanto que a mulher não fosse uma herdeira" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.8

Para ficar onde melhor lhe parecesse. Dentro das vicissitudes da época, o levita deixou a cidade de Belém e saiu em busca de um lugar mais conveniente para ele. Mas as motivações para isso não são reveladas. É provável que razões financeiras tenham feito o jovem partir, talvez em busca de emprego. Ele vinha sendo sustentado pelos dízimos e ofertas do povo; mas também é lógico supormos que esse apoio financeiro aos levitas tivesse diminuído muito diante do caos em que tudo tinha caído, por todo o país. Portanto, ali estava ele, na estrada, procurando uma colocação — uma história antiga e, no entanto, bastante moderna, no caso das massas populares. John Gill pensou que talvez ele fosse uma espécie de "indivíduo sem eira nem beira", um vagabundo internacional. Ver Nee. 13.10,11, quanto ao fato de que os levitas, algumas vezes, eram negligenciados.

Não tendo herança e sem terras para trabalhar, algumas vezes eles afundavam na mais profunda penúria. Mas aquele homem teve a "boa sorte" de chegar até Mica e seu santuário.

17.9,10

Então lhe disse Mica. Tanto o próprio levita quanto Mica devem ter pensado que Yahweh o tinha levado até ali. Sem dúvida, Mica ficou muito contente por poder contratá-lo, oferecendo-lhe dez siclos anuais, mais ou menos o que um trabalhador no campo poderia esperar ganhar. Ver Juí. 17.2 e suas notas expositivas quanto a isso, onde há informações sobre quanto um siclo de prata era capaz de comprar. Os levitas eram tradicionalmente pobres, conforme tem acontecido à maioria dos ministros, através dos séculos. Assim, receber o salário de um trabalhador nos campos a fim de cuidar do santuário de Mica, sem dúvida deve ter parecido um bom emprego para aquele levita. Ele não ficaria rico, mas também não passaria necessidade.

Sê-me por pai e sacerdote. Ou seja, um líder espiritual que cuidasse de seus filhos espirituais. Isso pode ser comparado a certos títulos religiosos atuais, como papa, padre etc. Ver II Reis 2.12; 5.13; 6.21; Isa. 22.21 quanto a usos semelhantes. E ver também o fato de que Jesus proibiu que a alguém chamássemos de "pai", nesse sentido espiritual e religioso, em Mateus 23.9.

Aquele "pai" local, pois, tornar-se-ia um "papa local", o sumo sacerdote que exerceria autoridade sobre a sua "família" (Mica e seus parentes imediatos). Mediante a instalação daquele levita em sua casa, como cabeça do culto, Mica poderia fazer sua religião particular conformar-se mais de perto à legislação mosaica. Não era apropriado que ele fizesse de seu filho (que não era levita) um sacerdote. Nem Mica nem seu filho tinham autoridade para tanto. Mas o levita viera "autenticar" a fé sincretista da casa de Mica. Esse relato, pois, mostra que os levitas ainda tinham prestígio, a despeito do fato de serem negligenciados, naqueles tempos perturbados.

17.11

E o moço lhe foi como um de seus filhos. O levita tinha encontrado um bom "emprego". De resto, ele tinha sido treinado para aquilo, tinha o know-how. E, embora o salário não fosse dos melhores, era adequado. Também havia muito alimento; e ele era prestigiado. Devemos levar em conta o lado pessoal da história. O levita deu-se tão bem com seu empregador, que se tornou como um de seus próprios filhos. O arranjo trabalhava maravilhosamente bem, de forma harmônica. E foi assim que aquele "santuário de família" prosperou de maneira admirável. Não obstante, a despeito de tudo quanto fora feito em favor dele, quando teve oportunidade de obter um melhor emprego (que envolveu o furto das imagens usadas no culto de Mica), o levita correu para servir seus novos empregadores (ver Juí. 18.20 ss.). Isso posto, a generosidade de Mica foi recompensada com a ingratidão. Porém, o dinheiro sempre falou mais alto do que meros bons sentimentos.

17.12

Consagrou Mica ao moço levita. O verbo "consagrar", no original hebraico, é "encher as mãos". Mica fez com o levita a mesma coisa que havia feito antes com seu próprio filho. Ver as notas sobre o quinto versículo deste capítulo. O levita, pois, foi oficializado em seu papel de sacerdote e estava desempenhando sua função, com notável sucesso. Somente levitas pertencentes à família de Arão tinham o direito de atuar como sacerdotes. E alguém que não estivesse ligado ao tabernáculo era proibido de nomear alguém para o sacerdócio. Naqueles dias caóticos, entretanto, aconteceu toda forma de irregularidade. Sendo da tribo de Efraim, Mica não tinha autoridade religiosa; mas ele não se importou em seguir as regras. A regra do pragmatismo, "aquilo que funciona é a verdade", dominava a cena inteira em Israel.

17.13

Disse Mica: Sei agora que o Senhor me fará bem. A presença do levita servia de forte consolação para Mica. Ele tinha a certeza de que, tendo encontrado um levita que cuidasse de seu santuário, Yahweh haveria de abençoá-lo. A declaração faz parecer que Mica antes tivera dúvidas quanto à autenticidade de seu santuário; mas a presença do levita eliminará todas essas possíveis dúvidas.

"Ele tinha certeza de que o Senhor haveria agora de mostrar-se mais favorável, porquanto dispunha de um genuíno sacerdote levita para que efetuasse apropriada e eficazmente os ritos religiosos" (Jacob M. Myers, *in loc.*). Entretanto, a idolatria assombrava todo aquele santuário. Porém, estarmos certos e sentirmo-nos consolados nem sempre significa que estamos com a razão.

"Esses atos de desobediência à lei de Deus eram típicos entre os israelitas da época dos juízes" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ver o artigo detalhado, no *Dicionário*, intitulado *Levitas*.

Capítulo Dezoito

A história iniciada em Juízes 17.1 tem continuação neste capítulo. Ver as notas de introdução naquele ponto.

Os Espias Danitas (18.1-6)

Por enquanto, os israelitas ainda não tinham rei, pelo que condições caóticas continuavam a prevalecer entre eles. Uma adoração idólatra a Yahweh, um monstro de sincretismo, tinha sido iniciada na casa de Mica, e era um levita que ali oficiava. Fé tão aberrante, pois, opunha-se ao culto oficial no tabernáculo; mas os culpados aparentemente não tinham consciência, ou então não se incomodavam com o erro envolvido naquele misto de yahwismo e paganismo. O território de Efraim não era lugar legítimo para um santuário, e nenhum levita tinha coisa alguma que ver com a idéia de encabeçar um culto rival. Porém, não demoraria muito para toda aquela aberração chegar ao fim.

A tribo de Dã em breve começaria a mudar-se mais para o norte, porquanto tinha descoberto ser impossível viver pacificamente no sul. Isso também é narrado neste capítulo, mas o aspecto religioso foi o que mais interessou a mente do autor sagrado.

"*A Migração da Tribo de Dã.* Nos primeiros dias dos juízes, os danitas estavam localizados mais para sudoeste (ver Jos. 19.40-46; Juí. 1.34; 13.2). Mas a pressão exercida pelos filisteus forçou-os a mudar bem mais para o norte" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o primeiro versículo do capítulo 18 de Juízes). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dã*, quanto à história dessa tribo de Israel.

18.1

Naqueles dias não havia rei em Israel. Este versículo repete a declaração de Juízes 17.6. Ver também Juí. 19.1 e 21.25. Para o autor sagrado (que escreveu no começo do período da monarquia), o fato de Israel não ter rei significava confusão, fragmentação e falta de disciplina. A história dos espias da tribo de Dã e os vários acontecimentos em torno do incidente ilustram essa tese. O levita (sacerdote) da casa de Mica foi levado pelos danitas para o norte, juntamente com toda a tribo. A tribo de Dã tinha recebido sua herança mais para o sul, mas logo aprendeu que não poderia deslocar os filisteus e os amorreus. Ver Jos. 19.40 ss. quanto ao território que os danitas tinham herdado. O capítulo 13 do livro de Josué lista as áreas que foram deixadas sem conquistar, o que aconteceu com quase todas as tribos. Os danitas, então, resolveram transferir-se para um território mais fácil, abandonando as terras tão problemáticas do sul.

Cinco homens selecionados foram nomeados como espias para investigarem a região mais ao norte, a fim de analisar as possibilidades de mudança. Cf. Deu. 1.24. A caminho do norte, a rota seguida por aqueles homens fê-los passar pelo lugar onde residia Mica, no território de Efraim. Ficaram surpresos por encontrar um levita ali. Então aproveitaram a sua presença para "consultar o oráculo" e, tendo obtido uma resposta favorável, prosseguiram com maior dose de confiança.

"O fracasso dos danitas em conquistarem sua partilha de terras, e a baixa condição a que se viram reduzidos, tornou-se mais notável porque, no deserto, eles tinham sido a mais numerosa das tribos (Números 1.39 dá o número deles como 62.700 homens), e também porque receberam o menor território dentre todas as tribos" (Ellicott, *in loc.*). Ver Juí. 1.34,35 quanto às dificuldades dos danitas com os amorreus. Ver Juí. 13.1; 14.4; 15.11 quanto aos assédios efetuados pelos filisteus.

18.2

Enviaram os filhos de Dã. Ver no *Dicionário* acerca de todos os nomes próprios que figuram neste versículo. Os cinco guerreiros deixaram suas cidades natais de Zorá e Estaol. Ver Jos. 19.41 quanto a essas cidades, então alocadas à tribo de Dã. Ainda no começo de sua jornada, chegaram à casa de Mica. Provavelmente era um lugar bem conhecido, e foram ali propositadamente, e não por mero acaso. Mica ofereceu-lhes hospitalidade, sem saber que iria perder o "seu levita". O lugarejo de Mica ficava somente a cerca de trinta e nove quilômetros de Zorá, de acordo com os cálculos feitos por alguns estudiosos. Eles poderiam ter preferido seguir pela Sefelá, uma rota mais curta; mas aquele território estava coalhado de inimigos. Foi assim que os cinco espias, homens de valor, guerreiros e líderes importantes, internaram-se na região montanhosa de Efraim (ver Juí. 17.1).

18.3

Reconheceram a voz do moço, do levita. É possível que aquele levita fosse pessoa bem conhecida, capaz de ser identificada, mediante o tom de sua voz, por muitas pessoas, incluindo aqueles danitas. Ou então, mais provavelmente ainda, seu sotaque regional sugeria que ele não era nativo de Efraim, o que teria levado os cinco espias a indagar: "De onde vieste?". E logo descobriram que

ele era levita. Abarbinel conjecturou que o homem estaria efetuando algum rito religioso, fazendo suas orações, invocando o nome de Yahweh etc., e que essa tinha sido a voz que eles tinham identificado. Ele era de Belém, e também era levita, o que de pronto os deixou interessados, porquanto, segundo pensavam, ele tinha acesso a Yahweh, o que poderia ajudá-los a cumprir sua missão de investigação com maior sucesso.

Ver Juízes 12.5 quanto à incapacidade de os efraimitas pronunciarem corretamente certos fonemas. Ali, pois, aquele sacerdote estava pronunciando coisas impossíveis para os habitantes da área. Portanto, tornou-se óbvio que ele não tinha sido criado naquela porção de Israel.

18.4,5

Ele respondeu. O levita revelou-lhes por qual razão estava ali, e mostrou-lhes a sua atuação como sacerdote. Assim, de forma bafejada pela sorte, os homens de Dã tinham topado com alguém que poderia dar-lhes orientações da parte de Yahweh, e apressaram-se a "consultar o oráculo". A missão deles prosperaria? Jônatas (nome do levita sacerdote; ver Jos. 18.30) provavelmente mostrou-lhes o seu equipamento, a saber, a estola sacerdotal e os ídolos. E, assim sendo, os danitas sentiram-se felizes em poderem consultar um vidente.

É possível que a consulta do oráculo tenha sido feita mediante o lançamento de sortes (ver I Sam. 14.40,41). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes*, quanto a esse método de adivinhação. Ver também ali o verbete intitulado Adivinhação. O uso que os danitas fizeram desse oráculo mostra que eles, como provavelmente todo o povo de Israel, estavam envolvidos em uma fé sincretista. Yahweh era a personagem principal do culto, mas havia a inclusão de elementos que não concordavam com a legislação mosaica. Lá fora havia muitos "oráculos particulares". Somente mais tarde (já durante a monarquia), tudo acabou sendo centralizado no templo de Jerusalém. É um anacronismo supor que, naquele período inicial, todo homem que quisesse consultar um oráculo tinha de ir a Silo com esse propósito, porque ali estava armado o tabernáculo. Essas idéias de centralização tiveram desenvolvimento lento, e ainda não eram patentes nos tempos dos juízes de Israel, embora isso possa ter sido um ideal antigo, ainda que não uma realidade.

18.6

Disse-lhes o sacerdote: Ide em paz. Nada nos é dito quanto ao *modus operandi* do oráculo; mas a resposta foi favorável. Prometia paz e prosperidade. O oráculo sempre despertava a esperança no coração humano, porquanto acreditava-se que o poder de Deus residia ali, a fim de proteger e abençoar. Na Igreja cristã, a "profecia" com freqüência tem assumido um aspecto de oráculo privado, administrado por algum membro da congregação. Grande encorajamento é conferido dessa maneira, algumas vezes de maneira genuína, e de outras vezes, não. A maior parte dos oráculos (como também se dá com as profecias, na atualidade) eram vagos, deixando de lado detalhes desejáveis. Mas se Yahweh assim tinha determinado, aqueles espias danitas partiriam cheios de esperança e em paz. Não precisavam receber informações detalhadas.

Satanás Seria a Fonte da Predição Dada? Alguns intérpretes aventam essa possibilidade, porquanto a mensagem foi dada em meio às irregularidades do oráculo em Efraim; mas isso parece ser uma interpretação por demais refinada e fantasiosa. Os críticos argumentam que tudo não passou de mera superstição. Mas a experiência ensina que pode haver valor nos oráculos. É verdade que Dã não tinha conseguido apossar-se do território que Deus lhes concedera originalmente; também era verdade que os danitas levaram para sua nova localização aquele culto sincretista; e, por semelhante modo, é verdade que todo o povo de Israel, infelizmente, por essa altura, já tinha adotado alguma forma de idolatria. Mas tudo isso fazia parte da essência do caos religioso daqueles dias. Deus, mesmo assim, tinha um propósito para Dã, mais ao norte.

O Relatório dos Espias (18.7-10)

18.7

Chegaram a Laís. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse lugar. A cidade (moderna Tell el-Qadi) ficava cerca de cento e sessenta quilômetros ao norte do monte Efraim. O nome Laís foi posteriormente mudado para Dã. Naquele lugar, encontraram um pequeno estado arameu (cf. II Sam. 10.6). O povo dali estava em paz, vivendo em tranqüilidade, um povo pacífico, representando assim, para os espias danitas, um figo pronto para ser colhido e comido. Eles não teriam de guerrear contra aquela gente pobre, e assim poderiam esquecer-se de seu passado difícil no sul, onde tinham de contender com os filisteus e os amorreus. O lugar era independente, sem governo central, e talvez nem tivesse exército organizado. Os arameus viviam isolados e não tinham comércio com outras nações. Mas logo a paz deles seria perturbada. Eles viviam como os sidônios, ou seja, no luxo e na prosperidade, o que gerava uma vida fácil e sem preocupações. É possível que aquela gente fosse uma colônia que havia sido formada por sidônios. Ver Gên. 10.15 quanto a notas sobre Sidom. E visto que aquele povo não estava em ligação com nenhum outro povo, seria fácil negociar com eles.

18.8,9

Então voltaram a seus irmãos. Os espias danitas voltaram para o lugar de onde tinham partido (Zorá e Estaol) e apresentaram o relatório mais positivo possível. Eles disseram, para todos os efeitos práticos: "Por que estais demorando neste lugar miserável. Bem mais ao norte há um paraíso esperando para ser conquistado por nossos exércitos. Vamos embora!". Adricômio noticiou, entusiasmado, que aquela área tinha ótimas terras de pastagem, era fértil para efeitos agrícolas, e tinha frutas em abundância e com grande variedade. E Josefo secundou essa informação (referindo-se ao testemunho dado por aquele homem; ver *Antiq.* 1.5, cap. 3, sec. 1). Cf. Núm. 14.7; Jos. 2.23,24. "... a rica e bela região isolada do trecho mais encantador da Palestina..." (Deão Stanley, em seu comentário sobre a região).

Estais aí parados? Cf. I Reis 23.3 e II Reis 7.9.

18.10

Quando iá chegardes, achareis. Os espias fizeram mais algumas promessas. O território era seguro. O povo que ali vivia era pacífico e vivia em segurança. E por que os danitas também não viveriam ali em segurança, se fossem ocupar a região? Além disso, Elohim estava ao lado deles, orientando-os, tal e qual o oráculo havia dito (ver o sexto versículo deste capítulo). Os danitas vinham sofrendo privações e atritos contínuos com os filisteus e os amorreus; mas tudo isso seria esquecido na prosperidade de suas novas terras.

"Foi um discurso bem claro e intenso, prenhe de bom senso, perfeitamente adaptado para o seu propósito. Parece haver produzido um efeito instantâneo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Resposta Imediata dos Danitas (18.11-13)

18.11

Seiscentos homens armados. O exército de Dã partiu à frente do povo. Os danitas sentiram que bastariam seiscentos guerreiros para despachar aquela gente pobre e pacífica do norte. Uma vez realizada a conquista, então a tribo toda locomover-se-ia. O vs. 21 deste capítulo mostra-nos que parte da tribo, contudo, tinha acompanhado os guerreiros. Portanto, aquele primeiro contingente foi mais do que meramente militar. Eles estavam imbuídos da firme confiança de que a expedição seria bem-sucedida, a ponto de não porem em perigo suas esposas e seus filhos se avançassem desde aquela primeira tentativa de conquista.

18.12

Quiriate-Jearim, em Judá. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre essa localidade. Originalmente, a cidade pertencia à liga dos gibeonitas (ver Jos. 9.17). Ficava cerca de treze quilômetros a noroeste de Jerusalém e, ao que parece, foi o primeiro sítio de acampamento dos danitas que se dirigiam a Laís.

Quiriate-Jearim significa "cidade de florestas". A arca da aliança esteve ali pelo espaço de vinte anos, ao ser devolvida pelos filisteus (I Sam. 6.20,21; 7.2).

Maané-Dã. Esse foi o nome temporariamente aplicado ao lugar, devido à circunstância de que ali os danitas estiveram acampados. Tal nome significa "acampamento de Dã" (ver também Juí. 13.25). O fato de que o lugar chegou a ser conhecido por esse nome sugere que os danitas estiveram acampados ali por algum tempo.

Está por detrás. Ou seja, a "oeste" de Quiriate-Jearim. Essa breve explicação mostra-nos que o acampamento dos danitas não ficava na cidade, mas perto dela, como poder-se-ia esperar. Por assim dizer, eles não ficaram hospedados nos "hotéis" da cidade, mas acamparam-se nas proximidades, ao ar livre, provavelmente em tendas.

18.13

Dali passaram à região montanhosa de Efraim. Não sabemos dizer por quanto tempo os seiscentos guerreiros (e suas famílias) permaneceram em Maané-Dã. Mas, depois que levantaram acampamento, logo chegaram à casa de Mica, onde tinha sido estabelecido o oráculo de Efraim. Essa parada sem dúvida havia sido planejada. Os espias os tinham instruído a parar ali. Os espias haviam sido bem recebidos, e sem dúvida as tropas também o seriam.

"Dã emigrou e, no caminho, furtou o sacerdote e as imagens de Mica" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 11 deste capítulo). Ver Juí. 17.1 e 18.2 quanto à casa e ao oráculo de Mica.

Embora tenham sido bem recebidos, eles não agiram com lisura. Sem dúvida, Jônatas, o sacerdote levita, havia ganho uma boa reputação através de seu oráculo, que tinha encorajado os espias a continuar a missão até Laís. Os danitas, pois, queriam contar com a ajuda daquele "homem de boa reputação", que poderia continuar a dar-lhes bons oráculos, no novo território. Isso posto, forçaram a questão e deixaram Mica a queixar-se amargamente.

18.14

Sabeis vós que...? Os cinco espias prosseguiram, dotados de autoridade especial. E informaram os outros danitas acerca do oráculo na casa de Mica, bem como sobre a estola, dos terafins, das imagens etc. Eles tinham ordenado que os danitas se "apossassem" de tudo, mediante as seguintes palavras: "Vede, pois, o que haveis de fazer". Foi como se eles tivessem dito: "Quando virdes aquele excelente oráculo, com todo o seu bom equipamento, sabeis o que convém fazer. Não deis ouvidos a nenhum contra-argumento. Usai de violência, se for necessário". E os versículos que se seguem mostram que os guerreiros, antes de tudo, ocuparam-se do furto do levita e suas imagens.

"Naqueles filibusteiros danitas, podemos perceber a mesma estranha mistura de superstição e desregramento, a mesma tendência à desonestidade e à devoção que com freqüência podia ser observada nas brigadas gregas e italianas" (Ellicott, *in loc.*).

18.15

Chegaram à casa do moço, o levita... e o saudaram. Essa saudação era uma fraude. Os danitas estavam ali para roubar e aplicar a violência, se fosse necessário. Conforme é típico dos homens malignos e injustos, eles eram indivíduos totalmente egoístas, enriquecendo-se às expensas de outras pessoas. Os parasitas não têm consciência. Foi tudo um modo de proceder nefando, sobretudo por dizerem que estavam seguindo a orientação de Yahweh (ver o décimo versículo). Eles misturavam a devoção religiosa com o crime, o que não é nada incomum, embora sem dúvida um erro gravíssimo.

Parece que Mica estava ausente de casa, quando toda aquela negociação ocorreu, pois, do contrário, teria armado uma confusão qualquer. Mais tarde, porém, ele perseguiu o grupo e o alcançou.

18.16

Os seiscentos homens. Sendo tantos, ficaram defronte do portão, olhando ameaçadoramente para dentro da casa. Ninguém ousaria fazer oposição a eles. Enquanto isso, os cinco espias, que já sabiam onde estava o oráculo e o seu equipamento, entraram e concretizaram o furto. Dessarte, pelo bem recebido devolveram o mal, quebrando vergonhosamente a lei do amor, que é a prova mesma da espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*. Não obstante, podemos ter certeza de que sua consciência não pesou por causa desses atos vergonhosos. Tão-somente aplicaram a regra pragmática: "Aquilo que funciona é bom". O que era bom para eles deveria ser certo, sem importar o que Mica dissesse a respeito. Afinal, ele já tinha possuído o oráculo por tempo suficiente; e agora era a vez deles.

À entrada da porta. Pode ter sido a entrada da cidade ou a entrada da casa de Mica. Sem importar como sucedeu exatamente, se Mica estava em casa, sem dúvida eles eram bem visíveis; e o pobre Mica não tinha como opor-se a tão grande grupo armado.

18.17

Subindo os cinco homens. Sendo guerreiros selecionados e violentos, eles se ocuparam de fazer o furto propriamente dito. E arrebataram todo o equipamento do oráculo. O sacerdote, entrementes, ficou de pé à entrada da porta, acompanhado e guardado pelos seiscentos guerreiros. Ali ele estava, cativo, contemplando tudo enquanto seu oráculo era desmantelado. Alguns estudiosos imaginam que a tarefa dos seiscentos guerreiros era manter o levita em conversação com eles, enquanto os cinco espias roubavam os apetrechos. Seja como for, somos obrigados a reconhecer que ele nada podia fazer diante daquele grupo armado.

18.18,19

Caia-te... e vem conosco. O propósito dos cinco espias era óbvio, mas mesmo assim o sacerdote perguntou: "Que estais fazendo?". Mas a resposta deles foi curta e seca. Na verdade, as coisas ficaram melhores para Jônatas, pois agora ele tinha um emprego melhor, um salário mais alto, porquanto toda uma tribo haveria de pagá-lo, e não apenas um homem. Além disso, pensemos em seu prestígio multiplicado. Ele iria tornar-se o sacerdote de uma tribo inteira de Israel. Era um oferecimento que ele não poderia mesmo rejeitar. Afinal, por que não aceitar a melhor proposta? Seu prestígio seria maior, pois havia "subido" de posição. O vs. 20 deste capítulo mostra-nos que o homem foi facilmente persuadido. Isso comprovou a sabedoria prática daquele antigo ditado popular que diz: "Se você não puder derrotar seus inimigos, alie-se a eles".

Sê-nos por pai. Outro tanto já lhe havia sido dito. Ver Juí. 17.10, onde a questão é comentada.

18.20

Então se alegrou o coração do sacerdote. Embora isso o envolvesse em um ato de traição em relação a Mica, seu coração astucioso segredou-lhe que a negociação lhe era vantajosa, porquanto seu prestígio aumentaria. Mica tinha sido como um pai para ele; mas agora ele seria como um pai para a inteira tribo de Dã (ver o versículo anterior), o que era muito melhor para ele. E assim, sem hesitação, todo o equipamento do oráculo foi tomado e o sacerdote aliou-se aos seiscentos guerreiros de Dã, e a seus familiares, e partiu com eles para Laís. O que começara como um furto acabou como uma concessão. Pelo menos não houve derramamento de sangue, pois matanças eram algo muito comum nos dias dos juízes de Israel.

"A infeliz alacridade com que ele sancionou o furto e preferiu defender seus interesses próprios, abandonando à sua sorte a causa de Mica, foi algo muito indigno de um neto de Moisés" (Ellicott, *in loc.*).

"A situação se ajustou muito bem à disposição mental cobiçosa, ambiciosa, inconstante e vagabunda daquele homem" (John Gill, *in loc.*).

18.21

Seus bens. Esses são deixados indefinidos. O termo hebraico aqui usado, kebudah, indica coisas valiosas e preciosas. A versão da Septuaginta, entretanto, diz baros, "coisas pesadas", "bagagem", com o que concorda a Vulgata Latina. O texto sagrado não fala em veículos dotados de rodas, mas parece claro que eles dispunham de tais veículos. Kimchi interpreta aqui como "coisas de valor e importância".

Partiram. Antecipando uma possível reação indignada de Mica, diante do que lhe havia acontecido, aqueles homens vis puseram esposas, crianças e animais domesticados, bem como veículos com bens materiais, na frente da caravana, enquanto os homens de guerra posicionaram-se na retaguarda da coluna. E qualquer ataque que viesse por trás seria repelido de imediato.

Somente aqui descobrimos que estava havendo uma pequena migração. Outros contingentes de danitas viriam em seguida, se qualquer grande porção da tribo de Dã quisesse mudar-se mais para o norte.

18.22

E alcançaram os filhos de Dã. Mica e seus vizinhos organizaram um grupo de busca e partiram atrás dos danitas, e acabaram alcançando a caravana de Dã. Mas Mica tinha sobrestimado suas próprias forças, e subestimado a força dos danitas. Os amigos e vizinhos de Mica, sem dúvida, haviam visto o que sucedera ao oráculo, pois essa perda era também um prejuízo para eles. O plano deles era recuperar o perdido mediante a violência. Toda aquela bagagem, com as mulheres, as crianças e os animais domesticados, obrigavam os danitas a um avanço lento. Por esse motivo, Mica e seus amigos não tiveram grande dificuldade em alcançá-los. Porém, foi tudo um esforço inútil.

Ao que parece, por ocasião do furto das imagens e do levita, Mica não estava presente em sua casa. Lembremos que os danitas tinham saudado ao jovem levita, e não a Mica (ver o vs. 15 deste capítulo). Aquilo que lhe parecia mais importante tinha sido roubado, para nada falarmos sobre todo o dinheiro que havia sido gasto no fabrico das imagens de prata do oráculo.

18.23

Que tens, que convocaste esse povo? Este versículo descreve uma cena engraçada. Os perseguidores clamaram aos guerreiros danitas, que seguiam na retaguarda da caravana, pelo que os guerreiros voltaram a cabeça para trás, para dizer, com ar de inocência: "Por que vocês vieram atrás de nós com tanta gente? Vocês devem estar ficando loucos!". Os danitas sabiam muito bem que provavelmente seriam seguidos; mas isso não significou nada para eles, nem os faria mudar de atitude ou comportamento. Portanto, uma vez mais a vítima foi transformada em vilão, conforme acontece em tantas ocasiões, quando a justiça é pervertida.

A narrativa toda está entremeada com um humor meio sádico, com uma ponta de ironia. O pobre Mica gritava em um protesto inútil. Foi uma cena patética. Foi considerado demente por aqueles que o tinham prejudicado, demente por ser estúpido o bastante para perseguir os ladrões, agindo como se "eles" tivessem feito alguma coisa de errada. Uma vez mais, por conseguinte, cumpriu aquilo que tinha sido predito por Jacó acerca do mau caráter de Dã: "Dã será serpente

junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás" (Gên. 49.17).

Aqueles miseráveis danitas haviam furtado tudo quanto era precioso aos olhos de Mica. Mas os ladrões lhe diziam agora, desavergonhadamente: "Por que estás tão excitado. Ninguém te fez nenhuma injustiça".

18.24

Respondeu-lhes. A essência da resposta de Mica foi: "Furtastes tudo quanto eu tinha de valor. E ainda tendes a ousadia de indagar em que me injustiçastes?".

"Colocamos nosso coração ao lado de Mica, quando vemos que ele descobriu a sua grande perda e tentou recuperar o perdido. Os danitas, porém, riram-se de Mica e de seus amigos, por tentarem recuperar suas imagens e o levita. Diante de toda a perda, Mica indagou: "Que mais me resta?". Os danitas eram numerosos demais para qualquer oposição, Não lhes restava remédio senão voltar para casa (ver o vs. 26). Por mais trágico que isso nos pareça, talvez foi assim que Mica aprendeu uma adoração autêntica, sem depender de ídolos ou mesmo de sacerdotes, mas uma adoração efetuada no altar do coração... Talvez Mica tenha obtido, afinal, esse santuário interior" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

As pessoas religiosas entesouram seus cultos e credos. Algumas vezes, como se deu com Mica, essas são as possessões mais preciosas da vida de um homem. Não obstante, quando olhamos para essa questão pelo "lado de fora", sem nos deixarmos envolver pessoalmente, podemos ver que se trata de são pseudovalores. E foi isso que aconteceu no caso de Mica.

18.25

Não nos faças ouvir a tua voz. A resposta dos violentos e brutais danitas foi, essencialmente: "Pára com essas reclamações e estúpidas acusações. Vai-te embora. Caso contrário, há certos homens iracundos entre nós que estão prontos para fechar a tua boca e acabar com a tua vida". É conforme dizia Trasímaco: "Ter poder é ter direito". Aquele que brande o poder é justo; e a sua conduta é correta. É um mal alguém ser fraco. A provocação de Mica estava prestes a acender a violência; e, se isso acontecesse, aquele que já havia perdido suas mais caras possessões também poderia perder a vida. Então Mica resolveu deixar as coisas como estavam. E afastou-se, resolvido a começar tudo de novo.

Os danitas ladrões disseram conforme fazem muitos ladrões modernos: "É teu dinheiro ou tua vida. Contenta-te em haveres perdido tuas possessões, para que não percas também a vida, e não possas mais desfrutar teus bens".

Mica estava condenado a ter de tolerar sua perda, por haver dado valor aos ídolos. A situação dele ilustra o vazio da idolatria e a futilidade das formas de adoração que os homens inventam. Seu prejuízo, na realidade, fora um ganho; mas talvez ele nunca tenha percebido essa realidade.

18.26

Mica... voltou-se, e tornou para sua casa. A batalha estava perdida antes mesmo de ter começado. Mica percebeu que ele e seus amigos não tinham como derrotar aqueles seiscentos homens armados, tão ansiosos para fazer vítimas. E assim, de coração pesado, resignou-se a sofrer a perda, consolando-se diante do fato de que ao menos ainda lhe restava a vida, e que poderia tentar tudo de novo.

"...se, porventura, ele largasse sua idolatria e se voltasse para o verdadeiro Deus e para a correta adoração a Ele, embora tivesse perdido os seus deuses, então teria sido bom que aquelas coisas lhe tivessem sido tomadas" (John Gill, *in loc.*).

A Captura de Laís (18.27-31)

18.27

Chegaram a Laís. A caravana de migrantes armados danitas prosseguiu caminho até Laís. E os guerreiros, que pareciam tanto querer matar alguém, tiveram então sua oportunidade. Naquela cidade, tal como os cinco espias haviam dito, encontraram uma população pacífica, desarmada, em um local bucólico e isolado. E essa população foi facilmente vitimada pela espada dos danitas. Eles foram totalmente destruídos, conforme a guerra santa requeria, e a cidade foi incendiada. Ver sobre a guerra santa, em Deu. 7.1-5. Esse tipo de peleja não admitia que se fizessem prisioneiros nem que houvesse casamentos mistos. Isso quer dizer que até mesmo mulheres e crianças tinham de ser aniquiladas. Ver o sétimo versículo quanto à correta informação que os espias haviam dado sobre os habitantes de Laís. No sul, os danitas estavam sendo vitimados pelos amorreus e pelos filisteus. Mas agora era a sua vez de vitimarem um povo mais fraco. Vemos, pois, que estava funcionando bem a regra do predomínio dos mais fortes e da sobrevivência dos mais aptos.

A violência extrema do ataque dos danitas mostra-nos que eles puseram o lugar debaixo da maldição divina, ou seja, tinham declarado guerra santa e tinham dado a Yahweh o crédito como inspirador de toda aquela confusão sangrenta. Provavelmente nunca ocorreu à mente primitiva daqueles homens que aquilo era uma barbárie. Bem pelo contrário, provavelmente ofereceram sacrifícios a Yahweh, em ação de graças pelo total sucesso de sua campanha militar.

18.28,29

Ninguém houve que os livrasse. É muito provável que Laís fosse uma colônia de Sidom, que distava quarenta e três quilômetros dali. Ademais, a colônia não tinha feito pacto com nenhuma outra cidade-estado. Portanto, ninguém saiu em socorro deles; e Sidom, que talvez pudesse demonstrar simpatia, ficava longe demais para prover ajuda.

Bete-Reobe. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre essa cidade. É provável que esteja em pauta a cidade de Reobe, referida em Juí. 1.31; Jos. 19.30 e II Sam. 10.6. Esse nome próprio locativo significa "casa espaçosa". Havia ali um vale, formando a porção superior das terras baixas do lago de Hulé (o lago que ficava cerca de trinta e cinco quilômetros ao norte do lago da Galiléia). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Hulé* e *Águas de Merom*.

Laís tinha sido incendiada; mas é provável que os danitas tenham reconstruído parte da antiga cidade e a tenham expandido, pelo que, terminada a reconstrução, havia ali uma cidade nova. E mudaram o nome da cidade para Dã, a qual se tornou o centro de uma nova e pequena cidade-estado, um território alternativo da tribo de Dã. Isso significa que parte da tribo de Dã permaneceu no antigo território do sul; e outra parte mudou-se definitivamente mais para o norte. A tribo de Dã, contudo, haveria de sofrer certo número de desastres, que virtualmente a eliminaram.

Ver o artigo geral no *Dicionário*, intitulado *Dã*, quanto a informações completas sobre essa tribo. Ali há comentários sobre o patriarca Dã, o quinto filho de Jacó, através de Bila, sua concubina. Também há informações sobre a tribo assim chamada. E, finalmente, sobre a cidade que figura neste texto, em seu terceiro ponto, *Cidade de Dã*.

18.30

Os filhos de Dã. A cidade que eles construíram, à qual deram o nome de seu patriarca, tornou-se um santuário e um oráculo bem conhecido. O sacerdote que Mica havia contratado (ver Juí. 17.10), conforme aprendemos neste versículo, chamava-se Jônatas, filho de Gérson, filho de Manassés, e, por conseguinte, descendente de Moisés; e isso, sem dúvida, emprestou prestígio à cidade de Dã e ao culto que ali era processado. Tornou-se mesmo rival do tabernáculo em *Silo* (ver a respeito no *Dicionário*). E esse culto prosseguiu, mediante os descendentes de Jônatas, até ao tempo do cativeiro, o cativeiro das tribos do norte, coletivamente chamadas mais tarde de Israel, em contraste com as tribos do sul, coletivamente chamadas mais tarde de Judá. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*. Está em pauta o cativeiro assírio, que teve início em 740 A. C. Ver também, no *Dicionário*, o artigo *Cativeiro Assírio*.

Essa informação permite-nos perceber que, mesmo depois de o templo ter sido estabelecido em Jerusalém, quando o yahwismo foi supostamente unificado, a tribo de Dã preservou seu oráculo privado, um culto aberrante e provavelmente sempre corrompido pelas formas e instituições idólatras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. O santuário de Silo foi destruído em cerca de 1050 A. C., pelo que não chegou a ser uma adoração rival à de Jerusalém, instituída no tempo da monarquia.

Alguns intérpretes duvidam da autenticidade dessa informação, por suporem que os reis não teriam permitido a adoração rival dos danitas. Porém, é possível que, visto que os danitas atribuíam sua adoração ao próprio Moisés (por meio de seu descendente, Jônatas), e visto que era um culto levítico (provavelmente outros levitas foram contratados, nas gerações que se sucederam), o oráculo danita tivesse permissão de prosseguir, não sendo considerado nem rival nem aberrante.

O cativeiro mencionado aqui, de acordo com alguns estudiosos, seria aquele em que os filisteus, nos dias de Davi, tomaram a arca da aliança, e não o cativeiro assírio, que só ocorreu muito depois de Davi. Ver I Sam. 4.11. Essa interpretação evita a natureza rival do oráculo de Dã. Provavelmente é uma interpretação *ad hoc*, com o propósito de evitar a dificuldade de ter existido uma adoração rival entre os danitas, nos dias dos reis de Israel.

Ainda outros estudiosos pensam que o cativeiro aqui aludido seja o terrível saque de Silo, após a batalha de Afeque (ver I Sam. 4.11,22), mas essa parece ser outra interpretação *ad hoc*. Se o saque de Silo é que está em pauta, então será forçoso supormos que as dificuldades em Silo estenderam-se até o território de Dã. Contudo, os dois lugares ficavam separados por mais de oitenta quilômetros, e não sabemos dizer até que ponto os filisteus penetravam em território de Israel, naqueles dias.

Também é possível que o cativeiro aqui mencionado tenha sido uma campanha militar dos reis de Zobá, ou alguma outra invasão síria (ver I Sam. 14.47). A mais simples explicação (embora não deixe de ter os seus problemas) é supor que está em pauta o cativeiro assírio. Isso, por sua vez, significa que os danitas foram os primeiros dissidentes do yahwismo centralizado, tendo estabelecido um culto rival, primeiramente de Silo e, em seguida, do templo de Jerusalém.

"O santuário foi um dos dois grandes santuários do reino do norte posterior (ver I Reis 12.29)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). O trecho de I Reis 12.29 mostra que aqueles santuários não foram aprovados e, sim, condenados, devido às suas práticas idólatras.

18.31

A imagem de escultura, feita por Mica. Havia, pois, na época, dois santuários. Um em Silo, e outro em Dã. O santuário de Silo foi destruído em 1050 A. C., mas o de Dã teve maior duração, desafiando toda oposição, até o cativeiro assírio. Os intérpretes calculam que o santuário de *Silo* durou por cerca de trezentos e sessenta anos. Ver no *Dicionário* o artigo sobre aquela cidade. A destruição de Silo ocorreu quando Samuel ainda era jovem, no tempo em que os filisteus saquearam o lugar. A arca da aliança nunca foi devolvida ao santuário de Silo. Ver I Sam. 3.31; 4.3; 6.21 e 7.1. O presente versículo dá a entender que o santuário de Dã era rival do de Silo e um oráculo fraudulento. Cf. Jos. 18.1. "A falsa adoração dos danitas foi precursora da adoração dirigida por Jeroboão I, que estabeleceu, posteriormente, no reino do norte, um santuário em Dã (I Reis 12.28-31)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Talvez fosse melhor dizer que Jeroboão I deu prosseguimento ao santuário antigo e histórico de Dã, que havia sido estabelecido fazia muito tempo.

Capítulo Dezenove

O Crime em Gibeá e Seu Castigo (19.1 - 21.25)

Pela terceira vez, o autor sagrado repete a declaração de que "naqueles dias" Israel não tinha rei. O livro de Juízes contém essa declaração por quatro vezes (ver Juí. 17.6; 18.1; 19.1 e 21.25). Ver as notas a respeito, em Juí. 17.6. Para o autor sagrado, a ausência de um rei permitia que Israel se agitasse em várias direções confusas, onde cada indivíduo fazia o que lhe parecia melhor, negligenciando totalmente os princípios morais. O trecho de Juízes 21.25 encerra o comentário sombrio de que cada qual fazia o que achava ser mais reto. Havia paixões desembestadas e atos de violência, e o capítulo que passamos a comentar ilustra isso, com um exemplo tão terrível que não poderia ser deixado fora do livro. Encontramos aqui o espantoso crime sexual dos benjamitas. O capítulo 18 nos contou como os danitas transferiram-se mais para o norte, juntamente com vários males envolvidos no evento. Porém, nenhum episódio poderia comparar-se ao que é relatado neste capítulo 19.

Os capítulos 19 a 21 ilustram a anarquia e a injustiça reinantes, antes que houvesse uma autoridade central que impusesse a disciplina apropriada, em conformidade com a legislação mosaica. Os capítulos 17 e 18, por sua vez, ilustraram a idolatria que, como praga, infelicitava continuamente a nação. E esses dois erros estavam intrincadamente relacionados.

19.1

Naqueles dias, em que não havia rei em Israel. Ver a introdução a este capítulo quanto a uma explicação dessa declaração, bem como quanto a referências, em outros lugares do livro, onde ela aparece.

Um homem levita. Não se tratava do mesmo levita que Mica havia contratado, e a quem os danitas tinham levado para Laís (capítulo 18), embora ambos vivessem em Belém de Judá ou tivessem alguma associação com aquela cidade, e ambos tenham jornadeado pelo monte Efraim. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Levitas.*

Tomou para si uma concubina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Concubina.* Essa instituição apontava para um casamento secundário legalizado por lei. Jacó tinha duas esposas primárias (Lia e Raquel), e também duas esposas secundárias (Bila e Zilpa). Dessas quatro mulheres procederam as doze tribos de Israel. Usualmente, uma concubina procedia das classes servis, e era uma esposa suplementar.

19.2

Porém ela, aborrecendo-se dele, o deixou. O primeiro incidente infeliz foi que a concubina daquele levita deixou-se levar pela armadilha da paixão, e acabou fazendo o papel de uma prostituta. Isso seria suficiente para terminar o casamento, potencialmente para sempre. Mas após quatro meses, o levita quis a mulher de volta e procurou reconciliar-se com ela. A mulher, desprezada pelo homem, tinha voltado para a casa de seus pais, onde passara aqueles quatro meses. A Vulgata Latina, a Septuaginta, os Targuns e os escritos de Josefo não viram nenhum ato de infidelidade da parte dela, ou, pelo menos, de acordo com a interpretação deles, não tocaram no assunto. A Vulgata Latina diz "ela ficou indignada com ele", e assim, aborrecida, fora para Belém. Todavia, o texto hebraico original é perfeitamente claro, embora seja possível que o texto massorético tenha preservado um texto inferior. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *MT (TM),* como também o artigo intitulado *Manuscritos do Antigo Testamento.* A descoberta dos Manuscritos (Rolos) do Mar Morto demonstrou que, ocasionalmente, as versões, especialmente a Septuaginta, preservam um texto mais antigo do que aquele que parece no texto massorético.

19.3

Ela o fez entrar na casa de seu pai. A mulher estava na casa paterna, provavelmente ainda infeliz com seu marido "anterior"; mas a conversa gentil dele funcionou, e assim ela concordou em reatar o relacionamento. O pai da mulher ficou muito contente ao ver o levita, e o entreteve com muitas honras, satisfeito de que tudo estava bem de novo com a sua filha. É de interesse humano ver que o homem não foi até a casa de seu sogro com palavras iradas e fanfarronice. Ele sabia que há um tempo para paz, calma e palavras amáveis. E sua estratégia deu certo. Nossa versão portuguesa traduz de forma bastante literal as palavras "para falar-lhe ao coração". Ele queria uma reconciliação amigável e pacífica, conforme somente uma conversa gentil é capaz de conseguir. O ódio já tivera a sua oportunidade. Agora era tempo de dar ao amor a sua vez. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.*

19.4

Seu sogro, o pai da moça. O homem foi além do que seria esperado como requisitos da hospitalidade oriental, e entreteve seu genro por nada menos de três dias inteiros, provendo-lhe o melhor alimento e a melhor bebida. Era como se tivesse havido outra celebração de casamento, e todos estivessem de coração leve. Dentro daquela atmosfera, a reconciliação era fácil. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Hospitalidade.* O homem estava alegre porque o casamento corria de novo na trilha certa, e ele faria tudo quanto fosse possível para que houvesse uma reconciliação duradoura.

Algumas vezes, um casamento chega a um ponto em que os cônjuges nem falam mais um com o outro, a não ser para criticar e para usar palavras ásperas. Quando isso sucede, é porque o amor se transformou em ódio. Mas algumas poucas palavras gentis e de elogio muito contribuem para curar tais situações, contanto que as pessoas queiram endireitar seu relacionamento umas com as outras.

19.5-7

Ao quarto dia madrugaram, e se levantaram para partir. Três dias de celebração e festejos foram suficientes, pelo que, na madrugada do quarto dia, o casal resolveu tomar desjejum e partir. O sogro do levita continuou insistindo em sua exagerada hospitalidade, fazendo-os ficar sentados para comer. Provavelmente ele gostava da companhia dos dois, e não queria que fossem embora. As despedidas dentro de uma família são sempre coisas difíceis. O sogro do levita estava tão feliz que acabou conseguindo fazer o casal demorar-se com ele por mais um dia (vs. 6). O levita chegou a levantar-se para ir embora, mas, diante da insistência do sogro, concordou em permanecer um dia extra (vs. 7). Talvez o sogro estivesse sentindo alguma premonição acerca da trágica e iminente morte de sua filha, e queria retê-la em meio aos festejos; mas dentro de seu coração ele já estava aflito, embora essa aflição não subisse à sua mente consciente.

Há estudos científicos que mostram que o conhecimento anterior é um atributo natural e constante da alma humana, não precisando nem da ajuda divina nem da ajuda demoníaca para funcionar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Precognição (Conhecimento Prévio);* e no *Dicionário* ver o artigo intitulado *Sonhos,* quanto à confirmação das informações gerais que figuram nestes parágrafos.

"Um novo capítulo abriu-se para aquele lar, quando ambos resolveram perceber, um no outro, o que poderia ser admirado e elogiado. Ele falou bondosamente com ela, e ela com ele" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

19.8,9

Madrugando ele ao quinto dia. O homem levita queria ir embora, mas o pai da mulher insistia e insistia. E quando esse quinto dia já estava declinando, o sogro do levita queria que eles ficassem mais um dia.

E ambos comeram juntos. Desse modo, os festejos se prolongaram. Talvez não soubessem que a glutonaria é um pecado.

No dia seguinte, o pai da jovem tentou retê-los por mais um dia e uma noite. Mas o levita não aceitou ficar e foi-se embora, depois de perder a oportunidade de ter saído cedo pela manhã, pois, por aquela hora adiantada, já estaria muito longe (vs. 9). Assim, a maratona de glutonaria acabou-se, pois o levita ajeitou as baga-

gens em seus dois animais de carga, e se foram os dois, não sem que a jovem ainda quisesse ficar conversando um pouco mais com as conhecidas.

O levita, por essa altura dos acontecimentos, estava reconhecendo que seu sogro o tinha pressionado exageradamente para ficar; e que ele mesmo mostrara-se indulgente, ao atender o pedido do seu sogro para ficar refastelando-se e banqueteando. Mas ele sabia, por experiência própria, que todas as pessoas vacilantes primeiramente demoram-se demasiadamente em um lugar, para então fazerem um esforço extremo a fim de compensar a perda de tempo inicial.

19.10

Levantou-se, e partiu. Iniciar uma viagem à noitinha por si só já foi um fator negativo da viagem. Isso obrigaria o casal a passar a noite em algum lugar potencialmente hostil. Caminhando apressados, chegaram até Jebus, ou seja, Jerusalém.

Jebus. Na época, essa cidade, que mais tarde veio a chamar-se Jerusalém, não estava nas mãos dos israelitas, mas ainda era uma cidade dos jebuseus, um dos povos cananeus que tinham sido os primitivos habitantes da Terra Prometida. Os jebuseus tinham fortalecido a cidade, tornando-a quase inexpugnável. Somente nos dias de Davi o lugar passou para a mão dos hebreus. E então, com o nome de Jerusalém, tornou-se a capital política e religiosa de Israel. Ver maiores detalhes no *Dicionário*, nos artigos chamados *Jebus* e *Jebuseus*. Nas cartas de Tell el-Amarna, a cidade é chamada pelo nome de Urusalim. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tell El-Amarna*. Tendo partido de Belém, o casal teria andado por cerca de três horas até chegar a Jebus. E para atingir Gibeá, que é mencionada no versículo seguinte, eles teriam de continuar caminhando ainda por cerca de mais seis e meio quilômetros.

19.11,12

Retiremo-nos a esta cidade dos jebuseus. Uma grande ironia da narrativa foi que o levita não quis pernoitar em Jebus por ser um lugar de "estrangeiros". É provável que sua principal preocupação envolvia alguma questão de purificação cerimonial. E os levitas eram muito sensíveis quanto a esse assunto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

Passemos até Gibeá. Esta pertencia à tribo de Benjamim. E a ironia prossegue devido ao fato de que, querendo evitar a imundícia cerimonial, o levita acabou abrigando-se em um lugar de "conterrâneos" violentos, que cometeram um crime infame e violentíssimo contra sua concubina. Se ele não tivesse viajado mais aqueles seis quilômetros e meio, de Jebus até Gibeá, mui provavelmente nada do que acabou acontecendo teria ocorrido.

Gibeá. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, que há no *Dicionário*. Como já dissemos, ficava em território de Benjamim. Mais tarde, tornou-se um lugar estratégico do rei Saul, porquanto dominava a estrada para Nablus, ao norte de Jerusalém. Foi uma das primeiras cidades a ser ocupada por Israel, na região montanhosa. Tell el-Ful assinala o local antigo. Muitas escavações arqueológicas têm sido efetuadas ali. Ver aquele artigo, Gibeá, quanto a outras informações. Gibeá era uma das catorze cidades pertencentes à tribo de Benjamim (ver Jos. 18.28).

19.13,14

Pernoitemos em Gibeá ou em Ramá. Depois que Jebus fora rejeitada como lugar de permanência, a escolha ficou entre Gibeá e Ramá. Chegar a Ramá, ao que parece, era mais fácil, visto que ficava cerca de três quilômetros a sudoeste de Gibeá, encurtando assim ligeiramente a jornada, porquanto estavam avançando na direção norte. Não se sabe por que Ramá foi rejeitada. O grupo passou além de Ramá e avançou até Gibeá, outra má escolha. Mas como poderiam saber que ali se ocultava o mal? É provável que a única razão para terem caminhado mais aqueles três quilômetros era que procuravam cobrir a maior distância possível logo no primeiro dia, deixando assim uma caminhada menor para o dia seguinte. Eles estavam avançando para o norte, para o território de Efraim, o lar adotado pelo levita. Ver o versículo 18, onde tomamos conhecimento disso.

Aproximando-se de Gibeá, não puderam prosseguir, pois foi precisamente naquele ponto que o sol se pôs no horizonte, e ninguém arriscar-se-ia a viajar durante a noite. Assim, o sol se pôs em mais de um sentido para o grupo. A vida da concubina do levita tinha chegado ao fim.

O artigo sobre *Gibeá*, no *Dicionário*, lista cinco cidades com esse nome, havendo outras com nome similar, derivado da mesma raiz. E assim o autor sagrado informa-nos que a Gibeá a que ele se reportava era aquela pertencente à tribo de Benjamim.

19.15

Não houve quem os recolhesse em casa. Os habitantes da cidade não se mostraram hospitaleiros. Eles também não foram para alguma estalagem. Talvez a cidade fosse muito pequena para ter uma estalagem. Ademais, as hospedarias eram lugares infectados por ladrões e prostitutas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hospedaria*. É provável que eles esperassem que algum "irmão hebreu" haveria de notá-los na rua, convidando-os para sua casa. E ficaram sentados na praça pública, esperando um convite. Mas não houve nenhum convite.

Não há que duvidar que, na época, estava havendo um declínio no amor fraternal. Os cidadãos do lugar temiam os viajantes; e os viajantes temiam os cidadãos do lugar, e com freqüência com boas razões. Embora pequeno, o lugar se assemelhava às nossas modernas cidades grandes, onde cada qual só cuida de seus próprios negócios, vivendo anonimamente o máximo possível, por razões de segurança.

"Essa negligência quanto ao primeiro dever oriental (da hospitalidade) é suficiente para provar as más condições em que Gibeá tinha caído (cf. Deu. 10.19; Mat. 25.35)" (Ellicott, *in loc.*).

19.16,17

Um homem velho... da região montanhosa de Efraim. Esse homem, que estava trabalhando em um campo próximo, ia passando naquele momento e viu o casal na praça da cidade. O autor sacro lembra-nos que os benjamitas eram os habitantes daquela cidade, e o homem idoso era um "estrangeiro", à semelhança do casal. Isso facilitou a formação de uma amizade imediata. Parecia até que a providência divina estava arranjando as coisas; mas a casa do idoso homem acabou tornando-se a cena de um dos mais hediondos crimes de que há notícia. É fácil dizer que a vontade de Deus foi feita, apesar da violência dos homens; mas é melhor ainda afirmar que neste mundo caótico acontecem coisas terríveis e desnecessárias, e até pessoas boas e inocentes são vitimadas. Por isso mesmo, precisamos orar diariamente, pedindo proteção, a fim de que os "filhos de Belial" sejam mantidos longe de nós (vs. 22). Há muitos males lá fora que nada têm que ver com a vontade de Deus; e precisamos da providência divina para sermos poupados.

Uma de minhas fontes informativas diz, de modo ridículo: "Foram salvos de uma noite de perigos, na praça da cidade". Porém, embora poupados desse perigo menor, ficaram hospedados em uma autêntica casa de horrores.

19.18

Estamos viajando de Belém de Judá para... Efraim. Este versículo revê os passos do levita desde que ele saíra de Efraim, e agora estava voltando. Ele contou ao homem idoso toda a história de sua jornada, até ali, e por qual motivo estava indo para o norte e aconteceu de passar por Gibeá. Ver Juí. 19.1,2 quanto à história, repetida aqui.

Para a casa do Senhor. Talvez esteja em pauta o tabernáculo em Silo. Não é provável que o levita se referisse ao oráculo aberrante que havia sido estabelecido no extremo norte, Laís (no território de Dã). A cidade de Silo ficava no território de Efraim, bem perto de onde morava o levita. O monte Efraim ficava ligeiramente ao sul de *Silo* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa porção do versículo mostra-nos que o homem, como levita que era, mantinha contato com o tabernáculo e tinha deveres relativos ao culto ali efetuado. Talvez o levita tivesse feito um voto que envolvia uma promessa, como um sacrifício especial, se fosse bem-sucedido em recuperar a esposa. Ele tivera o cuidado de cumprir a promessa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*. A menção àqueles "interesses religiosos" dariam confiança ao idoso homem no levita, facilitando a oferta de hospitalidade. Ele era um homem espiritual. Seria seguro tê-lo em casa. Sim, seria seguro para o velho, mas não para o levita e sua concubina!

19.19

De cousa nenhuma há falta. O levita tinha vindo bem munido. Ele não era pobre, e seu sogro cuidara para que houvesse mais do que suficiente para a viagem e, talvez, para mais algum tempo. Havia alimentos para as pessoas e forragem para os animais, e também para servir a quem os acolhesse. Era como se o levita estivesse dizendo: "Aquele que nos acolher não sofrerá perda. Pelo contrário, eu o ajudarei! Não é difícil hospedar-me, pois nada custará a meu hospedeiro!". Aquilo de que o levita realmente precisava era de abrigo, para que não ficasse com os seus nas ruas.

19.20

Então disse o velho. O idoso tanto era hospitaleiro como era homem abastado. Sua fazenda era próspera, pelo que ele não permitiu que o levita tivesse despesa alguma. Proveu alojamento gratuito e cuidado das pessoas e dos animais de seu próprio bolso, o que permitiria que o levita levasse consigo tudo quanto havia trazido.

Devemos contrastar a generosidade do idoso homem (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Generosidade*) com o crime espantoso que os benjamitas esta-

vam prestes a cometer. A medida de um homem é a "generosidade", outro nome para amor. O amor é a prova da espiritualidade (ver I João 4.7 ss.). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amor*.

19.21

Levou-o para sua casa. Foram observados todos os requisitos da hospitalidade. Às pessoas e aos animais foi dado o que comer; foram lavados os pés e foram servidos líquidos em abundância. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Lava-pé*. Toda essa hospitalidade deve ser contrastada com a indiferença dos benjamitas, que deixaram o homem e os seus na rua. Cf. Gên. 18.4 e 19.2.

19.22

Filhos de Belial. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Belial*. Cf. Deu. 13.13. A referência aqui não é nem a demônios nem ao príncipe dos demônios, mas, antes, indica o substantivo que significa "indignidade". Mais tarde, porém, belial veio a tornar-se um nome próprio. Ver II Cor. 6.15. "... criaturas más, ímpias, ingovernáveis, indignas e sem proveito, homens que vivem sob a influência de Satanás e de suas próprias concupiscências" (John Gill, *in loc.*).

Cercaram a casa. Não havia força policial para ser chamada. Aqueles homens malignos circundaram a casa para garantir que ninguém poderia escapar, *para que fizessem o que bem entendessem com qualquer um que ali estivesse.*

Traze para fora o homem. Os benjamitas, à semelhança dos habitantes de Sodoma, estavam mais interessados na perversão homossexual do que em violentar a mulher. Cf. o capítulo 19 de Gênesis. Um dos crimes que se tornou tão comum hoje em dia, que assusta e deixa boquiabertas as pessoas de bem, é a violência do homossexualismo.

Para que abusemos dele. Um eufemismo para a sodomia. Em Gênesis 19.5 foi usada a mesma expressão pelos miseráveis sodomitas.

E quando a noite
Escurece as ruas, então os filhos de Belial
Saem, cheios de insolência e de vinho.
Veja as ruas de Sodoma e naquela noite
Em Gibeá, quando a porta hospitaleira
Expôs uma matrona, para evitar
Uma violência maior ainda.

(Milton)

19.23,24

Não façais semelhante mal. A calamidade de ter seu hóspede (o levita, o homem de Deus) vitimado pelos benjamitas fez o velho homem ficar desesperado, e assim, ele literalmente rogou pela vida do levita. De acordo com ele, o que estavam querendo fazer era um "mal" e uma "loucura"; mas era exatamente isso que aqueles homens vis faziam a fim de divertir-se. O idoso homem, pois, apelou em favor da decência. Teria sido uma perversidade inominável se o levita fosse vitimado, e teria sido uma calamidade ainda maior para o idoso homem que lhe tinha oferecido a sua hospitalidade. Para este, as leis da hospitalidade eram ainda mais importantes do *que abusos sexuais contra pessoas do outro sexo. Por isso, o idoso homem tentou* fazer um negócio com eles: em lugar de ficarem com o levita, ele lhes ofereceu tanto a sua filha virgem quanto a concubina do levita (vs. 24). E lhes deu toda a permissão de fazerem o que quisessem; mas a verdade é que eles fariam exatamente isso, de qualquer maneira, com ou sem a permissão do idoso homem.

A Escolha Agoniada. O idoso homem fez o melhor que era possível, naquelas circunstâncias. Ele precisou escolher entre dois grandes males. Forçado a tomar tal decisão, optou pelo que pensava ser o menor dos males. Conta-se a *história de um rei que foi aprisionado com toda a sua gente. Os captores tinham* saído a fim de tirarem vingança. O rei, pois, ofereceu-se a si mesmo e aos seus familiares para serem mortos pelos captores (sem nenhuma oposição), se as pessoas comuns fossem deixadas em paz. Os captores aceitaram a oferta e executaram o rei e todos os seus familiares, mas deixaram as pessoas comuns em tranqüilidade. E os captores foram-se saciados com o doce gosto da vingança, a ninguém mais matando naquele dia.

O oferecimento do idoso homem deve ser comparado ao oferecimento das duas filhas de Ló, quando este foi confrontado pelos homens de Sodoma (ver Gên. 19.8). *Alguns intérpretes criticam o idoso homem por isso,* embora a hospitalidade oriental dissesse que um hóspede deveria ser defendido a todo custo, mesmo ao risco da vida do hospedeiro, se necessário fosse. Devemos lembrar, contudo, que aqueles estupradores também eram assassinos (ver Juí. 20.5), e acabariam fazendo tudo quanto desejassem, afinal. Portanto, chegar a algum tipo de acordo, mediante o qual alguma coisa foi ganha, foi melhor do que nada.

19.25

Porém aqueles homens não o quiseram ouvir. Aqueles homens desvairados não queriam ouvir nenhum argumento nem queriam entrar em acordo nenhum. E quando estavam prestes a invadir a casa e arrancar dali o levita, o idoso homem lançou a concubina do levita nos braços deles, e isso, ao que parece, os pacificou parcialmente. E assim ela foi sujeitada a estupro em massa a noite inteira. O texto dá assim a entender que a filha virgem do idoso homem foi poupada, e que o mesmo sucedeu ao levita. É difícil entender por qual razão aqueles homem sem misericórdia mostraram-se tão "bonzinhos". Talvez estivessem tão embriagados que sua faculdade de raciocínio os tenha levado a satisfazer-se com o prêmio menor (conforme eles entendiam as coisas), embora pudessem ter ficado com aquilo que mais cobiçavam. Por certo, não agiram daquela maneira porque alguma forma de barganha os tivesse restringido.

Talvez a providência de Deus tenha impedido uma tragédia maior. Mas sugerir que a concubina se tornou assim adúltera, e teve de pagar por seus pecados passados, não é fazer justiça a ela. O texto bíblico por certo não dá a entender que ela tenha cometido alguma transgressão. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

19.26,27

Ao romper da manhã. A noite de terror havia terminado. A pobre mulher ainda conseguiu atingir a entrada da casa. Mas ao chegar ali, morreu. Seu cadáver ficou ali por algum tempo, antes que o levita abrisse a porta e o encontrasse. Suas mãos estavam estendidas sobre o limiar, em um último, frenético mas inútil gesto em que rogava ajuda. Por outra parte, podemos ter certeza de que a providência divina cuidou daqueles miseráveis, de modo que, finalmente, vieram a colher o que tinham semeado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

"A torpeza deles não suportava a plena luz do dia; por isso, quando o dia começou a raiar, eles largaram a sua vítima" (Adam Clarke, *in loc.*).

"As mãos dela estavam sobre o batente da porta... como que estendidas para seu marido, em um último e agonizante apelo" (Ellicott, *in loc.*).

19.28

Levanta-te, e vamos. Foram palavras destituídas de sentimentos. O levita viu sua concubina caída na entrada da porta e proferiu as palavras sem coração: "Levanta-te, e vamos. Estou com pressa!". Nem ao menos perguntou como ela estava ou a consolou por aquilo que lhe tinha acontecido. E assim obteve a resposta que merecia: o silêncio. Foi o silêncio que lhe revelou que a mulher tinha morrido. Somente então raiou no cérebro dele a natureza espantosa do que havia acontecido.

O levita pôs o cadáver da mulher sobre o jumento, e não sobre um jumento, conforme dizem algumas traduções. O corpo sem vida dela foi retirado da cena pelo mesmo animal que a tinha trazido até aquela casa fatídica. O autor nos poupa da cena de tristeza e lamentação, mantendo a um mínimo os detalhes trágicos da história, algo bastante típico da maneira antiga de relatar acontecimentos. A imaginação do leitor é que preenchia os detalhes mais comoventes.

E foi para sua casa. Ou seja, sua residência no monte Efraim, que ficava cerca de trinta e seis quilômetros mais para o norte.

19.29

Tomou de um cutelo. Foi um horripilante ritual. Tendo chegado em casa, o homem de Deus realizou um ritual de arrepiar, cujo propósito era despertar Israel para vingar-se daqueles miseráveis benjamitas. O levita dividiu o corpo de *sua concubina em doze pedaços, um pedaço para cada tribo de Israel.* Dividir em pedaços o corpo de um animal fazia parte do ritual do tabernáculo, antes que o animal fosse posto sobre o altar. Assim sendo, esse ato foi uma espécie de sacrifício, um ritual que chocava a imaginação. Sua concubina fora reduzida a um animal; isso posto, por que não sacrificar o corpo dela como um sacrifício animal?

As evidências arqueológicas colhidas em Tunnawi, que descrevem os ritos sacrificiais do hititas (os mesmos heteus do Antigo Testamento), mostram que a "dissecação ritual" supostamente envolvia poderes mágicos. Não é impossível pensar que o levita tivesse tencionado algo similar, considerando-se as trevas espirituais e morais que haviam descido sobre o povo de Israel durante o período dos Juízes. Seja como for, querendo efetuar um ritual mágico ou não, ele desejava vingança e esperava que o povo de Israel notasse o caso que o tinha envolvi-

do, a fim de tomar providências a respeito. Cf. Lev. 1.6,12; 8.20 e Êxo. 29.17 quanto à questão da dissecação ritual. Cf. a história de Saul (ver I Sam. 11.7), que abateu bois, cortou-os em pedaços, e enviou esses pedaços às tribos em derredor. Ver também I Reis 11.31-39.

Ptolomeu, rei do Egito, tirou a vida de seu filho mais velho, cortou-os em vários pedaços e enviou o cadáver despedaçado em uma caixa à mãe do menino, no dia do aniversário da criança (Horálot. Urania, 1.8, cap. 33). Mas isso foi um ato de vingança, e não um ato de sacrifício. Outra história horrenda foi a de certo homem de Vicência, cuja filha tinha sido violentada e morta pelo governador da cidade. O homem cortou o cadáver de sua filha em pedaços e enviou-os ao senado de Veneza, convidando-os a tomar vingança do que tinha acontecido, punindo o governador e destruindo Vicência (Chytraeus, Justino e Trogo, 1.38 cap. 8).

Vingança. Os capítulos 20 e 21 relatam a vingança que foi tomada contra a tribo de Benjamim. Milhares de homens foram mortos, tanto da parte dos que tiraram a vingança como da parte dos benjamitas. Grandes loucuras produzem grandes calamidades.

19.30

Nunca tal se fez. Essas palavras aludem ao fato de que o levita dividiu o cadáver de sua concubina, enviando os pedaços a todas as tribos de Israel. E assim ficou ilustrada, de forma tocante, o feito que provocou o ato do levita. Era mister tomar vingança, e isso acabou sendo efetuado.

Sem Paralelo na História de Israel. O ato tresloucado dos benjamitas contra a concubina do levita não teve evento igual em toda a história do povo hebreu. Tanto a violência sexual contra a mulher quanto a divisão de seu cadáver em doze pedaços foram atos sem precedente em Israel. E o resultado disso, ou seja, a morte de milhares e milhares de pessoas, em Israel, também acompanhou o horror que varreu o povo de Israel. Quando o povo hebreu não dispunha de autoridade central, investida na pessoa de um rei (ver Juí. 17.6; 18.1; 19.1; 21.25), e cada indivíduo fazia o que lhe parecia melhor (ver Juí. 21.25), então qualquer coisa podia acontecer.

Todos foram convocados a considerar o acontecimento e a tomar uma resolução a respeito, conversando sobre a questão de que alguma coisa precisava ser feita, a fim de tomar a vingança que o caso merecia. O homem encarregado de levar os pedaços do corpo da mulher deveria comunicar a mesma mensagem a todos quantos vissem a cena dantesca, repetindo a história do que havia acontecido. A Septuaginta afirma que o homem que levou o corpo despedaçado aparece a proferir as palavras deste versículo 30. E alguns intérpretes supõem que esse foi o intuito original do texto sagrado. O texto massorético, entretanto, dá a entender que os que viam o corpo despedaçado da mulher é que proferiam essas palavras. E assim é que nossa versão portuguesa também dá a entender. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *MT (TM)*. Seja como for, a mensagem foi transmitida em meio a um ato teatral realmente impressionante, conforme os capítulos 20 e 21 nos mostram. "A nação inteira sentiu a mácula e a vergonha de toda a ocorrência. Ver Oséias 9.9 e 10.9" (Ellicott, *in loc.*). A indignação moral ainda existia em Israel e podia ser despertada; e seus efeitos chegaram a custar a vida de milhares e milhares de pessoas.

Capítulo Vinte

A seção iniciada em Juí. 19.1 continua aqui. Ver as notas de introdução àquele lugar. Agora saberemos como Israel, em massa, tirou vingança da tribo de Benjamim. De acordo com o capítulo 19, incidente provocou uma guerra civil, que destruiu milhares de vidas, tanto da parte dos vingadores como daqueles que estavam sendo atacados.

E o capítulo 20 é uma horrenda descrição de como quase toda a tribo de Benjamim foi aniquilada (ver o vs. 48), porquanto aquela tribo estupidamente defendeu os que tinham cometido o cruel ataque descrito no capítulo 19. Foi algo terrível quando o resto de Israel fez guerra contra a tribo de Benjamim. Ver sobre a guerra santa, em Deu. 7.1-5. Nem mesmo mulheres, crianças e animais domesticados foram poupados.

Israel não tinha rei, o que significa que lhe faltava autoridade central. Assim, cada homem fazia o que melhor achava, e reinavam a violência e o caos. Ver 17.6; 18.1; 19.1 e 21.25.

Os críticos supõem que este capítulo não segue corretamente os eventos do capítulo 19, mas a seqüência é natural. Alguns intérpretes supõem que aquilo que temos aqui seja uma simples guerra civil, que tinha muitas causas, e não o ataque sexual contra a esposa do levita (ver o capítulo 19). A expressão "desde Dã até Berseba" (vs. 1) indica a extensão do reino de Davi, e isso fala em favor de uma compilação posterior. O contexto histórico, entretanto, poderia ter sido muito anterior à escrita real.

20.1

Saíram todos os filhos de Israel. Todos os filhos de Israel reuniram-se "como se fora um só homem" para tirar vingança dos benjamitas, por causa do pecado horroroso registrado no capítulo 19. Os críticos supõem que esteja em pauta aqui uma guerra civil que teve muitas causas, e não uma única causa atribuída. Sem dúvida, pode ter havido outras causas, e também aquela do capítulo 19. Seja como for, a chamada para a vingança do levita ofendido, cuja esposa fora atacada sexualmente e morreu (19.30), foi a base histórica para a guerra civil, de acordo com o autor sacro. Ver a introdução ao presente capítulo.

... se ajuntou perante o Senhor. Em outras palavras, em consonância com as ordens de Yahweh e a inspiração; o autor desejava que os leitores entendessem que a causa era justa e divinamente ordenada, o que é confirmado através da narrativa. Yahweh deu um estratagema à batalha.

Mispa. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. O ponto médio estava nesse lugar, que ficava quase treze quilômetros ao norte de Jerusalém, e apenas seis quilômetros e meio ao sul de Gibeá, o lugar do crime contado no capítulo 19. A Mispa de Gileade não está aqui em vista (ver Juí. 10.17 e 11.29). Não havia representantes de Benjamim. Aquela tribo deixou os assassinos sozinhos, e simplesmente se esqueceu de toda a terrível questão.

Desde Dã até Berseba. Ou seja, do extremo norte ao sul. Essa expressão falava das fronteiras de Israel nos tempos de Davi, pelo que temos aqui uma compilação posterior, embora os eventos registrados tenham acontecido muito antes.

Como também a terra de Gileade. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. O autor declarou que a também Transjordânia veio a ajudar a todo o Israel contra os benjamitas.

20.2

Os príncipes. Todos os principais homens que estavam ali foram sancionados à invasão. Líderes militares sem dúvida estavam incluídos. Todos os melhores generais de Israel participaram da campanha. O hebraico literal é "esquinadores" *(pinnoth)*. Os "esquinadores de pedra" de Israel estavam ali, aqueles sobre quem a casa de Israel era construída.

O tremendo número de quatrocentos mil homens era o exército que invadiria Benjamim e tiraria vingança, o que era um exército antigo muito numeroso. Eles eram o "povo de Deus", que tiraria vingança contra os pecadores.

De pé que puxavam da espada. Visto que os filhos de Israel, naquele tempo, não usavam cavalaria nem tinham armas avançadas de guerra, as vitórias obtidas tinham de ser atribuídas a Yahweh. Ver Juí. 1.19.

"As mensagens enviadas pelo levita ofendido, consistentes de porções do corpo de sua concubina, tinham despertado, irado e transformado Israel em uma única grande espada" (Phillips, P. Elliott, *in loc.*).

20.3

Ouviram os filhos de Benjamim. Os benjamitas ouviram que as forças contra eles se tinham reunido, e sem dúvida iniciaram preparativos para enfrentá-los. O fato foi que os benjamitas conseguiram derrotá-los por duas vezes, e só perderam na terceira vez, por causa de um astuto estratagema. Estupidamente decidiram lutar contra o caso, em vez de entregarem as pessoas culpadas. Entretanto, os críticos estão certos, havia muitas razões para aquela guerra civil, e não apenas um ultraje moral, por causa do que havia acontecido à concubina do levita (ver o capítulo 19).

Entrementes, aqueles que se tinham reunido em Mispa quiseram ouvir a história do ultraje, em primeira mão. E assim o levita foi chamado para relatar tudo pessoalmente. Isso enraiveceu os benjamitas; e é mais fácil matar quando estamos em um estágio de ira. Os vss. 4-7 repetem a história do capítulo 19.

20.4

Então respondeu o homem levita. O levita contou de novo a história. O trecho de Juí. 20.4 é paralelo a Juí. 19.11-21, mas condensa a questão ao mínimo absoluto. O levita não repetiu todos aqueles fatores que o tinham levado a alojar-se em Gibeá.

"Oh, o requisito, o levita explicou as circunstâncias do ataque à sua concubina e à morte dela, para Israel, como um veredicto" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

20.5

Os cidadãos de Gibeá. Este versículo é paralelo ao trecho de Juí. 19.22-28, poupando-nos dos detalhes apalermados do crime. Aqui aprendemos que o levita estava em um perigo mortal, e não tinha escolha senão permitir o rapto de sua concubina. O levita pôs-se na melhor luz possível. Mas sua situação era claramente desesperada.

20.6

Então peguei na minha concubina. Este versículo é paralelo ao capítulo 19.29, mas acrescenta que o ato foi feito para impressionar Israel, ao ponto de ver a vergonha e a loucura do ato. "... para alarmá-los e excitar a atenção deles... e para levantar a sua indignação" (John Gill, *in loc.*).

20.7

Eis que sois filhos de Israel. Este versículo é paralelo a Juí. 19.30. Era preciso tomar conselho. Cada cabeça de tribo tinha de dar sua opinião sobre o que deveria ser feito. Somente uma vingança unida de todo o povo de Israel seria suficiente para ensinar a Benjamim a lição que eles precisavam receber. A decisão de todo o Israel seria considerada como dirigida por Yahweh, para que a direção e o poder divinos estivessem por trás de tudo o que fosse feito.

... na multidão dos conselheiros há sabedoria.

(Provérbios 11.14)

20.8

Então todo o povo se levantou como um só homem. O autor sagrado novamente enfatiza a unidade de Israel na questão. Era preciso tomar vingança. Tal crime não podia ser deixado sem punição. Os arrogantes tinham de ser castigados. Ninguém voltaria para casa, indiferente para com a questão. Todos atacariam imediatamente. As negociações de tribo e de família podiam esperar. Aqueles que trabalhassem nos campos teriam de deixar o trabalho temporariamente. Havia ali soldados, e seus generais já estavam traçando planos de batalha. Eles se levantaram como "um só homem" para o ataque, e estavam todos "com a mão na espada". Ver I Sam. 11.7 quanto à mesma expressão.

20.9

Isto é o que faremos a Gibeá. O exército que iria contra os benjamitas foi escolhido por sortes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes*. Ficou compreendido que a queda das sortes seria determinada pela vontade de Yahweh, o qual era o inspirador e o diretor da batalha. Portanto, o que pode ter parecido ser uma chance não dependia do acaso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Chance*.

20.10

Tomaremos dez homens de cem de todas as tribos de Israel. Temos aqui o esquema. O texto massorético aqui não é claro, pelo que os intérpretes não estão seguros sobre o que está em pauta. A força lutadora era apoiada por homens escolhidos, que suprissem o exército de alimentos. Em outras palavras, eles foram com seu sistema de apoio. É possível que a força lutadora fosse formada pelos quatrocentos mil homens já mencionados no vs. 2, e o resto seria um esquema mediante o qual aquele grupo era suprido. Ou então a força lutadora era muito mais larga, ou seja, a décima parte de todos os homens capazes de ir à guerra, em todo o Israel. Nesse caso, os outros números eram a força de apoio. John Gill (*in loc.*) supôs que quarenta mil dos quatrocentos mil eram atribuídos ao detalhe de alimentos. Nesse caso, dez homens eram atribuídos a cem homens específicos (ou seja, dez entre cem, deixando noventa para lutar). Então cem homens para um específico número de mil (deixando novecentos para lutar). E mil para dez mil (deixando nove mil para lugares). O texto parece indicar que a décima parte da força estava envolvida nos suprimentos, ao passo que os outros nove décimos estavam comprometidos com a batalha. As outras estatísticas indicam de que maneira a décima parte estava distribuída em sua obra.

Assim sucedeu que um esquema elaborado foi criado para a guerra, e eles estavam todos experimentando uma longa campanha.

Ver o artigo *MT (TM)* no *Dicionário*, quanto ao texto baseado no Antigo Testamento, baseado sobre aqueles manuscritos.

20.11

Assim se ajuntaram contra esta cidade. O autor enfatizou de novo a unidade do restante de Israel, em sua guerra contra os benjamitas. Cf. os vss. 1,8. "... se ajuntaram..." vem do hebraico chabeerim, que se deriva de cheber, um clube. Todo o Israel formava um tipo de clube fraternal para enfrentar Benjamim. Sua causa era justa, embora pudesse ter sido resolvida simplesmente pelo livramento dos homens culpados (ver o vs. 13). Mas, se os críticos estão certos, então houve muitas queixas e razões para a guerra civil, e somente a violência poderia solucionar a questão.

O Ultimato Foi Rejeitado (20.12-17)

20.12,13

As tribos de Israel enviaram homens por toda a tribo de Benjamim. Uma medida menor foi tentada para evitar a guerra civil, a saber, o livramento dos culpados a fim de que Israel pudesse ser limpa do mal que havia sido cometido. Aqueles homens miseráveis seriam executados. Mensageiros especiais seriam enviados a Benjamim, urgindo-os a solucionar a questão da maneira mais pacífica. Incrivelmente, porém, os benjamitas se recusaram.

Cúmplices. Recusando-se a entregar os culpados, a tribo de Benjamim tornou-se cúmplice do mal. Assim sendo, a tribo (em seu exército representativo) seria executada.

"O fato de que eles preferiram a guerra civil a entregar seus criminosos ilustra o caráter feroz daquela tribo (Gên. 49.27)" (Elliicott, *in loc.*).

"Postamo-nos com eles naquilo que eles fizeram, e teríamos agido da mesma maneira como se estivéssemos presentes" (Adam Clarke, *in loc.*). Uma depravação excessiva estava por trás daquela atitude.

20.14

Antes os filhos de Benjamim se ajuntaram das cidades. A resposta deles foi a imediata mobilização de tropas. Muitos milhares de vidas estavam prestes a morrer. Três batalhas seriam necessárias para fazer a questão chegar ao fim. Cada batalha indicaria a morte de um grande número de homens de ambos os lados. Portanto, uma falsa honra custou muitas vidas. Muitas guerras antigas foram decididas em uma única feroz batalha, mas naquela foram necessárias três. O espetáculo deveria ser em Gibeá, o local do crime, de tal modo que houve uma justiça poética. Muitos corpos seriam cortados como foi o da esposa do levita.

Quão depravados eles foram ficou estampado em sua ansiedade para defender e desculpar os homens miseráveis que tinham perpetuado o crime.

20.15,16

E contaram-se naquele dia os filhos de Benjamim. Várias cidades contribuíram para a força de luta. Um exército de vinte e seis mil tropas foi escolhido. Além disso, eles contavam com mais setecentos soldados da cidade de Gibeá; e também havia os fundistas com a mão esquerda, que faziam parte do total dos 26.700. No hebraico, a palavra que representa alguém canhoto é pitoresca. Literalmente, é "aleijados da mão direita". Os que usavam somente a mão esquerda tinham o defeito de ser aleijados da mão direita, pelo que tinham de usar a mão esquerda; essa é a idéia do idioma. Não sabemos dizer (e também não somos informados) por que os fundistas da mão esquerda foram especificamente mencionados. Talvez fosse uma mera curiosidade. Sem dúvida havia outros bons fundistas que atiravam com a mão direita. Ou talvez houvesse alguma superstição associada à mão esquerda, de que os poderes divinos davam a tal pessoa poderes especiais e precisão no manejo da funda.

A funda era uma antiga arma de guerra e matava um bom número de vítimas. Bons fundistas eram cobiçados por qualquer general que fosse à luta. Eram atiradas pedras com a funda; mas também eram usadas bolas de metal. A pancada projetada com a velocidade da funda era um golpe fatal. Ovídio, *Met.*, lib. ii, vs. 726, exagerou, naturalmente, quando afirmou que uma bola de chumbo podia ser jogada com velocidade tal que se transformava em material fusível. I Crônicas 12.2 conta-nos da especial habilidade dos benjamitas com arcos e fundas. A sua habilidade com aqueles armamentos provavelmente explicou as duas vitórias iniciais, embora fossem uma força muito inferior, numericamente falando (26.700 contra 400.000!)

Plínio (*Hist. Natural* 1.7, cap. 56) conta-nos que foram os fenícios que intentaram aliar-se. É difícil determinar a exatidão dessa declaração. Estrabão (*Geogr.*, 1.3, p g. 116) informa-nos como as mães costumavam encorajar seus filhos a praticar com a funda e a desenvolver a habilidade que consistia em atingir a marca em uma sessão matutina. Ciro tinha uma tropa de quatrocentos fundistas, como Xenofonte (*Anab.* iii.3-6) nos diz. Diodoro (*Sic. Bibl.* v.18) informa-nos que especialmente pedras eram lançadas com tanta força que até mesmo escudos e capacetes eram despedaçados por elas.

20.17

Contaram-se dos homens de Israel. Este versículo pode querer dizer que todos os homens combatentes em Israel foram aqueles mencionados no texto, ou seja, quatrocentos mil para todo Israel, exceto Benjamim, e então os vinte e seis mil e setecentos daquela tribo. Isso indicaria um total de quatrocentos e vinte e seis mil e setecentos para todo o Israel. Se esse foi o número total, então o número de homens capazes de entrar em guerra tinha diminuído muito, pois por

ocasião da invasão da terra era de seiscentos mil. Talvez para aquela guerra essas eram as forças disponíveis.

Os números enfatizam os benjamitas, embora estivessem muito ultrapassados, e, apesar disso, conseguiram conquistar as duas primeiras batalhas, provavelmente por serem guerreiros mais bem preparados.

Buscando Orientação Divina (20.18)

20.18

Quem dentre nós subirá primeiro...? Para onde? Provavelmente para Betei, que era, naquela ocasião, um importante oráculo. A resposta seria dada mediante *sortes* (ver a respeito disso no *Dicionário*) ou então por alguma outra forma de *adivinhação* (ver no *Dicionário*). Essa resposta foi considerada uma orientação direta da parte de Yahweh, e, no entanto, a primeira batalha foi perdida. Foi a tribo de Judá que subiu por estar tremendamente superconfiante. Os benjamitas foram quase tão poderosos quanto todas as outras tribos, e qualquer uma das tribos não teria chance contra eles.

Cf. Juí. 1.1,2, onde a inquirição foi qual das tribos iria combater contra os cananeus. A orientação divina era sempre buscada nas guerras, e isso era verdade nas mais antigas culturas, e não meramente em Israel. Os exércitos dependiam e continuam dependendo dos poderes divinos invisíveis para a vitória.

Alguns intérpretes supõem que o lugar da inquirição tenha sido o tabernáculo em *Silo* (ver a respeito no *Dicionário*), que não ficava muito distante de Betel. Nesse caso, talvez o Urim e o Tumim fossem consultados. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*. Betel era um antigo santuário que continuava em operações antes dos dias da centralização em Jerusalém. Seria aceito como um oráculo a ser consultado, e sem dúvida ainda havia outros em Israel. Talvez existisse uma intercomunicação amigável entre Betel e Silo, e não havia nenhuma competição.

Quando os reinos de Judá e Israel dividiram-se, Betel continuou a ser o mais prestigioso oráculo no norte (Israel, as dez tribos). Ver I Reis 12.29 e, quanto aos detalhes, ver o artigo chamado *Betei*.

Talvez o próprio sumo sacerdote tenha ido para Belém, e tomado ali seus modos de adivinhação por aquela ocasião. Não sabemos dizer por que isso foi feito, mas não havia nenhuma regra contra isso naquele tempo.

O fato de que Judá deveria ir em primeiro lugar pode significar que aquela tribo estava na vanguarda, e não que ela batalharia sozinha. Por alguma razão não especificada, foi pela vontade divina que Benjamim ganhou a primeira batalha. O resto de Israel teria de sacrificar-se extremamente para obter sua vingança. Nas jornadas pela deserto, Judá sempre tomava a liderança. Naquele tempo, essa tribo era a mais poderosa dentre todas.

A Primeira Batalha (20.19-23)

20.19

A manhã cedo é o melhor momento para todas as experiências. A mente então é fresca, o corpo está renovado. O sol está apenas iniciando o seu curso, e dá tempo para qualquer aventura. A maioria das guerras antigas era decidida mediante uma única batalha. E assim sucedeu que mais de quatrocentos mil homens teriam de matar ou ser mortos. E era apenas apropriado que a guerra fosse efetuada no próprio lugar onde o terrível crime foi efetuado, ou seja, em Gibeá.

20.20,21

Saíram os homens de Israel à peleja contra Benjamim. Eles estavam acostumados com a guerra. Estavam acostumados a matar, e assim ambos os lados prepararam-se cuidadosamente seus estratagemas. Benjamim tinha claramente a vantagem de contar com guerreiros mais aguerridos, mas o restante de Israel tinha números mais maciços. Contudo, quase de imediato tornou-se evidente que a habilidade derrotaria os números. Logo havia vinte e dois mil homens mortos do lado do resto de Israel. Não somos informados sobre quantos benjamitas foram mortos, mas era um número muito baixo para ser mencionado. Benjamim, pois, conseguiu assim uma vitória fácil.

Os rabinos, buscando uma razão para essa derrota, dizem que o restante de Israel foi cativado em várias formas de idolatria, e assim sendo não merecia ganhar sobre Benjamim enquanto não fosse purificada a sua própria casa. Nada disso, porém, é dito no próprio texto. Talvez seja melhor dizer que "algumas vezes o oráculo falha". Eles agiram em boa-fé, mas a resposta não trouxe a vitória que tanto esperavam. Visto que nada ocorria por acaso, sempre havia respostas para o homem espiritual, mas essas respostas nem sempre são aparentes ou conhecidas por aqueles que as buscam. O escritor de hinos queixou-se sobre a dor e a perplexidade de orações não respondidas. A história diante de nós conta que "na terceira vez" o poder para efetuar o trabalho foi conferido. Não é fácil tolerar demoras, quando, com ansiedade, buscamos fazer o que consideramos a melhor ação.

Ensina-me a paciência das
Orações não respondidas.

(George Croly)

Creio que o Senhor me tem ouvido orar!
Creio que a resposta está no caminho.
Não te desfaças da tua confiança
No Senhor teu Deus.

"Durante a Segunda Guerra Mundial, foi um grande feito da Igreja impedir ambos os lados de esquecerem os pecados que tinham cometido e a culpa de toda a nação quanto aos pecados comuns da guerra. E quando a guerra estava finalmente terminada, e as primeiras assembléias cristãs de vitoriosos e de derrotados foram efetuadas, como em Stuttgart, em outubro de 1945, a nota dominante foi uma de comum arrependimento e humilde resolução de que tão grande pecados contra Deus e contra o homem nunca mais deveriam ocorrer" (Phillips P. Elliott, *in loc.*).

20.22

Porém, se animou o povo dos homens de Israel. Este versículo definidamente parece estar fora de lugar, como a maioria dos intérpretes supõe. Ele caberia melhor após o vs. 23. E, nesse caso, poderia significar que os israelitas perderam a batalha preliminar, e, no mesmo dia, tentaram de novo, somente para sofrer outra derrota; mas o contexto não dá isso a entender. Seja como for, a lição é clara. Os derrotados, se buscarem a vontade do Senhor, têm razões para regozijar-se de que um segundo esforço pode ter bom resultado. O restante de Israel teve coragem e teve números, e acreditou que Yahweh eventualmente dar-lhes-ia a vitória. A Vulgata diz, por meio de uma paráfrase, que eles "confiaram em sua coragem e em seus números".

20.23

Choraram perante o Senhor até à tarde. Sim, choraram devido à derrota sofrida. O restante de Israel ficou perplexo e espantado diante de sua derrota. Vinte e dois mil homens morreram no campo de batalha. O oráculo tinha falhado. Pelo menos, a implicação do oráculo era que eles obteriam sucesso. Tiveram vitória, mas não na primeira tentativa. Essa é uma boa lição. Todas as grandes vitórias são ganhas mediante repetidos esforços, e não por um único esforço. Nos esforços repetidos, aprendemos. As vitórias fáceis produzem alegria fácil, mas não muita escola. E a vida, afinal de contas, é a grande escola da alma.

Contra os filhos de Benjamim, nosso irmão? A guerra civil era, definidamente, uma afronta ao bom senso e contrária à mente divina, embora tivesse de ocorrer. É possível que a guerra fratricida tenha produzido o desprazer de Yahweh, pelo que grande matança, de ambos os lados, seria uma parte necessária à questão toda. Não nos é esclarecido o quanto o restante de Israel era melhor do que a tribo de Benjamim. O restante de Israel confiava na "bondade de sua causa". Todo Israel tinha-se desviado das tradições e das instituições que Moisés havia estabelecido.

A Segunda Batalha (20.24-28)

20.24,25

Chegaram-se, pois, os filhos de Israel. Estes versículos são uma repetição virtual dos vss. 20 e 21. Mas agora se tratava de um segundo esforço, e o número de mortos entre os filhos de Israel foi de dezoito mil, em vez de vinte e dois mil. A segunda falha do oráculo foi dolorosa, perplexante e esmagadora. O texto novamente não diz por que isso ocorreu, e os intérpretes continuam perguntando. Em Juí. 20.21,23 apresento os tipos de idéias que rodeiam esse tema. "A segunda derrota parece ter sido devida à confiança própria e ao descuido, tal como aconteceu na primeira" (Ellicott, *in loc.*). Talvez sim, talvez não. Os fundistas de Benjamim estavam, ao que tudo indica. A habilidade continuava a ganhar sobre os números. Ver o vs. 16 quanto à ênfase sobre a habilidade. O massacre tremendo fez o resto de Israel chorar, jejuar e agonizar, no santuário, na tentativa de descobrir o que estava acontecendo.

20.26

Subiram, vieram a Betei, choraram, e estiveram ali perante o Senhor, e jejuaram... e perante o Senhor ofereceram holocaustos e ofertas pacíficas. Essa era a ordem do dia. Isso ocorreu em Batel, onde a primeira inquirição havia sido feita (vs. 18). Somente após tais preparativos é que o resto de Israel ousou perguntar de Yahweh, uma vez mais, como deveriam efetuar a guerra. Deveria a batalha continuar? Como deveria continuar? Quanto às ofertas de holocaustos,

ver Lev. 1.3-17 e 6.9-13, além do artigo sobre os *Holocaustos*, no *Dicionário*. Ver sobre as ofertas pacíficas em Lev. 3.1-17 e 7.11-33. Alguns intérpretes supõem que tais ofertas poderiam ter sido feitas no tabernáculo, que estava em Silo, mas naquelas horas confusas, e antes da centralização em Jerusalém, qualquer coisa poderia ter acontecido. Aparentemente o sumo sacerdote fora a Betel para realizar os ritos e exercícios de seus poderes de adivinhação (vs. 28).

Os Sacrifícios. Esses sacrifícios tinham por intuito remover a culpa e abrir o canal de comunicação naquela hora de necessidade. Essa era a ordem natural das coisas. Limpe-se a casa e então busque-se o favor divino.

Os Jejuns. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jejum*. Esse jejum foi mencionado como um exercício espiritual com o propósito de buscar a orientação divina. Aqueles que praticam essa medida afirmam que ela é extremamente eficaz. Mas conforme disse certo pregador, "Eu jejuo entre as refeições", e isso é o que acontece entre nós. Adam Clarke afirmou: "O jejum tem sido poderosamente eficaz". E acrescentou: "No presente, o jejum é pouco usado; uma prova forte de que a abnegação está saindo de moda".

20.27,28

E Finéias. Ver sobre ele no *Dicionário*. O sumo sacerdote estava em Betei, para ajudar o restante de Israel em seus esforços. Ele tinha os meios de adivinhação necessários para obter a orientação divina. Alguns intérpretes pensam que a menção àquele homem, em conexão com o presente contexto, é inesperadamente anacrônica. Podemos supor, porém, que os eventos registrados nos capítulos 19 a 21 ocorreram pouco depois da morte de Josué, no começo ou mesmo antes do verdadeiro período dos juízes. Alguns críticos, entretanto, supõem que a inserção daquele homem é algo anacrônico ou uma adição posterior ao escrito original, e, de ambos os lados, uma medida anti-histórica. Albright conjeturou que temos aqui um Finéias II, e não o original, um "descendente" da linha sacerdotes, que a expressão "filho de" poderia explicar. Essa parece ser uma explicação bastante razoável. Albright pensa que esse teria sido o predecessor imediato de Eli.

Amanhã eu os entregarei nas vossas mãos. O oráculo, dessa vez (em contraste com os outros dois), prometeu sucesso em batalha e ordenou que a terceira tentativa ocorresse no dia seguinte. A persistência deveria pagar-se, e logo, estando a casa agora presumivelmente purificada, e as necessárias lições aprendidas com base nas derrotas anteriores. O nome de Yahweh estava em jogo. Era Ele Quem através do modo de adivinhação de Finéias. Napoleão jactou-se de que "a providência usualmente favorece os mais fortes na batalha!". Mas chegou uma ocasião em que sua força falhou. Quando as forças de um homem falham, é então que ele precisa da providência divina. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

O vs. 27 quase sem dúvida implica que, por alguma razão desconhecida, a arca e, provavelmente, outro equipamento do tabernáculo estavam em Betei. Alguns intérpretes supõem que isso seria impossível. Mas, se tudo tivesse acontecido em Silo, então seu lugar regular (antes que a adoração fosse centralizada em Jerusalém), é difícil ver por que o autor nos deu a notícia do versículo 27. Agora sabemos que tudo isso aconteceu em Silo. Outros argumentam que a frase "tornaremos a sair ainda" apontava para Silo, antes da mudança do equipamento para Jerusalém, nos tempos da monarquia. Isso é possível, mas é uma explicação menos provável. Silo e Betei ficavam cerca de dezesseis quilómetros distantes uma da outra, pelo que, se houve alguma mudança do equipamento, por alguma razão especial, isso teria sido possível.

A Terceira Batalha (20.29-36)

20.29

Então Israel pôs emboscadas. A terceira batalha, que ofereceu a vitória ao resto do povo de Israel, foi efetuada mediante um estratagema especial. "Após duas derrotas iniciais, as tribos derrotaram os benjamitas mediante uma emboscada" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 12). Foi preparada uma emboscada na qual se adicionou o elemento surpresa e, apesar de não ter sido uma batalha fácil, fez a situação dar uma meia-volta. Eles usaram inteligência, poder, preparação, e também confiaram em Yahweh para fazer Sua parte, além de suas capacidades. O homem espiritual sabe acerca dessas coisas. A parte divina usualmente entra em ação quando fazemos a nossa parte. Existem algumas operações divinas e intervenções. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

20.30,31

Ao terceiro dia. Os planos de batalha seguiram os dos dois primeiros entrechoques, mas agora havia aquela emboscada que haveria de estabelecer uma grande diferença. De nada suspeitando, a tribo de Benjamim correu para continuar o jogo da matança, perplexos com aqueles homens que se esconderiam e cairiam sobre eles de surpresa. A matança estava ocorrendo sobre as duas estradas principais (para as quais o restante de Israel fugiu como parte da emboscada), uma que ia para Betei e outra que ia para Gibeá. Dessa maneira, a força que fugia diante dos benjamitas os atraiu para fora da cidade, e logo estes os cercaram, e seu potencial ajudou-os a cortar o suprimento de Gibeá. Foi um antigo truque militar, nada brilhante, mas que surtiu bom efeito. Cerca de trinta homens do restante de Israel foram imediatamente mortos, e isso segredou aos benjamitas que a terceira batalha seria como as duas primeiras: uma grande matança em seu favor.

Assim sendo, houve dois estratagemas que operaram: a emboscada, que já estava preparada para um ataque de surpresa; e a simulação da fuga, que atraiu as tropas de Benjamim a um território perigoso, sendo cortadas as suas linhas de suprimento. Ver o estratagema similar de Josué, em Josué 8.1-29 (a batalha de Ai).

20.32

Então os filhos de Benjamim disseram. Os benjamitas agora estavam certos de que obteriam uma terceira vitória, porquanto a maré da batalha já estava radicalmente a seu favor. Entrementes, de acordo com as suas estratégias, o restante de Israel estava em fuga (aparente). Essa fuga (fingida) pôs os benjamitas em massa para fora de sua cidade. Uma vez que eles estivessem em fuga, o embuste seria realizado e chegaria sua vez de serem mortos. Seu novo ardor levou-os a uma morte mais rápida.

20.33

E se ordenaram para a peleja em Baal-Tamar. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse lugar. Parece estar em questão um dos bosques de Baal, possivelmente a palmeira de Débora (ver Juí. 4.5). Talvez Erhah marque o antigo local que ficava cerca de cinco quilômetros a nordeste de Jerusalém. Esse nome significa "senhor das palmeiras". O texto massorético não parece muito claro aqui. Parece que Israel dividiu-se em três divisões: 1. a que fugiu dos perseguidores benjamitas; 2. a que fez parte do embuste; 3. outra divisão estacionada naquele lugar, para receber os atacantes. Alguns supõem que os fugitivos pararam de súbito naquele lugar, perto de Baal-Tamar, e tornaram-se um feroz grupo de ataque, em vez de se terem posto em fuga. A palmeira de Débora (ver Juí. 4.5) ficava exatamente entre Ramá e Betei, a pouca distância de onde as estradas se separavam. Eusébio e Jerônimo chamaram o lugar de Batamar, um local não muito distante de Gibeá. O local é desconhecido atualmente.

O que é claro é que a emboscada em parte apanhou os benjamitas fora de guarda, e eliminou qualquer possibilidade de retorno a Gibeá. As vizinhanças de Geba é provavelmente, correta. Algumas traduções traduzem aqui por bosque.

20.34

Dos mil homens escolhidos de todo o Israel. A força de elite de dez mil homens é diferentemente identificada. Em questão poderia estar o grupo de embuste, ou aquela força que, de súbito, confrontou os benjamitas em Baal-Tamar. Foi essa força que decidiu a batalha final. Os benjamitas lutaram valentemente. Eles não sabiam que seus melhores esforços estavam destinados ao fracasso, e que quase todos eles seriam mortos. A Vulgata Latina diz aqui que "a destruição os ameaçava por todos os lados". Ellicott afirma: "A hora de sua ruína chegara".

20.35

Então feriu o Senhor a Benjamim diante de Israel. Foi Yahweh quem deu a Israel a vitória. O estratagema do restante de Israel teve sua sabedoria, e aqueles que conseguiram essa vitória mostraram-se corajosos. Mas o Senhor foi o fator decisivo. Vinte e cinco mil benjamitas foram mortos de um total de vinte e seis mil e setecentos, deixando somente mil e setecentos sobreviventes! Isso significou que, apesar de menos benjamitas terem sido mortos naquela única batalha do que os mais de quarenta mil israelitas mortos nas duas outras batalhas, contudo, o número de perdas foi devastador e significou o final da guerra. O restante de Israel podia perder um número muito maior de homens, tendo começado com quatrocentos mil homens. A Vulgata e a Septuaginta dizem aqui que vinte e seis mil homens foram mortos pelos benjamitas, restando somente setecentos homens. É possível que os assassinos e rapistas que haviam cometido o crime inominável, descrito no capítulo 19, estivessem entre os mortos, o que significa que a vingança divina foi assim conseguida.

Ver Juízes 20.15 para notas sobre a força original combativa dos benjamitas.

20.36

Assim viram os filhos de Benjamim que estavam feridos. A tribo de Benjamim tinha sofrido uma derrota devastadora que havia vingado a devastadora violência feita à esposa do levita (capítulo 19). A lei da colheita segundo a semeadura estava satisfeita. Ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura no Dicionário*. A principal razão para a vitória do restante de Israel é que fora uma

CRUELDADE CASTIGADA COM BARBARIDADE

Então feriu o Senhor a Benjamim diante de Israel; e mataram os filhos de Israel naquele dia vinte e cinco mil e cem homens de Benjamim, todos dos que puxaram da espada.

Juízes 20.35

*** *** ***

MELHORANDO A TECNOLOGIA DA CRUELDADE

Enquanto a crueldade não foi melhorada pela arte,
E a fúria não forneceu espada ou dardo.
Com os punhos, ou ramos, ou pedras, lutavam os homens.
Essas eram as únicas armas ensinadas pela Natureza.
Mas quando chamas queimavam árvores e crestavam o solo,
Então apareceu o bronze, e foi preparado o ferro para ferir;
O bronze foi usado primeiro, por ser mais fácil de trabalhar,
E visto que os veios da terra o continham em maior dose.

Lucrécio

derrota produzida por uma emboscada: "... porquanto estavam confiados na emboscada que haviam posto contra Gibeá". Mas o crédito final coubera a Yahweh, que tinha inventado os planos e levado os demais israelitas ao êxito (vs. 35). Portanto, temos aqui o triste espetáculo de uma guerra santa ser efetuada por tribos de Israel contra outra tribo. Ver sobre a guerra santa, em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

Outra Tradição da Guerra? (20.37-44)

20.37

A emboscada se apressou. A matança também se apressou. Uma vez que o exército no campo havia sido destruído, as tropas atacaram a própria cidade, a fim de vingar sua ira. Mulheres, crianças e animais domésticos (vs. 48) foram mortos sem nenhum senso de misericórdia, em consonância com os princípios de uma guerra santa. Alguns intérpretes pensam que os vss. 37-44 deveriam ser considerados outra versão da guerra civil, e não como uma continuação da que se vira antes. Está certo, seja como for, que o autor-editor introduziu a segunda história (se ela é mesmo uma segunda história) como se fosse uma segunda colheita da batalha efetuada no campo.

20.38

Os homens de Israel tinham um sinal determinado com a emboscada. De acordo com este versículo, as forças de Israel não atacaram a cidade, pelo menos não como no princípio. Outras tropas entraram na cidade e destruíram-na, e então tocaram fogo em tudo. O incêndio era um sinal de que a cidade estava destruída. O fogo sinalizava que o partido de emboscada entrara para atacar o exército no campo. E também dizia aos que estavam fora que ficassem longe da cidade. Se essa é a correta interpretação deste versículo, então, cronologicamente, ele teria de aparecer antes dos versículos 36 e 37. A batalha em Ai foi similarmente efetuada, incluindo a emboscada e a queima da cidade enquanto o exército benjamita estava confuso e não podia retornar para defender a cidade. Ver Josué 8.19-22.

20.39

Então os homens de Israel deviam voltar à peleja. Este versículo é paralelo aos vss. 31 e 32, e quase certamente demonstra que estamos tratando com um relato diferente. Ou, na continuação de um único relato, um editor-autor repetiu vários itens que já tinham sido contados. Ver as notas sobre os versículos mencionados.

20.40

Então a nuvem de fumo começou a levantar-se. Este versículo pode ser comparado com Josué 8.20, a batalha de Ai. A visão de sua cidade queimando, sua impossibilidade de salvar as mulheres, crianças e amigos, tomou-lhes o coração, e logo eles se tornaram presas fáceis. Os benjamitas caíram na consternação, e, confundidos, fugiram, somente para serem tomados e mortos, conforme os versículos seguintes mostram. Eles tinham semeado terrivelmente e colheriam terrivelmente. Haviam apostado alto demais. Arriscaram tudo para defender aqueles homens miseráveis quando teria sido justo tê-los entregue à execução (ver Juí. 20.13). E foi assim que quase que a tribo inteira de Benjamim foi cortada, porquanto a guerra se espalhou por todas as cidades daquela tribo, tendo eles sido postos sobre uma maldição de Yahweh. Ver o vs. 48.

20.41

Viraram os homens de Israel. Em outras palavras, a parte do exército que se retirava subitamente voltou-se contra seus perseguidores e lançou um contra-ataque. Este versículo é paralelo aos vss. 33 e 34, mas com menores detalhes, e, novamente, oferece evidências de que estamos abordando uma segunda versão da batalha (ver os vss. 7.44). Ou então o autor repetiu, com menores detalhes, a história que ele já havia narrado, com um novo toque aqui e ali.

20.42

E viraram diante dos homens de Israel. Os homens de Benjamim viraram-se, fugindo, mas logo foram apanhados pelas tropas do restante de Israel e interceptados pela emboscada. Apanhados entre as duas forças, eles pereceram miseravelmente, ao passo que suas esposas e seus filhos eram mortos na cidade.

Para o caminho do deserto. O caminho de Judá, ou Bete-Áven (ver Jos. 18.12).

Vinham das cidades. Ou a emboscada que os atacou vindo daquela direção, ou aquela força já tinha entrado na cidade para atacar e incendiar, e, então, tendo colocado fogo na cidade, voltou-se correndo para fora da cidade para ajudar seus irmãos na batalha no campo.

20.43

Cercaram a Benjamim, seguiram-no. Os benjamitas, apanhados entre duas e talvez até três forças adversárias, logo entraram em desconcerto. Os que antes fugiam agora os cercavam. Não havia onde se esconder, e não havia para onde fugir. Somente um pequeno número de seiscentos homens, da tribo inteira, escapou à morte. Ver o vs. 47. Com base nesse minúsculo núcleo, essa tribo teve de começar tudo de novo. Todas as cidades benjamitas foram atacadas, e a guerra santa não deixou sobreviventes — nem homens, nem mulheres, nem animais (ver o vs. 48).

Calculando o Número dos Mortos (20.44-46)

20.44-46

Os cálculos sobre os que foram mortos mostram-se confusos. A isso adiciona-se o fato de que aparentemente temos dois relatos sobre a guerra, o primeiro até o vs. 36, e o segundo nos vss. 37-44. Os cálculos das duas narrativas não são iguais. Os intérpretes que tentam alcançar harmonia a qualquer preço inventam modos de explicar os números divergentes, e assim ocupam-se de uma atividade que é uma soberba perda de tempo. A fé e a historicidade não dependem dessas maquinações que procuram promover coerência a todo custo. Uma de minhas fontes informativas, insistindo sobre a harmonia, sugere que os números dados são as mortes que ocorreram em diferentes estágios da batalha, mas a adição desses estágios não resultado no total de vinte e seis mil e cem, como seria de se esperar. A força original era de vinte e seis mil e setecentos, e apenas seiscentos sobraram. Adicionando todos os cálculos ao segundo relato, temos um total de vinte e cinco mil (ver o vs. 26). Então escaparam seiscentos, e isso nos dá um resultado de vinte e cinco mil e seiscentos, em lugar de vinte e seis mil e setecentos. Mas que diferença isso faz? E nem é de grande ajuda falar sobre "números redondos".

Meus amigos, temos aqui um pseudoproblema diante dos quais somente dois grupos encontrarão dificuldades: os harmonizadores a qualquer custo e os críticos. Outro artifício consiste em dizer que as incoerências entre os dois grupos podem ser explicadas pelo fato de que a diferença (1.100) foi formada pelo número de benjamitas mortos nas primeiras duas batalhas. Essa é a melhor maneira de harmonizar de que dispomos, mas o autor não disse alguma coisa sobre isso. Assim sendo, prefiro ficar com meu comentário que pergunta "Que importância isso tem?".

20.47-48

À penha Rimom. Ver, no *Dicionário*, o detalhado artigo em torno dessa palavra, ponto quatro. Essa área rochosa, que continha certo número de cavernas naturais, ficava cerca de cinco quilômetros a leste de Betei. Os seiscentos sobreviventes poderiam ter-se escondido facilmente naquele lugar, e ali uma rendição seria fácil. Os seus perseguidores evidentemente não sentiam que a perda daquelas vidas era digna de atenção. Assim, em lugar de perseguirem aquele bando tão pequeno de homens, eles entraram nas cidades da tribo de Benjamim e destruíram a todos, não poupando nem homem, nem mulher, nem animal doméstico. Em outras palavras, eles estavam empenhados em uma guerra santa contra uma das tribos de Israel, e virtualmente puserem fim àquela tribo. Ver sobre a guerra santa em Deu. 7.1-5. Aqueles que sofreram sobre esse tipo de guerra foram postos sob a maldição de Yahweh, e transformados em ofertas queimadas a Ele, o que exigia total consumição.

"Houve algo de quase inconcebivelmente horrível e apavorante na idéia de milhares de pobres mulheres e inocentes crianças serem barbaramente mortas nessa guerra civil, entre irmãos israelitas. A tribo inteira ficou sujeita quase à pena da extirpação, como se tivessem sido cananeus (ver Deu. 2.34; 13.15,16; Jos. 6.17,21; 8.25,26)" (Ellicott, *in loc.*).

"Escassamente é possível imaginar qualquer coisa mais horrenda do que a indiscriminada matança de pessoas tanto inocentes quanto culpadas, mencionadas neste capítulo. O crime dos homens de Gibeá foi imenso (capítulo 19). Mas não havia nenhuma razão adequada para esse extermínio quase completo de uma tribo inteira. Não houve nem justiça nem julgamento nesse caso" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Um

O crime apavorante cometido contra a esposa de um levita (capítulo 19) tinha sido castigado pela matança mais horrenda ainda da tribo de Benjamim. De fato, uma tribo inteira havia sido virtualmente exterminada. Para complicar ainda mais a questão, tivera de ser feito um juramento em Mispa, os homens do

restante de Israel fizeram um juramento de que não entregariam suas filhas por esposas aos homens de Benjamim. Por conseguinte, isso criara um dilema. Era definidamente errado que houvesse apenas onze tribos, em lugar de doze. Yahweh não permitiria tal coisa. Os vss. 1-6 deste presente capítulo mostram que o restante de Israel reconheceu as dimensões de seu erros e arrependeu-se, preocupados com o fato de que Benjamim, seu irmão, virtualmente não mais existisse.

A "solução" encontrada para esse problema foi outra estranha matança. Jabes-Gileade foi completamente aniquilada, mas quatrocentas virgens dali foram feitas cativas e subseqüentemente dadas aos benjamitas que tinham sobrevivido, a fim de permitir àquela tribo um novo começo (vss. 7 ss.). Quase não podemos acreditar no que lemos nesses versículos. E então dizemos: Aquilo era Israel!?

21.1

Ora haviam jurado os homens de Israel em Mispa. Se algum homem desse uma filha para qualquer homem de Benjamim, tal homem seria executado. Mas isso criava a dificuldade descrita nas notas de introdução ao presente capítulo. A proibição tinha sido ocasionada pelo horrendo crime cometido contra a esposa do levita. Ver a história no capítulo 19. A guerra civil, das onze tribos de Israel contra os benjamitas, tinha virtualmente aniquilado a Benjamim. Era impossível que houvesse onze tribos, e não doze; e, por isso mesmo, era preciso garantir a sobrevivência daquela tribo. Outra complicação é que era contrário às regulações mosaicas Benjamim casar-se com mulheres não-israelitas (ver Êxo. 24.16 e Deu. 7.3). Uma maldição foi posta sobre qualquer dos filhos de Israel que não cooperasse com a guerra civil. Portanto, a solução para o problema foi bastante fácil. Eles encontraram alguns israelitas que não tinham ajudado na guerra civil e, naturalmente, "mereciam morrer". Assim sendo, foram todos mortos, com exceção de quatrocentas virgens que foram poupadas para tornarem-se esposas dos seiscentos benjamitas!

21.2

Veio o povo a Betei. Casa de Deus (pois esse é o significado de Betei), e não Silo, onde estava o tabernáculo. Ver 20.18 quanto a notas sobre essa questão.

E prantearam. Eles tinham feito isso quando sofreram derrota, e exatamente ali, no oráculo em Betei (20.26). E agora faziam a mesma coisa por causa de sua "vitória exagerada", que tinha deixado Benjamim virtualmente aniquilado.

O choro deles foi derramado perante Elohim, o Grande, e perante o poder Todo-poderoso que cuidava de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos* de. Foi Yahweh-Elohim que lhes dera orientação para vencer a guerra civil (vs. 3); mas agora Ele tinha de fazer provisão para outra necessidade: salvar Benjamim da extinção. A matança foi a resposta, e este seria o próximo acontecimento, uma vez mais.

21.3

Por que sucedeu isto em Israel...? Por que teria acontecido aquela coisa horrenda, de uma tribo inteira de Israel ser levada à beira da extinção? E isso foi feito por outras tribos de Israel, não por algum poder estrangeiro. Eles pareciam ser vítimas de algum espírito depravado, sobre o qual não tinham controle algum. Como alguém poderia cometer um crime tão hediondo como aqueles miseráveis benjamitas, que tinham violentado e assassinado a esposa do levita? E como poderiam eles, em sua vingança, ter perdido o controle ao ponto de ir além do que era um requisito de uma causa justa? Não se tinham eles tornado piores do que Benjamim?

O número doze tinha para eles um significado místico. Aquele fora um número divino determinado por Yahweh para o Seu povo. Mas eles, em sua iniqüidade, tinham ousado reduzir aquele número para onze. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral; Numerologia)*. Ver também sobre *Doze, Usos Bíblicos*. O número doze significava "clímax, um ponto culminante", e eles tinham ousado brincar à vontade com as nomeações de Yahweh.

21.4

E edificou ali um altar. É difícil acreditarmos que Betei não tinha seu altar, sendo aquele um importante oráculo. Eles já haviam oferecido oferendas queimadas e pacíficas ali (ver Juí. 20.26), em conexão com sua busca de orientação para vencerem a guerra civil. Ver as notas ali quanto a comentários sobre os tipos de oferendas realizadas, e agora era isso feito em lugares diferentes do tabernáculo que, naquela ocasião, estava em Silo. Antes de adorarem de forma centralizada em Jerusalém, qualquer coisa poderia acontecer e realmente acontecia. Antes daquela centralização, os oráculos continuavam em outras partes de Israel, especialmente em Betel. De fato, aquele lugar tornou-se a adoração do norte quando Israel se dividiu em dois países, o norte e o sul (dez tribos que se opuseram às outras duas). Jerusalém ficou com o sul; Betel ficou com o norte. Ver I Reis 12.29.

"Encontramos Davi fazendo a mesma coisa na eira de Araúna (ver II Sam. 24.25), e Salomão, em Gibeá" (Ellicott, *in loc.*). Talvez Betei agora se tivesse tornado mais um sacrifício, e a multidão começou a requerer ao menos um dos novos altares.

21.5

Porque se tinha feito um grande juramento. A maldição conveniente. Em sua ansiedade por prover um forte exército para derrubar Benjamim, uma maldição tinha sido lançada sobre qualquer população, dentro de Israel, que se recusasse a atender as conferências que discutiam a guerra, em Mispa, e, subseqüentemente, sobre aqueles que se recusassem a cooperar com a campanha. Na busca por não-cooperadores, o que eles encontraram foi Jabes-Gileade (vs. 8). Aquele lugar estava debaixo da maldição que requeria execução. E assim se deu que uma solução conveniente para o problema foi alcançada pela aplicação de uma maldição conveniente.

A narrativa ilustra a tolice dos votos tomados em momentos de paixão. Ver no *Dicionário* o artigo real chamado *Voto*.

21.6

Tiveram compaixão de seu irmão Benjamim. Era intolerável que os doze sagrados fossem reduzidos a onze. Isso, sem dúvida, produziria uma maldição divina, muitos retrocessos, desastres, pragas, ataques da parte de inimigos, servidões etc. Ver os comentários sobre o vs. 3 do presente capítulo, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento*. O restante de Israel reconheceu que eles tinham claramente cometido uma tolice, em sua louca matança. Nem ao menos havia mulheres ao redor para serem esposas dos seiscentos benjamitas, de modo que aquela tribo pudesse começar de novo. Yahweh não haveria de abençoar os onze. Mas haveria de abençoar os doze, pelo que esse número foi restaurado.

21.7

Como obteremos mulheres para os restantes deles. Prover esposas, esse era o problema. Elas não podiam vir de outras tribos de Israel, visto que elas tinham jurado que não o permitiriam por causa do pecado contra a esposa do levita (ver Juí. 21.1). Os benjamitas não podiam obter esposas entre os pagãos porque a legislação mosaica assim o proibia (ver Êxo. 24.16; Deu. 7.3). Mas o cumprimento de uma maldição anterior tornou-se uma solução conveniente. Ver as notas sobre Juí. 21.5. As tribos de Israel foram obrigadas a efetuar outra matança a fim de consertar o problema que eles mesmos haviam criado. A vida humana era assim barata, naqueles dias. Eles não sentiram nenhum remorso por causa de outra matança sem sentido?

21.8

E eis que ninguém de Jabes-Gileade viera ao acampamento. Eles tinham de encontrar uma comunidade de onde pudessem roubar as virgens. A vítima, pois, seria *Jabes-Gileade* (ver a respeito dessa cidade no *Dicionário*). Aquela gente do outro lado do *Jordão* (na Transjordânia, ver no *Dicionário*) tinha de morrer, porque não havia cooperado na campanha contra Benjamim. O lugar pertencia à meia tribo de Manassés. Assim aconteceu que, mediante violência e matança, aquela tribo contribuiria com certo número de mulheres virgens para que se refizesse a tribo de Benjamim. Não lhes fora dada escolha. Eles tinham cometido um erro fatal.

21.9

Eis que nenhum dos moradores de Jabes-Gileade se achou ali. Eles haveriam de matar os não-cooperadores, pelo que era necessário deixar claro que o povo de Jabes-Gileade não fora representado entre os vitoriosos. O fatal minirrecenseamento revelou o fato terrível: aquela pobre gente merecia morrer, e haveria de morrer. Ver o vs. 2 para os chefes e representantes de todas as tribos. Eram homens da Transjordânia, mas não especificamente da cidade que fora posta na lista. A meia tribo de Manassés contribuiu, mas a cidade de Jabes-Gileade não contribuiu para a formação do exército. O versículo assume que todos tinham feito parte ainda eram disponíveis para a investigação. Nenhum homem tinha já retornado para casa.

21.10,11

Por isso a congregação enviou lá doze mil homens dos mais valentes. Israel, uma vez mais, da maneira mais brutal, iria fazer guerra santa (ver as notas em Deu. 7.1-5), contra a sua própria gente. Com esse propósito, uma tropa de elite de doze mil homens foi enviada contra aquela pobre e inocente cidade. A vida humana era barata demais. Era importante manter os votos com precisão. Todas as

mulheres e crianças teriam de morrer. Todos os homens foram executados. Somente as virgens seriam poupadas. Foram consideradas sagradas e mantidas por Yahweh. Mas milhares de pessoas seriam mortas, e tudo parecia perfeito.

"A razão da ausência dos homens de Jabes era óbvia. Havia também um antigo laço marital entre Maquir (Gileade) e os benjamitas (ver I Crô. 7.15). Esse fato também explica o apelo de Jabes a Benjamim para assistência contra os amonitas, nos dias de Saul (I Samuel 11)". (Jacob M. Myers, *in loc.*). O povo de Jabes-Gileade, pois, não entrou em uma liga que haveria de matar seu aliado especial.

"Estamos tratando com as paixões ferozes de homens que viviam nos tempos da trevas espirituais" (Ellicott, *in loc.*).

O autor sagrado poupa-nos a descrição de como a matança foi efetuada; isso teria sido similar às muitas que já tinham sido descritas com detalhes no decorrer do livro.

Todos os homens que já tivessem alguma experiência sexual, casados ou não, seriam executados. Nenhum único homem casado foi poupado.

21.12

Quatrocentas moças virgens. Aqueles homens selvagens encontraram quatrocentas virgens. Esse número não foi suficiente para prover esposas a todos seiscentos homens, mas outras maquinações seriam supridas para localizar as outras duzentas que ainda se faziam necessárias. Mediante um simples choque de violência, os israelitas tinham quase desfeito o problema que outros golpes de violência haviam provocado. Portanto, eles passaram de uma estúpida vitória para outra vitória, sempre dando a Yahweh o crédito por sua conduta tão errada.

Silo de Canaã. *Silo* (ver no *Dicionário*) não estava em Canaã, o nome dado ao lado ocidental do rio Jordão. Do outro lado (o lado oriental do mesmo rio), o povo não fora chamado. Para evitar a dificuldade, alguns intérpretes supõem que houvesse duas cidades chamadas Silo. Provavelmente, o autor sacro fez uma declaração inexata devido a uma pequena falha de memória ou indiferença.

A história inteira deve ser entendida como uma exibição de insanidade, de paixões cegas e seu resultado patético, produzido em nome de Yahweh. "Por que uma tribo seria aniquilada somente para depois ser novamente fundada? Por que ferir um povo que deveria ser curado de novo?... Assim sendo, Israel tentaria fechar suas fileiras e curar os profundos ferimentos causados pela guerra civil" (Phillips P. Elliott, *in loc.*). Dessa forma, pois, a extinção da tribo de Benjamim foi evitada por outro ato insano de violência.

A Embaixada de Paz (21.13-15)

21.13,14

Toda a congregação... e lhes proclamaram a paz. Os homens selváticos, ocultos nas cavernas da penha de Rimom (ver isso anotado em Juí. 20.47), que, tão recentemente, tinham corrido para salvar sua vida, nunca foram tratados tão bondosa e pacificamente. Deles dependia a continuação da tribo de Benjamim, a fim de que os sagrados doze pudessem ser preservados.

Imagine-se a surpresa daqueles homens que tinham estado ocultos por quatro meses (ver Juí. 20.47), ao ouvirem seus "irmãos" chamando-os: "Vinde para fora em paz. Temos quatrocentas virgens para vós!". Foi bom que as palavras ditas foram verdadeiras, e que com mais alguma insistência os benjamitas se tivessem convencido. Assim eles saíram dos esconderijos, olhando para um lado e para outro, ainda duvidosos de seu inesperado golpe de sorte. E, na verdade, lá estavam elas, quatrocentas jovens, belas e virgens! É conforme diz um antigo cântico popular: "Eu tive sorte, e você também pode ter tido sorte!".

Como você supõe que seriam supridas as duzentas mulheres que faltavam? Seriam seqüestradas em uma festa religiosa e levadas para a tribo de Benjamim (vs. 21). A história, pois, adiciona um absurdo sobre outro. Esse era o povo de Israel, nos dias dos juízes.

Eles Retornaram às Suas Cidades Desoladas. Agora não havia mais problema populacional. Os benjamitas poderiam escolher qualquer lugar que quisessem. Havia incontáveis casas vazias e campos desatendidos. Eles tinham um esplêndido futuro com aquelas quatrocentas belas virgens, e todas aquelas casas e terras. Entretanto, uma coisa não continuaria igual, pelo menos durante algum tempo: a poligamia! Definidamente, havia um racionamento de mulheres. Mas eles conseguiram suportar essa inconveniência.

21.15

Então o povo teve compaixão de Benjamim. Temos aqui um breve sumário. A embaixada de paz teve sucesso. Benjamim estava sendo restaurado. Israel tinha-se arrependido da excessiva matança que impusera aos benjamitas (vss. 2-4). Esse arrependimento assumira a forma de uma restituição. Um novo começo havia sido provido para Benjamim. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Reparação (Restituição).* Essa é uma boa lição moral que pode ser aprendida da história. O verdadeiro arrependimento requer restituição, ao ponto em que essa restituição seja possível. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento.*

O Senhor tinha feito brecha. O autor sacro continuou a relembrar-nos que a idéia toda era de Yahweh. Mas as coisas tinham saído fora de controle, pelo que o reparo precisou ser efetuado. Jerônimo omite a palavra Yahweh (Senhor) deste texto, e podemos omiti-la em segurança de nossa mente. Deixemos à mente hebréia dizer-nos como Yahweh poderia ter estado por trás de todas essas maquinações.

"De acordo com a concepção dos hebreus, os resultados dos pecados humanos e as tolices que se seguiram são referidos ao Senhor, mas sempre sob as governadas por ele. Ver Amós 3.6 e Isa. 45.7" (Ellicott, *in loc.*).

A questão, porém, é muito mais profunda do que essa citação dá a entender. A questão inteira foi dita como que inspirada por Yahweh, passo após passo. Essa é uma concepção primitiva de Deus que nossa mente cristãs não conseguem acompanhar.

As Mulheres Presas em Silo (21.16-25)

21.16

Disseram os anciãos da congregação. Os benjamitas ainda precisavam de duzentas mulheres para que cada homem tivesse uma esposa. Portanto, ainda outra maquinação tinha de ser inventada para supri-los com esse número de mulheres. Após tantas matanças brutais, não era um escândalo os anciãos sugerirem que aquelas mulheres fossem presas em Silo, quando a festa anual estivesse ali ocorrendo. Que diriam os pais, as mães e os irmãos acerca de suas irmãs presas durante a festa, para nunca mais voltarem para casa? Quanto ao outro caso, quem se importava com o que sentissem sobre a questão? Quando a dança, o vinho e a música tivessem embriagado a mente e o coração dos homens, seria fácil subitamente apanhar uma jovem e tomá-la. Portanto, aqueles homens selvagens fariam o que era mais fácil. Havia muitas e amargas queixas (vs. 22); mas eles haveriam de satisfazer adequadamente o que era uma crise. Sem dúvida alguma, o nome de Yahweh seria invocado para sancionar a coisa inteira. A história relembra-nos o pouquíssimo valor que os homens davam às mulheres. Elas podiam ser sujeitadas a qualquer coisa, e nunca haveria grandes queixas. Quanto à festa em Silo, ver I Sam. 1.3,9.

21.17

A herança dos que ficaram de resto. A herança para as doze tribos foi divinamente nomeada (ver Jos. 16-22). Isso não podia ser quebrado. Era ilegal que uma tribo ficasse com a herança de outra. Todas as famílias tinham suas próprias porções. Esse pacto fora quebrado no caso dos benjamitas. Novas famílias e novas alocações seriam agora formadas. Mas pelo menos aquela tribo, ao ser agora renovada, possuiria os mesmos antigos territórios designados por Josué e pelos anciãos de Israel. Embora Benjamim tivesse sido derrotado na guerra civil, nenhuma porção de seus territórios poderia ir para as mãos dos conquistadores. O número sagrado, doze, seria mantido, e Benjamim tornar-se-ia outra vez uma tribo de Israel.

21.18

Porém nós não lhes poderemos dar mulheres de nossas filhas. O território era sagrado, mas o problema é que ainda faltavam duzentas mulheres para os seiscentos sobreviventes em Benjamim, o que não podia ser resolvido entregando-se mulheres das outras tribos. Quatrocentas mulheres já haviam sido supridas pelo massacre de Jabes-Gileade (ver os vss. 8 ss.). O juramento (vs. 1) não permitiria qualquer contribuição por parte das outras tribos. Mas mulheres seqüestradas durante a festa, em Silo, proveriam uma solução fácil; e foi nessa direção que toda a questão se moveu.

"Benjamim nunca se recuperou do golpe. Embora tivesse fornecido o segundo juiz (Eúde), bem como o primeiro rei (Saul), e estivesse vantajosamente situado, e com freqüência fosse honrado pela residência de Samuel, tornou-se um mero satélite pela mais poderosa tribo de Judá" (Ellicott, *in loc.*).

21.19

De ano em ano há solenidade do Senhor em Silo. Ver no *Dicionário*, sobre *Silo*, quanto a completos detalhes. Essa cidade foi o local do tabernáculo e seu culto, por muitos anos. Por conseguinte, era ali que as festas anuais ser realizavam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas.* Todos os varões de Israel tinham de fazer-se presentes às três festas anuais: a páscoa, o pentecostes e a festa dos tabernáculos. É impossível determinar qual

festa seria aquela do presente texto, embora a maior parte dos intérpretes pense que esteja em pauta a festa dos tabernáculos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tabernáculos, Festa dos.*

O autor sagrado nos fornece algumas notas geográficas para certificar-se de que saberíamos onde Silo estava localizada. A cidade ficava cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Betei; a leste do caminho que ia de Betei para Siquém. Situava-se cerca de quarenta e oito quilômetros entre Betei e Siquém (esta cidade ficava para o norte, e Silo era uma parada ao longo do caminho). Lebona ficava apenas cerca de cinco quilômetros a noroeste de Silo. Ver sobre *Lebona*, no *Dicionário*. O autor escreveu para pessoas potencialmente ignorantes, pelo que suas descrições eram minuciosas.

21.20,21

Ordenaram aos filhos de Benjamim, dizendo. Eis aqui outro estratagema que preparava uma emboscada. Dessa vez, não eram soldados que estavam melhorando seu jogo de morte (ver Juí. 20.29). O objetivo era facilitar a prisão de mulheres! As vinhas haveriam de esconder os homens benjamitas adequadamente, até chegar o momento de atacarem as mulheres. Foi uma jogada mais interessante do que a matança, mas ilegal, não obstante tenham sido os anciãos de Israel que tivessem elaborado os planos (ver os vss. 16-21). Os antigos escritores dizem-nos que Lebona era famosa por suas vinhas, pelo que toda a área em redor de Silo era, provavelmente, dedicada a esse tipo de cultivo.

Paralelos Históricos. Temos a história da famosa apreensão das mulheres sabinas na Consuália, descrita por Lívio (1.9). Jerônimo descreveu outro ataque paralelo, em Adv. Jovin, i. par. 41, recontando a história de Aristomanes de Messênia, que tomou quinze moças espartanas que estavam dançando em Hiacintia. Danças sempre foram boas ocasiões para os homens aproximarem-se e seduzirem mulheres, mas o seqüestro ia longe demais. A negociação das escravas brancas tinha como uma de suas fontes principais o seqüestro de mulheres, por ocasião das danças. Uma noite, elas estavam dançando. No dia seguinte, estavam em algum bordel, em alguma cidade distante. A Igreja Evangélica tem feito oposição tradicional à dança devido às suas corrupções moralmente potenciais. E com isso quero dar a entender a dança social, e não apenas as danças folclóricas. Mas agora já não existem mais essas regras.

A dança é uma expressão de alegria. Pode ser uma dança sensual ou espiritual. John Gill (*in loc.*) mostrou-se generoso, e viu algum valor religioso na questão, apontando para Êxodo 15.20. Se Miriã, irmã de Moisés, foi capaz de dançar de alegria, então qualquer outra mulher também poderia fazê-lo. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Dança.*

Um bom amigo meu, erudito quanto às questões judaicas, disse-me que os hebreus sempre foram um povo de cântico e de danças. Homens e mulheres não dançavam juntos. As mulheres não eram obrigadas a participar dessas festas, mas muitas assim faziam. E então havia danças, cânticos, vinho e todas as formas de festejos. Podemos estar certos de que aquele grupo de mulheres ficou sem proteção. Ninguém esperaria que algum malefício ocorresse em uma festa religiosa. Ademais, havia muitas mulheres. Os números pareciam protegê-las. Mas a excitação do vinho, das canções e das danças tornava as mulheres presas fáceis.

Um homem, pois, tomaria conta de uma mulher. Dele dependia a responsabilidade de escolher bem. Aquela que ele conseguisse capturar seria sua esposa por longo período de tempo. Ninguém podia tomar conta de duas mulheres. A poligamia foi temporariamente proibida no território de Benjamim. Tinham todos sorte de ter ao menos uma mulher, e foram necessárias grandes contorções para prover ao menos esse número.

21.22

Quando seus pais ou seus irmãos vierem queixar-se a nós. Haveria inevitáveis queixas. Admitir-se que as mulheres tinham pouco valor na sociedade não significava que os pais ou irmãos não amassem suas filhas e suas irmãs. A apreensão das mulheres causaria uma terrível confusão. Haveria pais e irmãos irados, depois que aqueles benjamitas tivessem apreendido as mulheres. Por isso mesmo, eles se puseram a treinar o que haveriam de dizer àquelas caras iracundas.

A defesa seria, essencialmente, um apelo ao amor fraternal. "Aqueles benjamitas perderam todas as mulheres na guerra civil. Nós, os demais de Israel, chegamos a matá-las. Portanto, por causa de vossos irmãos, permitam que vossas filhas sigam com aqueles homens." Aquilo serviria de grande apelo para reparar uma grande injustiça. Se um levita tivesse merecido ser vingado, por causa do que acontecera à sua concubina, no território de Benjamim (capítulo 19), o restante de Israel não deveria ter exterminado virtualmente uma tribo inteira por causa da questão. Mas, visto que assim tinham feito, o reparo do dano era necessário. Sem dúvida, seria apontado que Yahweh tinha estabelecido doze tribos, e que esse número precisava ser preservado. Temos aí, pois, um apelo divino. As três linhas de defesa, pois, eram estas: 1. Expressar amor fraternal; 2. reparar um ultraje moral; 3. preservar aquilo que Yahweh tinha ordenado.

21.23

Assim fizeram os filhos de Benjamim. Visto que o autor sagrado não procedeu a fim de relatar ainda outra matança, ficamos livres para presumir que a defesa oferecida aos irados pais e amigos foi aceita, ainda que de forma relutante. Assim aconteceu que aqueles homens selvagens retornaram ao território de Benjamim, cada um com sua jovem debaixo do braço. E os seiscentos homens, com suas novas esposas, formaram assim um novo Benjamim. Eles imediatamente lançaram-se a edificar as cidades e a cultivar as terras. Foi um novo dia para Benjamim, mas aquela tribo nunca mais foi a mesma. Dependeu pesadamente de seu forte vizinho, Judá e, em essência, tornou-se uma subdivisão dessa tribo.

"A nota de reconstrução que leva o livro a seu término não pode conceder o fato de que aquele tempo foi um período de grande confusão, política e espiritual, novamente atribuída ao fato de que 'não havia rei em Israel'" (Phillips P. Elliott, *in loc.*). A despeito de toda a confusão, matança e terror, foi essa nação que, pela graça de Deus, estava sendo preparada para trazer o Messias ao mundo. O propósito de Deus foi capaz de operar através daquele povo, a despeito e apesar dos erros humanos.

21.24

Então os filhos de Israel partiram dali. A paz foi conseguida. A guerra tinha terminado. Todos os soldados retornaram às suas respectivas tribos. A vida prosseguia em sua feição normal. Benjamim estava sendo reedificada. E a vinda dos reis deixaria as coisas melhores. Cada homem tinha sua própria herança, sua própria terra, e era daí que cada qual tinha seu próprio meio de vida. "Embora o povo fosse culpado de esquematizar para obter assim seu juramento, a tribo de Benjamim foi salva de toda extinção" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

21.25

Naqueles dias não havia rei em Israel. A narrativa do autor sobre as terríveis condições e a confusão que existia nos dias dos juízes de Israel termina com a razão que explicava o estado das coisas: a falta de um rei significava falta de autoridade. E onde há falta de autoridade, qualquer coisa pode acontecer, e usualmente acontece. Essa declaração aparece por quatro vezes no livro de Juízes: 17.6; 18.1; 19.1 e 19.25. Ver nesses versículos os meus comentários lugares, que se aplicam também aqui. Quando Josué morreu, as coisas realmente caíram em terrível confusão. Os juízes eram figuras carismáticas que dominaram áreas limitadas em Israel, jamais todo o território de Israel. Ver isso ilustrado no mapa antes da exposição em Juízes 1.1. Não eram nem bons o bastante nem poderosos o suficiente para manter o controle sobre todo o Israel. Portanto, aquele foi um período de extrema disciplina, violência e degradação.

"Embora Israel estivesse sofrendo sob a opressão de muitos inimigos, a graça de Deus tornou-se repetidamente evidente quando o povo voltou-se para ele, em arrependimento. O livro de Juízes ilustra tanto a justiça de Deus quanto a Sua graça — justiça a fim de punir os pecados e graça para perdoar os pecadores" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

"Foi assim que terminou o livro de Juízes. Esse é um livro que, apesar de introduzir a história de Samuel e o livro dos reis de Judá e Israel, formou uma espécie de suplemento do livro de Josué, e fornece o único relato que temos relativos àqueles tempos de anarquia e confusão, que se estenderam por quase toda a época dos anciãos que sobreviveram a Josué, no estabelecimento da monarquia judaica sob Saul, Davi e seus sucessores" (Adam Clarke, *in loc.*).

"A temível lição de calamidade havia sido temivelmente aprendida, e a nação estava preparada para os esforços heróicos e uma mais fiel iluminação do começo da monarquia" (Ellicott, *in loc.*).